

Manual Compacto de

# Filosofia

## EXPEDIENTE

Presidente e Editor	Italo Amadio
Diretora Editorial	Katia F. Amadio
Coordenação e preparação	Adson Vasconcelos
Revisão	Marina Nogueira
	Ana Lúcia Sesso
Projeto gráfico	Breno Henrique
Diagramação	Azza Graphstudio Ltda.
Pesquisa iconográfica	Luiz Fernando Botter

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vasconcelos, Ana  
Manual compacto de filosofia / Ana Vasconcelos. – 2. ed. -- São Paulo : Rideel, 2011.

#### Bibliografia.

1. Filosofia (Ensino médio) I. Título.

11-09989

CDD-107.12

### Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Ensino médio 107.12

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada filósofo abordado. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

**ISBN 978-85-339-1977-8**

© Copyright – todos os direitos reservados à:



Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde  
CEP 02519-000 – São Paulo – SP  
[www.editorarideel.com.br](http://www.editorarideel.com.br)  
e-mail: [sac@rideel.com.br](mailto:sac@rideel.com.br)

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,  
total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

3579864

1213

# SUMÁRIO

## Capítulo 1

<b>Introdução à Filosofia.....</b>	<b>9</b>
O conceito de Filosofia .....	9
O nascimento da Filosofia .....	11
A dúvida filosófica .....	12
A admiração na Filosofia.....	14
Teste seu saber .....	16

## Capítulo 2

<b>A mitologia grega.....</b>	<b>19</b>
Conhecimento científico X conhecimento mítico.....	19
A mitologia.....	19
Alguns deuses da mitologia grega .....	20
Os doze principais deuses do Olimpo .....	23
Heróis da mitologia grega.....	28
Exemplos de mitos.....	30
Mitologia e Filosofia.....	32
Teste seu saber .....	33

## Capítulo 3

<b>Filosofia antiga.....</b>	<b>35</b>
A Filosofia pré-socrática.....	35
Escola jônica .....	37
Escola pitagórica ou itálica .....	42
Escola eleata ou eleática .....	44
Escola atomista .....	47
Os sofistas .....	49
O período socrático .....	52
Sócrates.....	52
Platão.....	57
Aristóteles .....	64
Helenismo .....	71
Os cínicos .....	71
Os cétricos.....	71
Os estoicos.....	72
Os epicuristas ou epicureus.....	73
O neoplatonismo e a escola de Alexandria .....	74
O fim da Filosofia grega .....	78
Teste seu saber .....	81

## Capítulo 4

<b>Filosofia medieval .....</b>	<b>87</b>
O cristianismo .....	87
Fundamentos do cristianismo .....	91
Cristianismo e Filosofia .....	94

A Filosofia patrística .....	95
Santo Agostinho e a Filosofia patrística .....	96
A Filosofia escolástica .....	103
São Tomás de Aquino e a escolástica .....	104
Teste seu saber .....	109

## **Capítulo 5**

<b>Filosofia moderna .....</b>	<b>113</b>
O nascimento da modernidade .....	113
Filósofos renascentistas .....	116
Filósofos modernos .....	121
O Iluminismo .....	137
Teste seu saber .....	145

## **Capítulo 6**

<b>Filosofia contemporânea .....</b>	<b>151</b>
Augusto Comte e o positivismo .....	151
Karl Marx e o materialismo dialético .....	155
Edmund Husserl e a fenomenologia .....	157
O existencialismo .....	158
A Filosofia hoje .....	169
Teste seu saber .....	171

## **Capítulo 7**

<b>Lógica .....</b>	<b>175</b>
Conceito de lógica .....	175
Aristóteles e a lógica .....	176
Lógica formal .....	178
Lógica material .....	178
O raciocínio .....	178
Os argumentos .....	179
Estrutura do silogismo .....	182
Teste seu saber .....	183

## **Capítulo 8**

<b>Filosofia da ciência .....</b>	<b>187</b>
O que é ciência? .....	187
Ciência e Filosofia .....	189
Investigação da ciência e hipótese .....	191
O que é uma teoria científica? .....	192
A ciência grega .....	192
A ciência segundo Aristóteles e Augusto Comte .....	194
Teste seu saber .....	196

## **Capítulo 9**

<b>Ética, justiça, moral e liberdade .....</b>	<b>199</b>
Conceito de ética .....	199
Conceito de justiça .....	200
Conceito de moral .....	202

A questão da liberdade .....	207
A consciência .....	209
A justiça na obra de Platão .....	212
Teste seu saber .....	216

## **Capítulo 10**

<b>Teoria do conhecimento.....</b>	<b>221</b>
Definição de conhecimento .....	221
Ceticismo .....	222
Dogmatismo gnosiológico .....	223
Racionalismo e empirismo.....	223
Positivismo .....	225
Teste seu saber .....	228

## **Capítulo 11**

<b>Metafísica .....</b>	<b>231</b>
O que é metafísica?.....	231
O princípio .....	233
O princípio de Parmênides .....	234
Aristóteles: o ser e o devir .....	236
Ontologia .....	238
O fim da metafísica .....	239
Teste seu saber .....	241

## **Capítulo 12**

<b>A Filosofia e a busca da verdade .....</b>	<b>245</b>
O que é a verdade?.....	245
A verdade filosófica.....	246
Teste seu saber .....	248

## **Capítulo 13**

<b>Filosofia da linguagem.....</b>	<b>251</b>
A linguagem.....	251
Tipos de linguagem .....	254
Verdade necessária .....	254
Teste seu saber .....	256

## **Capítulo 14**

<b>Estética .....</b>	<b>259</b>
Conceituação de estética .....	259
O belo artístico .....	261
Finalidade da arte.....	264
A estética dos filósofos .....	266
Arte e sociedade .....	268
O fim da estética .....	269
Teste seu saber .....	272

<b>Respostas dos exercícios .....</b>	<b>274</b>
---------------------------------------	------------

<b>Siglas das instituições .....</b>	<b>275</b>
--------------------------------------	------------

<b>Bibliografia .....</b>	<b>276</b>
---------------------------	------------

# 1

## Introdução à Filosofia

Viver sem filosofar é como ter os olhos fechados sem jamais fazer esforço por abri-los; e o prazer de ver todas as coisas que nossa vista descobre não é comparável à satisfação que dá o conhecimento daquelas que se encontram pela Filosofia; e seu estudo é mais necessário para regular nossos costumes e nos conduzir na vida que o uso dos nossos olhos para guiar nossos passos.

Descartes

### O conceito de Filosofia

O que é Filosofia?

Muitos filósofos dedicaram boa parte da vida tentando responder a essa questão. No entanto, uma definição fechada, específica e precisa do termo *Filosofia* é impraticável, pois qualquer formulação poderia induzir a erros ou a equívocos. Nesse sentido, a melhor maneira de se estudar ou conhecer a Filosofia não é buscando uma definição, pois nenhuma definição é tão abrangente que contemple todo o campo da Filosofia.

A palavra *Filosofia* é a junção de dois termos gregos: *filos* ou *philia* — que significa *amor fraterno, amizade* — e *sófia* ou *sophia*, que significa *sabedoria*. Assim, o sentido etimológico da palavra *Filosofia* seria amor à sabedoria ou amor pelo saber.

Desse modo, filósofo não é aquele que detém o saber, e sim aquele que ama e busca a sabedoria, que tem amizade e desejo pelo saber.

No entanto, a Filosofia não é apenas *logos*<sup>1</sup> (pura razão), ela é a procura da verdade.

A Filosofia não é um conjunto de conhecimentos, mas para além disso. Ela nos leva a uma inquietação, uma atitude ou um posicionamento diante da vida e do mundo. Essa inquietude conduz a uma

---

<sup>1</sup> *Logos* é uma palavra que vem do grego e, inicialmente, significava *palavra, verbo*. Com o surgimento e desenvolvimento da Filosofia, adquiriu um significado mais amplo, passando a representar o conceito filosófico de *razão*.

série de indagações e reflexões e também à não aceitação do óbvio. A tudo isso, chamamos de **atitude filosófica**.

No livro *Convite à Filosofia* (1995), a historiadora e filósofa brasileira Marilena Chauí afirma que filosofar ou ter uma atitude filosófica poderia ser a “decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”.

A atitude filosófica leva o indivíduo a negar o senso comum, a questionar e refletir sobre os elementos do cotidiano e da existência humana.

#### Saiba



Senso comum são opiniões informais, consideradas e aceitas como verdades e que constituem uma forma de conhecimento compartilhado pela maioria das pessoas, mas sem embasamento teórico ou científico.



Nessa escultura de Rodin (1840-1917), intitulada *O pensador*, de 1881, aparece um filósofo com corpo jovem e saudável, totalmente imóvel, mergulhado em profundos pensamentos, como se a mobilidade fosse atrapalhar suas reflexões.

## O nascimento da Filosofia

A Filosofia é produto da cultura grega antiga, pois foi nas cidades gregas, durante o século VI a.C., que ela se iniciou.

Os primeiros questionamentos feitos pelos filósofos se concentraram na tentativa de explicar a existência humana e do Universo. Essa busca pelo conhecimento racional da ordem do mundo e da natureza é denominada **Cosmologia** (*cosmo* = mundo; *logia* = estudo).

Desse modo, Cosmologia é a parte da Filosofia que estuda os princípios que governam o mundo, a natureza e o Universo.

Historicamente, a Filosofia como conhecimento se iniciou com Tales de Mileto, o primeiro filósofo ocidental que buscou explicar a existência por meio de um princípio único.

Tales considerava a água como o princípio de toda a existência. Outros filósofos sucederam a Tales na busca de explicar todas as coisas por meio de um ou de poucos princípios.

Atualmente, a Filosofia trata de diversos conceitos, muitos deles específicos; por exemplo: ética, moral, amor, beleza, justiça e verdade; mas nem sempre foi assim. Quando se iniciou, a Filosofia tratava de todos os temas e conhecimentos humanos, pois não havia separação clara entre ciência e Filosofia, o que levava esta a incorporar e refletir sobre todo o saber humano.

Nos primórdios da Filosofia, o filósofo era o estudioso de todas as ciências do conhecimento humano, refletindo sobre Lógica, Ética, Matemática, Astronomia, Física, Medicina, entre outros saberes, abrangendo tudo que se relacionava ao conhecimento racional.

Por muitos séculos, a Filosofia continuou abrangendo todas as ciências, porém, com a Idade Moderna, durante o século XVI, essa visão filosófica do saber amplo começou a mudar, pois as ciências do conhecimento humano começaram a ser divididas e organizadas por áreas, surgindo, assim, estudos especializados.

Desse modo, cada ciência separadamente passou a cuidar de assuntos específicos e o conhecimento passou a ser fragmentado. Apesar dessa fragmentação do conhecimento humano, a Filosofia continuou e continua tendo uma visão ampla do objeto tratado e/ou do problema apresentado.





Tales de Mileto, nascido em Mileto, antiga colônia grega, por volta de 624 a.C., é considerado o primeiro filósofo ocidental e um dos maiores sábios da Grécia Antiga.

## **A dúvida filosófica**

Quando, perante certas ações humanas, perguntamos: “Será?” ou “Por quê?”, estamos colocando essa ação ou pensamento sob o crivo da dúvida. Ela é inerente ao ser humano.

O questionamento ou a dúvida nos leva a filosofar, pois através do pensar refletimos sobre os possíveis resultados que uma determinada ação pode provocar.

Para a Filosofia, a dúvida representa o início de um profundo exame minucioso acerca de um conhecimento. Ela instiga, torna o cérebro mais ativo, e estimula-o a pensar.

Na Filosofia, todas as “verdades” podem ser submetidas à dúvida, posto que toda “verdade” é questionável no que diz respeito à sua fragilidade e veracidade.

Questionar é uma atitude filosófica. É por meio do questionamento daquilo que se estabelece como “verdade” que o indivíduo reformula e adquire novos pensamentos em relação a essa “verdade”.

Na Filosofia, não existe o **dogma**; assim, tudo pode ser questionado, inclusive os pensamentos dos filósofos. Ter dúvida é essencial para distinguir o saber (*episteme*) da opinião (*doxa*).

Saiba



**Dogma** é uma verdade religiosa inquestionável. Como, por exemplo, a concepção de Jesus Cristo por uma mulher virgem. Sabemos que biologicamente é impossível, porém, é indiscutível e inquestionável para a religião cristã.

O filósofo francês René Descartes (1596-1650), um dos pensadores mais importantes e influentes da Filosofia, notabilizou-se por defender a ideia de que todas as coisas deveriam passar sob o crivo da dúvida. Para ele, não devemos admitir “nenhuma coisa como verdadeira se não a reconhecemos evidentemente como tal”. Descartes afirmava que só devemos ter como claro e distinto aquilo que não temos a menor oportunidade de duvidar.

Leia um dos questionamentos que o filósofo René Descartes faz no livro *Discurso do método*:

Suporei, então, que há, não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me.

Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons, e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade.

Considerar-me-ei a mim mesmo como não tendo mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, como não tendo nenhum dos sentidos, mas acreditando falsamente possuir todas essas coisas.

Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e, se por esse medo, não estiver em meu poder atingir o conhecimento de nenhuma verdade, pelo menos estará em meu poder fazer a suspensão de meu juízo. Eis porque cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito em face de todos os ardis desse grande enganador que, por mais poderoso e astucioso que seja, nunca poderá impor-me coisa alguma.

Descartes acreditava que para se alcançar a verdade era necessário utilizar o método da dúvida; por meio de questionamentos a respeito de tudo, pode-se chegar à conclusão de que existe ou não algo de

verdadeiro. É dele a célebre frase “Penso, logo existo” (em latim: “*Cogito, ergo sum*”).

Mais recentemente, o filósofo Bertrand Russell (1872-1970) em seu texto sobre “O valor da Filosofia” tratou das dúvidas e incertezas que giram em torno do filosofar:

A Filosofia, como os demais estudos, visa primeiramente ao conhecer. O conhecimento que ela tem em vista é aquela espécie de conhecimento que confere unidade à organização sistemática a todo corpo do saber científico, bem como o que resulta de um exame crítico dos fundamentos das convicções, de nossos preconceitos e de nossas crenças. Todavia, não se pode dizer que a Filosofia tenha alcançado um grande êxito nas suas diligências em busca de soluções precisas a esses problemas. Isto é certo; explica-se em parte pelo fato de que mal se torna possível um conhecimento preciso naquilo que concerne a determinado assunto, logo perde o nome de Filosofia, para se tornar uma ciência especial. Assim, em grande parte, a incerteza da Filosofia é mais aparente do que o real: dos problemas, os já capazes de soluções positivas vão sendo colocados nas ciências, ao passo que aqueles para os quais não foi encontrada, até o presente, uma resposta exata, continuam a constituir esse resíduo a que se dá o nome de Filosofia.

Bertrand Russell. *Os problemas da Filosofia*. Coimbra: Armênio Amado, 1959.

Nesse pequeno trecho de Russell, percebemos o valor da dúvida na Filosofia, o valor da incerteza que leva à admiração e ao espanto, características fundamentais para se entender a Filosofia.

## **A admiração na Filosofia**

Ao nos defrontarmos com uma situação inovadora, totalmente diferente, inesperada, normalmente ficamos admirados, espantados com tal situação.

Essa admiração é o início do ato de filosofar, pois nos leva a descobrir que somos ignorantes naquele aspecto, propiciando a indagação a respeito daquilo que ignoramos.

Esse processo de questionamento nos conduz à ampliação do entendimento sobre o fato, criando, assim, uma visão mais ampla da situação.

O filósofo Aristóteles, que viveu na Grécia entre 384 e 322 a.C., afirmava que “a atitude da admiração, quando nos desperta para certas interrogações, é a manifestação do desejo de saber”.

No entanto, para a Filosofia, esses questionamentos precisam levar o indivíduo ao conhecimento, pois, ao se deparar com uma situação inusitada, se ele simplesmente se espantar e ficar passivo diante dela, aceitando a situação tal como ela é, jamais estará filosofando; estará sim numa atitude de **alienação**.

Nesse sentido, a admiração ou o espanto necessita levar ao questionamento ativo, ágil, vigoroso, intenso, e não à passividade.

Muitas vezes, também por medo, ficamos passivos, pois a ação de pensar e de questionar, proposta pela Filosofia, envolve perigo, uma vez que essas indagações podem levar à instabilidade, à incerteza. Então, para muitos, é mais fácil deixar as coisas do jeito que estão, sem perguntas complexas que aparentemente não têm solução.

A atitude de filosofar exige coragem.

1. (Fundesj-SC) Quando e como surgiu a Filosofia, segundo os historiadores?
- a) A Filosofia nasceu no final do século VIII a.C. em Troia, na Grécia, e o primeiro filósofo foi Pares.
  - b) A Filosofia nasceu no início do século VIII a.C. em Esparta, na Grécia, e o primeiro filósofo foi Sócrates.
  - c) A Filosofia nasceu no início do século VI a.C. em Mileto, na Grécia, e o primeiro filósofo foi Tales.
  - d) A Filosofia nasceu no final do século VII a.C. em Esparta, na Grécia, e o primeiro filósofo foi Aristóteles.

2. (UFPE) Etimologicamente, o que significa o termo Filosofia?

- a) Amor à sabedoria.
- b) Busca da sabedoria.
- c) Amor à razão.
- d) Amigo do sábio.
- e) Busca da razão.

3. (UEL-PR) Leia o texto que segue:

Tales foi o iniciador da Filosofia, da *physis*, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água. Essa proposta é importantíssima... podendo com boa dose de razão ser qualificada como a primeira proposta filosófica daquilo que se costuma chamar civilização ocidental.

Giovanni Reale. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*.  
São Paulo: Paulus, 1990.

A Filosofia surgiu na Grécia, no século VI a.C. Seus primeiros filósofos foram os chamados pré-socráticos. De acordo com o texto, assinale a alternativa que expressa o principal problema por eles investigado.

- a) A ética, enquanto investigação racional do agir humano.
  - b) A estética, enquanto estudo sobre o belo na arte.
  - c) A epistemologia, como avaliação dos procedimentos científicos.
  - d) A cosmologia, como investigação acerca da origem e da ordem do mundo.
  - e) A Filosofia política, enquanto análise do Estado e sua legislação.
4. (Fundesj-SC) A Filosofia, além de possuir data e local de nascimento, possui um conteúdo preciso ao nascer, é uma cosmologia. A palavra cosmologia:
- a) É composta por *cosmo*, que significa *Universo*, e *logia*, que significa *conhecimento ampliado, estudo*.
  - b) É composta por *cosmo*, que significa *mundo ordenado*, e *logia*, que significa *pensamento racional, conhecimento*.
  - c) É composta por *cosmo*, que significa *caminho dos astros*, e *logia*, que significa *conhecimento puro*.
  - d) É composta por *cosmo*, que significa *amigo*, e *logia*, que significa *amigo do conhecimento*.
  - e) Nenhuma das alternativas anteriores.

- 5. (UFPE) Como se caracteriza acima de tudo um filósofo no sentido maior?**
- a) Pensador das ideias filosóficas elaboradas.
  - b) Criador de novos horizontes teórico-práticos de sentido crítico em seu contexto histórico.
  - c) Amante do Saber.
  - d) Pensador da lógica e de como funciona o conhecimento intelectual.
  - e) Nenhuma das alternativas anteriores.
- 6. (Fundesj-SC) Temos uma atitude filosófica quando:**
- a) tomamos a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana sem antes havê-los investigado e compreendido.
  - b) não distinguimos entre verdade e mentira e distinguimos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, e estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, pois cremos que a vontade é livre para o bem ou para o mal.
  - c) possuímos crenças silenciosas, aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque parecem naturais e óbvias.
  - d) nossas atitudes e comportamento já foram definidas por nossos pais, pela escola e pela sociedade, tendo apenas em nosso esforço a continuidade de agir como a sociedade nos conduziu e assim contribuímos para uma convivência melhor.
- 7. (Fundesj-SC) As principais características da Filosofia são:**
- a) negação, dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana e uma atitude positiva, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos.
  - b) primeiro, a Filosofia é um “eu acho que” ou um “eu gosto de”. É pesquisa de opinião à maneira dos meios de comunicação de massa. Segundo, é pesquisa de mercado para conhecer preferências dos consumidores e montar uma propaganda.
  - c) significa que a Filosofia não trabalha com enunciados precisos e rigorosos, busca apenas encadeamentos ilógicos entre os enunciados, opera com conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova, não exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado.
  - d) o conhecimento filosófico é um trabalho emocional. É também sistemático porque se contenta em obter respostas para as questões colocadas, sem exigir que as próprias questões sejam válidas e, em segundo lugar, que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam umas às outras, formem conjuntos convergentes de ideias e significações.

8. (UFES) A respeito da importância da Filosofia, marque a única afirmação correta.
- a) A Filosofia, por ser um pensar dogmático, não problematiza de fato a realidade.
  - b) Não é interesse da Filosofia superar a alienação.
  - c) A Filosofia é um pensar coerente, profundo e abrangente.
  - d) Por não propor questões radicais, a Filosofia não supera a visão cotidiana do mundo.
  - e) A Filosofia tem como objeto específico estudar as relações entre o diafragma, a mente e o coração, segundo o pensamento clássico da Grécia.

### ***Descomplicando a Filosofia***

(UFMG) Leia este trecho:

[...] a Filosofia não é a revelação feita ao ignorante por quem sabe tudo, mas o diálogo entre iguais que se fazem cúmplices em sua mútua submissão à força da razão e não à razão da força.

Fernando Savater. *As perguntas da vida*. Tradução de Mônica Stahel.  
São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A partir da leitura desse trecho e de outros conhecimentos sobre o assunto, redija um texto, destacando duas características da atitude filosófica.

#### **Resolução e comentários**

Esta questão possibilita variadas respostas, entre elas:

1. A Filosofia destaca-se pela sua disponibilidade para o questionamento. Assim, uma atitude filosófica não se constitui um processo acabado, uma verdade absoluta, estabelecida e imposta a todos.
2. A atitude filosófica surge da necessidade de questionar o saber instituído.
3. A atitude filosófica é um retornar ao próprio pensamento na busca do saber e conhecer.
4. A atitude filosófica submete qualquer verdade à dúvida.
5. A atitude filosófica não lida com o senso comum nem aceita os dogmas.

# 2

## A mitologia grega

Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que sonha nossa vã Filosofia.

William Shakespeare

### Conhecimento científico X conhecimento mítico

Buscar respostas para as dúvidas, querer saber das coisas, conhecer melhor os fenômenos da natureza, entender a criação e o funcionamento do mundo... tudo isso é nato no ser humano, pois o conhecimento, geralmente, é precedido pela curiosidade e pelo desejo de saber.

Esses questionamentos humanos são frutos do exercício natural da inteligência. Deles, surge o **conhecimento empírico**.

O conhecimento empírico é decorrente das experiências do dia a dia; ele é ainda imperfeito, particularizado, imaturo, não baseado ou comprovado pela ciência. Por exemplo: ao longo do tempo, os seres humanos adquiriram conhecimentos sobre o fogo pelo empirismo, pois não havia nenhuma teoria ou conceito científico a esse respeito.

Quando um conhecimento empírico é substituído pelas informações já comprovadas pela ciência, surge o **conhecimento científico**.

Há ainda o **conhecimento mítico**, que é a crença, confiança ou fé em pessoa ou ser superior a si próprio. Esse conhecimento é a base das religiões. O **mito** é uma verdade instituída que não necessita de provas.

Os mitos servem para explicar os fenômenos, o Universo, a criação de tudo, mas não de forma racional, pois, geralmente, são alegóricos, fantasiosos.

### A mitologia

Os seres humanos sempre se questionaram e procuraram uma forma de explicar o surgimento do Universo, bem como a posição que têm diante do mundo.



A Filosofia é uma das formas encontradas para procurar explicar esses questionamentos; porém, ela não foi a primeira. Antes do surgimento da Filosofia, tudo era explicado por meio de mitos e lendas.

A palavra *mito* vem do grego *mythos* e significa *narrativa, conto, relato fabuloso*.

Um conjunto de mitos e lendas é chamado de **mitologia**.

Os gregos antigos tentavam explicar a existência do mundo através de mitos e de seres sobrenaturais, criando, assim, uma das **mitologias** mais ricas da humanidade.

**Mitologia** compreende o conjunto de mitos, lendas e entidades ou seres sobrenaturais criados e transmitidos originalmente por tradição oral, muitas vezes com o intuito de explicar fenômenos naturais, culturais ou religiosos.

O conjunto de lendas da mitologia grega compreende diversas gerações e genealogias de deuses, perfazendo um longo e variado período. São histórias de deuses, semideuses e outros seres sobrenaturais estudadas até hoje, cujas personagens são seres poderosos, belos e semelhantes aos humanos na aparência física, porém imunes ao tempo e à maior parte das doenças.

Os gregos acreditavam, portanto, que cada aspecto da vida podia ser associado a um deus ou uma deusa. Por exemplo, na mitologia grega, Cronos é o deus do tempo e Afrodite, a deusa do amor.

Os gregos eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses que regiam as diferentes forças da natureza. Os deuses gregos, nos quais acreditavam, possuíam características e sentimentos humanos, mas se diferenciavam pela imortalidade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, na religião grega, imperava não apenas o **politeísmo**, mas também o **antropomorfismo**, que é uma forma de pensamento que designa características e/ou aspectos humanos a deuses mitológicos.

## **Alguns deuses da mitologia grega**

Os gregos antigos acreditavam que o céu (deus Urano) e a Terra (deusa Gaia) foram os pais dos primeiros deuses, chamados de titãs.

Deles, também nasceram os ciclopes, que eram deuses gigantes com um só olho na testa.

Segundo as lendas da mitologia grega, no princípio, havia somente o grande Caos, até que foram formados os titãs. Eles eram liderados por Cronos, o deus do tempo. Conforme a lenda, esses deuses antigos eram gigantescos, possuíam força extrema.

Os deuses mais conhecidos são os que, segundo a mitologia, moravam no Monte Olimpo e que, sob a liderança de Zeus, se rebelaram contra os deuses antigos na busca de poder.

Museo del Prado, Madrid



Filho de Urano e Gaia, Cronos destronou o pai e reinou sobre o mundo por longo período, mas sabia que, segundo o oráculo, também seria destronado por um dos seus filhos. Por isso, devorava cada filho logo após o nascimento. Reia, que era esposa e irmã de Cronos, conseguiu salvar um de seus filhos, Zeus, e o enviou para a ilha de Creta, onde ficaria a salvo de Cronos.

Obra de Francisco Goya representando Cronos devorando um de seus filhos.

Zeus era filho de Cronos e chefiou a rebelião da nova geração. Tornou-se o mais poderoso deles. Era considerado o pai de todos os outros deuses e dos homens. É o deus da ordem e da razão. De acordo com a mitologia, Zeus dividiu o Universo com seus irmãos: Poseidon recebeu os oceanos e Hades, o mundo subterrâneo.

Zeus casou-se com Hera, que também era filha de Cronos e, portanto, sua irmã.

Hera era considerada a deusa protetora das mulheres, da fecundidade, do matrimônio e dos costumes. Ela era traída por Zeus, o que a tornava ciumenta e rancorosa.

Apesar de casado com Hera, Zeus realizou muitas conquistas amorosas e tornou-se pai de muitos outros deuses e deusas, semideuses, ninfas, heróis e reis.

Musée du Louvre, Paris



Busto do deus grego Zeus, estatua romana em mármore datada do século II.

#### Saiba



Conheça a classificação de alguns dos seres sobrenaturais na mitologia grega:

- Deuses e deusas: seres supremos.
- Heróis ou semideuses: seres mortais, filhos de deuses com seres humanos.
- Ninfas: seres femininos que habitavam campos e bosques.
- Sátiros: seres com corpo de homem, chifres e patas de bode.
- Centauros: seres com cabeça humana e corpo de cavalo.
- Sereias: mulheres metade humanas, metade peixes.
- Górgonas: seres femininos com cabelos de serpentes.



O conjunto de mitos gregos fundiu-se com os mitos romanos quando a Grécia foi conquistada pelo Império romano.

Os deuses gregos e romanos eram similares, mudando apenas os nomes. Na mitologia grega, os nomes dos deuses são da língua grega e os nomes dos deuses romanos, são do latim.

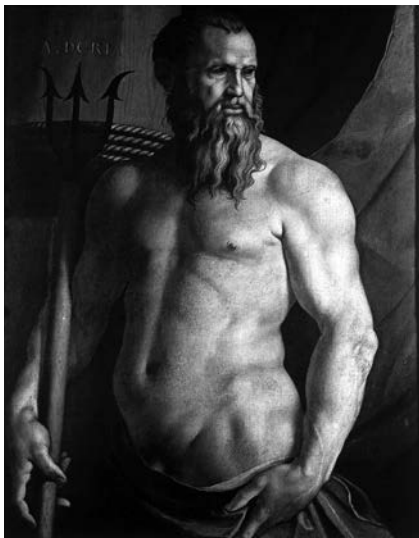
Desse modo, na mitologia grega, a deusa da beleza e do amor é chamada de *Afrodite*. Essa mesma deusa é chamada de *Vênus* pelos romanos.

## Os doze principais deuses do Olimpo

Existem doze deuses olímpicos principais. Segundo a mitologia, eles habitavam belos e enormes palácios no topo do Monte Olimpo, uma montanha grega que se acreditava atingir o céu. Os dois primeiros deuses nessa hierarquia são Zeus e Hera. Abaixo deles estão:

**Poseidon:** deus dos oceanos e mares.

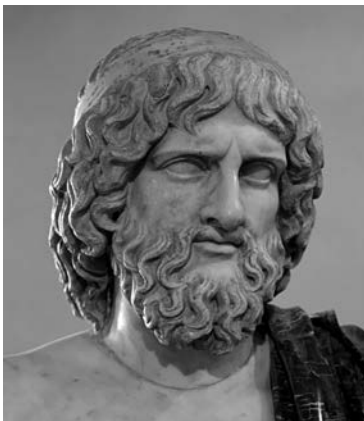
Pinacoteca di Brera, Milão



*Poseidon*, em óleo de Agnolo Brozino (1550-1555).

**Hades:** deus do mundo subterrâneo dos mortos.

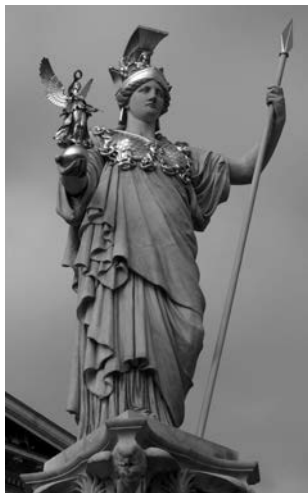
Ludovisi Collection / National Roman Museum



Busto de Hades, uma cópia romana feita a partir de um original grego do século V.

**Athena:** deusa da guerra justa e da sabedoria.

Berthold Werner / Creative Commons



Estátua representando a deusa Atena.

**Apolo:** deus do Sol, das artes e das profecias.

Villa Valmarina, Viena



*Apolo e Diana, em afresco de Giovanni Battista Tiepolo (1757).*

**Artêmis:** deusa da Lua e da caça. Para os romanos, Artêmis é conhecida por Diana.

Coleção particular



*Diana caçando, obra de Guillaume Seignac.*

**Afrodite:** deusa do amor e da beleza. Os romanos a identificavam como Vênus.

Galleria degli Uffizi, Florença



*O nascimento da Vênus*, quadro de Sandro Botticelli (c.1485).

**Ares**, deus da guerra, é Marte na mitologia romana.

Museo del Prado, Madrid



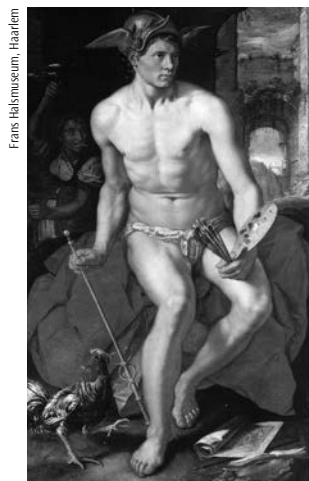
*Marte, o deus da Guerra*. Óleo de Diego Velázquez (1640).

**Hefesto** ou **Hefaísto**: deus do fogo e da metalurgia.



Hefesto, em pintura de Andrea Mantegna (1497) .

**Hermes**: deus mensageiro, guia dos viajantes.



Hermes, em óleo de Hendrick Goltzius (1611).



**Dionísio:** deus do teatro, do vinho e das festas.

Coleção particular



Dionísio, em pintura de Dosso Dossi (1524).

### Saiba



A lista dos principais deuses do Olimpo varia de um para outro estudo e pesquisa dos mitólogos (especialistas em mitologia e mitos).

Em algumas dessas listas também aparece a descrição de deuses considerados menores, tais como:

- Héstia, deusa protetora das famílias e das cidades; guardiã do fogo.
- Deméter, deusa agrária referente ao cultivo de trigo.
- Éolo, deus dos ventos.

## Heróis da mitologia grega

Os heróis descritos na mitologia grega eram mortais corajosos e capazes de superar os limites que separam os humanos dos deuses. Dentre os heróis da mitologia grega, destacam-se:

- **Hércules:** filho de Zeus com uma mortal. Para tornar-se imortal, foi incumbido de realizar doze trabalhos, tendo executado todos. É conhecido por sua força e bravura.
- **Perseu:** filho de Zeus com uma mortal, conhecido por decapitar a medusa, uma mulher com cabelo de serpentes.
- **Teseu:** filho de Egeu, rei de Atenas. Conhecido por derrotar o Minotauro, monstro metade homem e metade touro que morava em um labirinto onde jovens eram sacrificados.
- **Aquiles:** mais valente e corajoso dos heróis gregos. Conhecido pela sua velocidade ao correr. Participou das lutas entre gregos e troianos durante a Guerra de Troia. Era vulnerável em um único ponto: no calcanhar.
- **Ulisses:** rei da ilha de Ítaca, considerado o mais hábil dos humanos.
- **Agamenon:** destemido e corajoso guerreiro que liderou a Guerra de Troia, comandando o épico cerco feito a essa cidade pelos gregos.
- **Ajax:** forte, habilidoso e destemido guerreiro, considerado imbatível. Foi responsável por diversas vitórias dos gregos contra os troianos.

### Saiba



Acredita-se que os primeiros registros feitos sobre a mitologia grega são datados do século VIII a.C., os textos épicos *Ilíada*, que trata da Guerra de Troia, e *Odisseia*, que relata o retorno de Ulisses após a Guerra de Troia, ambos escritos por Homero.

A *Ilíada* e a *Odisseia* são épicos importantes para a Grécia Antiga, pois eram usados nas escolas gregas com o objetivo de ensinar sobre os deuses, além de descrever a civilização micênica.

Micenas é uma região da Grécia que foi um dos maiores centros da civilização grega.

Devido à sua grande e potente força militar, os micênios iniciaram uma incursão pelo território grego, conquistando e dominando-o econômica e culturalmente entre 1600 e 1050 a.C.

## Exemplos de mitos

Leia a seguir a sinopse de dois exemplos de histórias da mitologia grega.

### Édipo e Jocasta



O herói *Édipo*, em óleo sobre tela de Jean-Auguste-Dominique Ingres.

Édipo era filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta. Um oráculo havia predito que Édipo mataria o pai e se casaria com a própria mãe. Por isso, Laio mandou o filho recém-nascido para o monte Citeron com os pés perfurados para que não pudesse se locomover. Lá, o menino foi recolhido por um pastor e levado para Corinto, onde foi adotado e criado pelo rei Pólibo como se fosse seu filho.

Mais tarde, informado sobre o teor do oráculo, que ameaçava seu destino, Édipo abandonou Corinto na esperança de afastar-se dos pais. Contudo, Édipo não conhecia ainda a identidade de seus verdadeiros pais.

Durante a viagem, Édipo encontrou-se com um homem já idoso que o agrediu, travando-se uma discussão. Desconhecendo a identidade daquele viajante, Édipo o matou sem saber que estava matando o próprio pai: Laio.

Nas proximidades de Tebas, havia uma esfinge (um monstro com corpo de leão, asas de águia e rosto de mulher) que andava devastando a região, devorando todos aqueles que não conseguissem resolver os enigmas propostos por ela.

Édipo também foi provado pela esfinge, mas, por sorte, encontrou a solução e decifrou o enigma. A esfinge, vencida, suicidou-se.

Como prova de reconhecimento pela destruição da esfinge, os tebanos ofereceram o reino a Édipo e ele casou-se com a rainha, viúva do antigo rei, isto é, sua mãe, Jocasta, mas Édipo não a conhecia.

Embora os crimes de Édipo tivessem sido totalmente involuntários, exigiam uma expiação. Desse modo, em pouco tempo a peste tomou conta de Tebas.

Édipo foi informado por um oráculo de que a causa da peste era a presença, na cidade, do assassino de Laio, que permanecia impune.

Édipo quis descobrir o culpado e, aos poucos, acabou revelando a terrível verdade.

Não suportando a desgraça que se abatera entre eles, Jocasta suicidou-se. Édipo, atormentado, furou os próprios olhos e, depois, abandonou a cidade de Tebas.

Na sequência, os filhos de Édipo com Jocasta passaram a disputar o trono e, durante um combate, um matou o outro. Creonte, irmão de Jocasta, assumiu a coroa, mas não foi um bom rei.

## O Minotauro

O mito do Minotauro é um dos mais populares da mitologia grega.

Segundo a mitologia, o Minotauro era um ser com cabeça de touro e corpo humano. Ele habitava um labirinto na ilha de Creta, que era governada pelo rei Minos.

O Minotauro nasceu pelo fato de o rei Minos haver desrespeitado o deus dos mares: Poseidon.

Antes de ser o rei de Creta, Minos havia pedido a Poseidon para se tornar rei. Poseidon aceitou o pedido, mas pediu que, em troca do reinado, Minos sacrificasse, em sua homenagem, um touro que iria sair do mar.

Ao ver a beleza do touro que apareceu na praia, Minos não conseguiu cumprir a promessa. Ele sacrificou um outro touro e juntou ao seu rebanho o magnífico touro que aparecera na praia.

Poseidon percebeu o que Minos havia feito e ficou ofendido com a atitude do rei. Furioso, resolveu castigá-lo.

Assim, o deus dos mares fez com que a esposa de Minos, Pasífae, se apaixonasse pelo touro que Minos poupou, vindo a conceber o Minotauro com esse touro.

Minos, então, mandou construir um labirinto gigante para prender o Minotauro. O labirinto foi construído no subsolo do palácio de Minos.

Todo ano, sete rapazes e sete moças da cidade de Atenas eram enviados para o labirinto e devorados pelo Minotauro. Tratava-se de um acordo firmado entre o rei Minos e o rei de Atenas, pelo fato de o Exército ateniense ter perdido uma guerra para o Exército cretense.

Numa dessas remessas, Teseu, filho do rei de Atenas, foi para Creta, infiltrado entre os rapazes, para tentar matar o Minotauro.

Ariadne, filha do rei Minos, apaixonou-se por Teseu à primeira vista. Tentando ajudar, Ariadne entregou um novelo de lã a Teseu. O objetivo era que Teseu desenrolasse a lã à medida que entrasse no labirinto e, assim, marcasse o caminho de volta.



O Minotauro

No interior do labirinto, o forte Teseu conseguiu matar o Minotauro e acabou por libertar os outros atenienses que estavam no labirinto com ele. Todos conseguiram sair, seguindo o caminho marcado pela lâ.

## Mitologia e Filosofia

Com o surgimento da Filosofia grega, no século VI a.C., a crença nos mitos passou a ser questionada pelos filósofos. Contudo, os cultos aos deuses gregos continuaram.

Com o advento do cristianismo, em 52/58 d.C., os cultos pagãos diminuíram, porém, o politeísmo grego (culto a vários deuses) somente acabou com o fechamento das escolas pagãs e com a proibição aos cultos, feita pelo imperador bizantino Justiniano (482-565 d.C.).

Diferentemente do mito, a Filosofia tenta explicar o mundo por meio de um saber racional, utilizando raciocínio lógico. Porém, o mito não é uma explicação racional, pois utiliza o inconsciente, a psique dos homens. O mito não é algo questionável como a Filosofia, simplesmente aceita-se ou não.

A mitologia grega não deixou de existir com o nascimento da Filosofia; ao contrário, por muito tempo, mitologia e Filosofia viveram lado a lado, sem que uma interferisse na outra.

**1. (Insaf-PE) Considere as afirmativas:**

- I. Antes da Filosofia, os gregos explicavam a realidade através dos mitos.
- II. O mito é uma narração sobre a criação.
- III. A mitologia grega é narrativa lógica.
- IV. Segundo a mitologia, os deuses não participam nos destinos humanos.

**Assinale a alternativa verdadeira:**

- a) I e II são corretas; III e IV são falsas.
- b) I e III são corretas; II e IV são falsas.
- c) II e IV são corretas; I e III são falsas.
- d) I e II são falsas; III e IV são corretas.
- e) Todas as alternativas são corretas.

**2. (UEL-PR) Considerando que o mito pode ser uma forma de conhecimento, assinale a alternativa correta.**

- a) A verdade do mito obedece a critérios empíricos e científicos de comprovação.
- b) O conhecimento mítico segue um rigoroso procedimento lógico-analítico para estabelecer suas verdades.
- c) As explicações míticas constroem-se de maneira argumentativa e autocrítica.
- d) O mito busca explicações definitivas acerca do homem e do mundo, e sua verdade independe de provas.
- e) A verdade do mito obedece a regras universais do pensamento racional, tais como a lei de não contradição.

**3. (Unioeste-PR) Leia este texto:**

O céu, Urano, e a Terra, Gaia, surgiram do nada. Da sua união nasceram os titãs e os ciclopes. O mais jovem dos titãs, Cronos, destituiu seu pai. E para que ele mesmo não fosse destituído, passou a devorar seus filhos, os deuses. Então sua esposa, Reia, para salvar Zeus, o último recém-nascido, substituiu-o por uma pedra que foi devorada por Cronos; e escondeu o filho em uma caverna, em Creta. Quando cresceu, Zeus obrigou seu pai a devolver todos os filhos que havia comido; e com a ajuda deles, encarcerou Cronos e seus aliados titãs no inferno.

Arruda, 1986.

**A partir desse texto, podemos afirmar que:**

- a) Os titãs e os ciclopes nasceram da união entre o céu e a Terra.
- b) Cronos lutou contra o céu, perdeu a batalha e, por isso, depôs Urano.
- c) O mais jovem dos ciclopes destituiu seu pai Cronos e tomou-lhe o lugar.
- d) Zeus era o filho de um dos ciclopes e neto de Urano.
- e) Reia era a mãe de Gaia, que escondeu seu filho em uma caverna para que não fosse devorado pelo pai.

4. Segundo a mitologia grega, o labirinto onde vivia o Minotauro era inacessível e todos os que o adentravam para lutar contra o monstro fracassavam. Um jovem grego, porém, ajudado por Ariadne, conseguiu matar o Minotauro. Qual o nome desse herói grego?
- a) Ulisses      b) Édipo      c) Teseu      d) Aquiles      e) Minos
5. Na mitologia grega, quem se tornou o mais poderoso de todos os deuses e homens?
- a) Cronos      b) Dionísio      c) Apolo      d) Zeus      e) Hermes
6. As obras *Ilíada* e *Odisseia* tratam, respectivamente:
- a) da Guerra de Troia; do retorno de Zeus a Creta.  
b) da Guerra de Troia; do retorno de Ulisses a Ítaca, após a Guerra de Troia.  
c) da Guerra dos deuses do Olimpo; do retorno de Zeus ao Olimpo.  
d) do retorno de Ulisses a Ítaca após a Guerra de Troia; da ida de Ulisses a Troia.  
e) da Guerra de Troia; do retorno de Édipo a Tebas.
7. O mito é essencialmente uma narrativa [...] que não se define apenas pelo tema ou objeto da narrativa, mas pelo modo de narrar. (Marilena Chauí)  
O modo de narrar característico do pensamento mítico pode ser corretamente definido como uma forma que recorre:
- a) à fantasia somente para descrever o sobrenatural.  
b) à realidade para descrever o mundo e o homem.  
c) à experimentação para explicar a natureza.  
d) à descrição para compreender o progresso histórico.  
e) à experimentação para descrever o mundo e a história.
8. (Unifor-CE) A religião na Grécia Antiga apresentou como características o:
- a) zoomorfismo, o monoteísmo e o totemismo.  
b) salvacionismo, o antropomorfismo e o messianismo.  
c) asceticismo, a mitologia e o animismo.  
d) antropomorfismo, o politeísmo e a mitologia.  
e) animismo, o salvacionismo e o misticismo.

## ***Descomplicando a Filosofia***

(UFU-MG) Quais são as principais diferenças entre Filosofia e Mitologia?

### **Resolução e comentários**

A Filosofia busca explicar o mundo por meio de um saber racional, aplica o raciocínio lógico e propõe o questionamento. A Mitologia não é questionável, está acima de tudo, pois é uma verdade instituída que não necessita de provas, aceita-se ou não.

# 3

## Filosofia antiga

A Filosofia é a mais sublime das músicas.

Platão

Geralmente, a Filosofia é estudada a partir de sua história cronológica, mas outros critérios podem ser usados. Para efeito de estudos, nesta e na maioria das obras, os períodos históricos estão organizados assim:

- Filosofia antiga
- Filosofia medieval
- Filosofia moderna
- Filosofia contemporânea

### A Filosofia pré-socrática

A Filosofia pré-socrática é assim denominada por ser a Filosofia que antecedeu a **Sócrates**,<sup>2</sup> um filósofo grego de grande importância.

Como vimos, essa fase da Filosofia iniciou-se na Grécia com Tales de Mileto (624 a 547 a.C.). Essa divisão ocorre em decorrência do objeto da Filosofia tomado pelos filósofos pré-socráticos e também pelas novidades introduzidas por Sócrates no campo da Filosofia.

Os filósofos pré-socráticos tinham como preocupação explicar o princípio da natureza e da ordem do mundo, ou seja, as leis gerais que regem o mundo físico (cosmologia).

Essa preocupação fez com que eles procurassem um princípio lógico que explicasse a própria natureza; enfatizaram a Filosofia natural e a cosmologia, descobriram princípios materiais e causas motoras dos eventos naturais.

---

<sup>2</sup> O filósofo Sócrates é apresentado mais adiante neste capítulo.





*Escola de Atenas.* Neste afresco de Rafael Sanzio, pintado entre 1509-1510, na Biblioteca do Vaticano, aparecem diversos filósofos que viveram em diferentes épocas.

Foram eles que introduziram conceitos que se tornaram fundamentais nas atuais teorias da evolução cósmica, biológica e cultural. Tiveram importância também para a genética e para o desenvolvimento da Teoria do Contrato Social.

O berço da Filosofia pré-socrática é Mileto, a mais importante cidade da Jônia, no litoral ocidental da Ásia Menor. Nessa cidade, quatro filósofos se destacaram: Tales, Anaximandro, Anaxímenes e Heráclito. Eles preocupavam-se em descobrir o princípio substancial de todos os seres materiais.

Apesar de serem extremamente importantes para a Filosofia, os escritos desses filósofos só são encontrados por meio de fragmentos ou de ideias e testemunhos sobre eles, escritos por autores posteriores a tais pensadores.

#### Saiba



Os principais filósofos pré-socráticos foram: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Xenófanes de Cólofon, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Alcmeão de Cróton, Parmênides de Eléia, Zenão de Eleia, Melisso de Samos, Empédocles de Agrigento, Filolau de Cróton, Arquitas de Tarento, Anaxágoras de Clazômenas, Diógenes de Apolônia, Leucipo de Abdera e Demócrito de Abdera.

Seus pensamentos foram reunidos pelos historiadores da Filosofia que, por meio de citações reais dos pré-socráticos, procuravam conhecer as ideias que eles pregavam.

Aristóteles e Teofrasto são filósofos gregos que contribuíram para o conhecimento de seus antecessores pré-socráticos, pois viveram logo depois destes. Desse modo, puderam conhecer suas ideias e teorias, interpretando-as e deixando anotações para a posteridade.

Para efeito de estudo, os historiadores destacam quatro principais “escolas” do período pré-socrático. São elas:

- Escola jônica
- Escola pitagórica ou itálica
- Escola eleata ou eleática
- Escola atomista

### **Escola jônica**

A **escola jônica** recebe esse nome em decorrência de Jônia, uma colônia grega cujos filósofos explicavam o surgimento do mundo, de todas as coisas e dos seres a partir de um princípio único que originaria tudo que existe.

#### **Tales de Mileto**

Não se têm muitas informações a respeito da vida e das ideias de Tales, tendo seu nascimento provavelmente, em 624 a.C., em Mileto, e sua morte em 547 a.C.

É considerado o fundador da Filosofia. Foi astrônomo e conseguiu prever corretamente um eclipse solar ocorrido em 585 a.C.

Tales foi estudioso de geometria, vindo a encontrar soluções para diversos problemas geométricos. Sabe-se que, em data incerta, ele viajou para o Egito e lá calculou a altura de uma pirâmide a partir da proporção entre a própria altura e a extensão de sua sombra. O cálculo desenvolvido por ele, designa o que, na geometria, até os dias atuais, se conhece como Teorema de Tales.

Ele era um dos filósofos que acreditavam que todas as coisas têm um princípio físico/material, denominado *arquê*. Para Tales, o *arquê* era a água, pois acreditava que essa era a substância primordial e a



Tales de Mileto em ilustração de Johannes Sambucus (ilustração do livro *Veterum et recentium medicorum philosophorumque icones*, de 1574).

origem única de todas as coisas existentes; ou seja, para ele, a água era o ingrediente básico e essencial do Universo. Tales reconhecia os estados sólido, líquido e gasoso da água. Com essas mudanças do estado da água ele tentava explicar como as coisas também mudam. A ele é atribuída a frase “a água é o princípio de todas as coisas”.

Tales afirmava que a Terra flutua sobre a água, isto é, que o mundo flutuava como um tronco em águas infundáveis e que se movia como um navio em movimento sobre elas.

### **Anaximandro de Mileto**

Anaximandro foi discípulo de Tales e também era natural de Mileto; seu nascimento ocorreu em 610 a.C. e sua morte em 547 a.C.

Para ele, o princípio de todas as coisas (o *arqué*) é o ilimitado, o infinito, o indeterminado, de onde surgem inúmeros mundos, estabelecendo-se a multiplicidade.

Anaximandro acreditava que o *arqué* não poderia ser algo tão básico e visível como a água. Ele defendia a ideia de que, inicialmente, a Terra era coberta por água, surgindo dela todos os seres vivos; para ele, o ser humano se originou do peixe.



Musei Vaticani, Città del Vaticano, Italia

Anaximandro de Mileto, em detalhe de *Escola de Atenas*, afresco de Rafael Sanzio.

Ele cria que o mundo tinha o formato de um tambor e era cercado por uma substância desconhecida, infinita e ilimitada.

Anaximandro é considerado o fundador da Astronomia grega.

Saiba



**Arqué** ou **arché** (origem) é a forma como é nomeado o pensamento dos filósofos pré-socráticos que acreditavam existir um elemento básico na constituição da natureza e de todas as coisas e seres.

### Fragmentos<sup>3</sup>

Todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas às outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo.

O ilimitado é eterno.

O ilimitado é imortal e indissolúvel.

### Doxografia<sup>4</sup>

Entre os que defendem um único princípio móvel e ilimitado, Anaximandro de Mileto, discípulo e sucessor de Tales, diz que o ilimitado é o princípio e o elemento das coisas, tendo sido o primeiro a empregar a palavra *princípio*.

<sup>3</sup> Os fragmentos e doxografias a seguir foram baseados em diversas obras, sobretudo, Hermann Diels e Walter Kranz. *Die Fragmente der Vorsokratier*. Berlin: Wedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1956.

<sup>4</sup> Doxografia é a coleta e compilação de textos filosóficos gregos antigos, bem como o comentário ou explicação acerca desses textos.

Ele afirmava que não é da água ou de algum dos outros assim chamados elementos, mas de uma outra natureza diferente, ilimitada, que seriam formados todos os céus e os cosmos naqueles contidos. “Todas as coisas se dissipam onde tiverem a sua gênese, conforme a culpabilidade; pois pagam umas às outras castigo e expiação pela injustiça, conforme determinação do tempo.” É evidente que Anaximandro, ao observar a transformação recíproca dos quatro elementos, não quis tomar um desses como substrato, mas um outro diferente.

### **Anaxímenes de Mileto**

Anaxímenes nasceu em cerca de 582 a.C. e faleceu em torno de 525 a.C. Foi aluno de Anaximandro, mas discordou do mestre, pois acreditava que o elemento básico que origina e mantém juntas todas as coisas é o ar. A ele se atribui um único fragmento:

Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam o cosmos.

#### *Doxografia*

Anaxímenes afirmava que há uma única matéria ilimitada, mas com substrato determinado. Para ele o componente básico que mantinha juntas todas as coisas era o **ar**. De acordo com o filósofo, o ar se diferenciava pela rarefação ou pela condensação segundo a substância.

Ele considerava que o ar se transformava em vento; em seguida, tornava-se lama, pedra e até fogo.

### **Heráclito de Éfeso**

Heráclito nasceu em Éfeso, na Jônia, por volta de 540 a.C. e é tido como um grande filósofo pré-socrático. Para ele, o mundo era dinâmico e estava em constante transformação. Tudo mudava de um minuto para o outro. Acreditava que o fogo dominava o movimento dos seres e era o responsável por essa transformação constante.

Para ele, as coisas mudavam tanto que afirmou “ninguém pode entrar no mesmo rio duas vezes”. Isso significa que, mesmo entrando em um mesmo rio, pela constante passagem das águas, este já não era o mesmo.



Heráclito de Éfeso, em detalhe de *Escola de Atenas*, afresco de Rafael Sanzio.

## Fragmentos

Ninguém pode entrar no mesmo rio duas vezes.

Mesmo percorrendo todos os caminhos, jamais encontrarás os limites da alma, tão profundo é o *Logos*.

Este *Logos*, os *homens*, antes ou depois de o haverem ouvido, jamais o compreendem. Ainda que tudo aconteça conforme este *Logos*, parece não terem experiência experimentando-se em tais palavras e obras, como eu as exponho, distinguindo e explicando a natureza de cada coisa. Os outros homens ignoram o que fazem em estado de vigília, assim como esquecem o que fazem durante o sono.

Por isso, o comum deve ser seguido. Mas, a despeito de o *Logos* ser comum a todos, o vulgo vive como se cada um tivesse um entendimento particular.

O Sol tem a largura de um pé humano.

Se a felicidade consistisse nos prazeres do corpo, deveríamos proclamar felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer.

## Doxografia

A obra de Heráclito tem por objeto, de maneira geral, a Natureza. Ela se divide em três livros, que tratam do Universo, do Estado e da Religião.

Em seus escritos, Heráclito se exprime de maneira clara e luminosa. Sua concisão e a riqueza de palavras são inimitáveis. Entre as teorias que ele defendia, estão:

1. Tudo foi feito pelo fogo e tudo se dissipa no fogo.
2. Tudo está submetido ao destino.

3. E o movimento determina toda a harmonia do mundo.
4. Tudo está cheio de espíritos e demônios.
5. A crença é uma doença sagrada.
6. A visão é uma mentira.
7. O Sol tem exatamente o tamanho que se vê.

### **Escola pitagórica ou itálica**

A escola pitagórica foi assim batizada em decorrência do nome de seu fundador: Pitágoras. O ponto de partida dessa escola foi a cidade de Crotona, no sul da Itália, mas difundiu-se por outros territórios.

#### **Pitágoras de Samos**

Musei Vaticani, Città del Vaticano, Itália



Pitágoras, em detalhe de *Escola de Atenas*, afresco de Rafael Sanzio.

Pitágoras nasceu em Samos, na Jônia, por volta de 570 a.C. Ele fundou em Crotona, sul da Itália, sua própria escola filosófica, porém, não deixou nenhuma obra escrita. Seus ensinamentos eram considerados secretos, sendo o ponto principal de sua doutrina a transmigração da alma e uma vida ascética.

Para esse filósofo, o princípio de todas as coisas eram os números, que representavam a harmonia e a ordem do Universo.

Pitágoras contribuiu com a Matemática e a Astronomia.

## *Doxografia*

Ninguém sabe com segurança o que Pitágoras dizia a seus discípulos, pois nem o silêncio era casual entre eles. Contudo, eram especialmente conhecidas, conforme o juízo de todos, as seguintes doutrinas:

1. A alma é imortal.
2. A alma transmigra de uma a outra espécie animal.
3. Dentro de certos períodos, o que já aconteceu uma vez torna a acontecer, e nada é absolutamente novo.
4. É necessário julgar que todos os seres animados estão unidos por laços de parentesco.

De fato, parece ter sido Pitágoras quem introduziu pela primeira vez essas crenças na Grécia.

## **Filolau de Cróton**

Filolau de Cróton, filósofo e matemático, nasceu em Crotona, Magna Grécia, no sul da Itália, durante o século V a.C.

Conforme alguns estudiosos, morou durante certo período em Tarento e em Tebas, tendo sido um grande defensor da tirania. Filolau é autor de um livro sobre a doutrina de Pitágoras. Acredita-se que esse livro tenha chegado ao conhecimento de Platão e exercido influência em seu pensamento.

## **Fragmentos**

Se tudo fosse ilimitado, em princípio não haveria nem mesmo objeto de conhecimento.

E, de fato, tudo o que se conhece tem número. Pois é impossível pensar ou conhecer alguma coisa sem aquele.

O número possui duas formas próprias: par e ímpar, e uma terceira forma resultante da mistura das outras duas, o par-ímpar; ambas as formas apresentam, contudo, muitas configurações, as quais cada coisa demonstra por si.

Asseveram os antigos teólogos e adivinhos que, por determinada expiação, a alma está ligada ao corpo e sepultada nele como num túmulo.

## *Doxografia*

Para o pitagórico Filolau, o limitado e o ilimitado são o princípio de tudo.



Outros filósofos pitagóricos doutrinavam a permanência da Terra em repouso, contudo Filolau afirmava que ela girava em torno do fogo, num círculo oblíquo, assim como o Sol e a Lua.

Pitágoras e Filolau explicam a alma como uma harmonia.

### **Escola eleata ou eleática**

Recebe esse nome em decorrência da cidade de Eleia, situada na Itália.

O **eleatismo** concentra-se na comparação entre o valor do conhecimento sensível e do conhecimento racional. Para os filósofos dessa vertente, o único conhecimento realmente válido é aquele que resulta da Razão.

#### **Parmênides de Eleia**

Parmênides nasceu provavelmente em Eleia, sul da Itália, por volta do ano 510 a.C. Proveniente de uma família rica e com prestígio social, foi opositor das ideias de Heráclito.

Para esse pensador, existem dois caminhos para a realidade: o da Filosofia (da razão, da essência) e o da aparência enganosa (da credence, da opinião pessoal). Parmênides rejeitava a percepção dos sentidos e afirmava que a razão nega o que os sentidos percebem.



Musei Vaticani, Città del Vaticano; Itália

Parmênides

Para ele, o caminho da razão mostra que existe o ser, e sua não existência não pode ser questionada. É dele a afirmação de que “o ser **é** e o não ser **não é**”.

O ser para Parmênides é único, eterno e ilimitado, porém, o caminho da aparência leva à confusão, devido ao movimento e à pluralidade.

Parmênides acreditava que o mundo sempre existiu, pois um nada ou um não ser não poderia se transformar de um momento para outro em um ser. Também afirmava que o mundo sempre existirá, pois um ser não se transforma em um não ser.

## **Fragmentsos**

E agora vou falar; e tu, escutas as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro (diz) que (o ser) é o que o não ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e o que o não ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não é — isto é impossível —, nem expressá-lo em palavra.

Pois pensar e ser é o mesmo.

Contempla como, pelo espírito, o ausente, com certeza, se torna presente; pois ele não separará o ser de sua conexão ao ser, nem para desmembrar-se em uma dispersão universal e total segundo a sua ordem, nem para reunir-se.

Pouco me importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente.

### *Doxografia*

Parmênides foi o primeiro a demonstrar a esfericidade da Terra e sua posição no centro do mundo. Ele acreditava que a realidade era uma bola invisível e imutável.

Para ele, havia dois elementos: o fogo e a terra. O primeiro elemento é o criador, o segundo é a matéria.

Ele defendia a ideia de que os homens nasceram da terra e trazem em si o calor e o frio, que entram na composição de todas as coisas. Afirmava também que o espírito e a alma são uma única coisa.

Para Parmênides, há dois tipos de Filosofia, uma se refere à verdade e a outra à opinião. Pregava que a realidade só pode ser compreendida por meio do pensamento e dizia que a origem de todas as diferenças existentes no Universo provém da escuridão e da luz.

## Zenão de Eleia

Zenão de Eleia viveu entre 488 e 461 a.C. e foi discípulo de Parmênides, defendendo a doutrina de seu mestre com grande fervor.

Seu método consistia em não rebater imediatamente a posição de seus opositores, aceitando-a inicialmente, para logo depois revelar suas contradições.

Por esse método, Zenão é considerado o fundador da Dialética.

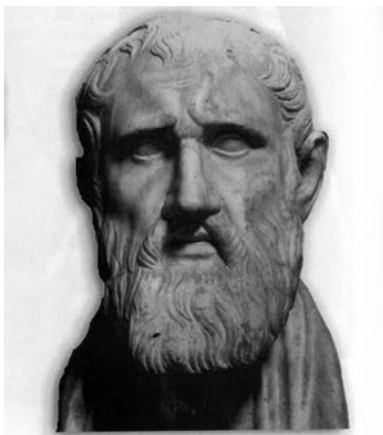
## Fragmentos

Se o que existe não tivesse grandeza não existiria. Mas se existe, cada (parte) terá necessariamente certa grandeza e certa espessura e uma deverá estar a certa distância de outra. E o mesmo pode ser dito para a que estiver frente a ela. Também esta terá grandeza e outra (parte) estará frente a ela. O mesmo se pode dizer uma vez e repeti-lo sempre. Pois nenhuma parte dele será o limite extremo, e nunca estará uma sem relação com a outra. Se, portanto, as coisas existem em multiplicidade, deverão ser concomitantemente grandes e pequenas: pequenas até não possuírem grandeza e grandes até o ilimitado.

## Doxografia

Se a unidade absoluta fosse indivisível, pelo axioma de Zenão nada seria, pois “aquilo que, quando acrescentado, não torna maior

Museo Archeologico Nazionale, Nápoles, Itália



Zenão de Eleia

um objeto, e quando subtraído não o torna menor, não pertence às coisas existentes” dizia ele, evidentemente por julgar como grandeza espacial tudo o que existe.

## **Escola atomista**

Recebe esse nome em decorrência da Teoria dos Átomos, criada por Leucipo e mais bem desenvolvida, posteriormente, por seu discípulo, Demócrito de Abdera.

Para os atomistas, o *arquê* são os *átomos*, isto é, elementos invisíveis, indivisíveis e ilimitados, possuidores de forma própria.

Segundo essa vertente, todos os elementos se compõem de partículas indivisíveis e também do vácuo, do vazio.

### **Leucipo de Abdera**

Não se sabe ao certo o ano de nascimento de Leucipo. Supõe-se que ele viveu provavelmente entre 480 ou 490 e 420 a.C. e que era natural de Abdera, na Grécia. No entanto, alguns estudiosos acreditam que esse filósofo pode ter nascido em Mileto, mas floresceu em Abdera.

Os detalhes da vida de Leucipo são bastante obscuros, não se conhecendo praticamente nada de suas vivências.

Leucipo escreveu apenas um livro, cujo título é *A grande ordem do mundo*.

## **Fragmentos**

Nada deriva do acaso, mas tudo de uma razão e sob a necessidade.

### *Doxografia*

Para Leucipo, os átomos iniciariam todas as coisas e se moveriam chocando-se mutuamente. Para ele, existe uma ação eterna, pois o movimento é também eterno.

### **Demócrito de Abdera**

Acredita-se que Demócrito de Abdera viveu entre os anos 460 e 370 a.C., na cidade de Abdera.

É considerado um dos filósofos mais versáteis já conhecidos. Além de filósofo, tinha grandes conhecimentos de astronomia, história,



Demócrito representado em óleo de Diego Velázquez.

linguística, geometria, matemática e música, além de ser também um excelente escritor, com cerca de setenta obras escritas.

Proveniente de uma família abastada, realizou diversas viagens em busca de conhecimento para locais como Egito, Pérsia, Etiópia e Índia. Também esteve em Atenas, na Grécia.

Demócrito é considerado um filósofo pré-socrático em decorrência de seus pensamentos; no entanto, viveu no mesmo período em que viviam Sócrates e Platão. Discípulo de Leucipo, Demócrito sistematizou a concepção atomista. Para ele, a existência do átomo pressupõe o vazio, e nesse vazio os átomos se movimentam.

Demócrito acreditava que as combinações diversas dos átomos é que possibilitam a homogeneidade da estrutura do Universo, sendo possível, desse modo, a existência de infinitos mundos.

Apesar de ter escrito várias obras, restaram para a posteridade apenas cerca de duzentos fragmentos escritos por Demócrito. Leia a seguir alguns deles:

## Fragmentos

Conforme a convenção dos homens existe a cor, o doce, o amargo; em verdade, contudo, só existem os átomos e o vazio.

O nada existe tanto quanto o "alguma coisa".

Todos os seres vivos associam-se com seres vivos semelhantes; as pombas com as pombas, os grous com os grous, e assim com todos os animais. Também assim

com as coisas inertes, como se pode ver ao joeirar as sementes ou nas rochas submetidas à ressaca. Pois, devido ao turbilhão provocado pela peneira, as lentilhas separam-se e unem-se às lentilhas, os grãos de cevada aos grãos de cevada, os grãos de trigo aos grãos de trigo. No outro caso, devido ao movimento da onda, as pedras alongadas rolam ao lugar onde estão as pedras alongadas, as redondas buscam as redondas, como se a semelhança que se encontra nestas coisas exercesse certa força de união.

Um turbilhão de todos os tipos de formas separou-se do Todo.

### *Doxografia*

Assim como Leucipo, para Demócrito tudo é originado de átomos e do vazio, sendo os átomos a principal matéria de todas as coisas. Ele acreditava que os átomos se moveriam eternamente, chocando-se mutuamente.

## **Os sofistas**

O termo **sofista** vem da palavra grega *sophós*; cujo sentido é *sábio*.

Os sofistas não eram propriamente filósofos, eram uma espécie de professores itinerantes que andavam pela Grécia, de cidade em cidade, reunindo grande número de pessoas para ouvir seus discursos em praças públicas e ensinando diversos assuntos.

Ensinavam ciências, arte, eloquência, oratória e habilidade mental, com o objetivo de o aprendiz obter sucesso nos negócios públicos e privados, aprendendo a derrubar as teses adversárias.

Os sofistas viveram em uma época em que a civilização grega passava por lutas políticas, além de diversos conflitos de opiniões nas assembleias democráticas. Após as Guerras Médicas (448 a.C.) contra os persas, Atenas vivia em seu máximo esplendor; as relações econômicas estavam em alta, assim como as comerciais. Surgiu, então, a constituição democrática de Atenas e a cultura dos cidadãos atenienses aumentou. Como já vigorava a liberdade política, fazia-se necessário que a educação também sofresse um processo de evolução.

Assim, naquela época, a liberdade de pensamentos passou a ser valorizada, e as realizações pessoais passaram a adquirir maior importância.

A educação oferecida em Atenas, até então, era voltada exclusivamente para o serviço cívico. Com a necessidade de mudança, os sofistas apareceram como uma espécie de salvadores da qualidade da educação.

As aulas dos sofistas eram práticas, pois a Filosofia sofista era para ser usada no dia a dia, na vida, mas, em geral, preparavam o aluno apenas superficialmente, não havendo nenhum sistema de ideias em comum.

Contudo, os sofistas cobravam pelos seus trabalhos, sendo assim, seus ensinamentos não eram dirigidos ao povo, mas à elite que podia pagar.

Por meio do método sofístico muitos membros da elite desejavam aprender a ser excelentes oradores para, nas assembleias públicas, usarem da oratória e convencerem os adversários de suas posições.

Os sofistas não constituíam uma escola propriamente dita, pois não tinham uma academia (estabelecimento de ensino, escola) como outros filósofos, uma vez que eram itinerantes.

Pelo fato de cobrarem por seus ensinamentos e por valorizar em demasia a individualidade, os sofistas foram bastante criticados e encontraram muitos opositores, principalmente porque ensinavam os alunos a pronunciar um discurso pronto, vazio de conteúdo e de argumentação, apenas para convencer os opositores.

Apesar dessa crítica, os sofistas foram muito importantes para a Filosofia grega, pois, além do ensino voltado para a prática, eles contribuíram com a sistematização do ensino, ao iniciarem o estudo da gramática, da retórica e da dialética.

### **Protágoras de Abdera**

A Protágoras de Abdera é atribuído o início do pensamento sofista. Nascido em Abdera, por volta do ano 480 a.C., Protágoras sempre visitava a cidade de Atenas, tendo sido e foi convidado por Péricles (aproximadamente 495 a 429 a.C.) para elaborar um código de leis para a cidade de Thurii, em 444 a.C.

Protágoras faleceu em 420 a.C. em um naufrágio, após ter partido de Atenas.

Sua frase mais conhecida é: “Os humanos são a medida de todas as coisas, das coisas que são, que elas são, das coisas que não são, que elas não são”. Ou seja, Protágoras pregava que o argumento mais

fraco pode se tornar o mais forte, pois, para ele, é possível modificar a percepção das pessoas acerca do valor dos argumentos. Em outras palavras, ele afirmava que a verdade é relativa, uma vez que pode ser verdade para uma pessoa se assim lhe parece.

Por essa perspectiva, qualquer tese pode ser verdadeira ou falsa; depende unicamente do valor do argumento. Por isso, Protágoras dava tanta importância à arte do bem falar, à eloquência, à retórica.

### **Górgias de Leontinos**

Principal sofista depois de Protágoras, Górgias nasceu em Leontinos, na Sicília, Itália, em 485 a.C., onde faleceu em 375 a.C.

Górgias foi embaixador em Atenas em 427 a.C. Ele possuía grande capacidade retórica e defendia o **ceticismo**<sup>5</sup> absoluto.

Em sua obra *Sobre o que não existe*, Górgias afirma que “nada existe e, se existisse, nós não o conheceríamos e, se pudéssemos conhecer, não saberíamos explicar essa existência para ninguém”.

Górgias acreditava que as pessoas têm virtudes diferentes, diferindo a virtude das mulheres e dos homens. Para ele, por não existir a verdade, o poder da palavra é o que vale, pois a palavra pode mudar a opinião das pessoas. Assim, para Górgias, o poder da palavra é maior que qualquer outro.

### **Hípias de Elis**

Nascido em Elis (atualmente Élida), por volta de 460 a.C., no Peloponeso (península do sul da Grécia), Hípias foi embaixador de Elis em cidades importantes, como Atenas, por exemplo. Foi um competidor brilhante no festival de Olimpo com discursos ora de improviso, ora preparados. Sua memória era invejável.

Hípias escreveu uma obra na qual compilou frases ditas por outros, consideradas por ele as melhores. Foi o descobridor da quadratiz, usada na Matemática. Era extremamente vaidoso e obteve grandes somas com o ensino e com a divulgação dos seus conhecimentos. Faleceu em 400 a.C.

---

<sup>5</sup> **Ceticismo** é a doutrina filosófica que defende a impossibilidade total ou parcial do conhecimento humano.

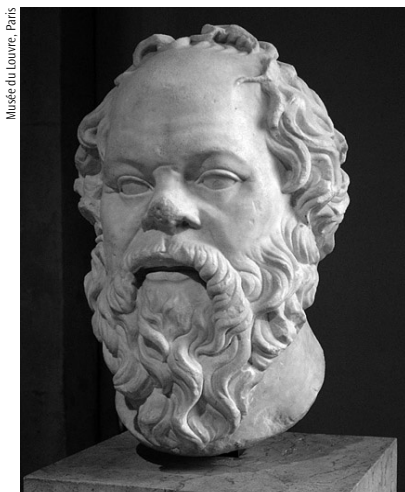


## O período socrático

### Sócrates

Sócrates nasceu na cidade de Atenas, Grécia, em 369 a.C., era filho de um escultor, chamado Sofronisco, e de uma parteira, chamada Fenareta. Foi casado com Xantipa, com quem teve três filhos.

Viveu em extrema pobreza, sempre morando em Atenas, saindo dessa cidade apenas para acompanhar o Exército.



Sócrates

Para efeitos de estudos, a Filosofia grega está dividida em período pré-socrático e pós-socrático, em decorrência de Sócrates — apesar de não ter deixado nada escrito, nenhuma obra registrada — ser um marco na história da Filosofia.

Os pensamentos de Sócrates influenciaram seus contemporâneos, assim como inspiraram diversas gerações posteriores de pensadores.

Da mesma forma que os sofistas, Sócrates transmitia seus ensinamentos em praças públicas, porém nada cobrava por isso.

Sócrates partia do princípio de que nada sabia. É dele a frase: “Só sei que nada sei”.

Esse “nada saber” fazia a diferença entre Sócrates e os outros que não sabiam que não sabia, enquanto ele sabe que não sabia.

Sócrates sabia que a sociedade e a cultura em que vivia não correspondiam a uma prática da verdade, que viviam na falsidade.

Assim, o “saber nada saber” de Sócrates significa estar em busca da verdade, à procura do verdadeiro saber.

A frase “Conhece-te a ti mesmo” era constantemente recomendada por Sócrates a seus discípulos, e estava inscrita no templo de Apolo. Ela revela que esse filósofo tinha como principal preocupação o autoconhecimento.

Os ensinamentos de Sócrates baseavam-se em diálogos com seus interlocutores, apresentando dois momentos básicos, denominados **ironia** e **maiêutica**.

A **ironia** era normalmente utilizada por Sócrates quando iniciava seus diálogos, questionando seu interlocutor sobre algo, demonstrando não conhecer o assunto. No transcorrer da conversa, Sócrates questionava as respostas dadas, mostrando, assim, as contradições afirmadas pelo interlocutor.

O “sei que nada sei” de Sócrates levava seus discípulos a assumirem suas incoerências e sua falta de conhecimento sobre determinado assunto que, antes do questionamento de Sócrates, acreditavam conhecer profundamente.

Sócrates pretendia, com esse método, fazer com que seus discípulos se aprofundassem nas respostas dadas e que refletissem sobre elas, chegando a alguma conclusão, sem conceitos imprecisos e/ou indeterminados.

Para Sócrates, esse procedimento levava o discípulo a se libertar da própria arrogância e da suposta sapiência que pretendia ter, podendo, a partir dessa atitude, trilhar o caminho que conduz a ideias genuínas, claras.

Após esse primeiro momento, denominado ironia, Sócrates novamente promovia outros questionamentos; porém, dessa vez, o discípulo

refletia profundamente o que fora colocado, sem repetir conceitos imprecisos e incoerentes.

Essa segunda fase do diálogo fazia com que Sócrates ajudasse seus discípulos a elaborar, no espírito, suas próprias ideias. Essa concepção própria e autêntica era chamada de **maiêutica**, ou *a arte de trazer à luz*, em grego.

Sócrates não tinha como pretensão ensinar algo sobre a natureza humana; não queria que seus discípulos conhecessem mais do que já conheciam; simplesmente os ajudava a refletir, isto é, a tomar consciência dos próprios pensamentos e dos problemas que esses pensamentos colocam.

Ele gostava de se comparar com a própria mãe, que era parteira, afirmando que ela partejava os corpos, enquanto ele partejava os espíritos, ao ajudá-los a trazer à luz o que já tinham em si mesmos.

Sócrates se colocava como não detentor do saber e afirmava constantemente que nada sabia. O que ele pretendia era ajudar a despertar a consciência adormecida das pessoas, porém sem iluminar, sem deter o saber. O próprio discípulo deveria construir seu caminho, por meio dos questionamentos e das reflexões.

Na obra intitulada *Teeteto*, de Platão, a ironia e a maiêutica socráticas são demonstradas. O interlocutor, graças à maiêutica, é levado a encontrar por si mesmo o caminho de suas próprias perplexidades. Nessa obra, é utilizada a dialética socrática-platônica, ou seja, de Sócrates e Platão — principal discípulo de Sócrates —, que conduz o leitor e o interlocutor à total falta de conhecimento, fazendo com que partam em busca desse conhecimento e da sabedoria.

*Fédon*, outra obra escrita por Platão, é de grande importância para o estudo do pensamento de Sócrates, visto descrever os últimos momentos do filósofo antes de ele falecer. O tema fundamental dessa obra é a imortalidade da alma e é escrita sob a forma de diálogo.

Tendo início com a descrição pormenorizada das últimas palavras de Sócrates, a obra começa com Equócrates perguntando a Fédon se este poderia descrever tudo o que antecedeu a morte de Sócrates. Mas, na verdade, o que se discute é a questão da

alma. Fédon, então, passa a relatar o diálogo em que Cebes e Símiás são os principais interlocutores.

No trecho de *Fédon*, transcrito a seguir, há a *Teoria da recordação*, a qual Platão chama de “formas”.

**Cebes:** Isso que estás dizendo, Sócrates, é consequência necessária de outro princípio que te ouvi expor: que o nosso conhecimento é somente recordação. Se este princípio é exato, temos de ter aprendido em outro tempo as coisas de que nos recordamos. E isso não é possível se nossa alma não existir antes de receber esta forma humana. Esta é mais uma prova de que nossa alma é imortal. [...]

**Sócrates:** Concordamos também que, quando o conhecimento chega de certa maneira, é uma recordação. Ao dizer de certa maneira, quero dizer, por exemplo, que quando um homem, ao ver ou ouvir alguma coisa, ou percebendo-a por qualquer um de seus outros sentidos, não conhece apenas a coisa que chama a sua atenção, mas, ao mesmo tempo, pensa em outra que não depende de sua maneira de conhecer, mas de uma diferente. Não afirmamos que esse homem lembra o que surgiu em sua imaginação?

Na passagem a seguir, da mesma obra, há menção à *doutrina da recordação*, segundo a qual o conhecimento é uma questão de recordar o que o indivíduo outrora soube e que o aprendizado é somente uma recordação.

**Sócrates:** A razão deve seguir apenas um caminho em suas investigações, enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações. Está demonstrado, ao contrário, que, se desejamos saber realmente alguma coisa, é preciso que abandonemos o corpo e que apenas a alma analise os objetos que deseja conhecer. Somente então usufruiremos da sabedoria pela qual estamos apaixonados, isto é, depois de nossa morte e de maneira alguma no decorrer da vida. E a própria razão o afirma já que é impossível conhecer alguma coisa de forma pura, enquanto temos corpo; é preciso que não se conheça a verdade ou então que se conheça após a morte, pois então a alma se pertencerá, livre desse fardo, e não antes. Dessa forma, livres da loucura do corpo, conversaremos, como é correto, com homens que usufruirão a mesma liberdade e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas, e talvez a verdade não seja mais do que isso.

Cebes e Símiás manifestam certo ceticismo a respeito da sobrevivência da alma após a morte, e Sócrates passa a oferecer argumentos quanto à indestrutibilidade da alma, todos eles orientados para a conclusão de que nossa alma existe no Hades (mundo dos mortos).

O diálogo prossegue com uma descrição do Cosmos de forma articulada com o destino das almas. E termina, contudo, com um mito sobre o que acontece à alma após a morte, sendo interrompido com a chegada dos servidores, os quais lhe dão o veneno que o mata.

Sócrates faleceu em 399 a.C., acusado de não reconhecer os deuses da cidade grega, de corromper os jovens e de tentar introduzir novos deuses.

Ele foi julgado em um único dia, sendo declarado culpado por uma minoria e condenado à morte, através da ingestão de um veneno muito utilizado na época: a cicuta.

Metropolitan Museum of Art, Nova York



*A morte de Sócrates*, pintura feita por J. L. David.

O fato é que Sócrates era um homem muito inteligente, grande pensador, íntegro e com forte magnetismo pessoal, que representava um perigo para a sociedade ateniense da época, pois não se atinha a fazer distinção de classe social, preocupando-se apenas em incentivar o autoconhecimento das pessoas e a busca da verdade.

Sócrates contrariava os valores atenienses da época ao buscar a verdade tão somente, ao buscar a sabedoria humana de todos, sem importar se era escravo, mulher ou homem livre. Para ele, os valores da alma se resumiam no conhecimento.

Viveu todo o tempo de acordo com seus ensinamentos de auto-conhecimento e de justiça. Até o instante final de sua morte, teve dignidade e não lastimou sua sorte, morrendo sem renunciar aos seus valores morais, em que tanto acreditava. Segundo Platão, Sócrates era o “mais sábio e o mais justo dos homens”.

## Platão

O verdadeiro nome de Platão era Aristocles, porém, por ter ombros bastante largos, recebeu o apelido de *Platão*, que em grego significa *de ombros largos*.

Platão nasceu em 428 ou 427 a.C. e faleceu em 348 ou 347 a.C. Sua vida transcorreu entre a democracia ateniense e o fim do período helenístico, portanto, sua forma de pensar sofreu influência desse período de grande liberdade de pensamento e auge político.



Platão, em pintura elaborada por Pedro Berruguete (1477).

Platão é um dos filósofos mais estudados, sendo extremamente importante para a compreensão do mundo grego de sua época.

Perictione, sua mãe, descendia de Sólon, conhecido como um grande legislador, e ainda era prima de Crítias e irmã de Cármides, que compunham os Trinta Tiranos, que dominaram Atenas por muito tempo. Assim, desde a infância Platão viveu no meio político, conhecendo bastante o assunto, posto que sua família materna era muito influente.



O período **helenístico** é um momento de transição entre o esplendor da cultura grega e o desenvolvimento da cultura romana.

A invasão e dominação da Grécia possibilitaram que sua cultura fosse levada a outros povos.

A fusão das culturas orientais com a grega formou a cultura helenística.

Platão conheceu as ideias de Sócrates e o seguiu como discípulo até a morte, quando ficou extremamente desencantado com a democracia e a política ateniense, o que o levou a sair da cidade em viagem.

Platão viajou para Megara, na Magna Grécia, Siracusa, na Sicília e Egito. Essas viagens e vivências amadureceram ainda mais seu pensamento filosófico.

Em 387 a.C., Platão retornou a Atenas e fundou sua escola filosófica: a Academia. Lá permaneceu, lecionando e escrevendo suas obras, por cerca de vinte anos. Interrompendo essas atividades em 367 a.C., retornou a Siracusa para tentar fazer uma reforma política na cidade, porém, fracassou nesse intento. Então, voltou a Atenas e deu continuidade à escrita de suas obras, que são as seguintes: *Críton*; *Laquês*; *Lísias*; *Cármides*; *Eutífron*; *Hípias menor*; *Hípias maior*; *Protágoras*; *Górgias*; *Apologia de Sócrates*; *A república*; *Íon*; *Mênon*; *Fédon*; *O banquete*; *Fedro*; *Eutidemo*; *Menexeno*; *Crátilo*; *Parmênides*; *Teeteto*; *Sofista*; *Político*; *Carta VII*; *Timeu*; *Crítias* e *Filebo*.

A política e a teoria do conhecimento são presentes nas obras de Platão. Para ele, a educação permite ao educando aflorar as ideias concebidas na alma.

Ele pregava que o corpo e a alma devem ser disciplinados através da ginástica e da música, da estética e da moral, da formação científica e filosófica, para, assim, chegar à dialética.

Segundo Platão, a dialética é a proposição de uma tese, seguida de uma discussão e negação dessa tese, para, assim, corrigir os erros e os equívocos provenientes dela. Para esse filósofo, a dialética permite o conhecimento da realidade.

De acordo com Platão, para atingirmos o mundo das ideias (realidade autônoma por trás do mundo dos sentidos), precisamos do conhecimento. Desse modo, ao sairmos do mundo sensível (que se aprende pelos sentidos) e entrarmos no mundo das ideias, alcançamos o domínio do ser absoluto.

### **O mito da caverna**

“O mito da caverna” é um dos mais conhecidos textos de Platão e está inserido no volume VII da obra *A república*.

O conteúdo desse texto tem fundo político, pois sua interpretação remete à função do filósofo e sua luta contra o senso comum, ou seja, contra as respostas prontas, sem conteúdo epistemológico.

Dele se deduz que durante o processo do conhecimento ocorre um distanciamento em relação ao conhecimento sensível e o acesso ao conhecimento genuíno. Os interlocutores do diálogo são Sócrates, Glauco e Adimanto.

Leia a seguir um trecho de “O mito da caverna”:

Imagina homens que vivem numa espécie de morada subterrânea, em forma de caverna, que possui uma entrada que se abre em toda a largura da caverna para a luz; no interior dessa morada eles estão, desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo a ficarem imobilizados no mesmo lugar, só vendo o que se passa na sua frente, incapazes, em virtude das cadeias, de virar a cabeça. Quanto à luz, ela lhes vem de um fogo aceso numa elevação ao longe, atrás deles. Ora, entre esse fogo e os prisioneiros, imagina um caminho elevado ao longo do qual se ergue um pequeno muro, semelhante ao tabique que os exibidores de fantoches colocam à sua frente e por cima dos quais exibem seus fantoches ao público.

[...]

— É a nós que eles se assemelham, retruquei. Com efeito, podes crer que homens em sua situação tenham anteriormente visto algo de si e dos outros, agora as sombras que o fogo projeta na parede situada à sua frente?

— E como poderiam fazê-lo, observou, se estão condenados por toda a vida a terem a cabeça imobilizada?

— E com relação aos objetos que passam ao longo do muro, não ocorre o mesmo?

— Evidentemente!

— Se, portanto, conseguissem conversar entre si, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que avistassem? [...]

— Portanto, prossegui, os homens que estão nesta condição só poderão ter por verdadeiro as sombras projetadas pelos objetos fabricados.



– Necessariamente.

– Considera agora o que naturalmente lhes sobreviria se fossem libertos das cadeias e da ilusão em que se encontram. Se um desses homens fosse libertado e imediatamente forçado a se levantar, a voltar o pescoço, a caminhar, a olhar para a luz; ao fazer tudo isso, ele sofreria e, em virtude do ofuscamento, não poderia distinguir os objetos cujas sombras visualizara até então. Que achas que ele responderia se lhe fosse dito que tudo quanto vira até então não passara de quimeras, mas que, presentemente, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, estaria vendo de maneira mais justa? E se, ao se lhe designar cada um dos objetos que passam ao longo do muro, fosse forçado a responder às perguntas que se lhe fizessem sobre o que é cada um deles, não achas que ele se perturbaria? Não achas que ele consideraria mais verdadeiras as coisas que vira outrora do que aquelas que agora lhe eram designadas? [...]

– Penso que teria necessidade de hábito para chegar a ver as coisas na região superior. De início, distinguiria as sombras mais facilmente, em seguida, a imagem dos homens e dos outros seres refletidos nas águas; mais tarde, distinguiria os próprios seres. A partir dessas experiências, poderia, durante a noite, contemplar os corpos celestes e o próprio céu, a luz dos astros e da Lua, muito mais facilmente do que o Sol e sua luz, durante o dia. [...]

– E se eles, então, se concedessem honras e louvores entre si, se outorgassem recompensas àquele que captasse com olhar mais vivo a passagem das sombras, que tivesse melhor memória das que costumavam vir em primeiro lugar ou em último, ou concomitantemente, e que, por isso, fosse o mais capaz de fazer conjecturas, a partir dessas observações, sobre o que deveria acontecer, achas que esse homem liberto sentiria ciúmes dessas distinções e alimentaria inveja dos que, entre os prisioneiros, fossem honrados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferiria “ser apenas um servente de charrua a serviço de um pobre lavrador”, e sofrer tudo no mundo a voltar a suas antigas ilusões, a pensar como pensava, a viver como vivia? [...]



— Essa imagem, caro Glauco, terá de ser inteiramente aplicada ao que dissemos, comparando o que a vista nos revela com a morada da prisão e, por outro lado, a luz do fogo que ilumina o interior da prisão com a ação do Sol; em seguida, se admitires que a ascensão no alto e a contemplação do que existe representam o caminho da alma em sua ascensão ao inteligível, não te enganarás sobre o objeto de minha esperança, visto que tens vontade de te instruíres nesse assunto. E Deus sabe, sem dúvida, se ele é verdadeiro! Eis, em todo caso, como a evidência disto se me apresenta: na região do cognoscível, a ideia do Bem é a que se vê por último e a muito custo, mas que, uma vez contemplada, se apresenta ao raciocínio como sendo, em definitivo, a causa universal de toda a retidão e de toda a beleza; no mundo visível, ela é a geradora da luz e do soberano da luz, sendo ela própria soberana, no inteligível, dispensadora de verdade e inteligência; ao que eu acrescentaria ser necessário vê-la se quer agir com sabedoria tanto na vida privada quanto na pública.

Para Platão, os mitos são a apresentação daquilo em que ele acredita quando os argumentos filosóficos chegam ao fim.

*Mênon* é outra obra do autor, em forma de diálogo, de grande interesse. Nela, o mestre Sócrates é um dos interlocutores. Inicia-se com a personagem principal, um jovem estudante, perguntando a Sócrates se a virtude pode ou não ser ensinada. Sócrates responde, dizendo “Só sei uma coisa: sei que nada sei”. Em seguida, Sócrates pede a Mênon para lhe ensinar o que é a virtude. Leia um trecho:

**Mênon:** Mas Sócrates, para mim não há dificuldade em dizê-lo. [...] Como existe uma prodigiosa quantidade de virtudes, não há dificuldade em dizer em que ela consiste: com relação a cada atividade e a cada idade, a virtude existe para cada um de nós com relação a cada trabalho.

**Sócrates:** Ah, Mênon, que sorte extraordinária é a minha, pois, estando eu em busca de uma única virtude, encontrei em tuas mãos um enxame delas! [...]

**Sócrates:** Eis-me outra vez na mesma situação, Mênon. Na medida em que buscamos uma única virtude, é uma pluralidade delas que, desta vez ainda, se nos depara. Mas aquela cuja unicidade abarca todas essas virtudes, somos impotentes para descobri-la!

**Mênon:** De fato, Sócrates, eu ainda não posso, de acordo com o que procuras, alcançar uma virtude cuja unidade se encontre em todas, assim como nos outros casos já vistos.

Percebem-se aqui, de maneira clara e inquestionável, o exercício da ironia e da maiêutica socráticas, o que obriga Mênon a explicar tudo o que sabe sobre a virtude.

Mênon deduz, então, que para tentar explicá-la, só pode citar exemplos de virtudes, e logo percebe que é incapaz de descobrir o conceito geral que definiria a virtude.

Depois de alguns rodeios de palavras ao estilo socrático, Mênon questiona como o indivíduo pode realizar tal indagação. Para ele, ou a pessoa já conhece a solução, não estando a aprendizagem em jogo, ou não a conhece, não sabendo o que procurar.

Assim, ou a pessoa sabe ou não sabe. Sócrates, então, responde, afirmando que a alma é imortal, já passou por numerosas vidas e que, por isso tudo, sabe. Mas, ao renascer, esquece, e precisa ser lembrada do que já sabia:

**Sócrates:** A alma é, pois, imortal; renasceu repetidas vezes na existência e contemplou todas as coisas existentes tanto na Terra como no Hades, e por isso não há nada que ela não conheça! Não é de espantar que ela seja capaz de evocar à memória a lembrança de objetos que viu anteriormente, e que se relacionam tanto com a virtude como com as outras coisas existentes. Toda a natureza, com efeito, é uma só, é um todo orgânico, e o espírito já viu todas as coisas; logo, nada impede que, ao nos lembrarmos de uma coisa — o que nós homens chamamos de "saber" —, todas as outras coisas acorram imediata e maquinalmente à nossa consciência. A nós compete unicamente nos esforçar e procurar sempre, sem descanso. Pois, sempre, toda investigação e ciência são apenas simples recordação [...].

Nessa passagem, ocorre a primeira menção de uma das grandes doutrinas platônicas: a *doutrina da recordação* ou a *teoria da reminiscência*, segundo a qual o conhecimento é recordação do que o indivíduo outrora soube, e que o aprendizado apenas é tal recordação.

Platão passa a demonstrar essa afirmação por meio de Sócrates, usando conceitos matemáticos, que são também utilizados por ele em outras obras.

Na obra em questão, Sócrates leva um escravo de Mênon a concluir a solução de um teorema geométrico, ao perguntar: "Qual o comprimento do lado de um quadrado que tem duas vezes a área de outro dado quadrado?".

Desse modo, usando a técnica dos questionamentos e referindo-se a uma construção adicionada a um diagrama desenhado na areia, Sócrates propicia ao escravo de Mênon compreender que o comprimento perguntado é a diagonal do quadrado inicial.

Segundo a obra, o escravo de Mênon jamais havia sido instruído em qualquer tipo de ciência. Portanto, jamais aprendeu geometria. Sócrates alega, então, que não esteve ensinando ao escravo, mas apenas extraindo o que ele já sabia através de suas interrogações. No final, diz que o rapaz tem apenas uma convicção autêntica, porque ele se assemelha a alguém que acabou de despertar do sono, mas que a convicção poderia ser transformada em conhecimento pela repetição do mesmo procedimento.

No decorrer do diálogo, Sócrates, pela primeira vez, invoca a ideia da **hipótese**, dizendo que, na hipótese de virtude ser conhecimento, este pode ser ensinado. Em seguida, afirma que a virtude é conhecimento, pois depende de sabedoria prática, porém, ao término desse pensamento, lança dúvida sobre a hipótese, dizendo que as pessoas não parecem capazes de ensiná-la. Para ele, existe um substituto para o conhecimento: a convicção autêntica. Se alguém deseja ir a algum lugar, por exemplo, chegará lá se tem autêntica convicção sobre qual é a estrada certa, tenha ou não conhecimento.

Dessa forma, Platão, através de Sócrates, afirma que crenças verdadeiras podem ser transformadas em conhecimento.

Por fim, no último argumento encontrado no diálogo entre Sócrates e Mênon, conclui-se que a virtude é uma opinião verdadeira, que ocorre através de um favor dos deuses.

No diálogo *O banquete*, Platão, novamente através de Sócrates, fala sobre o amor, que, segundo ele, seria “o que move o homem numa dialética ascendente pela procura do ser, do belo e do bem”.

Na *Carta VII*, Platão diz:

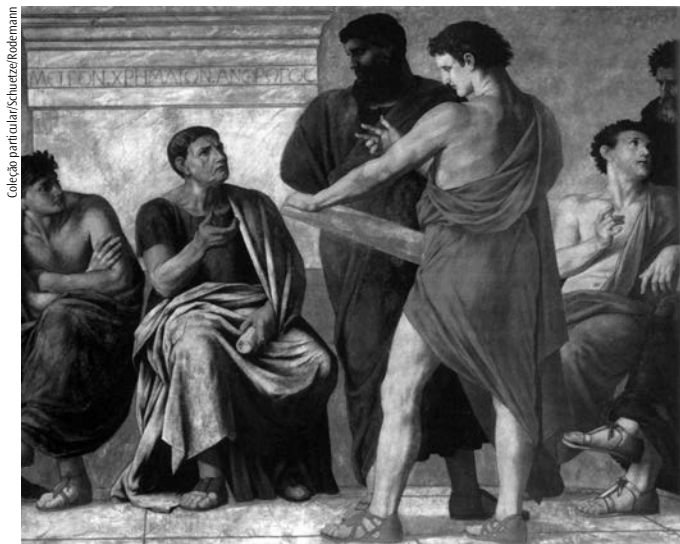
[...] os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos chegue ao poder, ou antes que os chefes das cidades, por uma divina graça, ponham-se a filosofar verdadeiramente.

Dessa forma, percebe-se que, segundo Platão, para haver uma mudança era necessário o conhecimento associado à atividade política e, para se governar bem, era necessário ser filósofo.

## Aristóteles

Aristóteles nasceu no ano 384 a.C., em Estagira, cidade da Macedônia fundada por colonos gregos, e faleceu em 322 a.C. Seu pai era um renomado médico que tinha como cliente Filipe, o rei da Macedônia. Contudo, Aristóteles perdeu o pai muito cedo.

Por volta dos 17 anos de idade, Aristóteles mudou-se para Atenas, tornando-se um estudante. Iniciou os estudos no curso de Isócrates (436 a 338 a.C.) e, posteriormente, estudou na Academia de Platão, durante duas décadas, sendo muito admirado por seu mestre. Consta que, durante todo o período em que lá permaneceu, teve uma atuação bastante expressiva.



*A Escola de Aristóteles, obra de Gustav Adolph Spangenberg.*

Em 347 a.C., Platão faleceu. Em decorrência de sua grande competência, Aristóteles deveria assumir o lugar de seu mestre na Academia. No entanto, isso não ocorreu, pois os atenienses o consideraram um estrangeiro.

Muito entristecido com o ocorrido, Aristóteles deixou a cidade de Atenas e foi para Axos, na Ásia Menor, e, em seguida, para Lesbos (ilha grega localizada no noroeste do mar Egeu), associando-se a Teofrasto e adquirindo, nesse período, quantidade considerável de dados biológicos.

Aristóteles tinha boa reputação junto ao rei da Macedônia, Filipe.

Em 343 a.C., tornou-se professor de Alexandre, filho do rei Filipe. Mais tarde, o aluno seria conhecido como Alexandre, o Grande.

O filósofo deixou de ser professor de Alexandre quando este, em 340 a.C., passou a ser o rei da Macedônia.

Com a ajuda de Alexandre, Aristóteles conseguiu organizar uma grande biblioteca sobre as constituições das cidades gregas e sobre os costumes bárbaros, bem como sobre a história dos animais.

Para Aristóteles, “cada ciência estabelece suas demonstrações a partir de princípios que lhe são próprios, e que são recolhidos na experiência sob a forma de uma completa coleção de fatos naturais”.<sup>6</sup>

Em 335 a.C., Aristóteles retornou para Atenas, fundando sua própria academia, conhecida como Liceu, em homenagem ao templo de Apolo Lício. As aulas de Aristóteles, eram ministradas enquanto caminhava, sendo assim, ele e seu grupo eram chamados *peripatéticos*, que em grego quer dizer *passar, andar em redor*.

Alexandre, o Grande, faleceu em 323 a.C. e, pelo fato de Aristóteles ter sido seu professor e amigo, os atenienses começaram a persegui-lo, fazendo, assim, com que o filósofo abandonasse a cidade, exilando-se em Cálcis, na ilha de Eubeia, na Grécia, falecendo no ano seguinte, em 322 a.C.

Para Aristóteles, a morte de Sócrates havia sido um grande pecado contra a Filosofia. Consta que, ao abandonar Atenas, ele se pronunciou dizendo que, com esse ato, evitava que os atenienses “pecassem duas vezes contra a Filosofia”.

---

<sup>6</sup> André Vergéz e Denis Huisman. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 1988.

Seus cursos eram divididos em duas partes: uma parte pela manhã, para os alunos mais experientes, mais avançados nos estudos — essas aulas eram preparadas e anotadas pelos alunos —, e a outra parte era dada à tarde, para alunos iniciantes.

As aulas ministradas aos alunos iniciantes eram em forma de diálogos, através de perguntas e respostas, mas não havia anotações. Em decorrência disso, restaram para a posteridade as aulas que Aristóteles lecionava pela manhã, as que foram anotadas. Porém, os diálogos e outros registros que Aristóteles fazia em seus cursos se perderam.

Consta que Aristóteles escreveu livros populares, sendo alguns em forma de diálogos do que se conseguiu recuperar apenas fragmentos. Seus pensamentos sobre o bem e as ideias também se perderam. Acredita-se que Aristóteles escreveu 158 constituições das cidades gregas; entretanto, somente se tem registro da Constituição de Atenas.

Acerca desse gênio da Filosofia, encontra-se registrada grande quantidade de assuntos filosóficos dos mais variados títulos. Diversas anotações são de aulas ministradas por Aristóteles, mas anotadas por seus discípulos; há também rascunhos de trabalhos e aulas escritas por outras pessoas.

Aristóteles organizou sua produção em obras teóricas, poéticas e morais. As principais são:

- 1. Obras teóricas:** *A física; O tratado do céu; Os meteoros; O tratado das plantas; A história dos animais; O tratado da alma; A Filosofia primeira ou metafísica.*
- 2. Obras poéticas:** *O organon; As categorias; Da interpretação; Primeiros analíticos; Segundos analíticos; Tópicos; Refutações sofísticas.*
- 3. Obras morais:** *A política; Ética a Nicômaco; A constituição de Atenas; Moral a Eudemo; A grande moral.*

Pelo que se sabe, Aristóteles escreveu mais de cem obras; porém, atualmente restam apenas 47. Contudo nem todas podem ser comprovadas quanto à autoria.

Aristóteles é considerado um grande gênio grego, contribuindo bastante para a divulgação da cultura grega. Seus pensamentos e ideias influenciaram muito a história do pensamento ocidental. É considerado um importante cientista e o maior sistematizador já conhecido.

Para esse grande pensador, o processo de educação ocorria através da imitação, sendo a educação uma arte. Ao imitar a forma de vida de outros, o ser humano se educa, pois atualiza suas energias. De acordo com Aristóteles, o educando é em potência um sábio e, por meio da educação, ele converte em ato aquilo que é passível de receber modificações, de desenvolver. Essas ideias são encontradas na doutrina da potência e do ato de Aristóteles.

Segundo Aristóteles, a educação ocorre por meio de três fatos: *natura*, *ars* e *exercitatio*, sendo o primeiro as disposições naturais, o segundo os meios para aprender e, por último, a prática para se confirmar o que foi aprendido.

Dessa forma, o processo de ensino ocorre em primeiro lugar com o professor, ao expor o conteúdo do conhecimento, que, em seguida, deve ser fixado na mente do aluno. Depois, por meio de exercício, o discípulo deve relacionar as diversas representações ocorridas, dando por fim encerrado o processo educacional.

Enquanto Platão estabeleceu sua teoria em base no mundo das ideias, para Aristóteles, ao contrário, só o homem concreto existe; só o indivíduo concreto é realmente uma substância, um determinismo. Sendo um ser real, cada ser é individual e particular.

Aristóteles desenvolveu a lógica para que servisse como um instrumento para o raciocínio. Ele é considerado o pai da lógica e o inventor do silogismo.<sup>7</sup>

Para a problemática do ser, que fora discutida por Parmênides e Heráclito, Aristóteles propôs uma nova visão do indivíduo, em que devem ser distinguidos o ato, que é aquilo que existe, que é a manifestação atual do ser, e a potência. Ou seja, as possibilidades do ser, são o que não existe, mas que pode vir a existir.

Segundo Aristóteles, a mudança das coisas acontece justamente quando ocorre essa passagem da potência para o ato.

Aristóteles distingue quatro tipos de causas, que para ele são fundamentais e que explicam a determinação da realidade de um ser. São elas:

<sup>7</sup> Silogismo é uma dedução formal em que são postas duas proposições conhecidas como premissas e delas se tira uma conclusão.



1. **Causa material** é aquilo de que uma coisa é feita. Exemplos: o algodão é a causa material do tecido, o petróleo é a causa material da gasolina. É pela causa material que uma coisa se distingue da outra, e não por sua forma ou essência.
2. **Causa formal** é relacionada à natureza específica, à essência da coisa, é aquilo que dá a forma. Por exemplo: uma estátua de uma determinada pessoa é a forma pensada pelo escultor que a executa.
3. **Causa eficiente** é o princípio imediato do movimento, o executor de alguma coisa. Exemplo: Leonardo da Vinci, que pintou o quadro *Monalisa*.
4. **Causa final** é a razão de alguma coisa, o fim pelo qual tudo se organiza. Por exemplo: um pintor que tenha como objetivo mostrar a beleza em sua obra de arte.

Musei Vaticani, Città del Vaticano, Itália



Aristóteles e Platão em detalhe da obra *Escola de Atenas*, afresco de Rafael Sanzio.

Para Aristóteles, a causa formal subordina-se à final, visto a finalidade de algo ser determinada pelo que os seres são. As coisas somente mudam em decorrência da causa final, ocorrendo, assim, a passagem da potência para o ato.

Ele acreditava que a virtude era o equilíbrio entre a abundância e a falta de qualquer atributo humano. Desse modo, segundo esse filósofo, podemos pecar de diversas formas; porém, só existe uma única maneira de sermos virtuosos. “O Mal é da ordem do infinito, o Bem do finito, uma vez que só podemos nos conduzir bem de uma única maneira.”

A importância de Aristóteles é tão grande que, a partir do século XII, seus manuscritos foram levados para os centros da cultura muçulmana, na Europa, principalmente na península Ibérica, e seus textos foram traduzidos do árabe para o latim.

A seguir, apresentamos um trecho do texto “A virtude”, pertencente a uma obra moral: *Ética a Nicômaco*.

Para Aristóteles, o leitor devia ler o texto “não para saber o que é a virtude, mas para tornar-se uma boa pessoa”.

A virtude aparece sob um duplo aspecto: um intelectual e outro moral. A virtude intelectual provém, em sua maior parte, da instrução, da qual ela tem necessidade para se manifestar e se desenvolver; desse modo, ela exige prática e tempo, ao passo que a virtude moral é filha dos bons hábitos; daí se segue que, por uma ligeira mudança, o termo moral tenha se originado do termo costumes. Essa constatação mostra claramente que nenhuma das virtudes morais nasce naturalmente em nós; de fato, nada pode modificar o hábito concedido pela natureza. Por exemplo: a pedra, naturalmente pesada, cai e não pode contrair o hábito contrário, mesmo que a lancemos no ar indefinidamente; o fogo sobe e não poderia descer e o mesmo ocorre com todos os corpos que não podem modificar seus hábitos originais. Não é, portanto, por um efeito da natureza, nem contrariamente a ela que as virtudes nascem em nós; somos naturalmente predispostos a adquiri-las, sob a condição de aperfeiçoá-las por meio do hábito. Ademais, no que se refere a tudo o que nos é dado pela natureza, só recebemos disposições, possibilidades; cabe-nos, em seguida, transformá-las em atos. Isso é visível no que concerne aos sentidos, uma vez que não foi por frequentes sensações da visão e da audição que conseguimos esses dois sentidos; ao contrário, nós já os possuíamos e já os empregáramos; não foi o uso que no-los concedeu. Quanto às virtudes, nós as adquirimos inicialmente pelo exercício, como igualmente acontece nas artes e nos ofícios. O que devemos

executar após um estudo anterior, aprendemo-lo na prática. Por exemplo: é construindo que nos tornamos arquitetos, é tocando cítara que nos tornamos citaristas. Do mesmo modo, é a força de praticar a justiça, a temperança e a coragem que nos torna justos, temperantes e corajosos. Prova disso é o que comumente se passa nas cidades; os legisladores, ao habituá-los, formam os cidadãos na virtude. E essa é a intenção de todo legislador. Todos aqueles que não se dedicam a isso, fracassam em seus objetivos. Visto que é somente por isso que uma cidade difere da outra, e que a boa cidade se distingue da má cidade. Por outro lado, as mesmas causas explicam ainda o nascimento e a alteração de toda virtude, assim como de toda técnica. É pela prática da cítara que se formam os bons e os maus músicos. O mesmo acontece para os arquitetos e os outros especialistas. À força de Bem ou Mal construir, tornamo-nos bons ou maus arquitetos. Se assim não fora, não teríamos a menor necessidade das lições de um mestre e seríamos bons ou maus especialistas de nascença. O mesmo ocorre, portanto, com as virtudes. É por nossas maneiras de observar os contratos com nossos semelhantes que nos tornamos, uns justos, outros injustos. À força de enfrentar situações perigosas e de nos habituarmos ao medo e à audácia é que nos tornamos corajosos ou pusilânimes. No que concerne ao desejo e à cólera, as coisas não se passam de outro modo; uns atingem a temperança e a doçura, outros a intemperança e a irascibilidade, porque a maneira de uns e outros se comportarem é diferente. Numa palavra, atividades semelhantes criam disposições correspondentes. Desse modo, é-nos necessário exercer nossas atividades de maneira determinada, pois as diferenças de conduta engendram hábitos diferentes. A maneira como alguém é educado não tem, nessas condições, a menor importância. Que digo? Essa importância é extrema, é absolutamente essencial!

O texto “As quatro causas”, foi extraído da obra *Física*, de Aristóteles, analisando as características gerais dos fenômenos naturais: causa, mudança, tempo, lugar, infinidade e continuidade. Leia um trecho:

Num sentido, a causa é aquilo de que uma coisa é feita e que lhe permanece imanente; o bronze, por exemplo, é causa da estátua. Em outro sentido, ela é aquilo de que advém o primeiro começo da mudança ou do repouso; o autor de uma decisão, por exemplo, é causa, o pai é causa do filho e, em geral, o agente é causa daquilo que é feito, o que produz a mudança do que é mudado. Em último lugar, é o fim, isto é, a causa final; a saúde, por exemplo é causa do passeio; de fato, por que ele passeia? É por causa de sua saúde, diremos. Com essa resposta, pensamos ter dado a causa. Entenda-se: também pertence à própria causalidade tudo aquilo que, movido por algo que não si mesmo, é intermediário entre esse motor e o fim; no caso da saúde, por exemplo, o emagrecimento, a purgação, os remédios e os instrumentos, pois todas essas coisas visam a um fim e só diferem entre si como ações e instrumentos.

## Helenismo

O período filosófico após a morte de Aristóteles e o início da Filosofia medieval é pouco nítido. Esse período é conhecido historicamente como **helenismo**.

Nessa fase da Filosofia não há mais poucos e grandes filósofos; ao contrário, surgem várias escolas com diferentes pensamentos dogmáticos.

Antes de conhecer os valores do cristianismo, que viria no futuro, quatro correntes de pensamento se destacaram: os cínicos, os cétricos, os estoicos e os epicuristas.

### Os cínicos

Segundo alguns pesquisadores, o cinismo surgiu em Atenas, por volta de 400 a.C., e o fundador dessa escola é Antístenes (cerca de 444 a 365 a.C.), mas o filósofo cínico mais expressivo foi Diógenes de Sínope.

Eles realizavam uma particular interpretação de parte dos ensinamentos de Sócrates. O cinismo representava uma Filosofia de vida e pregava o desapego aos bens materiais.

Mais tarde, a palavra *cínico* ganharia conotação depreciativa porque imaginava-se que os seguidores dessa escola fossem despudorados e que não se incomodavam com o sofrimento alheio; mas, na verdade, a essência dessa Filosofia era a **virtude moral**, que poderia ser obtida eliminando o que é superficial e tudo o que fosse exterior.

### Os cétricos

O fundador do ceticismo antigo foi o filósofo grego Pirro de Élide (360 a 275 a.C.).

Ceticismo é uma doutrina filosófica cujos seguidores acreditavam que não se pode conhecer a verdade, pois, segundo suas hipóteses, ela não existia.

O ceticismo se opõe ao dogmatismo, que, de certa forma, é uma espécie de fundamentalismo, pois se estrutura em dogmas que expressam verdades absolutas, não passíveis de críticas ou de questionamentos. Para os cétricos, "tudo é falso".

Os céticos procuravam mostrar que toda afirmação pode ser inconsistente. Para eles, os conceitos e juízos eram convenções sociais. Assim, não haveria grande ou pequeno, mau ou bom... tudo era apenas convenções, costumes humanos. Desse modo, nessa corrente, todo juízo de valor deveria ser evitado, nada poderia ser negado nem afirmado; a apatia e a insensibilidade predominavam.

## Os estoicos

Por volta de 300 a.C., Zenão de Cítio (cerca de 340 a 264 a.C.) fundou, em Atenas, a escola estoica, cujas raízes tinham base no pensamento de Sócrates.

Os estoicos consideravam que a virtude é baseada no conhecimento e a razão é o princípio que rege toda a natureza.

Divulgavam a ideia de que todas as pessoas eram parte de uma mesma razão universal e contestavam a ideia de que só os filósofos podiam atingir a verdade. Desse modo, divulgavam direitos e incentivavam a fraternidade entre as pessoas. Para os estoicos, uma vida boa era uma vida virtuosa.

Eles criam que faziam parte de um plano divino.

Entre os estoicos estão o filósofo Cícero (106 a 43 a.C.) e o relevante poeta Sêneca (4 a.C. a 65 d.C.), que preferiu morrer a tomar parte dos crimes praticados por Nero, o imperador romano.

Musée du Louvre, Paris



Sêneca, em obra de Ghent e Berruguete.

## Os epicuristas ou epicureus

Cerca de 300 a.C., Epicuro (341-270 a.C.) fundou, em Atenas, a escola dos epicureus, cuja doutrina propunha o prazer como primórdio para a felicidade. Ou seja, o prazer era o único objetivo essencial na vida.

Apesar de bastante diferentes dos estoicos, os epicuristas também se inspiravam em Sócrates.

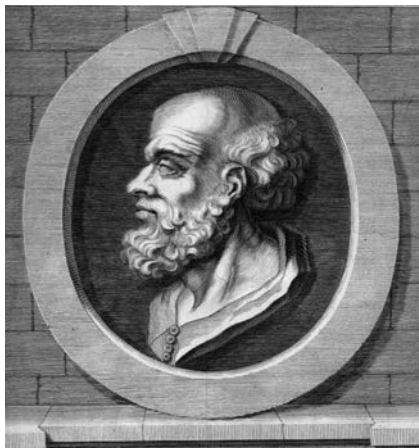
O lema dos epicuristas era “Não se preocupe, seja feliz”. Na escola de Epicuro havia a seguinte frase: “O prazer maior é o bem”.

Epicuro se utilizava da teoria de Demócrito contra a religião e a superstição.

Os filósofos dessa escola acreditavam que os corpos humanos eram apenas uma junção aleatória de átomos que se isolariam uns dos outros com a morte do indivíduo.

Os epicuristas evitavam a dor, as inquietações, o estresse, a vida pública e envolvimento emocional mais profundos. Para eles, o mandamento era: “viver o momento”.

Coleção particular



Epicuro

## O neoplatonismo e a escola de Alexandria

Os cínicos, os estoicos e os epicureus tiveram como ponto de partida e/ou referência os ensinamentos de Sócrates; contudo, a corrente mais importante do final da Antiguidade foi o **neoplatonismo**, inspirada em Platão.

A escola de Alexandria foi fundada por Amônio Sacas (175 a 242 d.C.), um estivador grego considerado um importante filósofo, que pretendia sintetizar as ideias de Platão. Ele afirmava que a alma é **una**, sendo conservada essa unidade em todas as partes do corpo. Seus discípulos foram Orígenes, Longino, Herênio e Plotino.

Amônio Sacas não deixou nada escrito; sua doutrina foi compilada, mais tarde, por seu discípulo Plotino.

O neoplatonismo é conhecido como o período do platonismo que se seguiu ao novo impulso dado pelos pensamentos de Plotino, que o iniciou.

Os neoplatônicos acreditavam que o Mal não tinha existência no mundo, o que existia era apenas a ausência do Bem. Para eles, a perfeição e a felicidade eram adquiridas pela contemplação filosófica.

O período dos neoplatônicos é o último da Filosofia antiga. Naquela época, os pensadores já não se encontravam mais em Atenas, e sim em Alexandria<sup>8</sup>, no Egito.

Alexandria era uma grande cidade para a época. Lá, se encontravam diversos intelectuais.

A cidade era habitada por egípcios, gregos, judeus e romanos. Nesse sentido, os neoplatônicos foram influenciados por várias culturas, e pelo fervor religioso, apesar do ceticismo e do materialismo dos epicuristas.

### Plotino

Plotino nasceu no Alto Egito, na cidade de Lícopes, em 204 d.C., porém, sua ascendência é grega. Durante cerca de onze anos estudou Filosofia com o mestre Amônio Sacas, na cidade de Alexandria.

<sup>8</sup> Alexandria era o nome da cidade fundada, no Egito, em 331 a.C. por Alexandre, o Grande, que prosperou e foi bem-sucedida econômica e culturalmente, abrigando museu e biblioteca, além de vários pensadores importantes da época.

Após esse período, acompanhou o exército do imperador Gordiano III (224 a 244 d.C.) numa fracassada expedição contra os persas.

Na Pérsia, Plotino teve contato com a Filosofia persa e indiana. Após a derrota do imperador Gordiano III, Plotino retornou com o imperador para Roma, na Itália, passando inicialmente por Antioquia, na Turquia. Em Roma, fundou sua escola e lá permaneceu por 25 anos, falecendo no ano 270 d.C.

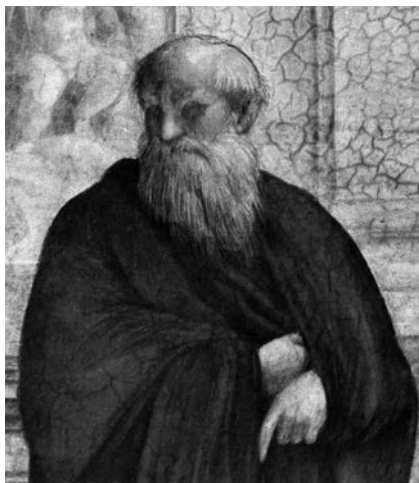
Plotino foi apoiado pelo imperador Galieno (218 a 268 d.C.) e por diversas outras pessoas consideradas ilustres.

Os principais discípulos de Plotino foram Amélio e Porfírio; este último anotou e publicou seus cursos.

Sua obra compreende 54 tratados, que foram agrupados nas Enéadas, que constituíam seis grupos de nove tratados cada.

A primeira **Enéada** trata do homem e da moral. A segunda, do mundo e das leis físicas. A terceira, do destino e da providência. A quarta, da alma. A quinta, da inteligência e, por fim, a sexta trata do ser e do uno.

Musei Vaticani, Città del Vaticano, Itália



Plotino



A doutrina de Plotino fundamenta-se em três hipóstases<sup>9</sup> ou três realidades eternas: o **uno**, a **inteligência** e a **alma**.

O uno de Plotino não é Deus. É sim a fonte inebriante de todo ser e de todo pensamento. “É aquilo de que promana toda existência, toda vida e todo valor, mas ele próprio é de tal ordem que nada podemos afirmar a seu respeito, nem a vida, nem a essência; é superior a tudo e fonte absoluta de tudo.”

Para Plotino, o uno é “a causa produtora da essência e da essência que se basta a si mesma, sem que ele mesmo seja essência, pois está além da essência e dos seres que se bastam a si mesmos”.

Portanto, o uno, de acordo com o filósofo, tem um grande fervor, um grande entusiasmo; sendo vivo e dinâmico, está nos pensamentos e sentimentos, se constitui, na verdade, em um êxtase.

De acordo com Plotino, a Inteligência é derivada do uno, e acrescenta uma forma à realidade, sendo harmoniosa, coerente e bela.

Para esse filósofo, a alma é fruto da inteligência, é a intermediação entre o mundo sensível e a inteligência. Plotino defendia que todas as almas procedem dessa grande alma, que seria universal. Para ele, a nossa alma humana nada mais é que uma pequena parte do Deus que existe em todos nós.

Embora tivessem decorrido cinco séculos da morte de Platão até a época de Plotino, este considerava-se fiel às ideias de Platão. No entanto, o platonismo sofreu influências do aristotelismo (reunião das ideias e da doutrina de Aristóteles) e do estoicismo (escola filosófica que se caracteriza, sobretudo, pela consideração do problema moral), tornando-o bastante diverso de sua doutrina original.

Leia a seguir um trecho do texto *Do bem ou do uno*, no qual o filósofo trata da grandeza da unidade.

É pelo uno que todos os seres têm existência, tanto as substâncias que são seres no primeiro sentido da palavra, quanto os atributos que, como se diz, estão nos seres. Que ser existiria se não fosse um? Separados da unidade, os seres não existem. O exército, o coro, o rebanho não existirão se não forem um exército, um coro, um rebanho. A casa e o navio, eles próprios, não seriam se não possuíssem unidade; pois a casa é uma casa e o navio um navio, e se perdessem a unidade não mais haveria

<sup>9</sup> Hipóstases, do grego *hypostasis*, significa *subsistência, realidade*.

casa nem navio. Também as grandezas contínuas não existiriam se a unidade não lhes pertencesse; divide-se uma grandeza? No momento em que perde esse atributo de unidade, ela muda de ser. O mesmo ocorre com as plantas e os animais; cada um deles é um só corpo; mas, se lhe escapa a unidade e se fragmenta em partes múltiplas, ele perde o ser que possuía e não é mais o que era; transforma-se em outros seres que quantos o sejam, são, cada um, um ser.

Há saúde, quando há unidade de coordenação no corpo, beleza, quando a unidade mantém unidas as partes, virtude, quando a união das partes, na alma, atinge a unidade e a concordância. Que é, então, a alma que, fabricando o corpo, modelando-o, dando-lhe a forma e a ordem, tudo reduz à unidade? Será preciso remontar até ela e dizer que é ela que é o uno? Ou então, do mesmo modo que ela fornece aos corpos outras propriedades, sem ser ela própria aquilo que dá (ela lhes fornece a forma e a ideia, por exemplo, que são diferentes dela), se ela lhes dá unidade, será preciso crer que essa unidade por ela fornecida é diferente dela e que ela faz de cada ser um ser, contemplando o uno, do mesmo modo que faz um homem que contempla o homem ideal que nessa contemplação recolhe o que nele há de unidade? Pois cada um dos seres do qual se diz que é um ser, é um na medida em que seu ser o comporta; quanto menos for, menos unidade terá e quanto mais for, tanto maior sua unidade. É certo que a alma, que é diferente do uno, tem mais unidade na medida em que tem mais ser, mas ela própria não é uno. A grandeza descontínua, como um coro, está muito longe do uno; a grandeza contínua está mais próxima dele; a alma participa dele muito mais ainda. Poder-se-á reduzir a alma e o uno ao mesmo plano, sob pretexto de que a alma não poderia existir sem ser uma? Mas, de início, todos os seres só existem com a unidade e, no entanto, o uno é diferente deles; o corpo não é o mesmo que o uno, mas participa dele. Em seguida, essa alma única é múltipla, embora não seja feita de partes; mas há nela várias faculdades como a de raciocinar, a de desejar, a de perceber, unidas pelo uno como se fora um elo. Por conseguinte, alma, ser uno, introduz a unidade nos seres, mas ela própria a recebe da ação de um outro ser.

## Porfírio

Porfírio nasceu em Tiro no ano 232 d.C. e faleceu em 304 d.C.

Em 263, esteve em Roma, tornando-se, então, discípulo de Plotino. Viveu nessa cidade até o ano 269 d.C., quando viajou para a Sicília, também na Itália, lá permanecendo por vários anos. Em sua volta a Roma, assumiu a escola de Plotino, que havia falecido, e organizou seus trabalhos.

O grande discípulo de Porfírio foi Jâmblico (245 a 325 d.C.).

Porfírio explicou a lógica de Aristóteles e o neoplatonismo de Plotino. Foi opositor do cristianismo, escreveu as obras *Contra os cristãos*, organizada em 15 livros, e *Introdução*, na qual expõe elementos para o leitor entender a obra *Categorias*, de Aristóteles.



Porfírio

Era um defensor do vegetarianismo, escrevendo sobre o assunto no livro *Da abstinência do alimento animal*. Escreveu ainda sobre astrologia, teoria musical e astronomia, além de uma biografia sobre Pitágoras.

## O fim da Filosofia grega

Durante muito tempo, o cristianismo<sup>10</sup> e as ideias platônicas e neo-platônicas, apesar de divergentes, viveram em harmonia. Porém, o politeísmo<sup>11</sup> neoplatônico a cada dia era mais atacado pelo cristianismo.

Desse modo, os neoplatônicos se viam ameaçados pelo cristianismo, que, com o decorrer dos séculos, foi se tornando forte e duradouro, e vigora até os dias atuais.

Os filósofos gregos antigos tentaram combater o cristianismo; contudo, o culto ao paganismo<sup>12</sup> não foi restabelecido. Perseguidos,

<sup>10</sup> O tema *cristianismo* é abordado no próximo capítulo.

<sup>11</sup> Politeísmo é a religião em que há pluralidade de deuses.

<sup>12</sup> Paganismo é qualquer religião onde não se adota o batismo cristão.

resolveram retirar-se para Atenas, cidade que inicialmente fora o esplendor da Filosofia. Lá, continuaram a divulgar suas ideias, sendo seus expoentes nesse período Proclo e Damáscio, durante os séculos V e VI.

### **Proclo**

Proclo nasceu em Bizâncio, em 412 d.C., e faleceu em 485 d.C. Foi aluno de Olimpíodoro (390 a 460 d.C.) em Alexandria. Ao se mudar para Atenas foi influenciado por Plotino e Jâmblico. Escreveu as obras *Timeu* e *Parmênides*, além de *Teologia segundo Platão*.

Desenvolveu a doutrina ternária de Plotino e a ela acrescentou certa simbologia, renovando os deuses do paganismo. Para esse pensador, dentro da inteligência existem as unidades inteligíveis, inteligíveis-intelectuais e puramente intelectuais. Encontram-se na alma as potências demiúrgicas, conservadoras, zoogônicas e anagógicas.

### **Damáscio**

Damáscio escreveu *Dos primeiros princípios*. Ele acreditava que tudo é em número de três, por isso escreveu em sua obra:

Assim, pois, nossa alma, por um instinto de adivinhação profética, percebe que existe um princípio de tudo, de qualquer maneira que se conceba este tudo; tal princípio está acima do todo e não se compõe num mesmo sistema com o todo... Não se deve dar nenhum nome, não é possível concebê-lo nem pensá-lo...

Nesse período, os filósofos eram mal vistos pelo imperador e, por isso, foram buscar refúgio junto a Cósroes, o rei da Pérsia, para onde foram os filósofos Damáscio, Simplicio, Eulâmio, Priscino, Ermeias, Diógenes e Isidoro. Chegando lá, não encontraram o que procuravam, ou seja, a sabedoria; também não se acostumaram aos costumes persas, entre eles o do adultério.

Entristecidos, voltaram para Atenas e, por influência de Cósroes, não foram mais perseguidos. Porém, no ano 529 d.C. um decreto do imperador Justiniano (527 a 565 d.C.), impõe o fechamento da escola de Atenas, chegando assim ao fim a Filosofia grega.

A Filosofia grega é a base de toda a Filosofia existente hoje. Ela perdurou por um milênio e formulou questões ainda não respondidas pelos pensadores contemporâneos.

Platão, Sócrates, Aristóteles e tantos outros filósofos ainda são estudados atualmente e, ao longo do tempo, influenciaram todo o pensamento ocidental. As questões levantadas durante a época do esplendor da Filosofia grega foram retomadas durante a Idade Média e também no século XVI, quando ocorreu um reavivamento do neoplatonismo.

1. (Concurso Secretaria da Educação do Ceará) A preocupação de Tales de Mileto foi demonstrar que a substância que dera origem ao mundo natural é o(a):
  - a) fogo
  - b) terra
  - c) ar
  - d) água
2. (Concurso Secretaria da Educação do Ceará) São considerados falsos sábios e vendedores ambulantes de um falso saber os:
  - a) estoicos
  - b) eleáticos
  - c) sofistas
  - d) epicuristas
3. (Faetec-RJ) A via da razão de Parmênides, enunciada na sentença “o ser é, o não ser não é”, expressa:
  - a) o arcabouço lógico da harmonia oculta que se manifesta na tensão dos opostos.
  - b) a revelação mitológica de uma deusa acima de qualquer possibilidade do pensar racional.
  - c) a concordância do eleatismo com todas as doutrinas dos filósofos pré-socráticos anteriores.
  - d) a recusa de que os sentidos possam conduzir à verdade.
4. As vias para a compreensão da realidade, segundo Parmênides, são:
  - a) via da essência e da aparência enganosa.
  - b) via da aparência enganosa e do devir.
  - c) via da realidade e da essência.
  - d) via da opinião pessoal e da aparência enganosa.
5. (UFU-MG) Abaixo, temos um fragmento do poema de Parmênides e uma breve análise de sua obra por Gerd Bornheim.

E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não é — isto é impossível — nem expressá-lo em palavra.

Fragmento do poema de Parmênides. Em: Gerd Bornheim.  
*Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1989.

O poema de Parmênides nos oferece — ao lado dos fragmentos de Heráclito — a doutrina mais profunda de todo pensamento pré-socrático. Mas é também a de

mais difícil interpretação. O poema se divide em três partes: o prólogo, o caminho da verdade e o caminho da opinião. [...] No fim do prólogo, o poema distingue “o coração inabalável da verdade bem redonda”, das “opiniões dos mortais”.

Gerd Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1989.

**De acordo com o pensamento de Parmênides, assinale a alternativa correta.**

- a) O caminho da verdade afirma que o ser é, e que o não ser é necessário.
- b) O caminho da verdade e o caminho da opinião são os mesmos, porque tudo é um eterno devir.
- c) Há dois caminhos, o primeiro conduz à verdade, enquanto o segundo não é passível de investigação.
- d) É possível investigar, conhecer e expressar o não ser, porque é do conjunto das opiniões dos mortais que nasce a verdade.

**6. (UFU-MG) O trecho do fragmento seguinte constitui a mais célebre afirmação atribuída a Heráclito.**

Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, segundo Heráclito, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição...

Heráclito. Em: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.  
Coleção Os pensadores.

**A partir do fragmento, escolha a explicação correta para a questão do “fluxo” na Filosofia de Heráclito:**

- a) O fluxo do rio representa a condição mortal do homem e a metempsicose. Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois o homem, substância mortal, morre e renasce sucessivamente em vidas distintas. Só se pode entrar no mesmo rio uma única vez, na mesma condição, ou seja, com a mesma substância mortal.
- b) O fragmento enfatiza o fato de que todas as coisas, representadas pelo rio, mudam de maneira caótica e desordenada, fazendo com que o conhecimento seja totalmente impossível. Como nada permanece o mesmo, pode-se inferir que nada é, nem pode ser dito e nem mesmo pode ser pensado, visto que o *logos* não existe.
- c) O fluxo, representado pelo rio, indica o parentesco de toda a Natureza com a substância mortal. Todas as coisas se tornam água, que, para Heráclito, é o princípio primordial no qual todas as coisas se convertem e que configura todas as mudanças. O fluxo do rio indica que a condição de todas as coisas é determinada pela água como substância mortal.
- d) O fragmento enfatiza que a estrutura e, portanto, a identidade de um rio se mantém a mesma, embora sua substância esteja em contínua mudança. Um aspecto unitário é mantido, enquanto o conteúdo material é constantemente perdido e trocado. A imagem do rio expressa a coexistência de uma estrutura contínua num processo de fluxo.

7. (UEM-PR) Sócrates representa um marco importante da história da Filosofia; enquanto a Filosofia pré-socrática se preocupava com o conhecimento da natureza (*physis*), Sócrates procura o conhecimento indagando o homem. Assinale a alternativa que contém uma afirmação incorreta.
- a) Sócrates, para não ser condenado à morte, negou, diante dos seus juízes, os princípios éticos da sua Filosofia.
  - b) Discípulo de Sócrates, Platão utilizou, como protagonista da maior parte de seus *Diálogos*, o seu mestre.
  - c) O método socrático compõe-se de duas partes: a maiêutica e a ironia.
  - d) Sócrates, ao afirmar que só sabia que nada sabia, queria, com isso, sinalizar a necessidade de adotar uma nova atitude diante do conhecimento e apontar um novo caminho para a sabedoria.
8. (Faetec-RJ) No diálogo *O banquete*, Platão apresenta, pela palavra de Sócrates, o amor como:
- a) um deus que se deve reverenciar e preservar pelo valor sagrado do mito.
  - b) o que move o homem numa dialética ascendente pela procura do ser, do belo e do bem.
  - c) plenitude da qual tudo o que é belo participa e que instaura as relações políticas entre os homens.
  - d) aquilo que introduz a ordem no cosmo, ao aproximar os semelhantes e afastar os dessemelhantes.
9. (Faetec-RJ) Para Aristóteles, a substância por excelência, entendida em seu sentido mais próprio, é (são):
- a) um composto hilemórfico de ato e potência.
  - b) cada uma das características acidentais do ser.
  - c) um determinado ser real, cada ser individual e particular.
  - d) a justaposição da forma à matéria, princípio de todas as essências universais.
10. (Fuvest-SP) Durante muito tempo desconhecidos na Europa Medieval, os textos de Aristóteles se difundiram a partir do século XII. Suas obras chegaram ao Ocidente europeu por intermédio:
- a) de manuscritos gregos, preservados na Biblioteca do Vaticano e, durante longo tempo, mantidos em segredo pela Igreja.
  - b) dos monges beneditinos da Europa continental, que preservaram a cultura clássica em seus mosteiros.
  - c) de sacerdotes bizantinos, que frequentavam as cortes reais da Europa e as grandes cidades do Ocidente.
  - d) dos centros de cultura muçulmanos, sobretudo da península Ibérica, cujos manuscritos, em árabe, foram traduzidos para o latim.
  - e) dos venezianos e cavaleiros de França, que atacaram Constantinopla em 1204 e de lá trouxeram os manuscritos originais.



- 11. (Insaf-PE)** Ao “conhece-te a ti mesmo”, de Sócrates, podemos ligar:
- a) o conhecer os próprios limites e o fazer uso do método da maiêutica.
  - b) o “penso, logo existo” e a evocação do mundo das ideias eterno.
  - c) a consciência racional e a dialética como tese, antítese e síntese.
  - d) o amor próprio ligado à razão e à dialética do mundo das ideias.
  - e) o conhecimento do mundo interior e exterior e a meditação silenciosa.
- 12. (Concurso Secretaria da Educação do Ceará)** Sobre a presença de Sócrates, no contexto cultural de Atenas, é conveniente considerar:
- a) De todos os diálogos escritos por Sócrates, Platão é o personagem principal.
  - b) A preocupação da especulação socrática é o Cosmo.
  - c) “Sei que nada sei” é o ponto de partida das indagações socráticas.
  - d) Sócrates não está preocupado com a verdade.
- 13. (Concurso Secretaria da Educação do Ceará)** No início do Livro VII, de *A república*, Platão apresenta um diálogo no qual Sócrates leva o discípulo Glauco a refletir sobre a essência e a aparência. Tal narrativa ficou conhecida como:
- a) alegoria da caverna
  - b) alegoria da carruagem dos dois cavalos
  - c) diálogo do terceiro excluído
  - d) apologia de Sócrates
- 14. (UFU-MG)** Platão, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, fundador da Academia, é, até hoje, um dos filósofos mais importantes da história da Filosofia. Círculos culturais e intelectuais no mundo inteiro dedicam-se a estudar sua obra.

Sobre o modo como Platão expressou seu pensamento, assinale a alternativa correta.

- a) Platão jamais escreveu textos filosóficos.
- b) Platão escreveu textos filosóficos na forma de romances.
- c) Platão escreveu textos filosóficos na forma de poesias.
- d) Platão escreveu textos filosóficos na forma de diálogos.

## ***Descomplicando a Filosofia***

(Concurso da Secretaria da Educação do Ceará) A máxima “O homem é um animal político” identifica o seguinte pensador:

- a) Platão
- b) Aristóteles
- c) Héráclito de Éfeso
- d) Sócrates

### **Resolução e comentários**

Por circunstâncias de sua vida, Platão tinha um grande interesse pela política; mas, em sua época, era perfeitamente compreensível esse interesse. Os gregos, na Antiguidade, tinham sua vida cultural ligada aos acontecimentos da cidade-Estado. As cidades eram motivo de orgulho para os gregos.

*Pólis*, além de ser uma expressão geográfica, também era uma expressão política, e designava o local da cidade, assim como a população que se submetia àquela soberania. Dessa forma, o grego acreditava ser, antes de tudo, um animal político que se realizava como cidadão na cidade, nas praças públicas.

Portanto, a resposta esperada está na alternativa **a**.



# 4

## Filosofia medieval

Deus e as coisas que são de Deus são em tudo melhor.

Platão

Para melhor entender os acontecimentos no campo da Filosofia referentes à era medieval, é necessário compreender alguns fatos que os precederam.

### O cristianismo

O **cristianismo** começou no século I, ainda na Antiguidade, e é uma religião monoteísta extremamente importante para a história das religiões, devido à sua influência em vários períodos históricos e à sua disseminação em todo o mundo.

O cristianismo é constituído pelo conjunto das religiões cristãs que se baseiam na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Os registros referentes à vida e aos ensinamentos de Jesus Cristo encontram-se nos evangelhos bíblicos.

Any Nicola/Dreamstime



Mosaico em que aparece Jesus Cristo.



Evangelhos são os quatro primeiros livros do Novo Testamento na *Bíblia*. Eles relatam a vida e a obra de Jesus.

A palavra *evangelho* significa *boas novas* ou *boas notícias*.

Durante o reinado do imperador Augusto (63 a.C. a 14 d.C.), na província romana de Belém, na Galileia, nasceu Jesus de Nazaré, filho de Maria e José.

Jesus pertencia a uma família humilde e teve uma vida comum até os trinta anos, quando foi batizado nas águas do rio Jordão por João Batista, primo e profeta precursor de Jesus, que peregrinou anunciando a vinda do mestre.

A partir dos 30 anos de idade, Jesus iniciou seu ministério de pregação e peregrinação, anunciando as boas novas do Reino do Céu.

Os ensinamentos de Jesus eram morais e espirituais, entre os quais destacam-se, sobretudo, o amor a Deus e o amor ao próximo. Ele pregava também a igualdade entre os homens, o respeito às instituições governamentais e propunha a paz.

Os cristãos consideram a vida de Jesus um exemplo a ser seguido e acreditam que ele é o Filho de Deus que veio à Terra, sob a forma humana, ou seja, esvaziado da forma divina, para libertar os seres humanos do pecado e oferecer a eles a oportunidade de vida eterna através do seu sacrifício — a morte na cruz — e de sua ressurreição, fatos presenciados pelos seus seguidores.

Desse modo, a salvação espiritual é oferecida gratuitamente, mas os seres humanos têm o livre-arbítrio<sup>13</sup> para desejá-la ou não.

Para os cristãos, aquele que deseja essa salvação deve reconhecer que a morte de Jesus foi um sacrifício em prol da humanidade e deve buscar Deus na figura de Jesus, aceitando-o como salvador e senhor de sua vida, pois creem que sentir a presença de Deus é uma experiência transformadora e sobrenatural, acima da realidade da natureza humana.

<sup>13</sup> Livre-arbítrio é a liberdade humana de determinar suas próprias escolhas.



*Jesus com seus discípulos*, em têmpera sobre madeira de Duccio di Buoninsegna.

Ao longo de seu ministério, Jesus conseguiu grande número de seguidores. Além da multidão que o acompanhava e de seus seguidores mais próximos, destacavam-se doze homens: seus apóstolos.

Os quatro evangelhos bíblicos foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João, e recebem o nome dos autores.

As ideias de igualdade e fraternidade pregadas por Jesus não foram aceitas pela classe dominante, pelos doutores da lei e pelos líderes religiosos da época, que logo acusaram-no de conspirar e não reconhecer a divindade do imperador Júlio César.

A maior parte das autoridades religiosas da época classificava como blasfêmias os ensinamentos de Jesus, pois considerava que ele ultrajava o judaísmo.

Por trinta moedas, um dos apóstolos, Judas Iscariotes, traiu Jesus, revelando o local em que ele estava. Mais tarde, arrependido, Judas se enforcou.

Após a traição de Judas, Jesus foi capturado e submetido a um julgamento através do qual foi condenado pelo povo à crucificação, punição vergonhosa destinada apenas a delinquentes e assassinos da época.

Antes de ser pregado a uma cruz, Jesus foi torturado e humilhado pelos soldados romanos com o consentimento também dos principais líderes religiosos.



*A Crucificação, obra de Hans Menling.*

De acordo com os relatos bíblicos, no terceiro dia após a morte, Jesus ressuscitou e saiu da gruta onde seu corpo havia sido colocado. Para os cristãos, a ressurreição é a marca da vitória de Jesus sobre a morte e sobre o mal.



*Ascensão de Cristo, óleo de Garofalo.*

Após a morte de Jesus, seus discípulos se espalharam pelas regiões do Mediterrâneo, fundando várias comunidades.

Os imperadores romanos perseguiram os seguidores de Jesus durante muito tempo, mas, apesar disso, o cristianismo foi se desenvolvendo cada vez mais e conquistando novos adeptos, principalmente entre os mais pobres, entre os oprimidos.

Com o decorrer do tempo, essa perseguição tornou-se mais suave e, em 312 d.C., com a conversão do imperador Constantino, os cristãos conquistaram sua liberdade religiosa, através do Édito de Milão.

Em 391, o imperador Teodósio (346 a 395) proibiu cultos pagãos em Roma, passando a ser o cristianismo a religião oficial do Império Romano.

O cristianismo espalhou-se pelo mundo, sendo hoje a religião que tem o maior número de adeptos.

Atualmente, o cristianismo está dividido em diversos ramos, sendo os principais o *catolicismo*, a *ortodoxia* e o *protestantismo*. Apesar dessas ramificações, todas as vertentes baseiam sua fé na crença em Jesus Cristo, o filho de Deus, e em seus ensinamentos; no entanto, divergem em outros pontos.

## **Fundamentos do cristianismo**

Os cristãos são monoteístas, ou seja, acreditam em um único Deus. Para eles, Jesus Cristo é o Messias, filho de Deus, que foi enviado à Terra para salvar todos os homens, e assim libertá-los do pecado.

O principal ensinamento de Jesus é o amor, como se pode notar em suas palavras a seguir:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande primeiro mandamento.

O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Jesus Cristo. *Bíblia Sagrada*. Evangelho de Mateus, capítulo 22, versículos 37 a 40.





Jesus curando um cego.

Os cristãos acreditam na ressurreição — baseados no fato de que o próprio Jesus ressuscitou —, na promessa de salvação e na vida eterna. Também pregam o amor, a misericórdia, a fraternidade e o perdão.

Conforme os ensinamentos de Jesus, o cristão deve ser humilde, não deve julgar para não ser julgado, não deve fazer mal aos outros e deve ser caridoso até mesmo para com os adversários.

O livro sagrado do cristianismo é a *Bíblia*, que se divide em Antigo Testamento (a parte que relata a história e trajetória dos judeus) e Novo Testamento (que narra a vida de Jesus).

Todos os livros do Novo Testamento foram escritos após a morte de Jesus Cristo. Essa parte da *Bíblia* contém os evangelhos de *Matheus*, *Marcos*, *Lucas* e *João*; um livro chamado *Atos dos apóstolos*, diversas epístolas (ou cartas) direcionadas a igrejas ou a líderes e o *Apocalipse*.

Todas as festividades do cristianismo estão ligadas à vida de Jesus, destacando-se:

- **Natal:** celebração do nascimento de Jesus, sendo comemorado mundialmente no dia 25 de dezembro.
- **Sexta-feira Santa:** celebração da paixão de Jesus Cristo, dia em que ele foi morto.
- **Páscoa:** encerramento da Semana Santa e celebração da ressurreição de Jesus.
- **Corpus Christi:** celebra-se a presença do corpo de Cristo na Eucaristia ou Santa Ceia, pela simbologia da mudança da substância do pão (simbolicamente, o corpo de Cristo) e do vinho (simbolicamente, o sangue de Jesus).
- **Pentecostes:** é celebrado cinquenta dias após a Páscoa, recordando a descida e/ou o envio do Espírito Santo.

O trecho a seguir foi retirado do evangelho de *Marcos*, na *Bíblia Sagrada*, e relata um dos milagres realizados por Jesus no início de seu ministério, quando uma multidão havia se reunido à beira do lago Kineret ou Mar da Galileia, em Cafarnaum, vindo de diversas cidades, para ouvir seus ensinamentos.

#### A primeira multiplicação dos pães

E Jesus, saindo do barco, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas.

E, como o dia fosse já muito adiantado, os seus discípulos se aproximaram dele, e lhe disseram:

— O lugar é deserto, e o dia está muito adiantado. Despede-os, para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas, e comprem pão para si; porque não têm o que comer.

Ele, porém, respondendo, lhes disse:

— Dai-lhes vós de comer.

E eles disseram:

— Iremos nós, e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer?

E ele disse-lhes:

— Quantos pães tendes? Ide ver.

E, sabendo-o eles, disseram:

— Cinco pães e dois peixes.

E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em ranchos, sobre a erva verde.



E assentaram-se repartidos de cem em cem, e de cinquenta em cinquenta.

E, tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos.

E todos comeram, e ficaram fartos.

E levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.

E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens.

## **Cristianismo e Filosofia**

Muitas são as discussões acerca da ligação entre cristianismo e Filosofia, ou seja, do cristianismo filosófico.

Para alguns especialistas o cristianismo é uma Filosofia, enquanto outros defendem a ideia contrária, afirmando que o cristianismo não é uma Filosofia.

Sabe-se que a Filosofia baseia-se na razão e o cristianismo origina-se da palavra de Deus e ensinamentos de Jesus, transcritos na Bíblia.

No cristianismo, ao morrer e ressuscitar, Jesus Cristo tornou-se o redentor dos seres humanos. Na Filosofia, contudo, existe uma relação em vida entre mestre e discípulo.

Por outro lado, o cristianismo não tem a pretensão de ser uma filosofia racional, o que está claro com a ideia da santíssima trindade (doutrina cristã que professa um único Deus, preconizado em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo).

Outra diferença é que, na Filosofia, busca-se a verdade através da razão; já o cristianismo está centrado na fé em Jesus Cristo, o que estabelece um caráter histórico à religião.

Apesar da aparente separação entre a Filosofia e o cristianismo, alguns líderes religiosos basearam-se nas teorias dos filósofos para elaborar suas próprias doutrinas religiosas. São Tomás de Aquino<sup>14</sup>, por exemplo, utilizava alguns conceitos elaborados por Aristóteles.

Isso acontecia porque, durante a Idade Média, a Filosofia grega foi muito importante para a Igreja, pois, por meio do estudo dos filósofos clássicos, os líderes religiosos conseguiram dominar e/ou destruir os descrentes na fé. Assim, a Igreja utilizou-se de meios racionais e lógicos, em seu favor, para, logo depois, fazê-los acreditar e aceitar a fé cristã.

O cristianismo apresenta sim uma dimensão reflexiva e teórica. Os dogmas da fé cristã, por exemplo, procuram explicar certos elementos de nosso estado humano.

Nesse sentido, o cristianismo não é uma Filosofia propriamente dita, nos moldes que a conhecemos, porém, o pensador cristão deve tratá-lo com coerência racional, função essa da Filosofia.

## **A Filosofia patrística**

No século V, deu-se a queda do Império Romano do Ocidente (que existiu de 286, quando Deoclesiano dividiu o Império, até 476), que foi invadido por povos bárbaros.<sup>15</sup>

Esses povos chamados bárbaros possuíam suas próprias religiões, cujos ensinamentos e crenças eram completamente diferentes do cristianismo.

Aos poucos, os líderes desses povos passaram a se submeter ao cristianismo, tornando-se a Igreja detentora de poder e senhora absoluta do Ocidente.

Esse período corresponde à Idade Média e está historicamente dividido em Alta Idade Média (século V ao século X) e Baixa Idade Média (século XI ao século XV).

<sup>14</sup> A biografia de São Tomás de Aquino é apresentada mais adiante.

<sup>15</sup> Os gregos e romanos antigos chamavam os povos estrangeiros de *bárbaros*.

A Idade Média já foi considerada a “Idade das Trevas” por muitos historiadores, pois, nesse período, a produção cultural era escassa e as pessoas eram movidas por crenças que hoje são consideradas absurdas. No entanto, nos dias atuais, essa visão de “Idade das Trevas” é contestada por alguns historiadores, que não consideram esse período da História tão obscuro assim.

Foi nessa época que predominou a **Filosofia patrística**, que já havia surgido no período de decadência do Império Romano, durante o século III.

Essa é uma Filosofia cristã constituída pelo conjunto de pensamentos do clero da Igreja católica desse período, ou seja, consiste em uma visão racional dos princípios religiosos do catolicismo, na formalização doutrinal das verdades de fé do cristianismo contra as visões contrárias à fé católica, às quais eles chamavam de heresias.

As ideias veiculadas na Filosofia patrística procuravam explicar a relação existente entre a fé e a razão, a natureza do divino, a importância da moral na vida humana. Nesse conjunto, os autores também davam extrema importância à alma.

Para o clero que representava a patrística, era de suma importância que o povo conseguisse controlar a paixão com racionalidade, além de ser imprescindível ter uma ética rigorosa.

A Filosofia patrística inspirou-se na grega, afirmando ser a expressão terminada da verdade, não obtida pelos filósofos gregos que a buscavam. Para esses pensadores religiosos, a verdade não havia sido respondida pelos gregos porque Deus ainda não havia se manifestado, e para a patrística, Deus é a única e soberana verdade.

### **Santo Agostinho e a Filosofia patrística**

Entre os principais e mais conhecidos representantes dessa Filosofia estão: Clemente de Alexandria (aproximadamente 150 a 215), Orígenes (aproximadamente 185 a 253) e Tertuliano (aproximadamente 155 a 222). Contudo, seu representante mais notório é Aureliano Agostinho (354 a 430), mais conhecido como Santo Agostinho.

## Santo Agostinho

Aureliano Agostinho nasceu em Tagaste, na Numídia<sup>16</sup>, norte da África, em 354, vindo mais tarde viria a ser conhecido como Santo Agostinho.

Filho de Patrício — funcionário municipal com uma pequena propriedade que, embora fosse pagão, recebeu o batismo pouco antes de morrer — e da cristã Mônica, que era extremamente fervorosa criou Agostinho nos moldes da fé cristã. Entretanto, apesar de toda essa atmosfera religiosa em que foi criado, durante toda a sua juventude, quando esteve em Cartago para se aprofundar nos estudos, Agostinho viveu de forma bastante desregrada, sem se importar com os princípios proclamados pelo cristianismo e caindo em profunda sensualidade e luxúria.

Bastante inteligente e com uma excelente oratória, após terminar os estudos abriu uma escola em Cartago e passou a lecionar retórica. Posteriormente, lecionou em Roma e, em 384 em Milão, abandonando a carreira dois anos mais tarde, em 386 por motivos de saúde e mais tarde por questões religiosas e espirituais.

Desde os 18 anos, Agostinho vivia com uma concubina, com a qual teve um filho, cujo nome era Adeodato. Apesar de extremamente apaixonado por essa mulher, ele pertencia a uma classe social diferente da dela, a uma classe considerada “superior”, e, por esse motivo, não pôde desposá-la.

A mãe de Agostinho, ao enviuvar, passou a morar com o filho em Milão, e o convenceu a mandar sua companheira, com quem vivia em concubinato, de volta para a África, ficando Agostinho com o filho Adeodato.

Ainda na juventude, foi fortemente influenciado pelo maniqueísmo.

O maniqueísmo é uma corrente filosófico-religiosa cujo fundamento é a dualidade: bem e mal, claro e escuro etc. Os maniqueístas acreditavam que a sua Filosofia era o verdadeiro cristianismo.

---

<sup>16</sup> A religião de nascimento de Agostinho era colonizada por Roma.

Mais tarde, já maduro e realizando um exame crítico de si mesmo, Agostinho teve contato com a Filosofia neoplatônica, abraçando-a e abandonando o maniqueísmo.

O neoplatonismo é uma corrente filosófica que promoveu uma releitura do pensamento de Platão. A essência dessa filosofia era, contudo, uma visão cristã romana.

Os neoplatonistas pretendiam fortalecer o cristianismo, identificando e associando o pensamento de Platão a essa religião, misturando razão e fé, pois, para eles, ter fé é antes de mais nada um ato da razão.

Eles justificavam os dogmas católicos pela razão e divulgavam que era necessário primeiro conhecer para depois crer.

Ao ler as epístolas (cartas) do apóstolo Paulo na *Bíblia*, Agostinho acreditou ter recebido uma revelação divina, pois suas dúvidas desapareceram. Assim, influenciado pela mãe, pelo neoplatonismo e por essa revelação, ele abraça a fé cristã, batizando-se juntamente com seu filho e também com um amigo chamado Alípio, em 387.

Musée du Louvre, Paris



Santo Agostinho, em óleo de Jobs van Wassenhove (c1474).

Em seguida, Agostinho voltou para a África, onde se dedicou aos estudos e às orações.

Nesse período, diversos fatos marcaram sua vida. Em 390, seu filho, Adeodato, faleceu. Em 391, Agostinho foi ordenado sacerdote, e, em 395, sagrado bispo, na cidade de Hipona, na África, onde teve grande atuação episcopal. Em 397, escreveu a obra *Confissões* e, em 426, terminou de elaborar outra obra, *A cidade de Deus*.

Agostinho faleceu em Hipona no ano de 430. Ele é considerado o maior representante da Filosofia patrística; e sua obra é tida como extremamente relevante para o cristianismo, pois ele se posicionava contra as heresias e a culpa que os pagãos tentavam impor ao cristianismo pela invasão de Roma em 410.

Para Agostinho, o ser humano tem em sua essência uma inclinação para o mal, pois já nasceu como pecador, devido ao pecado original de Adão e Eva,<sup>17</sup> narrado na *Bíblia*.



Adão e Eva, em gravura sobre cobre de Albrecht Dürer.

<sup>17</sup> Segundo o relato bíblico no livro de *Gênesis*, Adão e Eva foram os primeiros seres humanos criados por Deus e colocados no paraíso, um local chamado Jardim do Éden. No entanto, tendo desobedecido a Deus, cometeram o primeiro pecado, ou pecado original, sendo expulsos de lá. Todos os seres humanos que procederam do casal são considerados pecadores.



O Mal, para Santo Agostinho, representava o distanciamento de Deus. Para haver aproximação do ser humano com Deus, era necessário uma intensa educação voltada para a religião. Nesse sentido, não se pode esquecer que Agostinho foi influenciado inicialmente pela dualidade do maniqueísmo, a eterna luta entre o Bem e o Mal, daí sua visão de pecado original.

Ele acreditava que devíamos perguntar: “Qual é a missão do ser humano?”; “O que o ser humano quer ou deseja?”. E, como resposta, obteríamos: “O ser humano deseja se aproximar do bem, isto é, de Deus, que é santo”.

Para ele, era possível alcançar o bem, mesmo os seres humanos sendo pecadores, pois o pecado ocorre em função do uso indevido do livre-arbítrio dado por Deus.

Segundo Santo Agostinho, pelo livre-arbítrio deveríamos praticar o bem; no entanto, já os primeiros seres humanos, Adão e Eva, optaram pelo pecado.

Ele acreditava que cada pessoa devia se redimir dos próprios erros e pecados para se aproximar de Deus.

Para esse filósofo, o ser humano que percorre o caminho do pecado só consegue retornar ao caminho do bem, ao caminho de Deus se, conscientemente, fizer um imenso esforço para sair dessa trilha do pecado e também pela permissão indispensável da “graça divina”<sup>18</sup>.

O texto a seguir foi retirado da obra de Santo Agostinho, leia-o:

### **A graça e o livre-arbítrio**

Se me perguntarem por que Deus não concedeu a perseverança a todos aqueles aos quais concedeu a caridade, para que eles vivam cristamente, responderei que o ignoro. Pois não é com presunção, mas por reconhecer minhas limitações, que ouço o Apóstolo dizendo: Quem és tu, oh homem, para discutires com Deus? e: Oh profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis os seus desígnios e impenetráveis seus caminhos, eis porque lhe rendemos graças para que se digne a nos manifestar algo de seus desígnios, mas o que Ele nos omite não deve levar-nos a murmurar contra a sua vontade; creiamos, ao contrário, que essa obscuridade nos é muito salutar. Mas tu, que — não importa quem sejas — és um inimigo da graça e colocas semelhante questão, que dizes tu mesmo? Não negas que sejas cristão e te vanglories de ser católico. Se reconheces que é um dom de Deus

<sup>18</sup> Graça divina é um favor feito por Deus, mas não merecido pelos seres humanos

o perseverar ou não no bem e que se nele se persevera não é por um dom de Deus, mas por efeito da vontade humana, que argumentará para responder às seguintes palavras do Mestre: “Orei por ti, Pedro, a fim de que tua fé não desfaleça”? Ousará dizer que — apesar da prece de Cristo para que a fé dos apóstolos não faltasse e se esta, no entanto, tivesse falhado — Pedro teria querido que ela desfalecesse, isto é, que não quisesa perseverar nela até o fim? Como se Pedro pudesse querer algo diferente daquilo que o Cristo pedira para que ele quisesse! Quem ignora que a fé do apóstolo devia perecer, se sua própria vontade (a vontade pela qual ele era fiel) desfalecia e que ela devia permanecer até o fim, se sua vontade continuasse firme? Mas, visto que a vontade é preparada pelo Senhor, a prece do Cristo por ele não podia ser vã. Quando o Cristo orou para que sua fé não desfalecesse, que teria pedido, em última análise, se não que o apóstolo tivesse uma vontade de crer, ao mesmo tempo perfeitamente livre, firme, invencível e perseverante? Eis como se defende a liberdade da vontade segundo a graça e não contra ela. Pois não é por sua liberdade que a vontade humana adquire a graça, mas é antes pela graça que ela adquire sua liberdade; por outro lado, para perseverar, ela recebe da graça o dom de uma estabilidade deleitável e de uma força invencível.

Percebe-se, por meio da leitura desse texto, que Santo Agostinho dá extrema importância à graça divina, visto que considera o ser humano impotente para se libertar sozinho (sem o auxílio de Deus) dos prazeres mundanos e da concupiscência carnal. A graça de Deus é necessária, pois, somente assim, cada pessoa conseguirá salvar-se.

No início da obra de Santo Agostinho, intitulada *Confissões*, está registrado:

Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resistes aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.

Por essa passagem, percebemos que o pensamento de Agostinho demonstra, inicialmente, a transcendência de Deus, isto é, sua superioridade em relação à criatura; sua onipotência (poder absoluto de Deus) e sua onisciência (Deus sabe tudo), ou seja, Agostinho apresenta a realidade da natureza de Deus: soberano e absoluto.

Na segunda parte do texto, Agostinho retrata a natureza do pecado, a soberba e o ser mortal que somos, ou seja, demonstra a realidade humana.

Para esse pensador, o ser humano, apesar de ser pecador, de possuir a soberba e de ser mortal, deseja estar com Deus, pois foi feito para Ele. Daí resulta toda a inquietude humana. Apesar de ter sido feito para Deus, o ser humano se afastou dele ao pecar e, desse modo, passou a ser carente de Deus e, ao mesmo tempo, a querer unir-se a Ele.

Em determinado trecho da obra denominada *O livre-arbítrio*, Santo Agostinho registrou:

Levar a Ele, que é invisível, aqueles que só procuram as coisas visíveis. Desse modo, aquele que a alma por seu orgulho abandonara, em seu interior, ela reencontra-o fora dela, na humildade. E só será imitando essa humildade visível que voltará à sua elevação invisível.

Com essa passagem, ele pretende afirmar que somente a humildade pode tornar o ser humano semelhante a Deus, como é ensinado nas escrituras sagradas, devendo a humildade fazer parte da vida de todo cristão. Para ele, o único mediador possível entre os homens e Deus é Jesus Cristo, que deve servir como exemplo para o cristão, pois através de Cristo chegaremos a Deus.

No trecho a seguir, extraído do livro *Confissões*, Agostinho trata da necessidade de se fazer o bem:

Senhor, sou teu servo, e filho de uma serva tua. Rompeste os meus grilhões; ofereço a ti um sacrifício de louvores. Louvam-te meu coração e a minha língua, e meus ossos dizem: "Quem se compara a ti, Senhor?". Assim o dizem, e tu respondes: "Sou a tua salvação". Quem sou eu? Que tipo de homem? Quantos males cometi! [...]

Mas é bom e misericordioso, Senhor; com tuas mãos exploraste minhas vísceras mortais, e purificaste minha alma em seu abismo de corrupção. Assim fizeste quando não mais queria o que antes desejava; queria só aquilo que tu querias. Onde estivera meu livre-arbítrio por tanto tempo? [...] Minha alma se libertara da corrosão das ambições e da avareza, dos pruridos da paixão.

Segundo Santo Agostinho, a alma humana foi criada por Deus para que cada pessoa pratique o bem, porém, em decorrência do uso indevido do livre-arbítrio, o corpo passa a querer governar a alma, levando o espírito a se submeter aos desejos da matéria.

Enfim, ele divulgava a ideia de que era fundamental "crer para compreender", afirmando que o objeto da fé está acima da razão e que a fé é necessária, pois, através dela, o ser humano pode compre-

ender fatos e situações que não poderia compreender unicamente pela razão. Em suas reflexões, Santo Agostinho junta a razão com a fé e justifica os dogmas pela razão.

Em breves palavras, podemos dizer que a essência da Filosofia de Agostinho é o homem ser a essência do pecado e Deus ser a bondade, o amor e a graça.

### **Iluminação divina**

Santo Agostinho elaborou a Teoria da Iluminação Divina, por meio da qual afirmava que todo conhecimento verdadeiro é o resultado de uma iluminação proveniente de Deus.

Para ele, existem dois tipos de conhecimento: o *sensível* e o *divino*.

O conhecimento sensível se dá pelos sentidos ou raciocínio indutivo, e é acessível a qualquer ser humano. Exemplos: percepção de cores, tato, olfato, sons, paladar etc.

Por outro lado, as verdades eternas pertencem a um plano imaterial e só podem ser obtidas através da iluminação de Deus à razão e ao intelecto do ser humano; de acordo com essa teoria, Deus é o detentor das verdades absolutas.

## **A Filosofia escolástica**

A escolástica foi um movimento filosófico que tinha como preocupação a junção entre a fé cristã e a razão. Surgiu no século IX e predominou até a época do Renascimento, entre os séculos XV e XVI.

Essa Filosofia teológica era predominante nas escolas desse período; daí a explicação de seu nome. Para efeitos de estudo, é possível distinguir três fases da Filosofia escolástica:

**1º período:** do século IX ao XII — Durante esse período, pregava-se uma confiança absoluta na junção da razão com a fé.

**2º período:** do século XIII ao começo do XIV — Nessa fase, a confiança absoluta na junção de fé e razão começa a ser questionada, acreditando-se que pode ser conseguida apenas parcialmente.

**3º período:** do século XIV ao XVI — Nessa fase, essa Filosofia teológica perde sua força e entra em decadência, pois não se acredita mais na harmonia entre razão e fé, já que as diferenças entre uma e outra são em grande número.

A Filosofia escolástica pretendia, por meio de seus ensinamentos, demonstrar e justificar as revelações da religião cristã.

O mais importante e reconhecido representante da Filosofia escolástica foi São Tomás de Aquino (1225—1274), que recuperou e baseou-se no pensamento de Aristóteles para escrever a obra *Suma teológica*.

### **São Tomás de Aquino e a escolástica**

Tomás de Aquino nasceu no castelo de Roccasecca, no condado de Aquino, em Campagna, na Itália, em 1225, e pertencia a uma família nobre, de condes.

Em 1230, foi enviado para o mosteiro de Monte Cassino e, em 1239, mudou-se para a cidade de Nápoles. Depois, contrariando sua família, tornou-se dominicano<sup>19</sup>, em 1243, e estudou teologia na Universidade de Paris em 1245.

Mais tarde, em 1248, ao ser ordenado sacerdote, tornou-se assistente de Alberto Magno (1200 a 1280), mudando-se para Colônia, na Alemanha.

Em 1252, começou a lecionar na Universidade de Paris. Iniciou a obra *Suma teológica* em 1265, mas nunca a terminou.

Em 1272, retornou para Nápoles, onde ensinou teologia. Faleceu em 1274, na abadia de Fossanova, em Priverno, na Itália.

Além de iniciar a *Suma teológica*, Tomás de Aquino escreveu diversas outras obras, dentre elas: *De ente et essentia*, *De veritate*, *Comentários sobre Aristóteles* e *Summa contra gentiles*.

Tomás de Aquino é considerado o maior representante da Filosofia escolástica. Para esse pensador, a razão explica as características e os dogmas da fé cristã.

Ele foi bastante influenciado pelas ideias do bispo e frade dominicano Alberto Magno e também pela Filosofia de Aristóteles.

<sup>19</sup> Pertencente à Ordem de São Domingos.



*Triunfo de São Tomás de Aquino, obra de Benozzo Gozzoli.*

### Saiba

Alberto Magno nasceu em cerca de ano 1225 e faleceu em 1274. Conhecida profundamente as obras do filósofo Platão e era um transmissor fervoroso de sua Filosofia. Extremamente culto e conhecedor das ciências da época, de teologia, Filosofia e de várias ciências da natureza, era considerado um homem moderno para o seu tempo. Ele defendia a ideia da coexistência pacífica entre fé e razão, ou seja, entre religião e ciência, pois acreditava que o raciocínio era importante para se chegar a Deus, devendo cada ser humano fazer uma reflexão sobre a fé divina.

Foi mestre de Tomás de Aquino, e seus pensamentos influenciaram toda a obra desse autor.



*Igreja de San Nicolo, Treviso, Italia*

Em decorrência da influência do pensamento de Aristóteles, inicialmente a Igreja não via com bons olhos a Filosofia de Tomás de Aquino, sob vários aspectos, entre os quais:

1. Aristóteles foi traduzido para a língua árabe, influenciando os infiéis, que eram malvistas pela fé cristã.

2. Para Aristóteles, o mundo e o movimento são “incriados”, enquanto no cristianismo foi Deus quem os criou.
3. Aristóteles acreditava que Deus é quem move o céu, porém, não atua perante o mundo como causa eficiente, e sim como final, ou seja, ele não criou o mundo, mas é o bem que todos almejam. Para os cristãos, Deus criou o mundo em seis dias e é impossível conceber a sua não existência.
4. Os cristãos acreditam que a alma não desaparece com o corpo, enquanto Aristóteles defendia que, ao desaparecer o corpo, também desaparece a alma, pois a alma só existe em função do corpo.
5. Para Aristóteles, o bem é o fim próprio da natureza humana. Ele considerava que precisamos querê-lo, pois a natureza humana é pecaminosa.

Por essas considerações, parece, em um primeiro momento, ser impossível que um sacerdote da Igreja católica pudesse se basear em Aristóteles para fundamentar sua obra. Porém, apesar desse embasamento, Tomás de Aquino explicou a existência de Deus por meio da existência real, e não como Aristóteles, pela análise da substância do primeiro motor<sup>20</sup>.

Aplicando em sua doutrina ideias do ser e do saber de Aristóteles, Tomás de Aquino priorizou a realidade das sensações. Em seu pensamento, o papel da razão e da fé estão claramente distinguidos. Para ele, a razão contém toda a verdade e a fé é inquestionável, não havendo, desse modo, oposição entre as duas. Sendo Deus o único Deus e a verdade única, não existe motivo para conflitos, e, se eles surgem, é unicamente porque essa verdade dita racional está errada, ou seja, a teologia vem primeiro que a Filosofia, visto que a fé é inquestionável, superando a ciência na qual a Filosofia se baseia.

Tomás de Aquino difundia a ideia de que a razão por si só não nos faz compreender a substância de Deus; precisamos dos sentidos para raciocinarmos sobre ela.

---

<sup>20</sup> De acordo com o pensamento de Aristóteles, buscar os fundamentos e os princípios do estado na origem do mundo é o primeiro motor de busca que leva ao desencadeamento de todas as coisas.

Neste trecho, transcrito da obra *Suma teológica*, Tomás de Aquino trata da existência de Deus:

Sobre a existência de Deus, três questões se colocam:

1. A existência de Deus é uma verdade evidente?
2. Ela pode ser demonstrada?
3. Deus existe?

1. Parece que a existência de Deus é evidente. Com efeito, chamamos verdades evidentes aquelas cujo conhecimento está em nós naturalmente, como é o caso dos primeiros princípios. Ora, de acordo com o que diz Damasceno: "O conhecimento da existência de Deus é inato em todos". Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

2. Por outro lado, são ditas evidentes as verdades que conhecemos desde que compreendamos os termos que as exprimem. É o que o filósofo atribui aos primeiros princípios da demonstração. De fato, quando sabemos o significado do todo e o significado da parte, sabemos, de imediato, que o todo é maior que a parte. Ora, desde que tenhamos compreendido o sentido da palavra "Deus", estabelece-se, de imediato, que Deus existe. De fato, essa palavra designa uma coisa de tal ordem que não podemos conceber algo que lhe seja maior. Ora, o que existe na realidade e no pensamento é maior do que o que existe apenas no pensamento. Daí resulta que o objeto designado pela palavra Deus, que existe no pensamento, desde que se compreenda a palavra, também existe na realidade. Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

3. Além disso, a existência da verdade é evidente. Pois, aquele que nega a existência da verdade, concorda que a verdade não existe. Mas se a verdade não existe, a não existência da verdade é uma afirmação verdadeira. E se alguma coisa há de verdadeira, a verdade existe. Ora, Deus é a própria verdade, segundo o que diz São João 14-6: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

Mas, em compensação, ninguém pode pensar o oposto do que é evidente, conforme nos mostra o filósofo, a propósito dos primeiros princípios da demonstração. Ora, o oposto da existência de Deus pode ser pensado, conforme diz o salmo 52-1: "O insensato diz em seu coração que não há Deus". Logo, a existência de Deus não é evidente.

Analisando o trecho apresentado, é possível perceber a dialética de São Tomás de Aquino, quando expõe sua hipótese sobre a evidência de Deus e, logo depois, uma antítese, seguida por uma resposta, que é a certeza da existência divina.

São Tomás apresenta cinco vias para provar a existência de Deus, são elas: o primeiro motor; a causa eficiente; ser necessário e contingente; os graus da perfeição e a finalidade do ser.



Para ele, o primeiro motor é constituído pelo primeiro ser movente, que move outros seres e assim por diante. Esse primeiro ser que move os outros, e que não é movido por outro, é Deus. Assim, foi necessário existir uma primeira causa, que seria a responsável por ocorrerem outros efeitos; essa causa eficiente só poderia ser Deus.

Segundo Tomás de Aquino, há um ser que sempre existiu, pois por meio dele tudo passou a existir, todos os seres contingentes descendiram. Esse ser necessário é Deus.

A quarta via de Tomás de Aquino é baseada na *Metafísica* de Aristóteles, que afirma que Deus é o ser com o máximo de tudo, de perfeição, de bondade, de beleza e de verdade.

Enfim, existe um ser que governa todas as coisas para que elas cumpram sua função; esse ser é Deus.

Assim, São Tomás de Aquino explica racionalmente a existência de um ser que a tudo criou, e esse ser é Deus.

Aquino representou o pensamento medieval-teológico em seu auge, sendo de extrema importância para o estudo tanto da história como da teologia e da Filosofia.

Em suma, Tomás de Aquino usou os pensamentos de Aristóteles para explicar que o ser humano procura a felicidade e o bem, ou seja, pôs as ideias do filósofo da metafísica e da lógica a serviço da fé cristã e do pensamento medieval católico.

#### Saiba



Outro representante da escolástica que merece destaque é Santo Anselmo (1033-1109), que tentou provar a existência de Deus por meio de argumentos racionais.

Para ele, Deus era o maior objeto do pensamento humano. Ele considerava que a essência suprema está em tudo e que todas as coisas e seres dependiam dela, sendo a alma humana imortal.

1. (Insaf-PE) Duas grandes correntes filosóficas do período medieval foram:
- a) a patrística e a escolástica.
  - b) a patrística e o estoicismo.
  - c) o estoicismo e o cristianismo.
  - d) o cristianismo e o epicurismo.
2. (Insaf-PE) Aponte, respectivamente, os representantes da patrística e da escolástica:
- a) Agostinho e Aristóteles.
  - b) Tomás de Aquino e Agostinho.
  - c) Agostinho e Tomás de Aquino.
  - d) Tomás de Aquino e Aristóteles.

3. (UEM-PR) Leia este texto:

A patrística consistia na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias. Dado o encontro entre a nova religião e o pensamento filosófico greco-romano, o grande tema da Filosofia patrística foi o da possibilidade ou impossibilidade de conciliar fé e razão. Santo Agostinho, expoente dessa Filosofia, sobre a relação fé e razão, defendia a tese que se pode resumir nesta frase: "*Credo ut intelligam*" (Creio para entender).

A esse respeito, qual destas alternativas **não é correta**?

- a) Santo Agostinho retoma a célebre teoria platônica das ideias à luz do cristianismo e formula a teoria da iluminação segundo a qual o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas: à semelhança do Sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto.
  - b) De acordo com Santo Agostinho, a razão é superior e precede a fé; pois, se o homem, ser racional, for incapaz de entender os ensinamentos religiosos, não poderá acreditar neles.
  - c) Segundo Santo Agostinho, a fé não conflita com a razão, esta última seria auxiliar da fé e estaria a ela subordinada.
  - d) A fé, para Santo Agostinho, não oprime a razão, mas, ao contrário, abre-lhe os olhos que a falta de fé mantinha fechados. A partir dos princípios da fé, a razão, por suas próprias forças, deduzirá consequências e tentará resolver os problemas que Deus deixou para nossas livres discussões.
4. (UFU-MG) A patrística (séculos II ao V d.C.) é o movimento intelectual dos primeiros padres da Igreja, destinado a justificar a fé cristã, tendo em vista a conversão dos pagãos. Sobre a patrística pode-se afirmar, com certeza:
- I. Assume criticamente elementos da Filosofia platônica na tentativa de melhor fundamentar a doutrina cristã.

- II. Considera que as verdades da razão estão sempre em contradição com as verdades reveladas por Deus.
  - III. Incorpora as teses da metafísica aristotélica para fundar uma teologia estritamente racionalista.
  - IV. Considera a razão como auxiliar da fé e a ela subordinada, tal como expressa a frase de Santo Agostinho “creio porque entendo”.
- a) II e IV são corretas.
  - b) I e IV são corretas.
  - c) III e IV são corretas.
  - d) Apenas II é correta.
  - e) Nenhuma das alternativas é correta.

**5. (UFU-MG) De acordo com o texto sobre Tomás de Aquino, assinale a alternativa correta.**

São Tomás representa o apogeu da escolástica medieval, na medida em que conseguiu estabelecer o equilíbrio perfeito entre a fé e a razão, a teologia e a Filosofia, distinguindo-as, mas não separando-as necessariamente. Ambas, com efeito, podem tratar do mesmo objeto, por exemplo: Deus. Contudo, a Filosofia utiliza tão somente as luzes da razão natural, enquanto a teologia se vale da razão divina, manifestada na revelação (a *Bíblia*).

José Silveira da Costa. “A Filosofia cristã”. Antônio Rezende (org.).  
*Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar/SEAF, 1986.

- a) Para Tomás de Aquino, Deus pode ser objeto de estudo na Filosofia.
- b) Segundo o texto, não houve Filosofia na Idade Média, apenas teologia.
- c) Não é possível estabelecer um equilíbrio entre fé e razão, este é o pensamento de Tomás de Aquino sobre o uso da razão na teologia.
- d) A teologia, na escolástica medieval, era uma disciplina que procurava conhecer Deus, utilizando apenas as luzes da razão natural.

**6. (UFU-MG) Sobre Tomás de Aquino, considere o seguinte trecho, extraído de uma conhecida *História da Filosofia*.**

O sistema tomista baseia-se na determinação rigorosa das relações entre a razão e a revelação. Ao homem, cujo fim último é Deus, o qual excede toda a compreensão da razão, não basta a investigação filosófica baseada na razão. Mesmo aquelas verdades que a razão pode alcançar sozinha, não é dado a todos alcançá-las, e não está livre de erros o caminho que a elas conduz. Foi, portanto, necessário que o homem fosse instruído convenientemente e com mais certeza pela revelação divina. Mas a revelação não anula nem torna inútil a razão: “a graça não elimina a natureza, antes a aperfeiçoa”. A razão natural subordina-se à fé tal como no campo prático as inclinações naturais se subordinam à caridade.

Nicola Abbagnano. *História da Filosofia*. Lisboa: Presença, 1978. Vol. IV.

Com base no texto, é correto afirmar que Tomás de Aquino:

- a) buscava conciliar as verdades da fé cristã com as exigências da razão humana.
  - b) desprezava, por serem inúteis, as tentativas racionais em compreender as verdades da fé cristã.
  - c) rejeitava as verdades da fé cristã que não pudessem ser explicadas plenamente pela razão humana.
  - d) subordinava a fé à razão natural, só sendo digno de crença o que pudesse ser cientificamente comprovado
7. (Concurso Secretaria da Educação do Ceará) A questão trazida à baila pelo bispo de Hipona, por meio de suas especulações, conclui:
- a) O homem é sujeito absoluto das suas ações.
  - b) A razão deve ser subordinada à fé. A Filosofia é uma serva da teologia.
  - c) O pensamento é livre e não se subordina a nenhuma autoridade.
  - d) A única verdade demonstrável é a racional.

### ***Descomplicando a Filosofia***

(UFU-MG) Sobre a doutrina da iluminação em Santo Agostinho, leia o texto a seguir.

"Tal é a doutrina da iluminação que Agostinho legou à Filosofia cristã, de cuja tradição ela entrou a fazer parte inseparável. Agostinho elaborou-a sob o influxo de Platão, de Plotino e Porfírio, não porém sem imprimir-lhe um cunho cristão."

Philotheus Boehener; Etienne Gilson. *História da Filosofia cristã*.  
Petrópolis: Vozes, 1970.

**Marque a alternativa correta.**

- a) Para Agostinho, a mente humana pode conhecer as verdades eternas pela Iluminação, porque o homem possui uma centelha do intelecto divino.
- b) O cunho cristão que Agostinho imprime à reminiscência platônica é a preexistência da alma no mundo das ideias e a ação do Demiurgo.
- c) Agostinho modifica a tese da reminiscência platônica, afirmando que as verdades eternas se originam da experiência, mas podemos conhecê-las somente mediante a iluminação divina.
- d) Para Agostinho, é possível conhecer as verdades eternas mediante a reminiscência platônica e o conceito cristão da reencarnação.

#### **Resolução e comentários**

Em seus pensamentos, Agostinho indicou os limites da razão para alcançar a verdade. De acordo com esse pensador, para buscar as verdades é preciso acreditar em Deus, pois é Ele quem pode iluminar o intelecto humano, possibilitando o acesso às verdades universais, às ideias perfeitas e imutáveis.

Portanto, a resposta esperada está na alternativa **a**.



Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos.

Descartes

## O nascimento da modernidade

O humanismo, como fator histórico, surgiu no ano de 1453, quando Maomé II (1432-1481) invadiu Constantinopla (Turquia, na Ásia, atual Istambul), fazendo com que os pensadores fugissem para a Itália, levando consigo manuscritos de Platão, Plotino e Aristóteles.

Coleção particular



Gravura representando a queda de Constantinopla perante os muçulmanos em 1453.

Anteriormente a esse fato, em meados do século XIV, surgiu o termo *humanista*, para designar a educação e a formação do homem, sendo de extrema importância a poesia, a retórica, a história e a Filosofia moral para essa formação.

A partir do século XV, o humanismo tornou-se uma tendência geral, que, apesar de ter surgido na Idade Média, passou a ter uma versão nova, marcando assim a cultura e o pensamento de todo um período histórico.

A palavra *humanismo* foi utilizada no século XIX, pela primeira vez, pelo físico e teólogo F. I. Niethammer, para indicar a área cultural que cobria os estudos clássicos, em oposição à área que abrangia as disciplinas científicas.

Enfim, podemos dizer que humanismo é o movimento intelectual, artístico e filosófico que assinala a transição da Idade Média (começo do século V até meados do século XV) para o Renascimento (séculos XV e XVI), marcada pela ascensão do mercantilismo e dos ideais burgueses, momento em que as atividades comerciais se sobrepõem à economia de subsistência feudal.



O humanista Erasmo de Roterdã e seu secretário Gilbert Cousin, em ilustração de seus *Escritos*, publicados em 1553.

Inicia-se assim, com o humanismo, a retomada da cultura clássica greco-romana, mais equilibrada, mais coerente e racional, pondo de lado o teocentrismo<sup>21</sup>, em que Deus vinha em primeiro lugar, passando a ser substituído pelo antropocentrismo<sup>22</sup>, em que o homem é o centro. Nesse momento, o ser humano começa a se valorizar, sem, contudo, abandonar por completo o temor a Deus e à submissão, visto que essa é uma fase predominantemente de transição.

A Renascença ou Renascimento foi um período histórico oposto ao medieval e representa a síntese de um novo espírito intelectual que surgiu na Itália, rompendo com o medievalismo e iniciando a época moderna da humanidade.

Nesse sentido, o Renascimento pode ser visto como um período histórico espiritual, considerado de grande regeneração e reforma, apesar do retorno ao antigo, ao autêntico.

Para muitos historiadores, o humanismo e o Renascimento são na verdade uma coisa só, ou seja, a volta aos princípios; são as duas faces de um único fenômeno. Porém, o que importa é que marcaram o início dos tempos modernos.

O Renascimento foi uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente do passado, considerado nesse momento como fonte de inspiração e modelo de civilização. Esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos esses que haviam impregnado a cultura da Idade Média.

Diversos fatos contribuíram para esse impulso intelectual. A Reforma Protestante, por exemplo, iniciada no século XV, contestou a autoridade da Igreja católica, transferindo a autoridade do papa para a consciência do indivíduo; a *Bíblia* passa a ser a base da religião, e não mais o papa.

Também a expansão marítima levou os navegantes ao domínio e entrada na América, modificando a ideia de mundo.

---

<sup>21</sup> A palavra *teocentrismo* significa Deus no centro do Universo, ou seja, é uma forma de pensamento em que Deus é o centro de todas as coisas.

<sup>22</sup> O *antropocentrismo* é uma forma de pensamento que atribui ao ser humano um papel central em relação ao todo e ao Universo.



Por outro lado, nesse período, as ciências deram um grande salto. Entre outras descobertas e teorias, Copérnico (1473-1543) escreveu o *Tratado das revoluções dos corpos celestes*, afirmando que a Terra gira em torno do Sol; Galileu (1564-1642) descobriu as leis matemáticas que explicam a queda dos corpos. Também nessa época, surgem a anatomia e as três leis do movimento do planeta, e a imprensa é inventada.

É nesse quadro que o pensamento moderno surgiu, propiciando grandes mudanças nas ciências e na visão de mundo. Logo se desenvolvem três ideias centrais:

- a teologia se separa da Filosofia, sendo esta autônoma;
- a matemática passa a ser a escola da razão por excelência;
- a ideia do método experimental e da objetividade dos fatos naturais.

A modernidade surge, então, em meio a esse quadro de efervescência cultural, de conquistas de novos continentes, de valorização do ser humano, de reforma religiosa e, principalmente, de descobertas científicas.

## **Filósofos renascentistas**

Entre os filósofos renascentistas, destacamos a produção de Nicolau Maquiavel e Francis Bacon.

### **Nicolau Maquiavel, o precursor**

Nicolau Maquiavel é um filósofo que, embora tenha permanecido à margem do pensamento moderno, possibilitou que suas obras, dessem início a esse pensamento. Ele nasceu em Florença, em 1469, e faleceu em 1527; suas principais obras são: *O príncipe* e *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio*.

Na obra *O príncipe*, Maquiavel escreveu sobre as relações que um soberano deve ter com a nobreza, com o clero e com o povo. Demonstrou como se deve agir para conseguir chegar ao poder e também como preservá-lo. Explicou, ainda, como manipular a vontade do povo, além de dar instruções de como desfrutar de seus poderes.



Retrato de Nicolau Maquiavel, por Santi di Tito.

Na verdade, essa obra é uma análise fiel da época em que viveu, de como era o poder político e sua atuação. Ele imaginou que um príncipe de alguma cidade italiana pudesse dominar pela argumentação, pelo dinheiro ou pela força as outras cidades, tornando-se um soberano absolutista da Itália. Desse modo, a obra *O príncipe* é o conjunto de recomendações para que tal governante chegue e se mantenha no poder. Em síntese, a ideia é: “os fins justificam os meios”.

A obra *O príncipe* é considerada uma ruptura entre o realismo e o idealismo na Filosofia política, pois, antes de Maquiavel, filosofava-se sobre o governo ideal ou a organização política ideal. Contudo, após essa obra, os filósofos começaram a escrever a respeito de como a política era realmente praticada.

### **Francis Bacon**

Francis Bacon nasceu em 1561, em York House, cidade próxima a Londres, e pertencia a uma família de nobres, pois era filho de Nicolau Bacon, chanceler da rainha Elisabete.

Bacon estudou Direito na Universidade de Cambridge. Em 1577, ingressou na política, inicialmente como conselheiro privado. Em 1584, tornou-se deputado e logo em seguida, conselheiro da Coroa.

A ascensão política de Bacon é considerada bastante rápida, pois tornou-se membro do conselho de sábios (1602); solicitador geral (1607); procurador geral (1613); guardião do selo real (1617); lorde chanceler, recebendo o título de Barão de Verulam (1618) e, ainda, visconde de St. Albans (1621).

Apesar dessa rápida ascensão na carreira política, em 1621 Bacon foi acusado de corrupção por aceitação de suborno em relação a processos que estavam em andamento.

Coleção particular



Francis Bacon (1561-1626), em óleo de Paul Van Somer.

Bacon negou a acusação e admitiu apenas que recebera presentes dos dois acusadores, mas que não havia mudado em nada o andamento do processo. Ainda assim, ele recebeu uma multa de valor elevado, 40 mil libras, foi condenado à prisão e proibido de exercer cargos públicos.

Bacon ficou detido por apenas quatro dias e jamais pagou a multa. No entanto, nunca mais pôde voltar a exercer cargos públicos, pois foi banido da Corte.

A partir dessa época, passou a dedicar-se somente à produção intelectual, escrevendo várias obras.

Em março de 1626, foi acometido por um forte resfriado que se agravou dia após dia, levando-o a óbito em abril do mesmo ano.

Entre outras obras, são de autoria de Bacon: *Ensaio; Algumas considerações a respeito da melhor pacificação e edificação da Igreja da Inglaterra; Sobre a proficiência e avanço do conhecimento divino e humano; A sabedoria dos antigos; Novum organum; História de Henrique VII; História dos ventos; História da vida e da morte; História natural.*

Apesar de uma vida relativamente mundana e de ambicionar cargos elevados no governo, Francis Bacon é considerado um importante intelectual, deixando uma relevante obra de caráter científico e contribuindo para a Filosofia, a história, a política e a ciência.

Bacon acreditava que a Filosofia tinha por objetivo restabelecer a ciência natural sobre bases sólidas. Ele apreciava muito os escritos de Maquiavel, tirando deles ensinamentos e aplicações políticas que influenciaram a elaboração de suas próprias obras.

Por não separar o científico do técnico, Bacon é considerado um modernista. Para ele, a ciência acaba levando ao poder, e todo poder leva à ciência, que deve ser usada como um meio para o controle do que é real.

Francis Bacon tinha grande interesse pelas conquistas científicas de seu tempo e acreditava que o filósofo deveria criar um método para o progresso do conhecimento, pois, para ele, o conhecimento deveria ser dinâmico e ter como objetivos resultados práticos, ou seja, não ficar somente no mundo teórico e, sim, partir para a prática.

Em sua mais famosa obra, *Novum organum*, Bacon descreve esse método para o progresso do conhecimento, que consiste em seis

partes: a classificação das ciências existentes; a origem de um método novo para a busca da verdade; a obtenção de dados baseados na experiência; exemplos de como aplicar o método; o avanço do novo método e, finalmente, o resultado final que seria apresentado por uma nova Filosofia ou a ciência propriamente dita.

Bacon foi o fundador do método indutivo de investigação científica, apesar de não ter sido um cientista, e sim um realista.

Na obra *Novum organum*, Francis Bacon critica a lógica de Aristóteles e ataca as ilusões de que se alimentam os homens, os ídolos, dividindo-os em quatro tipos: ídolos da tribo, ídolos da caverna, ídolos do foro e ídolos do teatro.

Para Bacon, **os ídolos da tribo** “estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. [...] Todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o Universo”.

**Os ídolos da caverna** “são os provenientes dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um, além das aberrações próprias da natureza em geral, tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria e singular de cada um, seja devido à educação ou conversação com os outros”.

**Os ídolos do foro** “provêm do comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. Estas, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. [...] E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.”

**Os ídolos do teatro** “são os ídolos que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração. [...] Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na sua universalidade, mas também nos numerosos princípios e axiomas das ciências que entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência”.

Bacon é conhecido pelo lema que criou: “saber é poder”. Ou seja, para ele, o conhecimento científico é um meio para o controle daquilo que existe.

Leia um trecho da obra *Novum organum*, que trata do poder e da ciência.

Apenas a mão e o entendimento entregue a si mesmo não tem senão um poder muito limitado; são os instrumentos e os outros gêneros de auxílio que fazem quase tudo, auxílios e instrumentos não menos necessários ao espírito do que a mão; e, do mesmo modo que os instrumentos da mão excitam ou ordenam seu movimento, os instrumentos do espírito ajudam-no a servir à verdade e a evitar o erro.

A ciência e o poder humano se correspondem em todos os pontos e se dirigem para um mesmo objetivo; é a ignorância da causa que nos priva do efeito, pois só podemos vencer a natureza, obedecendo-a; e o que era princípio, efeito ou causa na teoria, torna-se regra, objetivo ou meio na prática.

Aproximar ou afastar uns dos outros os corpos naturais é ao que se reduz todo o poder do homem; o resto, a natureza o faz no interior e fora de nossa vida.

Os únicos homens que se propõem a estudar a natureza são no máximo o mecânico, o matemático, o médico, o alquimista e o mágico; mas todos, pelo menos até agora, com tão pouco sucesso quanto com verdadeiro método. [...]

No fundo, as fontes de todos os abusos introduzidos nas ciências se reduzem a uma só, que é a seguinte: é precisamente o fato de se admirar e de se vangloriar o espírito humano que afasta qualquer preocupação no sentido de buscar-lhe verdadeiros recursos.

## **Filósofos modernos**

### **René Descartes**

René Descartes nasceu em La Haye, um povoado da Touraine, na França, em 1596, proveniente de uma família nobre. Foi criado pela avó materna, pois sua mãe faleceu quando ele ainda era bem pequeno.

De 1604 a 1614, estudou no colégio jesuíta de La Flèche, no Anjou, onde, embora considerado, na época, um dos melhores colégios existentes na Europa, Descartes acabou não apreciando muito o que lhe era ensinado pelos professores; interessava-se apenas por matemática. No seu livro *Discurso sobre o método*, escreveu que “só as matemáticas demonstram o que afirmam: as matemáticas agradavam-me sobretudo por causa da certeza e da evidência de seus raciocínios”.

Apesar desse relativo desinteresse pelos ensinamentos escolares, Descartes procurava outras fontes de conhecimento.

Mais tarde, mudou-se para a Holanda e ingressou na carreira militar. Em 1619, fez uma longa viagem pela Europa, buscando, como ele mesmo definiu, “nenhum outro conhecimento além daquele que poderia ser encontrado ou em mim mesmo ou no grande livro do mundo”.



Retrato de René Descartes, óleo de Frans Hals.

Durante essa viagem, Descartes conheceu o holandês Isaac Be-  
eckman, de quem tornou-se amigo, e juntos estudaram assuntos  
matemáticos.

Para Descartes, a matemática é uma ciência legítima, e por meio  
dela pode-se encontrar a precisão e a certeza, necessárias para o  
avanço das ciências aplicadas.

Em sua obra *Discurso sobre o método*, publicada em 1637, ele  
afirma: “Foram aquelas longas cadeias compostas de raciocínios tão  
simples e fáceis, que os geômetras usam habitualmente para chegar  
às suas demonstrações mais difíceis, que me deram a ocasião de supor  
que todas as coisas que caem dentro do objetivo do conhecimento  
humano são interligadas da mesma maneira”.

Em 1623, Descartes renunciou à carreira militar e passou a se de-  
dicar exclusivamente à ciência e à Filosofia. Em 1633, escreveu um  
livro sobre física (*O tratado do mundo*), contudo não o publicou por  
receio de que acontecesse com ele o mesmo que havia sucedido a  
Galileu Galilei, que foi preso e condenado em decorrência das ideias  
que defendia.



Galileu Galilei, italiano nascido em 1564, foi um físico, astrônomo, matemático e filósofo de relevante importância para o método científico, desenvolvendo diversos estudos, inventos e descobertas. Por suas convicções científicas e pela divulgação de sua visão heliocêntrica, foi condenado pela Igreja católica, considerado um herege, e teve a publicação de seus livros proibida.

Coleção particular



Julgamento de Galileu, óleo de 1633. Nessa pintura, vê-se Galileu, no centro, explicando-se ao Tribunal da Inquisição Romana, pelo qual foi perseguido.

Em 1649, Descartes publicou a obra *Tratado das paixões* e também *As paixões da alma*. Viajou para Amsterdã no mesmo ano para lecionar Filosofia para a rainha Cristina.

Vítima de uma pneumonia, veio a falecer em fevereiro de 1650.

Descartes foi extremamente importante para a Filosofia moderna. Ele pregava a ideia de que somente atingimos a verdade por meio da dúvida. Em outras palavras, deveríamos colocar todo o nosso conhecimento em dúvida, pois, conseqüentemente, ao tomarmos essa atitude, começaríamos a questionar absolutamente tudo, o que propiciaria uma análise de todos os fatos e conhecimentos que supostamente temos.

Para ele, somente ao analisarmos a realidade de nossos conhecimentos é que poderemos saber se existe algo de que realmente



possamos ter certeza. Enfim, o método de Descartes era o da dúvida, também chamado de método cartesiano; para ele, só se pode dizer que existe aquilo que pode ser provado. Ele concluiu que apenas o pensamento era uma certeza, pois realmente existia, sendo, portanto, a base de tudo.

Descartes atribuía o pensamento à existência; daí, a famosa frase desse filósofo: “Penso, logo existo”.

É dele também a frase “eu sou uma coisa que pensa”, publicada na obra *Meditações*, da qual apresentamos um trecho a seguir:

Eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, corpos alguns; também me persuadi de que eu não existia? É certo que não, eu existia sem dúvida, se é que me persuadi ou somente pensei alguma coisa. Mas há um não sei quem, enganador muito poderoso e astucioso, que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Por conseguinte, não há a menor dúvida de que sou, se ele me engana; e, por mais que ele queira enganar-me, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De maneira que, após ter pensado bastante nisto e ter por constante que esta proposição, “Eu sou, eu existo”, é necessariamente verdadeira, todas as vezes em que a enuncio ou em que a concebo em meu espírito.

Nesse trecho, Descartes demonstra a existência do sujeito pensante, estabelecendo, assim, a sua existência.

Em outro trecho de *Meditações*, Descartes escreve:

Qualquer coisa baseada no sentido é potencialmente suspeita, uma vez que eu próprio descobri por experiência que os sentidos, às vezes, enganam, e que é prudente jamais acreditar completamente naqueles que já nos enganaram mesmo uma só vez. Mesmo um juízo aparentemente simples como estou sentado aqui diante da lareira pode ser falso, pois não há nenhuma garantia de que esta minha experiência atual não seja um sonho. O argumento do sonho deixa inatas as verdades matemáticas, pois, esteja eu acordado ou dormindo, dois mais três são sempre cinco.

Nota-se, nessa afirmação, a importância que ele atribuía à matemática, como ciência que possibilitava o entendimento da realidade.

Descartes recomendava que suspeitássemos das nossas sensações, que nos levam a erros do saber humano. Ele tratou, ainda, da origem das ideias, classificando-as de inatas (que nascem com os indivíduos), adventícias (que vêm de fora) e imaginárias.

Esse grande pensador, através de seu método da dúvida e seu raciocínio lógico, revolucionou o saber até então existente. Foi um grande matemático e é considerado o fundador da geometria analítica.

No trecho a seguir, retirado de *Meditações*, Descartes estabelece a existência de Deus, fazendo um paralelo com a matemática:

[...] a existência de Deus deve apresentar-se em meu espírito pelo menos como tão certa quanto considere aqui todas as verdades da matemática, que só dizem respeito aos números e às figuras; se bem que, na verdade, isso, de início, não pareça inteiramente manifesto, mas se afigure com alguma aparência de sofisma. Pois, estando habituado em todas as outras coisas a fazer distinção entre existência e essência, persuado-me facilmente de que a existência pode ser separada da essência de Deus e que, assim, se possa conceber Deus como não existindo atualmente. Todavia, quando penso nisso com mais atenção, verifico claramente que a existência não pode ser separada da essência de Deus, assim como da essência de um triângulo retilíneo não pode ser separada a grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos ou, da ideia de uma montanha, a ideia de um vale, de maneira que não há menos repugnância em conceber um Deus (isto é, um ser soberanamente perfeito) ao qual falta a existência (isto é, ao qual falta alguma perfeição) do que em conceber uma montanha que não tenha um vale.

## Espinosa

Baruch Espinosa nasceu em Amsterdã, Holanda, em 1632, e foi criado em uma comunidade judaica, tendo estudado, paralelamente, Filosofia na escola do médico Franciscus van den Enden. Por discordar de alguns dogmas judaicos, e não sendo mais praticante fervoroso da religião judaica, foi expulso e excomungado da comunidade em 1656, renunciando ao seu nome judeu Baruch e passando a se chamar Bento de Espinosa.

Exerceu a função de fabricante de lentes de luneta, sendo que esse conhecimento que tinha acerca de óptica, ajudou-o a desenvolver uma pesquisa científica bastante importante para o século em que vivia.

Espinosa foi convidado para ser professor na Universidade de Heidelberg, Holanda, porém, acreditando que o magistério poderia interferir em sua liberdade de pensamento, recusou o convite.

Publicou em 1663 a obra *Princípios da Filosofia de Descartes*, obtendo bastante sucesso.



Baruch Espinosa.

Utilizando-se do anonimato, publicou em 1670 um tratado teológico-político, sendo sua identidade logo descoberta e, como consequência foi bastante criticado por todos os cristãos. A partir daí, resolveu não publicar mais nada em vida, pois considerava que sua Filosofia não era compreendida e que estava muito além do seu tempo.

Vítima de tuberculose, faleceu aos 44 anos de idade, tendo como obras póstumas: *Ética, demonstrada em ordem geométrica*; *Tratado da emenda do intelecto* (inacabada); *Tratado político* (inacabada); *Gramática hebraica*; *Correspondência*; *Breve tratado sobre Deus, o homem e seu bem-estar*.

Seguindo os passos de Descartes, Espinosa aproximou-se bastante da matemática em seu livro *Ética*, sendo também cartesiano como Descartes.

Espinosa buscava o conhecimento através da salvação, mas um conhecimento racional. Ele "decidiu pesquisar a existência de um bem verdadeiro e capaz de se comunicar; e que, quando se tivesse rejeitado todos os outros, preenchesse a alma inteira; a ponto de se existisse um bem tão perfeito, quando se o descobrisse e adquirisse, gozar-se-ia eterna e ininterruptamente o mais alto grau de alegria".

Para ele, o conhecimento está no mesmo nível do ser. Sendo esse conhecimento verdadeiro, há uma identificação, pelo ato de pensar, com o divino, com a ação divina.

Espinosa era racionalista, rejeitando a transcendência enigmática de Deus. Para ele, Deus confunde-se com a eterna natureza, e o ser humano faz parte dela.

Ele rejeitava tudo que era sobrenatural, como, por exemplo, o fato de Cristo ter ressuscitado. Utilizava-se sempre da razão para explicar certos fenômenos ditos sobrenaturais.

Em relação à ética, Espinosa não recitava um mandamento moral; o que ele pretendia era demonstrar como o ser humano age quando utiliza da razão. Ele acreditava que as virtudes decorrem da força do caráter do homem e dividia as ações virtuosas em duas: devidas à tenacidade, em suas palavras: "ou o desejo pelo qual cada qual procura, unicamente pelo ditame da razão, preservar o seu ser", e aquelas que são devidas à nobreza, em suas palavras: ou "o desejo pelo qual cada qual procura, unicamente pelo ditame da razão, ajudar os outros homens e uni-los a si na amizade".

Segundo Espinosa, os seres humanos vivem inicialmente na ignorância; portanto, são escravos e só se libertam por meio do esclarecimento, do conhecimento, que o levará a Deus e, automaticamente, à salvação. Para ele, por meio da inteligência o ser humano pode se libertar da individualidade a que está limitado.

Espinosa buscava a salvação, mas não a salvação cristã, e sim através do conhecimento racional, pois acreditava que somente essa razão possibilita o êxtase (sentimento profundo de enorme alegria) do bem absoluto, que leva ao conhecimento verdadeiro, a uma participação de Deus.

Para ele, o pensamento de Deus e do ser humano identificam-se quando o pensamento humano é verdadeiro.

Sendo panteísta<sup>23</sup>, no livro *Ética* Espinosa rejeita a ideia de um Deus pessoal e criador que pune ou recompensa. Assim, ele escreve:

---

<sup>23</sup> Panteísta é aquele que acredita no panteísmo, que é uma doutrina filosófica cuja crença é a divindade ser o próprio Universo.

Entendo por substância o que é em si e concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito pode ser formado sem necessitar do conceito de uma outra coisa. Entendo por atributo aquilo que a razão concebe na substância como constituindo sua essência. Entendo por modos as afecções de uma substância, em outras palavras, o que existe em outra coisa e por meio da qual é concebido.

Desse modo, para ele, o mundo contém em si a própria razão para o que ocorre nele próprio e Deus representa o próprio mundo.

Enfim, na Filosofia de Espinosa encontramos o conhecimento e a salvação; sua pretensão é a união de tudo através da inteligência, que representa o amor.

No texto “O homem e a moral”, Espinosa aborda a questão da moral, da consciência, da liberdade humana e de Deus. Leia um trecho:

Os preconceitos que pretendo assinalar aqui dependem de um só: os homens comumente supõem que todas as coisas naturais agem como eles próprios, em vista de um fim; além disso, consideram como certo que o próprio Deus dispõe de tudo visando a um certo fim, pois dizem que ele fez todas as coisas tendo em vista o homem, mas que o fez para dele receber um culto. Este, portanto, o único preconceito que considerarei de início, buscando explicar, em primeiro lugar, por que a maioria dos homens agrada-se dele e por que eles naturalmente se inclinam a adotá-lo; em seguida, mostrarei sua falsidade e, finalmente, provarei como dele saíram os preconceitos relativos ao bem e ao mal, ao mérito e à falta, à beleza e à feiura, e às outras coisas do mesmo gênero.

Todavia, este não é o momento de deduzir essas coisas da natureza do espírito humano. Bastar-me-á colocar de saída o que deve ser reconhecido por todos; os homens nascem ignorantes das causas das coisas e têm vontade de buscar o que lhes é útil, aquilo de que têm consciência.

Daí se segue, em primeiro lugar, que os homens se creem livres porque têm consciência de suas volições e apetites e que não pensam, mesmo em sonho, nas causas que os dispõem para desejar e para querer, porque as ignoram.

Em segundo lugar, segue-se que os homens sempre agem em vista de um fim, isto é, em vista do útil que desejam; donde resulta que sempre procuram saber as causas finais das coisas uma vez acabadas e que, desde que tomem conhecimento delas, encontram o repouso, posto que não mais têm necessidade de duvidar delas. Se não podem ter conhecimento dessas causas por intermédio de outrem, só lhes resta voltarem-se sobre si mesmos e refletir sobre os fins que os determinam de hábito para ações semelhantes e, desse modo, julgar necessariamente segundo sua natureza própria, a de outrem. [...] Ora, como nunca tiveram qualquer ensinamento sobre a natureza desses seres, julgaram-nos segundo a sua própria, e, desse modo, admitiram que os deuses dispõem de tudo para o uso dos homens; para se ligarem a eles e serem grandemente honrados por eles. Daí resultou que, cada um deles, segundo sua própria natureza, inventou diversas maneiras de prestar um culto a Deus, a fim de que este o amasse mais que todos os outros e colocasse a natureza

inteira a serviço de seu desejo cego e de sua insaciável avidez. [...] Por conseguinte, tomaram como certo que os juízos dos deuses ultrapassam de muito o alcance da inteligência humana. [...]

É importante não esquecer aqui que os partidários dessa doutrina — que quiseram ostentar seu talento ao assinalar um fim para as coisas — estabeleceram um novo modo de argumentação para prová-la: a redução, não ao impossível, mas à ignorância; o que demonstra a inexistência de qualquer outro tipo de argumento em favor dessa doutrina. [...] E nunca deixarão de lhe interrogar sobre as causas das causas até que você se tenha refugiado na vontade de Deus, esse asilo da ignorância.

## Leibniz

Gottfried Wilhelm Leibniz nasceu em 1646 na cidade de Leipzig, Alemanha.

Formou-se em Direito e foi conselheiro da Alta Corte de Justiça do Eleitor de Mogúncia e diplomata.

Em 1676, tornou-se conservador da biblioteca de Hanover. Trabalhou ainda como bibliotecário e historiador. Deixou grande contribuição para a Geologia, Linguística, Historiografia, Matemática, Física e Filosofia. Fundou a Academia de Berlim, relacionando-se com diversos intelectuais europeus da época. Em 1676, descobriu, ao mesmo tempo que Newton, o cálculo infinitesimal.

Escreveu *Os novos ensaios sobre o entendimento humano*, *A teodiceia*, *Discurso de metafísica* e *A monadologia*.

Trocou uma rica correspondência com um professor de Filosofia da Universidade de Leyden: Burchard de Volder. Nessas correspondências, encontram-se muitas de suas teorias.

Leibniz faleceu em 1716, em Hanover.

Sua tese ontológica, segundo suas palavras, é a seguinte:

[...] considerando acuradamente o assunto, deve-se dizer que não há nada nas coisas exceto substâncias simples e nestas nada senão percepção e apetite. Além disso, matéria e movimento não são tanto substâncias ou coisas senão antes os fenômenos de seres percipientes, cuja realidade está localizada na harmonia de cada percipiente consigo mesmo e com os outros percipientes.

Por esse trecho Leibniz assegura que os indivíduos básicos de uma ontologia<sup>24</sup> são **mônadas**.

<sup>24</sup> Ontologia é a parte da Filosofia que trata do ser concebido como tendo uma natureza comum, inerente a todos os seres.



Gottfried Wilhelm Leibniz

Monâdas são unidades de força, ou seja, entes imateriais que não têm partes espaciais. Elas se percebem entre si, com certo grau de clareza; porém, Deus é o único que as percebe com total e absoluta clareza.

Para Leibniz, a mônada é caracterizada pela percepção e é uma fonte de ação. As mônadas podem ser classificadas em nuas, sensitivas e racionais.

As mônadas nuas seriam os corpos brutos; as sensitivas seriam dotadas de apercepções e desejos; e as racionais apresentariam consciência e vontade, sendo essa vontade, essa liberdade a expressão em seu ato, de sua própria essência.

Sobre os entes atuais e entes ideais, Leibniz escreveu:

Nos entes atuais não há nada senão quantidades discretas, ou seja, a multidão de mônadas, isto é, substâncias simples... Mas a quantidade contínua é algo ideal, que pertence aos possíveis, e aos atuais, à medida que são possíveis. Efetivamente, um contínuo envolve partes indeterminadas, enquanto, pelo contrário, não há nada indefinido em entes atuais, nos quais toda divisão que pode ser feita, é feita.

As coisas atuais são compostas de tal maneira que um número é composto de unidades, coisas ideais são compostas de tal maneira que um número é composto de frações. As partes são atuais no todo real, mas não no ideal. Confundindo coisas ideais com substâncias atuais quando buscamos partes atuais na ordem dos possíveis e partes indeterminadas no agregado de coisas atuais, nós nos enredamos no labirinto do contínuo e em contradições inexplicáveis.

Gottfried Wilhelm Leibniz formulou ainda um sistema de lógica formal, baseada na ideia de atribuir números a conceitos, conforme determinadas regras.

Leia a seguir um trecho do texto *As mônadas*, escrito por Leibniz, que trata das substâncias.

A mônada de que falamos aqui nada mais é do que uma substância simples que entra nos compostos; isto é, sem partes.

É preciso que haja substâncias simples, posto que há compostos: pois o composto nada mais é do que um amontoado ou agregado de simples.

Ora, aí, onde não há partes, não há extensão, nem figura, nem divisibilidade possível; e essas mônadas são os verdadeiros átomos da natureza e, numa palavra, os elementos das coisas.

Também não há dissolução a temer nem há uma maneira concebível pela qual uma substância simples possa perecer naturalmente. [...]

Também não há meio para explicar como uma mônada possa ser alterada ou modificada em seu interior por alguma outra criatura, uma vez que não se poderia transpor coisa alguma para ela, nem conceber nela um movimento interno que possa ser excitado, dirigido, aumentado ou diminuído, como pode ocorrer nos compostos, nos quais há mudança entre as partes. As mônadas não têm janelas pelas quais algo possa entrar ou sair. Os acidentes não poderiam destacar-se nem passear fora das substâncias, como outrora faziam as espécies sensíveis dos escolásticos. Desse modo, nem substância nem acidente podem entrar numa mônada.

Todavia, é preciso que as mônadas tenham algumas qualidades, de outro modo, nem mesmo seres elas seriam; e se as substâncias simples não diferissem por suas qualidades, não haveria o menor meio de se perceber qualquer mudança nas coisas, uma vez que o que está no composto só pode vir de ingredientes simples; e, na medida em que as mônadas fossem sem qualidades, não seriam distinguíveis uma da outra, embora não difiram em quantidade; e, conseqüentemente, estando suposto o pleno, cada lugar sempre receberia no movimento somente o equivalente do que tivesse e um estado de coisas seria indiscernível do outro.

É preciso mesmo que cada mônada seja diferente da outra, pois nunca há, na natureza, dois seres que sejam perfeitamente idênticos e onde não seja possível encontrar uma diferença interna ou fundada numa denominação intrínseca. [...]



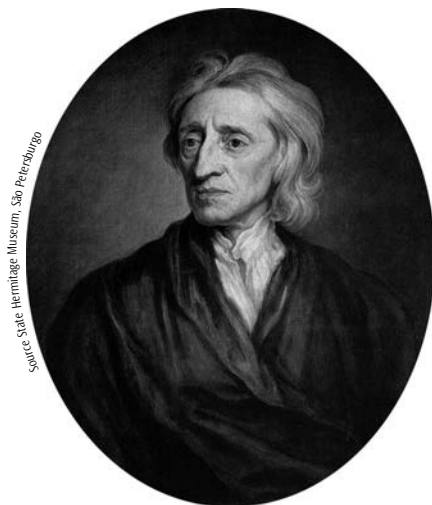
A ação do princípio interno, que determina a mudança ou a passagem de uma percepção a uma outra, pode ser denominada apetição; é verdade que o apetite nem sempre poderia alcançar inteiramente a toda percepção para a qual tende, mas ele sempre obtém alguma coisa daí e atinge novas percepções. Mas, também é preciso que, além do princípio da mudança, haja um detalhe daquilo que muda, que faça, por assim dizer, a especificação e a variedade das substâncias simples.

## John Locke

John Locke nasceu na cidade de Wrington, Inglaterra, em 1632 e faleceu em 1704.

Ele fazia parte de uma família puritana de Somerset que pertencia à classe média e foi estudante da Universidade de Oxford, onde conheceu a Filosofia escolástica, com a qual se decepcionou. Durante sua estada em Oxford, estudou química, teologia e Filosofia e medicina.

Locke atuou como médico e assessor do conde de Shaftesbury (1671-1713), cujo nome verdadeiro era Anthony Ashley Cooper e com o qual viajou para a França, posteriormente indo para a Holanda em 1683. Em 1689, retornou para a Inglaterra, tornando-se um iminente intelectual.



Retrato de John Locke, óleo de Sir Godfrey Kneller.

Autor de *Reflexões sobre a república romana*, *Tratado sobre o governo civil*, *Segundo tratado sobre o governo* e *Ensaaios filosóficos sobre o entendimento humano*, na obra *Segundo tratado sobre o governo*, Locke escreveu:

Imaginemos um grupo de seres humanos vivendo no que chama de estado da natureza, isto é, uma condição em que não há autoridade governamental nem propriedade privada. Ainda estariam sob obrigação divina; e muitas obrigações lhes seriam acessíveis pelo uso das suas capacidades naturais.

Haveria para eles um direito natural. Nesse estado de natureza, teriam direito às suas próprias pessoas e seu trabalho; a lei natural nos diz que essas são inerentemente nossas posses. Mas não haveria posses além dessas. O mundo físico seria semelhante a um imenso terreno comum inglês, dado por Deus à humanidade como um todo. [...] De que forma podemos explicar a emergência da obrigação política a partir de tal situação, como podemos explicar a emergência da propriedade privada?

Locke é considerado um filósofo de grande relevância no campo do liberalismo político. Ele costumava afirmar que “a mente humana, no instante do nascimento, é uma tábula rasa”.

No entanto, são diversas as suas contribuições para além do liberalismo político; entre elas, suas ideias sobre o entendimento humano, desenvolvidas na obra *Ensaaios filosóficos para o entendimento humano*, na qual Locke afirma que as ideias adquiridas pela mente humana, durante o transcorrer da existência, ocorrem devido aos nossos sentidos e por meio da reflexão.

Nessa mesma obra, questiona qual é a essência, a origem e o alcance do conhecimento adquirido pela humanidade. Ele usa a palavra *ideia* para designar tudo que faz parte do modo que se realiza o conhecimento.

Para ele, as ideias humanas estão divididas em *sensação* e *reflexão*. Por *sensação* Locke entende aquilo que resulta da modificação ocorrida na mente por meio dos nossos sentidos. Já a *reflexão* seria a percepção que tem a alma daquilo que ocorre com ela, ou seja, é nosso sentido interno, que ocorre quando a mente humana analisa suas próprias operações.

As ideias simples ocorrem na mente por meio da qualidade do objeto analisado, sendo que, para ele, existem qualidades primárias e qualidades secundárias.

As qualidades primárias são exemplificadas pela solidez, repouso e número, sendo também objetivas. As qualidades secundárias são representadas, por exemplo, pelo som, odor, sabor, entre outras, sendo subjetivas e relativas.

As ideias complexas são formadas por meio de nosso intelecto, e não são objetivas, são práticas. Para John Locke, não existiam ideias inatas, assim como também não deveria existir poder inato. Para ele, o poder que existe na sociedade deveria nascer através de um acordo feito entre as pessoas, um acordo bilateral. Sobre a forma de governo, acreditava que o próprio povo deveria escolher qual tipo queria, qual tipo seria melhor para a sociedade em geral.

Locke discordava do abuso de poder e da tirania, preocupava-se com as questões sociais e culturais de seu tempo, sendo um precursor do liberalismo.

### **Immanuel Kant**

Immanuel Kant nasceu na cidade prussiana de Königsberg, (atual Kaliningrado, Rússia) em 1724. Durante toda sua vida morou na mesma cidade, dedicando-se ao magistério e à Filosofia. Trabalhou como professor durante quarenta anos na Universidade de Königsberg, tendo uma vida bastante tranquila e metódica. Faleceu em 1804, aos oitenta anos de idade.

Por ter sido educado por pietistas<sup>25</sup>, sofreu suas influências. Também foi influenciado por Leibniz, Wolff, Newton e Rousseau.

Porém, foi Hume (1711-1776) que, segundo consta, “despertou Kant de seu sono dogmático”, e juntamente com Rousseau o despertou para o problema da consciência moral. Escreveu várias obras, entre elas: *Crítica da razão prática*; *Crítica da razão pura*; *A metafísica dos costumes* e *Crítica do juízo*.

Na obra *Crítica da razão pura*, Immanuel Kant trata do problema do conhecimento humano, estabelecendo duas formas para o ato de conhecer: o empírico, que trata dos dados dos sentidos, e o conhecimento puro, que não depende dos sentidos, é puramente racional.

<sup>25</sup> Pietistas eram partidários do pietismo, um movimento de intensificação da fé ocorrido no século XVII dentro da Igreja luterana alemã.

Para ele, o conhecimento puro leva a juízos necessários e universais, que se subdividem em analíticos e sintéticos.

- **Juízo analítico:** é entendido como o juízo em que o predicado está contido no sujeito.
- **Juízo sintético:** divide-se em *a posteriori* e *a priori*. O juízo *a posteriori* está vinculado às nossas sensações, está ligado ao tempo em que ocorreu o fato, não cria conhecimentos necessários. O juízo *a priori* é necessário e universal, além de produzir novos conhecimentos.

Para Kant, o conhecimento é o que resulta de uma síntese entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Assim, ao tomarmos conhecimento do que é real no mundo, podemos tomar parte de sua construção mental.

Bibliothèque nationale, Paris, França



Immanuel Kant

Leia a seguir um trecho do texto *Crítica ao argumento ontológico*, no qual Kant trata da coisa, objeto da ontologia.

Quando, então, eu concebo uma coisa, quaisquer que sejam e por mais numerosos que sejam os predicados por meio dos quais eu a concebo (mesmo que a determine completamente), e só por isso eu acrescento que essa coisa existe, eu não estarei acrescentando absolutamente nada à coisa. Se assim fora, não existiria mais a mesma coisa, mas algo além do que pensei no conceito; e eu não mais poderia dizer que é exatamente o objeto do meu conceito que existe. Se numa coisa eu concebo toda realidade, exceto uma, e pelo fato de dizer que essa coisa defeituosa existe, a realidade que lhe falta não lhe será acrescentada por isto; mas ela existe precisamente tão defeituosa quanto a concebo, pois, de outro modo, existiria outra coisa diferente do que concebi. Se, por conseguinte, eu concebo um ser como a suprema realidade (sem falhas), sempre resta saber se esse ser existe ou não. De fato, embora em meu conceito não falte nada do conteúdo real possível de uma coisa em geral, ainda falta, porém, alguma coisa com relação a todo meu estado intelectual, a saber, que o conhecimento de um objeto seja possível *a posteriori*. E aqui se mostra a causa da dificuldade que reina nesse ponto. Se se tratasse de um objeto dos sentidos, eu não poderia confundir a existência da coisa com seu simples conceito. De fato, o conceito só me faz conceber o objeto como concordante com as condições universais de um conhecimento empírico possível em geral, enquanto a existência me faz concebê-lo como compreendido no contexto de toda experiência; e, se o conceito do objeto não é de modo algum aumentado para sua ligação com o conteúdo de toda experiência, nosso pensamento dele recebe em acréscimo mais percepção possível. Se, ao contrário, quisermos pensar a existência unicamente por intermédio da pura categoria, não será de espantar que não possamos indicar nenhum critério que sirva para distingui-la da simples possibilidade.

Na obra *Metafísica dos costumes*, Kant escreveu:

Ser bom, quando se pode, é um dever e, ademais, existem certas almas tão capacitadas para a simpatia que, mesmo sem qualquer motivo de vaidade ou de interesse, elas experimentam uma satisfação íntima em irradiar alegria em torno de si e vivem o contentamento de outrem, na medida em que ele é obra sua. Mas eu acho que no caso de uma ação desse tipo, por mais de acordo com o que, por conseguinte, é honorável, merece louvor e encorajamento, mas não respeito, pois falta a essa máxima, o valor moral, isto é, o fato de que essas ações sejam feitas não por inclinação, mas por dever. Suponha-se então que a alma daquele filantropo esteja ensombrada por um desses desgostos pessoais que sufocam toda simpatia pela sorte de outrem e que ele sempre ainda tenha o poder de fazer bem a outros infelizes, mas que não seja tocado pelo infortúnio dos outros, por estar demasiado absorvido pelo seu próprio, e que nessas condições em que nenhuma inclinação não mais o leve a isso, ele porém se arranque dessa insensibilidade mortal e aja, livre da influência de qualquer inclinação, unicamente por dever; então, só então sua ação terá verdadeiro valor moral. E digo mais: se a natureza tivesse colocado no coração deste ou daquele um pouco de simpatia, se aquele homem fosse frio por temperamento e indiferente aos sofrimentos de outrem, talvez porque, tendo para com seus próprios sofrimentos um dom especial de resistência e de paciente energia, ele suponha que também nos outros, ou deles exija as mesmas qualidades;

se a natureza não tivesse formado esse homem particularmente (o que na verdade não seria sua obra pior) para fazer dele um filantropo, não encontraria ele, então, em si próprio o meio de se dar um valor muito superior ao que possa ter um temperamento naturalmente bondoso? Certamente! E é aqui precisamente que surge o valor do caráter, valor moral e incomparavelmente o mais elevado, que provém daquele que faz o bem não por inclinação, mas por dever.

Percebe-se por esse trecho que Kant tem como fundamento para a moral humana a consciência e a razão; razão essa que, para ele, sempre deve ser respeitada. Leia mais um trecho do texto:

Assegurar a própria felicidade é um dever; pois, o fato de não estar contente com a própria situação, com o viver pressionado por inúmeros cuidados em meio de necessidades não satisfeitas, poderia facilmente tornar-se uma grande tentação de violar seus deveres. Mas, aqui ainda, sem pensar no dever, todos os homens já têm, por eles próprios, a inclinação para a felicidade mais duradoura e mais íntima, pois, precisamente nessa ideia de felicidade, as inclinações se unificam numa totalidade. Ocorre apenas que o preceito que ordena o tornar-se feliz muitas vezes assume tal caráter, que traz grande prejuízo a algumas inclinações, e, contudo, o homem não pode fazer um conceito definido e certo dessa soma de satisfações a ser dada a todas a que chama de felicidade; desse modo, não há por que se surpreender que uma inclinação única, determinada quanto ao que promete e quanto à época em que pode ser satisfeita, possa levar vantagem sobre uma ideia flutuante, que, por exemplo, uma pessoa que sofre de gota possa gostar mais de saborear o que é de seu gosto e sofra em seguida, pois, segundo seu cálculo, ao menos nessa circunstância ela não se privou, por causa da talvez enganosa esperança de felicidade a ser encontrada na saúde, do gozo do momento presente. Mas, nesse caso igualmente, se a tendência universal não determinasse sua vontade, se a saúde, para ela ao menos, não fosse coisa tão importante de fazer entrar em seus cálculos, o que restaria ainda aqui, como em todos os outros casos, seria uma lei, uma lei que ordena trabalhar para a própria felicidade não por inclinação, mas por dever, e é por isto somente que sua conduta possui um verdadeiro valor moral.

## **O iluminismo**

O iluminismo foi um movimento cultural de âmbito internacional, ocorrido entre o final do século XVII e parte do século XVIII, cujo pensamento consistia em dar maior credibilidade e ênfase à racionalidade humana, pois acreditavam que a razão é inerente ao ser humano.

Esse período é chamado também de momento das luzes, e o século XVII, século das luzes, pois considera-se que o ser humano “se iluminou”, se descobriu mais verdadeiramente como detentor e produtor de conhecimentos.



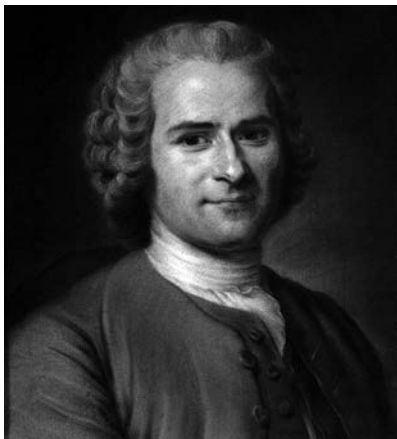
Frontispício da *Encyclopédie* (1772), desenhado por Charles-Nicolas Cochin, representando alegoricamente o iluminismo.

A palavra *iluminismo*, representando esse movimento, sintetiza variadas tradições filosóficas, correntes intelectuais e atitudes religiosas. Trata-se de uma postura geral de pensamento e de ação que previa que os seres humanos poderiam transformar o mundo em um lugar melhor, mediante o estudo das ciências, de todo o conhecimento humano e também por meio do engajamento político-social.

Diversos pensadores iluministas davam uma importância central à educação como instrumento promotor de mudança e melhoria na civilização.

### **Rousseau**

Um pensador iluminista bastante importante foi Jean-Jacques Rousseau, nascido em 1712 e falecido em 1778.



Retrato de Rousseau, obra de Maurice Quentin de La Tour (1753).

Rousseau escreveu diferentes obras, ressaltando-se *O contrato social*, na qual expõe a ideia de que o rei deveria governar de acordo com a vontade do povo, pois deveria pensar no bem comum. O Estado, dessa forma, atenderia a todos, que teriam os mesmos direitos.

Para ele, por meio da vontade de todos, ou seja, da vontade geral, da democracia, se torna possível a soberania das leis sobre todo o povo.

Também é da autoria de Rousseau a obra *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, na qual eleva ao máximo os valores da vida natural, e veementemente ataca a devassidão, o apego ao dinheiro e os vícios da “sociedade civilizada”. Elogia a liberdade do “bom selvagem”, ou homem puro, e critica o homem “civilizado”.

As ideias e reflexões de Rousseau e do iluminismo inspiraram profundamente a Revolução Francesa.

#### Saiba



O **bom selvagem** seria para Rousseau o ser humano em seu estado natural, não contaminado por comportamentos e atitudes sociais.

Rousseau, no entanto, não pretendia negar nem negou as vantagens decorrentes da civilização, apenas sugeriu ideias que, acreditava, poderiam reconduzir os seres humanos à felicidade.





*A liberdade conduzindo o povo*, óleo de Eugène Delacroix. Revolução Francesa é o nome que se dá a uma série de variados acontecimentos ocorridos entre maio e novembro de 1789 que alterou o quadro político e social da França, tirando o poder absoluto das mãos da Igreja e da nobreza. É considerada uma das mais relevantes revoluções da história da humanidade.

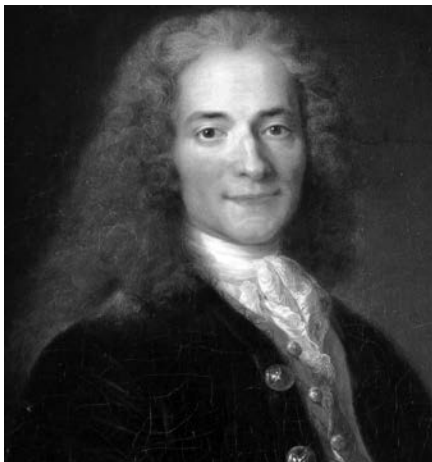
## Voltaire

François-Marie Arouet, conhecido como Voltaire, nasceu em 1694, faleceu em 1778 e foi um dos mais expressivos representantes do iluminismo.

Voltaire era dramaturgo e poeta, destacando-se também como um importante filósofo. Entre outras obras, escreveu: *Cartas filosóficas* e *Dicionário filosófico*.

Ele defendia a monarquia que tivesse no poder um rei informado e culto, que fosse adepto do respeito à liberdade de cada pessoa, além da liberdade de pensamento.

Uma das frases mais marcantes de Voltaire é: “posso não concordar com nenhuma das palavras que você diz, mas defenderei até a morte seu direito dizê-las”.



Retrato de Voltaire, por Nicolas de Largillière.

Voltaire era adepto do ceticismo, porém não daquele absoluto (doutrina segundo a qual o ser humano não pode chegar a qualquer conhecimento indubitável), e sim de um ceticismo mais brando. Ele acreditava na existência de Deus, pois para ele o divino demonstra seu poder, através do nosso senso moral; contudo, esse senso moral, segundo Voltaire, encontra-se afrontado pela intolerância do cristianismo.

### Montesquieu

Charles-Louis de Secondat, conhecido como Montesquieu, nasceu na França em 1689 e faleceu em 1755. É também considerado um importante pensador iluminista, sendo autor de obras que muito contribuíram para esse pensamento. É o caso de *Ensaio e O espírito das leis*. Nesta última, Montesquieu tece a ideia de que existem três tipos de governos: República, Monarquia e Despotismo<sup>26</sup>.

Montesquieu defendia a separação dos poderes em Legislativo, Executivo e Judiciário, pois somente assim o indivíduo comum, o cidadão, poderia ter liberdade política.

<sup>26</sup> O despotismo é o poder absoluto e arbitrário de um governo.



Montesquieu, em estátua do artista Clodion.

## Adam Smith

Adam Smith nasceu na Escócia, em 1723, vindo a falecer em 1790.

Esse pensador é considerado o pai da Economia. Sua obra mais significativa é *A riqueza das nações*, na qual defende ideias sobre a divisão do trabalho, a função da moeda e a ação dos bancos para a economia.

Para ele, o trabalho representava a fonte de riqueza. Essa mesma visão foi posteriormente defendida por Karl Marx.



Adam Smith

## Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Hegel nasceu em Stuttgart, na Alemanha, em 1770, e faleceu em 1831. Estudou gramática até os 18 anos, quando realizou teve contato com diversos autores clássicos. Mais tarde, resolveu entrar em um seminário protestante, permanecendo por cinco anos.

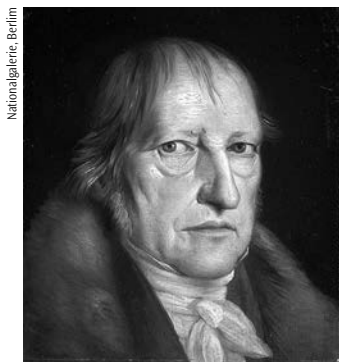
Foi professor nas universidades de Jena, Heidelberg e Berlim, ficando conhecido pela longa extensão de suas aulas.

Escreveu sobre diversas áreas do conhecimento humano: Psicologia, Arte, Filosofia, História, Religião, Direito.

Na Filosofia hegeliana, a dialética permitiu compreender e elucidar a racionalidade do real. Suas principais obras são: *Fenomenologia do espírito*, *Ciência da lógica*, *Enciclopédia das ciências filosóficas*, *Filosofia do Direito*.

Hegel estudou profundamente história e Filosofia e defendia a ideia de que Deus e o Universo são inseparáveis. Para ele, tudo é conhecimento humano. Seu sistema filosófico não é simples. A realidade é um processo complexo e racional. O absoluto é o infinito que engloba todas as relações e conhecimentos possíveis e reais, e a verdade absoluta é Deus.

Hegel é considerado um dos mais influentes filósofos de sua época. Suas teorias, também conhecidas como hegelistas, serviram de referência para diversos pensadores da Filosofia contemporânea.



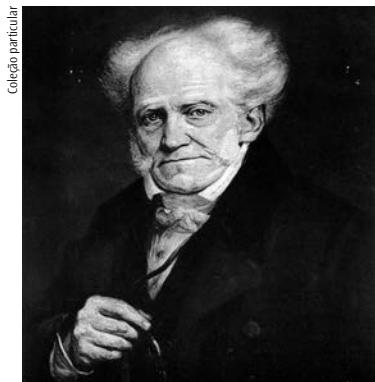
Nationalgalerie, Berlim

Retrato de Hegel, por Jacob Schlesinger (1825).

## Arthur Schopenhauer

Nascido em 1788, na Alemanha, na cidade prussiana de Danzig (atualmente Gdansk, na Polônia), Schopenhauer veio ao mundo predestinado a seguir os rumos do pai, que era comerciante, mas, acabou ingressando na universidade, como era de seu próprio interesse, para cursar medicina, tendo também estudado Filosofia.

Schopenhauer foi professor universitário e publicou diversas obras em que é notória e relevante sua visão pessimista do mundo. Um dos seus temas é o sofrimento humano, pois acreditava que a vida humana oscilava entre a dor e o tédio.



Schopenhauer, em obra de Jules Luntenschutz.

Para ele, a vontade é a última e mais essencial força da natureza que se manifesta em cada pessoa. Acreditava também que não haveria satisfação e prazer se as coisas fossem alcançadas sem esforço.

Entre outras obras que publicou, estão: *O mundo como vontade e representação*, *Os dois problemas da ética* e *Parerga e Paralipomena*.

Schopenhauer faleceu em 1860.

Saiba



Alguns pesquisadores classificam Hegel e Schopenhauer como filósofos modernos. No entanto, há outros estudiosos que os classificam como filósofos contemporâneos.

1. (Insaf-PE) Assinale o movimento filosófico típico do século XVIII que se caracterizou por uma acentuada confiança na razão humana como proposta pedagógica de formação do homem novo.
  - a) Renascimento
  - b) Empirismo
  - c) Racionalismo
  - d) Iluminismo
  
2. (Faetec-RJ) Segundo Descartes, do ponto de vista da origem, as ideias se classificam do seguinte modo:
  - a) eu, Deus, extensão.
  - b) simples e complexas.
  - c) inatas, adventícias e imaginárias.
  - d) claras e distintas; obscuras e confusas.
  
3. (Faetec-RJ) Segundo Rousseau, é a vontade geral que garante a soberania das leis sobre os cidadãos do Estado, legítima e democraticamente constituído, e governado em prol do bem comum. O conceito de vontade geral, para este pensador, designa:
  - a) a vontade da maioria.
  - b) a vontade concreta de todos.
  - c) o entendimento comum de todos os indivíduos racionais.
  - d) a vontade de uma comunidade determinada.
  
4. (Fuvest-SP) Entre as propostas formuladas no século XVIII por Montesquieu, em sua obra *O espírito das leis*, podemos citar:
  - a) separação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.
  - b) sufrágio universal.
  - c) parlamentarismo bicameral inteiramente de base seletiva.
  - d) responsabilidade ministerial ante o Parlamento.
  - e) regime presidencialista.
  
5. (Fuvest-SP) Leia o texto:

Um comerciante está acostumado a empregar o seu dinheiro principalmente em projetos lucrativos, ao passo que um simples cavaleiro rural costuma empregar o seu em despesas. Um frequentemente vê seu dinheiro afastar-se e voltar às suas mãos com lucro; o outro, quando se separa do dinheiro, raramente espera vê-lo de novo. Esses hábitos diferentes afetam naturalmente os seus temperamentos e disposições em toda espécie de atividade. O comerciante é, em geral, um empreendedor audacioso; o cavaleiro rural, um tímido em seus empreendimentos.

Adam Smith. *A riqueza das nações*, Livro III, capítulo 4.

Nesse pequeno trecho, Adam Smith:

- a) contrapõe lucro a renda, pois geram racionalidades e modos de vida distintos.
- b) mostra as vantagens do capitalismo comercial em face da estagnação medieval.
- c) defende a lucratividade do comércio contra os baixos rendimentos do campo.
- d) critica a preocupação dos comerciantes com seus lucros e dos cavalheiros com a ostentação de riquezas.
- e) expõe as causas da estagnação da agricultura no final do século XVIII.

**6. (PUC-RJ) Analise as afirmativas abaixo referentes ao iluminismo:**

- I. Muitas das ideias propostas pelos filósofos iluministas são, hoje, elementos essenciais da identidade da sociedade ocidental.
- II. O pensamento iluminista caracterizou-se pela ênfase conferida à razão, entendida como inerente à condição humana.
- III. Diversos pensadores iluministas conferiram uma importância central à educação enquanto instrumento promotor da civilização.
- IV. A Filosofia iluminista proclamou a liberdade como direito incontestável de todo ser humano.

**Assinale:**

- a) se apenas a afirmativa II estiver correta.
- b) se apenas as afirmativas I e IV estiverem corretas.
- c) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- d) se apenas as afirmativas I, II e IV estiverem corretas.
- e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

**7. (UEL-PR) Leia o trecho abaixo:**

A escolha dos ministros por parte de um príncipe não é coisa de pouca importância: os ministros serão bons ou maus, de acordo com a prudência que o príncipe demonstrar. A primeira impressão que se tem de um governante e da sua inteligência é dada pelos homens que o cercam. Quando estes são eficientes e fiéis, pode-se sempre considerar o príncipe sábio, pois foi capaz de reconhecer a capacidade e manter fidelidade. Mas quando a situação é oposta, pode-se sempre dele fazer mau juízo, porque seu primeiro erro terá sido cometido ao escolher os assessores.

Nicolau Maquiavel. *O príncipe*. Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

**Com base no texto e nos conhecimentos sobre Maquiavel, é correto afirmar:**

- a) As atitudes do príncipe são livres da influência dos ministros que ele escolhe para governar.
- b) Basta que o príncipe seja bom e virtuoso para que seu governo obtenha pleno êxito e seja reconhecido pelo povo.

- c) O povo distingue e julga, separadamente, as atitudes do príncipe daquelas de seus ministros.
- d) A escolha dos ministros é irrelevante para garantir um bom governo, desde que o príncipe tenha um projeto político.
- e) Um príncipe e seu governo são avaliados também pela escolha dos ministros.

**8. (UEL-PR)**

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!

Jean-Jacques Rousseau. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

**Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento político de Rousseau, é correto afirmar:**

- a) A desigualdade é um fato natural, autorizada pela lei natural, independentemente das condições sociais decorrentes da evolução histórica da humanidade.
- b) A finalidade da instituição da sociedade e do governo é a preservação da individualidade e das diferenças sociais.
- c) A sociabilidade tira o homem do estado de natureza onde vive em guerra constante com os outros homens.
- d) Rousseau faz uma crítica ao processo de socialização, por ter corrompido o homem, tornando-o egoísta e mesquinho para com os seus semelhantes.
- e) Rousseau valoriza a fundação da sociedade civil, que tem como objetivo principal a garantia da posse privada da terra.

**9. (Concurso Colégio Pedro II-RJ)** Em sua obra *Novum organum*, Francis Bacon analisa os tipos de noções falsas que, ao ocuparem o intelecto humano, obstruem-no, dificultando o alcance da verdade, bem como impedem a realização da ciência. Tais são os ídolos da tribo, os ídolos da caverna, os ídolos do foro e os ídolos do teatro, os quais dizem respeito, respectivamente, a:

- a) noções fundadas na própria natureza humana; noções do homem enquanto indivíduo; noções provenientes do emprego e manejo das palavras de maneira imprópria; noções sustentadas pelas doutrinas filosóficas.
- b) noções do homem enquanto indivíduo; noções fundadas na própria natureza humana; noções provenientes do emprego e manejo das palavras de maneira imprópria; noções sustentadas pelas doutrinas filosóficas.



- c) noções fundadas na própria natureza humana; noções provenientes do emprego e manejo das palavras de maneira imprópria; noções do homem enquanto indivíduo; as noções sustentadas pelas doutrinas filosóficas.
- d) noções fundadas na própria natureza humana; noções provenientes do emprego e manejo das palavras de maneira imprópria; as noções sustentadas pelas doutrinas filosóficas; noções do homem enquanto indivíduo.
- 10. (Fatec-SP) O iluminismo surgiu na França, no século XVIII, e se caracterizava por procurar uma explicação racional para todas as coisas. É correto afirmar que:**
- a) a Filosofia iluminista preocupou-se com o estudo da natureza; por isso, acreditava-se em Deus e no poder da Igreja para chegar a Ele.
- b) seus pensadores eram divididos em dois grupos: os filósofos e os economistas, sendo estes últimos defensores de uma economia totalmente supervisionada pelo Estado.
- c) os déspotas esclarecidos, monarcas e ministros europeus, adeptos de ideias iluministas, modernizaram seus Estados abandonando o poder absoluto.
- d) para corrigir a desigualdade social era preciso modificar a sociedade, dando a todos liberdade de expressão e de culto, além de proteção contra a escravidão, a injustiça, a opressão e as guerras.
- e) um de seus maiores pensadores foi Montesquieu, que escreveu o *Contrato social*, no qual criticava a Igreja e defendia a liberdade dos homens.

- 11. (UFU-MG) Maquiavel escreveu:**  
[...] é necessário a um príncipe que o povo lhe vote amizade; do contrário, fracassará nas adversidades.

Nicolau Maquiavel. *O príncipe*. Trad. Lívio Teixeira. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 41.

Para Maquiavel, essa máxima deve ser observada para a manutenção do poder e a estabilidade do Estado. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a posição de Maquiavel para atingir esse preceito.

- a) O príncipe moderno deverá contar com o apoio dos magistrados para conduzir as suas ações até a obtenção do governo absoluto sobre os súditos.
- b) Não há uma regra certa para alcançar a confiança do povo, porque as regras mudam conforme as circunstâncias; portanto, o príncipe deve ser homem de *virtù*.
- c) O povo, assim como os grandes de uma cidade ou de um reino, quer receber favores. Assim, a satisfação de suas vontades garante a vida do príncipe no poder.
- d) O príncipe deve usar a sua fortuna e formar bons exércitos que lhe devam fidelidade e sejam capazes de manter a ordem social.

## Descomplicando a Filosofia

(Insaf-PE) Leia o texto:

Mas logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade *eu penso, logo existo* era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que poderia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.

Descartes. *Discurso do método*.

De acordo com o texto e com os conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa correta.

- a) Para Descartes, não podemos conhecer nada com certeza, pois tudo quanto pensamos está sujeito à falsidade.
- b) A frase *penso, logo existo* expressa uma verdade instável e incerta, o que fez Descartes ser vencido pelos céticos.
- c) A expressão *eu penso, logo existo* representa a verdade firme e certa com a qual Descartes fundamenta o conhecimento e a ciência.
- d) As extravagantes suposições dos céticos impediram Descartes de encontrar uma verdade que servisse como princípio para a Filosofia.
- e) Descartes, ao acreditar que tudo era falso, colocava em dúvida sua própria existência.

### Resolução e comentários

O *penso, logo existo* de Descartes é, segundo ele, a única verdade que não podemos duvidar, por ser evidente e clara. A evidência para ele é a da razão, por isso é racionalista. Segundo os racionalistas, a razão é considerada como o único meio para se adquirir conhecimento.

Portanto, a alternativa correta é a **U**



É necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade.

Maquiavel

## Augusto Comte e o positivismo

Augusto Comte nasceu na cidade de Montpellier, França, em 1798 e faleceu em 1857. Pertencia a uma família católica e, aos 16 anos, passou a estudar na Escola Politécnica de Paris, onde foi nomeado explicador de análise e mecânica e, posteriormente, examinador de vestibular.

Em 1817, foi nomeado secretário de Saint-Simon<sup>27</sup>, permanecendo nesse cargo por sete anos, quando conheceu mais profundamente o socialismo, além de adquirir enorme cultura.

Comte colaborou nas obras: *O organizador* e *O sistema industrial*, de Saint-Simon.

Em 1826, Comte abriu em sua casa um curso de Filosofia positiva, que logo foi fechado, devido a uma depressão nervosa, levou a permanecer certo tempo internado; o curso foi reaberto em 1829.

Em 1830, Comte começou a publicar seus ensinamentos sob o título de *Curso de Filosofia positiva*, resumindo a obra, em 1844, para *Discurso sobre o espírito positivo*.

Em 1842, separou-se de sua esposa, Caroline Massim; em 1844, conheceu Clotilde de Vaux, irmã de um de seus alunos, por quem apaixonou-se perdidamente.

---

<sup>27</sup> Laude-Henri de Rouvroy ou Conde de Saint-Simon (1760-1825) foi um filósofo e economista francês, considerado um dos precursores do socialismo moderno. Ele acreditava que o desenvolvimento das ciências determinava transformações políticas, sociais, morais e religiosas.

Clotilde era casada com um homem foragido da polícia, por problemas financeiros. Ela achava impossível a dissolução de seu casamento e, por esse motivo, não quis se casar com Comte, tornando-se apenas sua amiga. Em 1846, morre Clotilde e ele, então, passa a idealizá-la como uma santa.

A partir de 1847, Comte passou a ver o positivismo como uma espécie de religião, fundando diversas igrejas positivistas, chegando inclusive a estabelecer o calendário positivista.

Para alguns filósofos, sua Filosofia está dividida em dois momentos: no seu primeiro, é um crítico da teologia; já no segundo momento é o fundador de uma igreja, uma espécie de profeta do positivismo. Seus discípulos, principalmente Littré, acreditavam ser a paixão platônica por Clotilde o motivo de Comte ter fundado uma igreja e se tornado um político-religioso.

Para ele, a sociedade precisava ser reorganizada inteiramente; mas, essa reorganização era pessoal, portanto, as pessoas é que deveriam mudar intelectualmente.

Segundo sua Filosofia, três estágios no mundo:

- **Teológico** ou **fictício**: nesse estágio, tudo é explicado por meio de vontades alheias à nossa.
- **Metafísico**: nesse estágio, procura-se uma explicação por meio da ideia abstrata.
- **Positivo** ou **científico**: nesse estágio, o ser humano chega à ciência.

Leia a seguir um trecho da obra *Curso de Filosofia positiva*:

No estágio teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do Universo.

No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do Universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume, de agora em diante, na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.



Bibliothèque Nationale, Paris

Augusto Comte, em litogravura de Tony Toullion.

Para esse filósofo, as três leis citadas aplicam-se também para a história do desenvolvimento do ser humano, ou seja, iniciamos com o estado teológico (criança), passamos para o metafísico (adolescência) e, finalmente, evoluímos para o positivo, para a ciência (adulto).

Augusto Comte classificava as ciências de acordo com os fenômenos estudados por cada uma. Ele, na verdade, hierarquizava as ciências, classificando-as na seguinte ordem de importância: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia.

A Sociologia é dividida por Comte em duas: a estática social, na qual se estudam as condições da vida social, sendo representada pela ordem; e a dinâmica social, que cuidaria do progresso da sociedade. Comte acreditava que a sociologia era a ciência mais importante, pois estuda a humanidade.

Para ele, a família representa o ponto de partida do grupo social, sendo o Estado uma estrutura familiar que deve se tornar universal, sendo necessário para isso a consciência do conhecimento da humanidade, o que favoreceria o surgimento do Estado ideal e de uma nova sociedade, em que ficariam separados o poder material do espiritual. O primeiro seria comandado pelo governo, e o segundo pela Igreja, em que os sábios, os pensadores, seriam os chefes. Os proletários e os donos de indústrias devem continuar existindo separadamente.

Comte concordava com os capitalistas ao defender a exploração industrial, e a justificava, além de achar correta a divisão da sociedade em capitalistas e proletariado, demonstrando, com isso, ter uma visão bastante conservadora.

Ele passou os últimos anos de vida no comando de sua igreja positivista, fundando a Religião da humanidade.

Comte é considerado o filósofo da ordem e do progresso, sendo admirado não apenas por pensadores da esquerda como também da direita; enfim, ele é o pai do positivismo.

O texto de Comte "Positivismo e ordem social" trata de sua teoria sobre o positivismo e a importância dele para se manter a ordem em sociedade. Leia um trecho:

As ideias governam e transtornam o mundo, ou, em outros termos... todo o mecanismo social repousa finalmente em opiniões. Eles sabem, sobretudo, que a grande crise política e moral das sociedades atuais se liga, em última análise, à anarquia intelectual. Nosso mal mais grave consiste, com efeito, nessa profunda divergência que existe agora entre todos os espíritos relativamente a todas as máximas fundamentais cuja fixidez é a primeira condição de uma verdadeira ordem social. Enquanto as inteligências individuais não tiverem aderido por um assentimento unânime a um certo número de ideias gerais, capazes de formar uma doutrina social comum, não se pode dissimular que o estado das nações permanecerá, necessariamente, revolucionário em essência, apesar de todos os paliativos políticos que possam ser adotados, e só comportará realmente instituições provisórias. É igualmente certo que se essa união de espíritos numa mesma comunhão de princípios pode uma vez ser obtida, as instituições convenientes dela decorrerão necessariamente sem dar lugar a qualquer abalo grave, pois a maior desordem já estará dissipada por esse único fato. É, portanto, para isso que se deve voltar principalmente a atenção de todos os que sentem a importância de um estado de coisas verdadeiramente normal.

Agora, do ponto de vista elevado em que fomos gradualmente colocados pelas diversas considerações indicadas neste discurso, será fácil caracterizar nitidamente em sua íntima profundidade o estado presente das sociedades e, ao mesmo tempo, deduzir daí o meio pelo qual se pode mudá-lo essencialmente. Atendo-me à lei fundamental, enunciada no começo deste discurso, creio poder resumir exatamente todas as observações relativas à atual situação da sociedade, dizendo simplesmente que a desordem atual das inteligências está ligada, em última análise, ao emprego simultâneo de três Filosofias radicalmente incompatíveis: a Filosofia teológica, a Filosofia metafísica e a Filosofia positiva. Está claro, com efeito, que se qualquer uma dessas três Filosofias obtivesse na realidade uma preponderância universal e completa, existiria uma ordem social determinada, uma vez que o mal consiste sobretudo na ausência total de uma verdadeira organização. É a coexistência dessas três Filosofias opostas que impede absolutamente a compreensão de todos os pontos essenciais. Se essa maneira de ver é exata, não se trata mais de saber qual das três Filosofias pode e deve prevalecer pela natureza das coisas; todo homem sensato deverá, em seguida, quaisquer que tenham sido suas opiniões particulares antes da análise da questão, esforçar-se em contribuir para seu triunfo.

## **Karl Marx e o materialismo dialético**

Karl Marx foi um importante filósofo social, jornalista e teórico de economia. Ele nasceu em Treves, na Alemanha, em 1818 e faleceu em 1883, vítima de um abscesso pulmonar. Seu pai era um advogado de origem judaica, que precisou se converter ao cristianismo em decorrência de restrições a judeus no serviço público.

Em 1836, Marx iniciou seu curso acadêmico na Universidade de Berlim. Por volta de 1842, conheceu Friedrich Engels, com quem manteve uma amizade por toda a vida e com quem, em 1848, escreveu as obras *A ideologia alemã* e *O manifesto comunista*, entre outras.

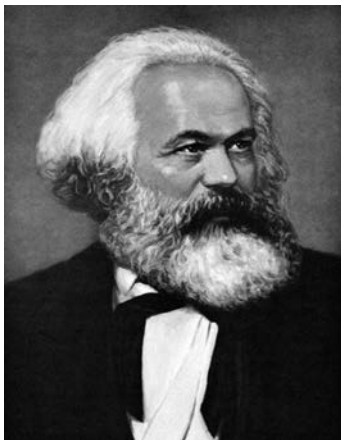
Ao longo da vida sempre esteve em intensa atividade política e intelectual, sendo um grande estudioso da economia política.

Marx passou por fases da mais extrema pobreza, que só não foram piores por ter recebido ajuda financeira de seu amigo Engels, que pertencia a uma rica família de industriais alemães.

Marx e Engels estabeleceram uma das mais importantes teorias filosóficas da Idade Contemporânea: o materialismo histórico e dialético, que explica a história, por meio dos fatores econômicos e técnicos.

Entre as obras de Marx, estão: *O capital*, *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, *Contribuição à crítica da economia política* e *A ideologia alemã* (junto com Engels).





Karl Marx

Sua doutrina foi influenciada pelo economista Adam Smith, pelo filósofo alemão Hegel e pelo socialismo utópico.

Marx e Engels partiram da dialética de Hegel para conceberem a sua própria dialética; entretanto, enquanto para eles ela é materialista, para Hegel, ela é idealista.

De acordo com o pensamento de Marx, a sociedade estava dividida em classes — proletariado e burguesia — que viviam em uma constante luta. Acreditava que essas classes deveriam ser suprimidas e que somente com a vitória do proletariado os homens encontrariam a paz.

Essa vitória do proletariado somente ocorreria após uma revolução, seguida do socialismo, do poder coercitivo do Estado e, finalmente, do comunismo, que seria o ápice da evolução humana. O Estado desapareceria, pois não seria mais necessário, pelo fato de não haver mais divisão de classes; assim, sem conflitos, o homem poderia ser feliz.

O *Manifesto comunista* é uma das mais importantes obras de Karl Marx. Nela, encontramos a ideia de que as relações entre os seres humanos, em todos os seus aspectos, são determinadas pelo regime de produção, numa luta constante entre proletariado e burguesia. Eis o seu início:

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária de sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta.

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma Antiga, encontramos patricios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassallos, mestres, oficiais e servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Não fez senão substituir velhas classes, velhas condições de opressão, velhas formas de luta por outras novas.

Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

O trecho a seguir faz parte da obra *Contribuição para a crítica da economia política*, na qual Marx explica a base do materialismo histórico.

Assim como não avaliamos um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não podemos avaliar uma época de transformações pela consciência que ela elabora de si mesma. Ao contrário, é preciso explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.

Para Marx, o fator econômico é o que delimita a sociedade, ou seja, a economia é a base da sociedade, é o que a sustenta e determina o seu desenvolvimento.

## **Edmund Husserl e a fenomenologia**

Husserl nasceu em 1859, na Alemanha, e faleceu em 1938. Inicialmente, dedicou-se à matemática e, na sequência, à Filosofia.

Apesar dos tantos questionamentos da Filosofia, Husserl desejou encontrar um método óbvio e objetivo para descrever e medir a realidade, buscando a exatidão, a precisão.



Edmund Husserl

Edmund Husserl apresentou novas teorias sobre a **fenomenologia**, descrevendo-a como a ciência do experimento, que visa aprender as essências absolutas de todas as coisas e a descrever as experiências vivenciadas pela consciência. Para ele, a consciência é moldada pelo funcionamento da mente humana.

Husserl defendia a ideia de que é impossível pensar em nada e concentrou seus estudos nas estruturas ideais e essenciais da consciência humana, pois pretendia compreender como a mente se moldava à realidade.

Entre outras obras que estão: *Sobre o conceito de número*, *Filosofia da aritmética*, *Investigações lógicas*, *A Filosofia como ciência de rigor* e *Ideias para uma fenomenologia pura e uma Filosofia fenomenológica*.

## O existencialismo

O existencialismo é um movimento filosófico e também literário ocorrido na Europa, tendo o seu apogeu na França, logo após a Segunda Guerra Mundial, consistindo no estudo da singularidade da existência humana.

Alguns historiadores acreditam que Pascal (1623-1662) iniciou o existencialismo, outros atribuem a Kierkegaard (1813-1855) o seu nascimento, e outros ainda a Hegel (1770-1831). Também são considerados existencialistas Nietzsche (1844-1900), Dostoiévski (1821-1881) e Franz Kafka (1883-1924).

Lequier, Berdiaeff, Gabriel Marcel, Jaspers, Buber, Camus, Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, também se ocuparam do existencialismo. Porém, quando se fala em existencialismo, logo se remete a Jean-Paul Sartre, que representa o filósofo mais famoso desse movimento, conhecido também por escrever peças de teatro e romances.

Sartre, em uma conferência intitulada “O existencialismo é um humanismo”, que posteriormente se transformou em livro, assim comenta:

[...] o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo, e que só depois se define. [...] O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza, visto que não há Deus para a conceber.

Para Sartre e os existencialistas, o homem simplesmente surge no mundo sem nenhuma explicação, foi lançado no mundo sem saber o motivo, e esse pensamento o torna um pensador existencialista.

No texto “Crença e engajamento”, o filósofo francês Gabriel Marcel, nascido em 1889, afirma:

Mas, desde o momento em que falar propriamente de crença é a questão, somos obrigados a apagar, se posso dizer assim, a abertura de crédito desta carga material. Isto quer dizer que eu me coloco a mim próprio à disposição ou ainda que eu tomo um engajamento fundamental que se estende não só sobre o que tenho, mas sobre o que sou. Na linguagem filosófica atual, poder-se-ia exprimir isto dizendo que a crença está afetada de um índice existencial que, em princípio, está totalmente ausente na convicção. Mesmo se minha convicção se referisse à natureza, ao valor, aos méritos de certa pessoa, não se pode certamente dizer que, enquanto convicção, ela implicaria, de minha parte, em qualquer coisa que se assemelhe a um engajamento em face dessa pessoa. Tudo se passaria no fundo como se, sem sair da minha residência, pronunciasse um certo julgamento que não me engajaria em nada. Poder-se-ia dizer ainda que crer, deste ponto de vista, é essencialmente seguir, mas sob a condição de não tomar esta palavra numa aceção passiva.

Os existencialistas acreditam que o ser humano foi lançado ao mundo, mas, de uma forma inconclusa, sem ser perfeito. Para eles, a liberdade humana depende de certos fatores da própria existência. Cada um age no mundo de forma a superar ou não os problemas que surgem no dia a dia.

Para esses filósofos, o traço distintivo de nossa vida é a dor, a luta entre a burguesia e o proletariado, a angústia, a velhice e a morte. Enfim, para eles, a vida de cada pessoa é determinada pelo seu sofrimento constante, que perdura por toda a existência, e cada um não pode fingir que esse sofrimento não existe; ao contrário, precisa ter consciência e se posicionar diante de tal sofrimento.

Os existencialistas tinham como objeto de estudo a condição do ser humano enquanto ser no mundo e suas variadas e possíveis relações com o outro e com tudo ao redor de si.

### **Martin Heidegger**

Martin Heidegger nasceu em Messkirch, na região da Floresta Negra, Alemanha, em 1889. Pretendia ser padre e chegou a cursar o seminário, porém, em 1911, interessou-se por matemática e Filosofia. Estudou na Universidade de Friburgo e foi discípulo de Edmund Husserl.

Em 1914, Heidegger concluiu o doutorado em Filosofia, e em 1923 passou a exercer a função de professor universitário.

Assumiu a reitoria da Universidade de Friburgo, em 1933, e, no mesmo ano, aderiu ao nazismo, que defendia a supremacia da raça ariana e negava os ideais democráticos. Em 1934, desistiu da reitoria e passou a viver isolado até a sua morte, que ocorreu em 1976.

Heidegger foi um filósofo da ontologia, pois sua preocupação girava em torno do ser, que já havia sido objeto de preocupação de Parmênides. Foi influenciado pelos pensamentos de Kierkegaard, Nietzsche, Bérson (1859-1941) e Dilthey (1833-1911).

Em sua obra mais importante, *Ser e tempo*, publicada em 1927, ele examinou o sentido do ser, iniciando pelo ser que somos e apresentando o seguinte questionamento: "o que é o ser dos entes em geral?".



Martin Heidegger

Para Heidegger, os filósofos que tentaram responder a essa questão pensaram o ser como substância. A nossa existência é denominada, por ele, de *dasein*, que é uma palavra alemã cujo significado é *existência* ou *ser-aí*, utilizada para se referir às estruturas dos seres humanos, permitindo, assim, o entendimento do ser.

Para ele, a existência inautêntica é composta por três elementos principais: o fato da existência, o desenvolvimento da existência e a destruição do eu.

O primeiro elemento é o fato de o homem nascer sem saber o motivo; o segundo é a tentativa incessante de buscar aquilo que ainda não é; e o terceiro elemento ocorre quando o "eu" fica frente a frente com os outros, resultando daí a destruição do "eu", vindo o ser humano a tornar-se não o que ele queria ser, mas, sim, o que os outros querem para ele, ficando sem identidade própria.

Para Heidegger, o ser humano só desperta desse estado em que se encontra, o estado de existência inautêntica, por meio da angústia, quando, então, abrem-se dois caminhos: a superação da angústia por meio da transcendência ou o retorno ao dia a dia, a vida comum, sem questionar mais o ser. Contudo, quem faz a opção pela transcendência, dá um propósito ao ser.

É de Heidegger a afirmação “desde que um homem nasceu, ele já está bastante velho para morrer”. A realidade humana, tal como uma reflexão filosófica lúcida, nos revela que somos um “ser para a morte”. Desse modo, para Heidegger, a morte não pode ser mascarada; estando sempre presente em tudo que fazemos na vida, é pessoal e inevitável.

O tema *morte* é bastante tratado também por outros existencialistas, além de Heidegger.

Leia a seguir um trecho do texto de Heidegger cujo título é “O ser para a morte”.

A morte é uma possibilidade de seu ser que cada realidade humana deve assumir. Com a morte, a realidade humana é, ela própria, iminente em si mesma no seu poder-ser mais peculiar. Nessa possibilidade, não se trata, para a realidade humana, senão de ser “ser no mundo”. Sua morte é a possibilidade de “não mais poder ser aí”. Quando a realidade humana se oferece desse modo a si mesma nessa iminência, como estando nela própria essa possibilidade, ela é totalmente remetida a seu poder-ser absolutamente peculiar. Essa iminência, em si-mesma, significa a ruptura de toda relação com qualquer outra realidade-humana. Essa possibilidade, absolutamente peculiar e incondicional, é, ao mesmo tempo, mais extrema. Enquanto “poder-ser”, a realidade humana é incapaz de ultrapassar a possibilidade da morte. A morte é a possibilidade da absoluta impossibilidade de uma realidade humana. Assim, a morte se revela como a possibilidade absoluta, peculiar, incondicional, intransponível. Ela é, como tal, uma iminência específica. Sua possibilidade existencial tem seu fundamento no fato de que a realidade humana seja, por essência, uma realidade-revelada a si mesma, isso porque, em razão de sua essência, ela é “antecipação de si mesma”. Esse elemento que forma a estrutura da preocupação encontra sua forma concreta absolutamente original no “ser para a morte”. O fenômeno de “ser para o fim” se distingue melhor, uma vez esclarecido como o ser para a possibilidade específica, privilegiada, da realidade humana.

Mas essa possibilidade absolutamente peculiar, incondicional e intransponível, a realidade-humana não a constitui para si repentinamente nem de maneira ocasional no decorrer de seu ser. Se a realidade humana existe, é porque também já está lançada nessa possibilidade. Que ela esteja entregue à sua morte e que, por consequência, essa última faça parte essencialmente do “ser no mundo” é o que, de início e mais frequentemente, a realidade humana não tem conhecimento expresso, nem mesmo teórico. Sua derrelição na morte lhe é revelada com uma clareza mais primitiva e mais penetrante na situação-afetiva (*befindlichkeit*)<sup>28</sup> da angústia. A angústia diante da morte é uma angústia “diante” do poder-ser absolutamente peculiar, incondicional, intransponível. Esse “diante de que” ocorre essa angústia é em face do próprio fato de “ser no mundo”. O “porquê” dessa angústia é o poder-ser da realidade humana e nada mais. Não é permitido confundir a angústia diante da morte com um certo

<sup>28</sup> *Befindlichkeit* é uma palavra alemã composta [*be-find-lich-keit*]; traduzida ao pé da letra, seria algo como *encontrabilidade* ou *achabilidade*, mas também pode ser traduzida como *disposição*.

temor diante do falecimento. Essa angústia não significa uma "depressão" qualquer, accidental no humor do indivíduo; é uma situação afetiva fundamental da realidade-humana; como tal, ela é a revelação do fato de que a realidade-humana, cujo ser é ser lançada e abandonada em sua possibilidade, existe para seu fim.

### Jean-Paul Sartre

Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em Paris, França, em 21 de junho de 1905 e faleceu em 15 de abril de 1980.

Sartre perdeu o pai, um oficial da marinha, aos dois anos de idade. Viveu com a mãe em Meudon, na casa do avô materno, por algum tempo, retornando a Paris na sequência. Coursou a Escola Normal Superior de Paris, onde, em 1929, conheceu sua companheira de toda a vida Simone de Beauvoir, que também viria a ser filósofa.

#### Saiba



Simone de Beauvoir (Paris, 1908-1986) foi escritora, filósofa, professora e feminista. Extremamente avançada em relação à época em que vivia, tornou-se companheira de Sartre, mas recusou-se a viver o papel convencional da mulher, como era comum na época.

Em suas obras, Simone revelava forte visão feminista e denunciava a opressão sofrida pelas mulheres.



Museo Che Guevara, La Habana, Cuba

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir com Che Guevara.



Sartre lecionou no Liceu do Havre, em seguida, no Liceu Condorcet, e, finalmente, no Liceu Pasteur.

Entre outras obras, escreveu: *A imaginação*, *Esboço de uma teoria das emoções*, *A transcendência do ego*, *A náusea*, *O muro*, *O ser e o nada*, *As moscas*, *Entre quatro paredes*, *Os caminhos da liberdade*, *As mãos sujas*, *O diabo*, *O bom Deus*, *Os sequestradores de Altona*, *O existencialismo é um humanismo*, *Crítica da razão dialética*, *As palavras*, *O idiota da família*.

Além de obras filosóficas, Sartre ficou famoso também por seu grande talento literário, escrevendo várias novelas e peças teatrais. Sua obra filosófica mais famosa é *O ser e o nada*, publicada em 1943.

Sartre serviu no exército francês na Segunda Guerra Mundial, sendo aprisionado em 1940 pelos alemães, permanecendo preso até 1941. Quando retornou a Paris, aliou-se à Resistência Francesa.

Em 1960, publicou *Crítica da razão dialética*, defendendo, nessa obra, os valores humanos do marxismo. Escreveu, em 1963, *As palavras*, sua autobiografia e também sua última obra literária.

Com essa obra, Sartre conquistou o prêmio Nobel de Literatura, mas o recusou por acreditar que nenhum homem merece ser consagrado em vida.

Considerado o maior representante do existencialismo após a Segunda Guerra Mundial, Sartre expõe, em suas obras filosóficas, os aspectos da experiência humana. Na obra *O ser e o nada*, ele discorda de Aristóteles a respeito da potência, acreditando que o ser é o que é um ente “em si”. Segundo a fenomenologia e o existencialismo, esse ente “em si” significa qualquer objeto que existe no mundo, possuidor de uma essência precisa e que significa o auge do ser.

Além do ente “em si”, entende Sartre que a existência humana ainda possui o ente “para si”, opositor do “em si”. O “para si” não foi concebido por uma ideia que já existia; ele simplesmente existe, e vai definindo sua essência. Sartre não separa esses dois seres; interpreta o “para si” como o ser da consciência e o “em si”; o ser da inteligência. Esses dois seres entrariam em comunicação por meio do “não ser”, que é exato e resolutivo. Por existir o “não

ser”, os outros dois seres se opõem e tornam a se unir, sendo o ser assediado pelo “nada”, que permite ao ser humano estar aberto às possíveis mudanças.

Para Sartre, o ser humano está jogado no mundo, sem Deus e sem a desculpa de nenhum determinismo, estando, então, condenado a ser livre. Ou seja, ao escolher a si próprio, o homem escolhe também todos os homens.

É comum no existencialismo dizer que “a existência precede e governa a essência”. Assim, cada “para si” tem a condição humana de ser livre, ou seja, de fazer o que quiser, sem ter necessariamente um destino predeterminado.

Para Sartre, a liberdade representa o maior valor da condição humana. É dele a frase “Estamos condenados à liberdade”.

Sartre defendia a ideia de que a “angústia” surge quando se tem consciência da “liberdade” e medo de usá-la de forma inadequada. Para ele, a “angústia” conduz ao “desalento” e, conseqüentemente, à “má-fé”, que é uma espécie de defesa, levando o ser humano a mentir para si mesmo.

Ele pregava que o ser humano só se libertará quando deixar de lado a “má-fé” e aceitar a “angústia”, pois só assim acabará encontrando sua “liberdade”.

Seu texto “A existência precede a essência” trata do homem e de Deus, e do que seria a criação. Leia um trecho:

Quando concebemos um Deus criador, esse Deus identificamos quase sempre como um artifice superior; e qualquer que seja a doutrina que consideremos, trate-se duma doutrina como a de Descartes ou a de Leibniz, admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos a inteligência ou pelo menos a acompanha, e que Deus, quando cria, sabe perfeitamente o que cria.

Assim, o conceito do homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de um corta-papel no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artifice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Assim, o homem individual realiza um certo conceito que está na inteligência divina. [...]

Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber.

O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que se chama a subjetividade, e o que nos censuram sob esse mesmo nome. Mas que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa? Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. [...]

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

## Friedrich Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 1844, em Röcken, cidade próxima a Leipzig, na Alemanha. Seu pai, Karl Ludwig, e seus avós eram pastores protestantes. Em 1849, ficou órfão de pai, mudando-se com sua família para Naumburg.

Nietzsche chegou a estudar Filosofia e Teologia, mas desistiu e passou a se dedicar ao estudo de Filologia, em Leipzig. Tornou-se professor de filologia em 1869, dedicando-se ao magistério até 1879, quando, começando a adoecer, licenciou-se do magistério, passando a viajar e escrever suas obras.

Em 1888, cada vez mais doente, escreveu suas últimas obras, inclusive sua autobiografia. Em 1889, foi internado em um hospital psiquiátrico; logo depois ficou sob os cuidados de sua irmã. Nietzsche foi acometido pela demência e paralisia cerebral, que progrediram imensamente e acabaram matando-o, em 25 de agosto de 1900.

Seus pensamentos o levaram a refletir sobre questões morais, a razão, a religião, a tragédia e a possível “morte de Deus”.

Suas obras mais conhecidas são: *O nascimento da tragédia, O anticristo, A gaia ciência, Humano demasiado humano, Assim falou Zaratustra, Para além do bem e do mal, A genealogia da moral, Crepúsculo dos ídolos e Ecce homo.*

Nietzsche foi muito amigo do célebre compositor Richard Wagner e o considerava um gênio, tanto na música, quanto na vida. Nessa época, escreveu várias obras, entre elas *O nascimento da tragédia*. No entanto, depois, se desiluiu com Wagner, que havia se tornado um nacionalista antissemita. Nietzsche rompe com o compositor e escreve *Nietzsche contra Wagner*.

Coleção particular/Betmann



Nietzsche

Para Nietzsche, a Grécia de Homero tinha de ser recuperada, pois os valores aristocráticos que predominavam naquela época eram realmente verdadeiros, porque lá existia a virtude primordial: a virtude do guerreiro. Porém, no período platônico, a virtude do guerreiro foi suplantada pela dos escravos, surgindo a explicação do bem e do mal por meio da metafísica (estudo do ser enquanto ser), os valores passam a não depender unicamente do ser humano, que passa de guerreiro a passivo, de potente a impotente, de forte a fraco.

Ele acreditava que essa moral de fracos, de escravos, era a que predominava no mundo moderno, era a moral de sua época. Por isso, desejava uma moral “mais elevada” para determinados seres humanos; não para todos, somente para aquele que constituem a exceção, entre os quais ele próprio.

Nietzsche acreditava que fora um erro de Platão afirmar que havia uma outra realidade além da que conhecemos. Para ele, todas as pessoas deveriam viver esta vida como uma verdadeira obra de arte.

Advindo de uma família de pastores, Nietzsche teve uma educação cristã e, durante toda sua infância, foi cristão, sendo conhecido como o “pequeno pastor”. Ele imaginava que seria um religioso como o pai, porém, mais tarde, na vida adulta, tornou-se um fervoroso combatente do cristianismo, criticando sumariamente os valores da moral cristã; isso fica bastante evidente no texto transcrito a seguir e extraído da obra *O anticristo*, na qual Nietzsche revela o seu rompimento com o cristianismo.

Onde quer que haja muros eu escreverei neles esta eterna acusação contra o cristianismo... eu posso escrevê-la com letras que façam até os cegos verem... Eu chamo o cristianismo de a única grande maldição, a única depravação intrínseca, o único grande instinto de vingança para o qual nenhum expediente é suficientemente venenoso, secreto, subterrâneo, mesquinho... Eu o chamo a única vergonha imortal da humanidade...

E se pode calcular o tempo a partir do dia nefasto em que essa fatalidade nasceu — a partir do primeiro dia do cristianismo! Por que não a partir do seu último? A partir de hoje? — Reavaliação de todos os valores!

Para Nietzsche, o medo do inferno fazia com que as pessoas fossem reprimidas, mas todos deveriam viver a vida em plenitude.

Na obra *A gaia ciência*, Nietzsche trata do homem à procura de Deus. Leia um trecho:

O homem louco. — Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? — E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança?, disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? — gritavam e iam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar: “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos — você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda “em cima” e “embaixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? — também os deuses

apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais — quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecermos dignos dele? Nunca houve um ato maior — e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!" Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. "Eu venho cedo demais", disse então, "não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhe é mais distante que a mais longínqua constelação — e no entanto eles o cometeram!" — Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: "O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?"

Para os estudiosos desse filósofo, a morte de Deus apresentada nesse texto refere-se à forma de pensar da metafísica. Para ele, Deus morto representa a ruptura que pretende fazer com a metafísica e sua ideia tradicional a respeito da religião. Assim, para Nietzsche, o conhecimento deve ser expresso por pessoas que não sejam acorrentadas espiritualmente, pessoas de espíritos livres, e a morte de Deus representa justamente isso.

Enfim, o que Nietzsche critica em toda sua obra é o conhecimento encarcerado, é a falta de liberdade do espírito do homem em decorrência da moral, e especialmente da moral cristã, quando, na verdade, o homem deve ter o "espírito livre".

## A Filosofia hoje

A Filosofia atual propõe um afastamento do "eu" para se entender a realidade. Investigam-se, hoje mais as estruturas e a própria sociedade. O estudo da língua, da discursividade, da interação que a filosofia propicia e dos sentidos que suscita ou se pode construir tem grande força nas investigações atuais.

Entre vários pensadores de nossa época, destacam-se:

- Max Horkheimer (Alemanha, 1895-1973);

- Herbert Marcuse (Alemanha, 1898-1979);
- Karl Popper (Áustria, 1902-1994);
- Theodor Adorno (Alemanha, 1903-1969);
- Thomas Kuhn (EUA, 1922-1996);
- Paul Feyerabend (Áustria, 1924-1994);
- Michel Foucault (França, 1926-1984);
- Jacques Derrida (nascido na Argélia e radicado na França, 1930-2004);
- Marilena Chauí (Brasil, 1941).





De acordo com o trecho apresentado, é falso afirmar que:

- a) a Filosofia de Comte deve ser compreendida a partir do êxito das ciências exatas e naturais.
- b) o positivismo adota o conceito de luta de classes para explicar as mudanças históricas.
- c) ordem e progresso são noções centrais para a compreensão do positivismo.
- d) a sociologia, ciência que estuda a sociedade, deve procurar pelas leis que regem a conduta e as relações humanas.
- e) há, no positivismo, uma crença no processo evolutivo da sociedade.

**6. (Vunesp-SP)** Na visão positivista de Augusto Comte, o espírito humano passa por três estágios em seu desenvolvimento. O estágio mais avançado é o:

- a) mitológico.
- b) científico.
- c) metafísico.
- d) teológico ou fictício.
- e) positivo ou científico.

**7. (Vunesp-SP)** “O homem está condenado a ser livre.” (Jean-Paul Sartre). Assinale a alternativa que expressa a ideia dessa frase de Sartre.

- a) As ações humanas seguem um padrão de rigorosa necessidade.
- b) A liberdade humana é uma crença produzida pela imaginação.
- c) O homem é totalmente livre, e não pode deixar de sê-lo porque não possui qualquer essência que o predetermine.
- d) O homem é livre em alguns de seus atos e determinado em outros.
- e) A natureza humana comporta um destino ao qual o homem não pode furtar-se.

**8. (UFU-MG)** Escolha a única alternativa correta.

Segundo Sartre, “A existência precede a essência”; pode ser interpretado como:

- a) O homem se define pelo caminho que vai trilhando em sua existência e não pelo significado do conceito de homem.
- b) A existência humana depende do plano que Deus determina a cada criatura.
- c) O materialismo define a vida e o espírito não existe.
- d) O entendimento que se tem de “natureza humana” é o que vai direcionar a existência humana.
- e) A liberdade não participa do contexto da existência do homem.

9. (Concurso Colégio Pedro II-RJ) Marque a afirmação correta segundo *Ser e tempo*, obra de Heidegger (os termos entre parênteses são do original em alemão).
- a) A *disposição* (*Befindlichkeit*) é o existencial que mantém o mundo aberto numa estrutura prévia.
  - b) O *discurso* (*Rede*) é necessariamente proposicional e articula os outros existenciais.
  - c) A *interpretação* (*Auslegung*) é um modo derivado da *proposição* (*Aussage*).
  - d) A *angústia* (*Angst*) é uma disposição privilegiada porque ela singulariza o ser-aí (*Dasein*, também traduzido como “presença”).

### ***Descomplicando a Filosofia***

(Insaf-PE) Aponte abaixo a frase que melhor traduz a reflexão existencialista de Jean-Paul Sartre:

- a) A existência precede a essência.
- b) A essência precede a existência.
- c) Existir é fazer-se carência de si.
- d) Penso, logo existo.

#### **Resolução e comentários**

Sartre, ao afirmar que a existência precede a essência, quer, com isso, dizer que inicialmente o homem existe, que ele se descobre primeiro, para somente depois conseguir se definir. Assim, não é Deus que concebe a natureza humana, pois, para ele, não existe Deus, apenas o próprio homem pode se conceber. O homem tem naturalmente um impulso para a existência, porém, não é nada mais do que ele mesmo se faz. Desse modo, a resposta correta está na alternativa a.



Infelicidade! Está próximo o tempo em que o homem não fará nascer mais estrelas no mundo.

Friederich Nietzsche

### Conceito de lógica

A lógica faz parte de nosso cotidiano, em todos os seus aspectos, quer seja nas relações familiares, seja no lazer. Quando dialogamos com alguém, expomos o nosso ponto de vista e tentamos fazer com que o nosso interlocutor aceite nossas ideias; assim, usamos de lógica.

Originária da palavra grega *logos*, que significa *palavra, razão*, lógica é uma ciência que rege as leis do pensamento, tendo como função aplicá-la corretamente para a demonstração da verdade.

Parte da Filosofia, a lógica tem como objeto principal o aspecto formal de um raciocínio ou argumento. Ela tem um conhecimento certo, está fundada em princípios universais e ligada às regras do pensamento correto, estabelecendo o método para esse pensar correto.

Os pensamentos são encarados pela lógica como instrumentos capacitados a conhecer os próprios pensamentos sobre o mundo da razão. Assim, é bastante reflexiva, sendo considerada um ato de nossa mente, capaz de analisar as possibilidades formais da lógica em si.

A finalidade da lógica é nos fazer compreender certos fenômenos, ensinando como raciocinar a respeito deles, mas impondo limites ao raciocínio para se chegar a uma explicação aceita por todos.

## Aristóteles e a lógica

Aristóteles afirmava que a lógica deveria ser utilizada como um recurso por todos que desejam atingir a ciência seguramente. Mas não foi ele quem utilizou o termo em sua obra; ela somente foi utilizada bem mais tarde, principalmente para denominar o conjunto de obras que tratam do assunto, denominado *Organon* (significa instrumento), que recebeu esse nome pelo fato de Aristóteles acreditar que a lógica não seria parte integrante da ciência e da Filosofia, e sim um instrumento delas, ou seja, um instrumento que a Filosofia e a ciência utilizam em sua construção.

É importante ressaltar que outros filósofos anteriores a Aristóteles já tratavam da lógica, como Parmênides, por exemplo; porém, por ter sido o primeiro a estabelecer regras válidas para o raciocínio certo, Aristóteles é considerado o criador, o pai da lógica formal.

As ideias de Aristóteles acerca da lógica foram tão importantes que, apesar de decorridos tantos séculos de sua sistematização, ainda continuam sendo válidas. Por meio de seu método, a lógica tradicional se desenvolveu, sendo incorporada, posteriormente, pela lógica matemática.

O *Organon* de Aristóteles está assim constituído:

- **Categorias:** nessa parte, são abordados os elementos que compõem o discurso e os termos da linguagem.
- **Sobre a interpretação:** aborda o juízo e a proposição.
- **Os primeiros analíticos e Os segundos analíticos:** tratam do silogismo, que é o raciocínio formal, e da ciência.
- **Os tópicos:** tratam de um método lógico aplicável em qualquer setor.
- **Dos argumentos sofísticos:** tratam dos argumentos capciosos.

Leia um trecho de *Dos argumentos sofísticos* que compõem o *Organon*.

[...] que alguns silogismos são verdadeiros, enquanto outros o parecem ser, embora não o sejam, é evidente. Essa confusão produz-se nos argumentos, tal como se produz em outras coisas, em virtude de uma certa semelhança entre o verdadeiro e o falso, sendo assim que, entre as gentes, há umas que têm saúde, enquanto outras

só a parecem ter, porque se enfeitam e ornaram ao modo das vítimas imoladas pelas tribos nos sacrifícios; uns são belos por virtude de beleza natural, enquanto outros parecem belos a poder de se enfeitarem. O mesmo ocorre nas coisas inanimadas, em que umas são de ouro ou de prata verdadeiros, enquanto outras não são tal, ainda que o pareçam aos sentidos, por exemplo, os objetos de litargirina e de cassiterina parecem ser de prata, e os objetos de metal amarelo parecem ser de ouro. Do mesmo modo, o silogismo e o elenco umas vezes são verdadeiros, outras falsos, ainda que a inexperiência os tome por verdadeiros, porque as pessoas inexperientes são comparáveis às que olham as coisas de longe. O silogismo é um raciocínio em que, dadas certas premissas, se extrai uma conclusão consequente e necessária, através das premissas dadas; o elenco é um silogismo acompanhado de contradição da conclusão. Ora, é isto o que os sofistas não fazem, ainda que pareçam fazê-lo, por vários motivos. Um desses motivos, o mais natural e o mais frequente, decorre dos nomes, pois, como não é possível trazer à colação as coisas em ato, e em vez delas temos de nos servir dos seus nomes como símbolos, supomos que o que se passa com os nomes se passa também com as coisas, o que aliás se ilustra com o exemplo das pedras, próprias da arte de cálculo. Ora, entre nomes e objetos, não há semelhança total: os nomes são em número limitado, bem como a pluralidade das definições, mas as coisas são em número infinito. É, portanto, inevitável que vários objetos sejam significados tanto por uma única definição como por um único e mesmo nome e, assim, como no exemplo anterior, os inábeis na manipulação das pedras são enganados pelos hábeis no cálculo, assim temos quanto aos elencos; os inexperientes da virtude significativa dos nomes elaboram falsos silogismos, já quando discutem, já quando escutam os interlocutores. Por essa causa, e pelas ulteriores, há silogismos e elencos aparentes e falsos. Assim como há pessoas que preferem parecer sábias a sê-lo, em vez de o serem mesmo sem parecer, dado que a sofística é uma sabedoria aparente e não real, assim é evidente que se lhes torna mais necessário parecer que fazem obra de sabedoria, do que fazer obra de sabedoria sem parecer. Para fazer uma comparação enumeradora, a meta de quem sabe, seja em que tema for, é a de não lisonjear o tema acerca do qual sabe e a de desmascarar quem assim proceda, e esta dupla meta consiste, uma em poder dar a razão do que se diz, e outra em exigir uma razão para o que outro diz. Daqui resulta necessariamente que quem pretende ser sofista deve procurar os argumentos do tipo de que acabamos de falar; isso, com efeito, é-lhe proveitoso, pois esta capacidade fá-lo-á parecer sábio, e é isso que lhe cumpre ter em vista.

Esses argumentos sofisticos apresentados são considerados como argumentos enganosos, porém, parecem ser verdadeiros. Assim, Aristóteles diz que há vários tipos de sofismas (argumentos aparentemente válidos, mas não conclusivos), dentre eles, os principais são: o equívoco, a causa de um fato ser o que o antecedeu, comparação indevida e petição de princípio.

## Lógica formal

A lógica formal ou menor é utilizada para criar formas corretas das operações do pensamento. Tem como preocupação a estrutura do raciocínio e trabalha com conceitos.

Quando examinamos esses conceitos, temos de levar em consideração o seu alcance e a sua percepção. Os princípios descobertos na lógica formal, assim como as regras que acaba formulando, são aplicados em todos os objetos que constituem o pensamento.

A lógica formal originou-se em **Os primeiros analíticos**, de Aristóteles, baseando-se na premissa<sup>29</sup> de que o argumento válido é uma função da sua estrutura ou forma lógica.

Divide-se em três partes: apreensão e ideia, juízo e proposição, raciocínio e argumentação.

Juízo é definido como algum tipo de afirmação ou negação sobre dois conceitos. Por exemplo, ao dizermos que “esta menina é inteligente”, formulamos um juízo. A premissa é a verbalização desse juízo.

## Lógica material

A lógica material cuida da aplicação das operações do pensamento de acordo com a matéria ou, ainda, da natureza do objeto a conhecer e determina as leis particulares e as regras especiais desses objetos. Define o método de diversas ciências, como a matemática, a física e outras.

Dentro da especialidade da lógica material falamos da verdade, ou seja, o argumento somente é verdadeiro quando as premissas também são verdadeiras. Em outras palavras, dentro da lógica material, estudamos as condições da certeza.

## O raciocínio

O raciocínio é o ato pelo qual a mente adquire um novo conhecimento. É o processo pelo qual a mente dispõe, com determinada ordem, dois ou mais juízos anteriores, buscando um novo juízo.

---

<sup>29</sup> **Premissa** é cada uma das duas primeiras proposições de um silogismo, que servem de base para a conclusão.

Exemplo 1:

**Premissa 1:** Todos os animais são irracionais.

**Premissa 2:** Rex é um cachorro.

**Conclusão:** Portanto, Rex é irracional.

Exemplo 2:

**Premissa 1:** Todos os seres humanos são mortais.

**Premissa 2:** Mônica é um ser humano.

**Conclusão:** Portanto, Mônica é mortal.

A exposição de um raciocínio pela linguagem é denominado **argumento**. Assim, argumentar é exprimir um raciocínio por meio da fala.

## Os argumentos

Para Aristóteles, os argumentos são de quatro espécies:

[...] argumentos didascálicos, dialéticos, críticos e erísticos. São didascálicos os argumentos que razoam a partir de princípios próprios de cada disciplina, e não a partir das opiniões de quem responde, pois importa que o discípulo deles esteja persuadido; são dialéticos os argumentos que concluem, a partir de premissas prováveis, a contradição da tese dada; críticos são os que razoam a partir de premissas que parecem verdadeiras a quem responde, e que deve conhecer necessariamente o tema que nelas se acha implícito; enfim, são erísticos os argumentos que concluem, ou parecem concluir, a partir de premissas prováveis na aparência, mas na verdade improváveis.

Um argumento é considerado um conjunto de proposições utilizadas para justificar algo. A proposição usada para justificar representa a conclusão, sendo as que a apoiam as premissas. O argumento só existe para justificar uma proposição baseando-se nas outras.

O argumento pode ter uma ou mais premissas, porém a conclusão é sempre única.

Vejamos um exemplo de argumento com uma só premissa:

**Premissa:** Mariana e Thaís são alunas do ensino médio.

**Conclusão:** Logo, Mariana é aluna do ensino médio.



Agora, vejamos exemplos de argumento com duas premissas:

Exemplo 1:

**Premissa 1:** Todas as crianças são peraltas.

**Premissa 2:** Cibele é uma criança.

**Conclusão:** Logo, Cibele é peralta.

Exemplo 2:

**Premissa 1:** Todos os alunos do ensino médio estudam Filosofia.

**Premissa 2 :** Stella é aluna do ensino médio.

**Conclusão:** Logo, Stella estuda Filosofia.

Os argumentos podem ser divididos em **dedutivo** (que ocorre por dedução) e **indutivo** (relativo à indução). Há também o argumento **inválido**.

O argumento inválido é chamado de **falácia**, pois não possui uma forma lógica que lhe dê validade. Exemplo:

Todas as crianças perfeitas possuem dois braços e duas pernas.  
(Premissa verdadeira)

Tadeu possui dois braços e duas pernas. (Premissa verdadeira)

Logo, Tadeu é uma criança perfeita. (Conclusão verdadeira)

Todas as premissas desse argumento são verdadeiras, mas, apesar de ter premissas verdadeiras e conclusão também verdadeira, é um argumento falacioso (enganador, ardiloso) em relação à lógica. Ainda que pareça dar validade à conclusão, isso não ocorre, pois, apesar da frase “Todas as crianças perfeitas possuem dois braços e duas pernas”, e do fato de Tadeu possuir dois braços e duas pernas, isso não justifica que ela é uma criança perfeita. Portanto, por não validar a conclusão, esse é considerado um argumento falacioso.

O argumento dedutivo parte da premissa geral para se chegar a uma conclusão particular. O argumento com duas premissas e uma conclusão é chamado de **silogismo**.

Nesse tipo de argumento, a conclusão é óbvia, pois já está contida na primeira premissa, porém, a segunda premissa também é necessária para se chegar à conclusão. Veja um exemplo:

**Premissa 1:** Todos os cachorros são animais.

**Premissa 2:** Buba é uma cadela.

**Conclusão:** Logo, Buba é um animal.

No argumento indutivo, por meio de uma proposição particular, chega-se a uma conclusão geral. Porém, nesse tipo de argumento, podem ser apresentadas premissas verdadeiras, e a conclusão ser falsa ou não.

Exemplo 1:

**Premissa 1** (verdadeira): Na Bahia, a água ferve a 100 °C ao nível do mar.

**Premissa 2** (verdadeira): No Havaí, a água ferve a 100 °C ao nível do mar.

**Conclusão** (verdadeira): Logo, a água ferve a 100 °C ao nível do mar em qualquer local do mundo.

Exemplo 2:

**Premissa 1** (verdadeira): Eu passo mal quando como jaca.

**Premissa 2** (verdadeira): Eu passo mal quando como banana.

**Conclusão** (falsa): Portanto, qualquer tipo de fruta me faz passar mal.

No primeiro exemplo, apesar de a amostra ser pequena demais para uma generalização tão grande, a conclusão é verdadeira, pois a água ferve a 100 °C ao nível do mar em qualquer parte do planeta.

No segundo exemplo, a conclusão é falsa, porque qualquer um pode passar mal comendo algum tipo de fruta, porém, não necessariamente passará mal por comer qualquer fruta.

Assim, o argumento indutivo leva a uma generalização por meio do exame das evidências, podendo gerar a conclusões falsas ou não.

## Estrutura do silogismo

Em um **silogismo**, são as premissas juízos que precedem a conclusão. Nas premissas, o termo maior (predicado da conclusão) e o termo menor (sujeito da conclusão) são comparados ao termo médio. Desse modo, temos a premissa maior e a premissa menor segundo a extensão dos seus termos. Estas são as regras do silogismo:

- todo silogismo contém três termos, denominados: maior, médio e menor;
- os termos da conclusão devem ter abrangência menor que os termos das premissas;
- o termo médio não entra na conclusão e deve ser universal ao menos uma vez;
- nada se conclui de duas premissas negativas;
- jamais haverá conclusão negativa de duas premissas afirmativas;
- a conclusão segue sempre a premissa mais fraca;
- nada se conclui de duas premissas particulares.

Vejamos um exemplo:

**Premissa 1:** Toda criança é ingênua.

**Premissa 2:** Paulinho é uma criança.

**Conclusão:** Logo, Paulinho é ingênuo.

A estrutura desse silogismo pode ser dividida do seguinte modo:

*Toda criança é ingênua.* → premissa maior, afirmativa, universal;

*criança* → sujeito lógico;

*é* → verbo que exprime a relação entre sujeito e predicado;

*ingênua* → o predicado lógico;

*Paulinho é uma criança.* → premissa menor;

*Paulinho é ingênuo.* → conclusão.

Quanto aos termos desse silogismo:

*Toda criança é ingênua.* (*ingênua* → termo maior)

*Paulinho é criança.* (*criança* → termo médio)

*Logo, Paulinho é ingênuo.* (*Paulinho* → termo menor)



5. (UFU-MG) Nos *Primeiros* e nos *Segundos analíticos* Aristóteles expõe a teoria geral dos silogismos, bem como as especificidades do silogismo científico. O exemplo clássico de silogismo é:
- Todo homem é mortal.  
Sócrates é homem.  
Logo, Sócrates é mortal.

Leia as seguintes afirmativas sobre esse silogismo:

- I. É composto por duas premissas e uma conclusão.
- II. O termo maior não aparece na conclusão.
- III. O termo “Sócrates” é o termo médio.
- IV. O termo “homem” é o termo médio.

Assinale a alternativa correta:

- a) III e IV são verdadeiras.
- b) II, III e IV são verdadeiras.
- c) I, II e IV são verdadeiras.
- d) I e IV são verdadeiras.

6. (Vunesp-SP) Leia este trecho da obra *Metafísica*, de Aristóteles:
- Dizer que aquilo que é não é, ou que aquilo que não é é, é falso, ao passo que dizer que aquilo que é é, ou que aquilo que não é não é, é verdadeiro.

Observe as seguintes afirmações:

- I. Verdade e falsidade são características de proposições.
- II. Verdade e falsidade são características das coisas.
- III. “Ser” e “não ser” são elementos componentes de proposições.
- IV. “Ser” e “não ser” expressam a existência ou inexistência das coisas.
- V. A verdade consiste na correspondência entre proposições e coisas.

Dentre essas afirmações, as que expressam corretamente a concepção aristotélica de verdade e falsidade na passagem citada são apenas:

- a) I, III e V
- b) I, II e V
- c) II, III e IV
- d) III, IV e V
- e) II, IV e V

7. (UEM-PR) O silogismo aristotélico é a dedução lógica na qual uma conclusão é inferida a partir de duas premissas, a premissa maior e a premissa menor, pela mediação do termo médio. O termo médio liga o termo menor (conceito de menor extensão) ao termo maior (conceito de maior extensão) de acordo com o princípio lógico de que duas quantidades idênticas a uma terceira são idênticas entre si. Considere o silogismo a seguir:
- Todos os brasileiros são sul-americanos;  
todos os paranaenses são brasileiros;  
logo, todos os paranaenses são sul-americanos.

Identifique, respectivamente, o termo médio, o termo maior e o termo menor:

- a) brasileiros — sul-americanos — paranaenses
- b) são — todos — logo
- c) sul-americanos — paranaenses — brasileiros
- d) paranaenses — brasileiros — todos
- e) sul-americanos — são — brasileiros

**8. (UFES) Entre as formas particulares do raciocínio, assinale o exemplo de silogismo incompleto:**

- a) Todo homem é mortal.  
Ora, Pedro é homem.  
Logo, Pedro é mortal.
- b) Pedro é filósofo, logo ele é contemplativo.
- c) O que é espírito é imaterial.  
Ora, a alma é espírito.  
Logo, a alma é imaterial.
- d) Ou os cristãos são culpados ou são inocentes.  
Se são culpados, por que proíbes que os persigam?  
Se eles são inocentes, por que punir os que são denunciados?  
Assim, quer eles sejam culpados, quer inocentes, o decreto é injusto.
- e) Pedro é homem.  
Todo homem é animal.  
Todo animal tem sensações.  
Logo, Pedro tem sensações.

**9. (UFU-MG) Considere o seguinte silogismo:**

Nenhuma abelha é formiga.

Algumas criaturas gregárias<sup>30</sup> são abelhas.

Algumas criaturas gregárias não são formigas.

Tendo em conta o silogismo apresentado e os conceitos da lógica de Aristóteles, assinale a alternativa correta:

- a) Este silogismo não é válido, pois sua conclusão é particular.
- b) Este silogismo não é válido porque sua conclusão é negativa.
- c) As frases 1 e 2 são as premissas do silogismo.
- d) O termo médio, nesse silogismo, é o termo “criatura gregária”.

<sup>30</sup> Criaturas gregárias vivem em colônias ou em comunidades.

## ***Descomplicando a Filosofia***

(Concurso Secretaria de Educação do Ceará) A respeito da lógica aristotélica, podemos afirmar, corretamente:

- a) está expressa no *Organon*.
- b) o objeto próprio da lógica é a inspiração.
- c) a lógica corresponde à divisão das operações da emoção humana.
- d) com relação ao juízo, este é, sempre, a negação de algo.
- e) nenhuma das alternativas anteriores.

### **Resolução e comentários**

Todos os tratados de lógica de Aristóteles foram compilados no *Organon*, que recebeu esse nome por ele acreditar que a lógica não era parte integrante da ciência e da Filosofia, e sim um “instrumento”, que tanto a Filosofia quanto a ciência utilizam para sua construção.

Desse modo, a resposta correta está na alternativa **a**.

Nós nos movimentamos no nível da compreensão do senso comum à medida que nos cremos em segurança no seio das diversas "verdades" da experiência da vida, da ação, da pesquisa, da criação e da fé.

Heidegger

## O que é ciência?

O termo ciência origina-se da palavra latina *scientia*, significando *conhecimento*. Ciência é o saber da razão, o saber metódico e certo dos fatos e fenômenos que ocorrem no mundo.

A ciência como disciplina é relativamente nova, surgiu apenas no século XVII, com Galileu Galilei. Porém, antes desse período, já havia entre os seres humanos a procura de um conhecimento rigoroso. Desde a Grécia Antiga, com os primeiros filósofos, existia a preocupação de explicar o mundo de uma forma não-mitológica e sim racional.

Desde o início da história da humanidade, os seres humanos sentiam a necessidade de explicações para o que consideravam sobrenatural, para aquilo que não entendiam, surgindo assim os mitos.

Perguntas como: "Qual é a minha origem?"; "Quem fez o Sol, a chuva, o mar?"; "Por que morremos?" e inúmeras outras precisavam de respostas, as quais foram dadas por meio dos mitos. Dessa forma, fenômenos até então inexplicáveis passaram a ser entendidos por meio do mito.

Assim, a humanidade passou a compreender sua realidade e a se situar no mundo por meio do mito, tranquilizando-se e afastando, consequentemente, seus medos em relação ao desconhecido, ao inexplicável e à morte.

Mitos sobre o surgimento da Terra, a origem da humanidade, dos sentimentos, da morte e várias outras explicações são encontrados nas mais variadas culturas. Vejamos três deles.



A explicação encontrada na mitologia grega para o surgimento da Terra é que no começo era o Caos, depois surgiu *Gaia* (a Terra), dando ao Caos um sentido, limitando-o espacialmente. Depois surgiram a *Noite* e o *Érebo* (sombras). *Gaia* espontaneamente gerou *Urano* (o céu); também sozinha, a *Noite* gerou o *Dia*. Surge, então, *Eros* (o amor universal), que faz *Gaia* se apaixonar por *Urano* e gerar gigantes violentos e destruidores: os titãs (gigantes que pretendiam escalar os céus) e os ciclopes (gigantes com um só olho na testa).

*Cronos* (o tempo), filho de *Urano* e *Gaia*, revoltou-se contra o pai e o destronou. Com isso, a Terra e o céu foram separados, e na Terra, posteriormente, surgiu o ser humano.

Para os astecas, o primeiro deus, *Ometecuhtli*, apareceu sob os aspectos feminino e masculino, gerando quatro filhos, os *Tezcatlipocas*, que disputavam o mundo, destruindo-o por quatro vezes. *Ometecuhtli* gerou então outro filho, que por si criou o mundo e os seres humanos.

Na *Bíblia*, é o *Gênesis* que explica o surgimento dos primeiros seres humanos. Segundo o relato, no começo havia trevas nas superfícies do abismo. Deus criou o Céu e a Terra, enquanto seu espírito se movia na superfície das águas. Do barro, criou o primeiro homem, Adão, e de uma das costelas de Adão, a primeira mulher, Eva.

Em diversas outras culturas, há explicações para o surgimento dos seres humanos. Nesse sentido, percebemos que as pessoas sempre se questionaram sobre o aparecimento da raça humana e de diversos outros elementos. Esses questionamentos precisam de respostas, e a ciência pode respondê-los. Porém, também existem outras formas de respondê-los, por meio da mitologia e da religião.

As respostas dadas pela mitologia ou pela religião não se baseiam na razão, muito menos em estudos sistemáticos da natureza, e sim na aceitação religiosa, a aceitação por si só. Ou seja, acredita-se ou não, pois, nelas, inexiste o questionamento e a possibilidade da dúvida. Como exemplo, podemos citar o nascimento de Jesus Cristo, que, no relato bíblico, foi concebido por Maria, uma mulher virgem. Biologicamente, isso é quase impossível de ocorrer, pois, para a concepção, é necessário o encontro do óvulo com o espermatozoide, ou seja, é necessária a junção carnal para que ocorra a gravidez; porém, apesar

de parecer impossível racionalmente, é aceito como verdadeiro pela religião, sendo inquestionável, pois tornou-se um dogma.

Desse modo, as explicações religiosas e míticas precederam a ciência e procuravam dar respostas a questionamentos humanos, ainda que de forma não racional, sem serem baseadas em provas ou na sistematização da natureza.

A ciência pretende, por meio da razão, dar respostas aos questionamentos humanos; pretende tornar o mundo compreensível, por meio de conhecimentos exatos, seguros e abrangentes. No entanto, apesar disso, ela também é questionável, pois seus conhecimentos são passíveis de falhas, podendo ser reformulados por teorias mais recentes ou por novas descobertas.

O átomo, por exemplo, durante muito tempo foi considerado indivisível, sendo descoberto, posteriormente, que é divisível. Mas, apesar dessa possibilidade, a ciência sempre buscou, por meio de métodos racionais e da maneira mais precisa possível, explicar e conhecer os fenômenos da natureza, para assim melhorar as condições de vida do ser humano.

## **Ciência e Filosofia**

De forma genérica, ciência poderia ser definida como o conhecimento racional, sistemático e objetivo dos fatos e fenômenos do mundo, com o objetivo de atingir conhecimentos precisos, abrangentes e coerentes, para, assim, poder exercer controle sobre a natureza.

A objetividade do saber da ciência faz com que tenha uma linguagem bastante rigorosa, fundamentada na observação e na experimentação. O estudo dos fenômenos pela abordagem científica que leva à transformação da natureza permite o desenvolvimento da tecnologia.

Tanto o mito como a ciência são tentativas de explicar o surgimento do mundo e das coisas que nele existem. Contudo, a ciência utiliza-se de métodos próprios para essa explicação.

Na Grécia Antiga, todas as ciências eram vinculadas à Filosofia. A separação entre ciência e Filosofia somente ocorreu com Galileu, no século XVII, quando ele introduziu a ideia de método científico.

Posteriormente, por meio da física, surgiram diversas outras ciências consideradas particulares.

Antes de Galileu, a física era qualitativa, ou seja, preocupava-se em explicar as coisas intrinsecamente. A partir dele, essa ciência passou a descrever os fenômenos quantitativamente. Enquanto Aristóteles perguntava “por que tal acontecimento ocorre?”, Galileu perguntava “como ocorre?” e o explicava.

Augusto Comte e o positivismo influenciaram o nascimento do cientificismo, que elevou a condição da ciência como a única maneira de adquirir o conhecimento, desprezando, parcialmente, todas as outras formas de busca de explicação ou conhecimento, como o mito e a religião.

Com o nascimento do cientificismo, o mundo passou a ser governado pelas verdades científicas, baseadas na observação e manipulação da natureza, por meio de uma estrutura da epistemologia<sup>31</sup> matemática.

A fragmentação do conhecimento faz surgirem, surgindo, assim, os especialistas em diversas áreas — física, química, biologia, matemática, entre tantas outras —, ocupando-se de apenas uma parte de cada coisa, ou seja, de uma parte do todo.

Diante dessa nova ordem, que papel a Filosofia passa a desempenhar? Será que ainda restou lugar para ela, perante essa nova maneira de entender o mundo?

Apesar da aparente inutilidade da Filosofia em relação à ciência, coube à primeira justamente analisar os fundamentos da segunda. O cientista, ao levantar questionamentos (exemplo: “Em que se baseia o conhecimento científico?”), já está, na verdade, se utilizando da Filosofia, mesmo que sem consciência disso.

À Filosofia, cabe a observação minuciosa de cada ciência que foi fragmentada. É sua pretensão tornar os seres humanos mais próximos da ciência e integrar a parte ao todo.

---

<sup>31</sup> Epistemologia é o estudo da natureza, do seu conhecimento e também da justificação, por meio de uma visão crítica.

Desse modo, à Filosofia, e mais especificamente à Filosofia da ciência, cabe promover uma reflexão crítica sobre os conhecimentos científicos, utilizando-se, para isso, de questões como o estudo da investigação científica, a natureza das teorias científicas etc.

Os filósofos da ciência preocupam-se em entender a lógica e o amplo significado científico, fazendo uma análise crítica, mas com bastante cautela, dessas novas tecnologias, verificando os métodos utilizados, a necessidade deles e a abordagem utilizada.

A Filosofia não tem uma resposta definitiva, não cabe a ela dizer quais são os passos que a ciência deve ou não tomar; porém, deve ficar lado a lado com ela, para que, com seu auxílio, a ciência jamais esqueça que sempre deve estar a serviço da humanidade, buscando meios para melhorar a qualidade de vida de cada um.

## **Investigação da ciência e hipótese**

Para investigar qualquer fenômeno, os cientistas usam o método científico, que normalmente obedece aos mesmos passos, que consistem em:

- observação de um fato ou problema;
- enunciado de um problema;
- formulação de uma hipótese explicativa;
- realização de experimentos;
- conclusão.

Quando o cientista observa um fato ou fenômeno, ele faz perguntas do tipo: “Como esse fenômeno surgiu?”; “Será que se originou desse próprio fenômeno ou de outro?”. Nessa fase, os cientistas levantam um problema que deve ser resolvido.

O passo seguinte é o enunciado desse fenômeno, desse problema a ser resolvido. Aqui, o cientista deve ser o mais claro possível, além de procurar solucionar a questão de todas as formas possíveis.

Observadas essas duas etapas, a seguinte é a formulação de uma hipótese que venha a explicar a questão levantada. A hipótese, como o próprio nome diz, não é uma resposta definitiva ao problema levantado; para ser verdadeira, necessita ser comprovada por meio de testes.

Será que essa hipótese está correta? Para responder a essa pergunta, o cientista parte para um, ou vários experimentos, com o objetivo de testar a validade de sua hipótese, investigando, assim, as consequências da solução que foi apresentada.

Finalmente, ao analisar o resultado de sua experiência, o cientista chega a uma conclusão, que pode ou não confirmar a hipótese explicativa inicial.

Porém, nem sempre o cientista consegue solucionar a questão levantada, pois a ciência não tem uma solução precisa para todos os problemas. Contudo, o mais importante é que ela está sempre à procura de respostas para solucionar os problemas que nos cercam e para entender os fenômenos que estão à nossa volta.

## **O que é uma teoria científica?**

Para que uma teoria possa ser considerada científica, deve, em primeiro lugar, ser submetida a testes bastante severos e acessíveis. Em segundo lugar, o cientista só pode afirmar que uma teoria é científica se ela passar pela prova da experiência. Por último, a teoria se torna, uma hipótese, ou seja, uma tentativa de compreender o mundo sem poder ser verificada, mas podendo ser comprovada.

Será considerada comprovada uma teoria que consiga resistir aos testes mais precisos, sem ser substituída por outra.

Então, pode-se dizer que uma hipótese que resiste a vários experimentos, tornando-se um princípio ou lei geral que explica os fatos observados, dá origem, assim, a uma teoria, que é uma fase do método científico.

## **A ciência grega**

A princípio, os gregos explicavam o mundo por meio da mitologia; posteriormente, passaram a desenvolver uma forma de conhecimento mais racional, separada do mito, quando, por volta do século VI a.C., surgiu a Filosofia, que é uma forma de explicação totalmente racional.

Na Jônia e na Magna Grécia, apareceram os primeiros filósofos, que tinham como objetivo explicar o mundo e todas as outras coisas por meio da natureza. Empédocles (495-435 a.C.) foi nesse período

o mais famoso, e sua teoria de que o mundo é constituído de terra, água, ar e fogo perdurou por muito tempo. Arquimedes, durante o século III a.C., estabeleceu alguns princípios fundamentais de mecânica. Normalmente, os filósofos gregos antigos preocupavam-se com o exame da razão, da teoria, desconsiderando a prática.

Entretanto, Arquimedes desviou-se da regra geral ao se preocupar com a prática. Euclides (século IV a.C.), Pitágoras e Tales trataram de Geometria e Astronomia, porém, de uma forma exclusivamente teórica.

Durante os séculos V e IV a.C., Platão e Aristóteles também trataram da ciência. Para Platão era necessário ir ao encontro da ciência, que, para ele, era o conhecimento racional das substâncias. As ciências foram fundamentais ao filósofo, para que ele pudesse chegar ao auge de sua reflexão filosófica.

Aristóteles era filho de um médico e, talvez por isso, gostava muito de observar a natureza, vindo, assim, a contribuir com as ciências biológicas. Porém, buscava apenas o conhecimento, não se preocupando com as questões práticas. Nesse período, ainda perdurava a ideia de concepção estática do planeta.

A Física, para Aristóteles, estava ligada à Filosofia e tinha como objetivo perceber a substância das coisas da natureza, que seriam compostas por fogo, ar, terra e água, e estariam em incessante movimento de linha reta, seguindo no caminho do interior da Terra ou, ainda, em sentido oposto a ele.

Desse modo, Aristóteles percebia o movimento como a transição do corpo à procura do repouso, no seu lugar inato. A Física de Aristóteles partia, então, das explicações das substâncias e do exame das propriedades inseparáveis dos corpos.

Não se pode afirmar que existiu uma ciência propriamente dita, nos moldes atuais, na Grécia Antiga. Somente a medicina, por razões naturais, constituía algo parecido com ciência, ou pelo menos seus profissionais tinham o espírito científico, pois utilizavam-se da observação atenta dos fenômenos patológicos, além de possuírem um conhecimento de anatomia avançado para uma época em que nem ao menos se praticava a dissecação.

## **A ciência segundo Aristóteles e Augusto Comte**

Para o filósofo da antiga Grécia, Aristóteles, as ciências estavam divididas em teóricas (ou teoréticas) e práticas.

As ciências teoréticas pretendiam o conhecimento puro e racional das coisas que constituem o mundo. A física, a matemática e a biologia, por exemplo, para Aristóteles, têm essa pretensão.

As ciências práticas, que para ele eram a moral, a política e a lógica, entre outras, pretendiam obter o conhecimento por meio de princípios instrumentais que deveriam ser empregados, então, no procedimento intelectual e social de cada pessoa.

Aristóteles foi bastante importante para a ciência, pois, além de ter inaugurado diversas disciplinas científicas, como a meteorologia e a dinâmica, deu importância à observação da natureza, sendo sua a primeira tentativa de sistematizar, classificar e codificar.

No século XIX, o desenvolvimento científico teve grande avanço. Imensamente valorizada, fazendo parte da vida das pessoas, a ciência explicava e solucionava diversos problemas. Surgiram várias ciências no decorrer desse século. Em contrapartida, a religião, em termos de conhecimento, ia cada vez mais perdendo terreno.

Foi nesse clima que surgiu a Filosofia de Augusto Comte, considerado o pai do positivismo. Para ele, as ciências se classificam em categorias: matemática; astronomia; física; química; biologia; sociologia.

Para esse filósofo, as ciências positivas obedecem à ordem de classificação das demais ciências: da mais simples à mais complexa, da mais abstrata à mais concreta.

A matemática, para ele, sempre foi uma ciência positiva; a astronomia, logo de início, torna-se positiva; a física, a partir de Galileu, e a química, por meio de Lavoisier, também aderem ao positivismo.

A partir do século XIX, a biologia torna-se positiva e, finalmente, a sociologia positivista, que é, segundo Augusto Comte, a mais importante das ciências.

O filósofo afirmava que as ciências complexas dependem das abstratas, os objetos das ciências dependem uns dos outros, e os seres vivos submetem-se às leis particulares e às gerais, como a física e a química de todos os corpos.

Ele defendia a ideia de que as ciências deveriam ser classificadas de acordo com o grau de simplicidade ou da generalização dos fenômenos estudados.

Comte pregava que apenas a ciência pode satisfazer à ânsia humana por conhecimento, pois somente ela parte dos fatos, submetendo-se também a eles para assim legitimar suas ideias e obter uma noção clara e absoluta desses fatos.

Leia a seguir um trecho do *Curso de Filosofia positiva*, de Comte:

Do que dissemos decorre que o traço fundamental da Filosofia positiva é considerar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, sendo o fim de todos os nossos esforços a sua descoberta precisa e a sua redução ao menor número possível, e considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido a procura daquilo a que se chama as causas, sejam primeiras ou finais. É inútil insistir muito num princípio que se tornou tão familiar a todos os que estudaram, com alguma profundidade, as ciências de observação. Com efeito, todos nós sabemos que, nas nossas explicações positivas, mesmo nas mais perfeitas, não temos a pretensão de expor as causas geradoras dos fenômenos, dado que nesse caso não fariamos senão adiar a dificuldade, mas apenas de analisar com exatidão as circunstâncias da sua produção e de as ligar umas às outras por normais relações de sucessão e similitude.

Comte inicialmente chamou a sociologia de física social. O objeto da sociologia é a humanidade, e, para ele, essa era a ciência maior, a mais importante, a mais concreta e complexa, pois, segundo Comte, “dela tudo parte e a ela tudo se reduz”. Esse filósofo também dava importância à matemática, por ser um instrumento utilizado em todas as ciências.



**1. (Insaf-PE) Leia o texto:**

A Filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o Universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

Galileu. *O ensaiador*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os pensadores.

**Com base nesse texto e nos conhecimentos sobre a Revolução Científica do século XVII e seus desdobramentos, é correto afirmar:**

- I. A nova ciência é secularizada, laicizada, ou seja, ela abandona a dimensão religiosa que permeia todo saber medieval. Separa-se razão e fé, busca-se a verdade científica independentemente das verdades reveladas.
- II. Muda-se uma concepção de mundo: da crença de que o mundo é um todo centralizado, finito, ordenado... passa-se, no novo modelo, a uma subversão da ordem, em que a Terra é um simples planeta entre outros e não mais o centro do universo.
- III. Promove-se a geometrização do espaço e a consequente dessacralização do universo. A nova ciência assume uma concepção de espaço hierarquizado, em que a ênfase no parâmetro qualitativo é substituída pelo quantitativo e mensurável.
- IV. A ciência moderna assume o paradigma mecanicista, em que a natureza e o próprio homem são comparados a uma máquina, cujas leis precisam ser descobertas.
- V. Sobrepondo-se à teologia e à Filosofia, a ciência moderna encarregar-se-á, nos primeiros séculos da modernidade, das considerações a respeito do valor, do sentido e dos fins últimos da existência humana, uma vez que o discurso religioso, em crise, perdeu legitimidade.

**Marque a alternativa que contém todas as afirmações corretas:**

- a) I, II, IV e V
- b) I, II e V
- c) I, III e V
- d) III e V
- e) I, II e IV

- 2. (Insaf-PE)** A ciência moderna sofreu uma série de transformações em relação à ciência antiga. Assinale a alternativa que apresenta uma das características da ciência moderna resultante dessa transformação.
- a) A submissão do saber ao conhecimento teórico, para o qual é irrelevante a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.
  - b) A subordinação da razão humana à fé religiosa, com a defesa da concepção de verdade como revelação.
  - c) A primazia da análise das qualidades dos corpos em si mesmos, tais como cor, odor, tamanho e peso.
  - d) A valorização do saber experimental, que visa à apropriação, ao controle e à transformação da natureza.
  - e) O predomínio da concepção de natureza hierarquizada, segundo uma ordem divina.
- 3. “As ciências são classificadas em: ciências teóricas e ciências práticas.” Essa divisão foi formulada por qual filósofo?**
- a) Augusto Comte                      b) Platão
  - c) Aristóteles                          d) Karl Marx
- 4. (Cesgranrio-RJ, adaptada)** A primeira sistematização ocidental do saber, elaborada por Aristóteles, propõe uma divisão das ciências em que:
- a) a lógica, a física e a matemática são classificadas como ciências teóricas.
  - b) a matemática, a política e a física são classificadas como ciências práticas.
  - c) a política, a ética, e a matemática são classificadas como ciências teóricas.
  - d) a política e a moral, por serem ciências práticas, são consideradas superiores à lógica.
  - e) a moral, a política e a lógica são classificadas como ciências práticas.
- 5. Geralmente, os filósofos gregos preocupavam-se quase exclusivamente com a parte teórica. O filósofo que se desviou dessa regra geral foi:**
- a) Tales                                      b) Pitágoras
  - c) Anaximenes                              d) Arquimedes
- 6. Para qual filósofo as ciências deveriam ser classificadas em categorias, de acordo com o grau de simplicidade ou da generalização dos fenômenos por elas estudados?**
- a) Demócrito                              b) Comte
  - c) Heidegger                                d) Marx
- 7. Para Comte, qual era a mais importante das ciências?**
- a) Psicologia                              b) Filosofia
  - c) Matemática                              d) Sociologia

## ***Descomplicando a Filosofia***

(Concurso Secretaria da Educação do Ceará) A “Teoria das Quatro Causas” do devir, criada por Aristóteles, contempla a seguinte sequência:

- a) causa material, causa formal, causa eficiente e causa motriz.
- b) causa material, causa formal, causa motriz e causa eficiente.
- c) causa formal, causa final, causa motriz e causa eficiente.
- d) causa material, causa formal, causa eficiente e causa final.

### **Resolução e comentários**

Para Aristóteles, a causa material diz respeito à matéria de que é feita alguma coisa; por exemplo, o papel que se usa para fazer um caderno. A causa formal diz respeito à substância que faz com que a coisa se torne um ser específico. A causa eficiente diz respeito a quem faz a coisa diretamente; por exemplo, o artista que pintou o quadro. E a causa final trata da finalidade de ser de alguma coisa; por exemplo, o escritor que tinha como objetivo escrever um livro enaltecendo o nacionalismo.

Portanto, a resposta correta está na alternativa **d**.

O homem é o único animal que pode aborrecer-se, que pode ficar descontente, que pode sentir-se expulso do paraíso. O homem é o único animal para quem sua própria existência é um problema que ele tem de solucionar e do qual não pode fugir.

Erich Fromm

## Conceito de ética

A ética vem sendo estudada, desde os tempos da Grécia Antiga até os dias atuais, com o mesmo vigor e interesse. Ao estudá-la, nos deparamos com regras de convivência em sociedade e como torná-la mais harmoniosa para todos.

O termo *ética*, do grego *ethos*, significa *comportamento* e é um ramo da Filosofia que estuda o comportamento do ser humano e o seu valor.

A ética questiona valores a partir do modo de ser de um determinado povo, de uma determinada cultura. Está intimamente ligada à busca do bem e da felicidade. Em outras palavras, estuda o comportamento moral do ser humano e a sua ação reta.

A ética indica, por meio de comparações, mudanças que podem ocorrer no comportamento humano e nas regras de convivência social, e suas possíveis consequências.

A ética leva em conta o interesse da sociedade como um todo, diferente da moral, que determina o que é bom e o que é ruim no comportamento das pessoas. A ética indica o que é mais justo ou menos injusto perante as escolhas que fazemos, escolhas estas que podem afetar ou não outras pessoas.

A ética é também vista como o julgamento do caráter moral de uma pessoa e é aplicada em diversos ramos da sociedade, tais como economia e política, assim como nas situações do dia a dia.

Perguntas do tipo: “Como devo agir?”, “Isso é correto?”, entre outras, fazem parte do vasto campo da ética, no qual, há as *normas morais* e as *normas jurídicas*.

As **normas morais** são aquelas que se baseiam na consciência moral das pessoas ou do grupo. As **normas jurídicas**, como o próprio nome diz, baseiam-se na força coercitiva do Estado, devendo ser obedecidas; quando não são, ocorre uma punição, prevista em lei.

Em função dos valores estabelecidos pela consciência do ser humano, a ética foi dividida em *subjetiva* e *objetiva*.

A **ética subjetiva** pressupõe que os valores são constituídos individualmente, não existindo uma forma para se colocar valores para todos.

Pela **ética objetiva**, os valores são válidos para todos os seres humanos, sendo seus defensores os humanistas e os cristãos. No humanismo, eles são baseados na natureza humana; no cristianismo, os valores são norteados pela fé.

## Conceito de justiça

A palavra *justiça* derivada do latim *justitia*, de *justus*, significa, na linguagem jurídica, o que se faz conforme o Direito ou ainda conforme as regras que são prescritas em lei.

Podemos dizer que é a razão de ser do próprio Direito, pois é por meio da justiça que se reconhece a legitimidade dos direitos, estabelecendo assim a lei.

A justiça é o conceito de cada pessoa receber aquilo que lhe é legitimamente devido. A princípio, estava ligada à divindade, ou seja, as leis possuíam uma fonte divina, como é o caso dos dez mandamentos da *Bíblia*; cada pessoa tinha de escolher entre o bem, que a aproximaria de Deus, e o mal, que a distanciaria dele.

Posteriormente, as leis também passaram a fazer parte do terreno, do humano. Surgiram, assim, as leis cíveis, que também sujeitam o ser humano às regras, impondo o que deve e o que não deve ser feito, separando o bem do mal; a diferença consiste no fato de que, com o advento das leis cíveis, não existe o medo do pecado, que existe nas leis divinas.

Tudo o que provém dessas leis são os próprios homens que devem determinar, inclusive suas sanções. Assim, a justiça surge como consequência do comportamento correto ou incorreto das pessoas, manifestando-se pela execução de julgamentos.

Na obra de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, há a distinção de três tipos de justiça: distributiva, reparativa e comutativa.

Para ele, a justiça distributiva trata da desigualdade de méritos. Segundo Aristóteles:

[...] no que se refere à justiça parcial e ao direito que dela deriva, ela tem um primeiro aspecto distributivo, que consiste na distribuição das honras, riquezas e todas as demais vantagens que possam corresponder a todos os membros da sociedade. Se as pessoas não são iguais, não terão igualdade na maneira como são tratadas. Surgem assim, as disputas e contendas, quando as pessoas, em pé de igualdade, não obtêm partes iguais, ou quando, em pé de desigualdade, obtêm um tratamento igual. A coisa fica clara, se se tem em conta o mérito das partes. No que se refere às partilhas, todo mundo admite que se deve fazer de acordo com os méritos de cada um; sem dúvida, não se está ordinariamente de acordo com a natureza desse mérito: os democratas o põem na liberdade; os oligarcas, na riqueza ou na estirpe, e os aristocratas, na virtude.

A justiça reparativa reconstitui o direito igual dos seres humanos, e a justiça comutativa trata da troca dos serviços, estando ligada à economia.

Aristóteles faz uma adaptação de suas ideias aos costumes da época, sem superar os preconceitos que existiam então, como o fato de a criança e o escravo pertencerem a alguém e, portanto, não terem direitos, não podendo existir injustiça contra eles.

Para Kant, a justiça é designada como fator da sociabilidade, fundamentando-se na racionalidade, originando-se na vontade do povo.

No diálogo de Platão intitulado *Crítion*, o filósofo também discorre sobre a justiça. Crítion tenta convencer Sócrates, seu mestre, a fugir de sua sentença de morte. Sócrates não concorda com essa ideia de fuga e diz que deve seguir a razão, mesmo que isso o leve à morte.

Nesse texto, Sócrates mostra-se favorável à justiça, defendendo-a com bastante fervor; ele é pelas leis, e posiciona-se em favor da razão acima de qualquer coisa.

Ainda em Platão, na sua obra *A república*, livro II, o tema da justiça é discutido por Glauco, descrevendo a origem da sua noção, acreditando que os que a praticam o fazem contra sua vontade, somente por obrigação, defendendo, ainda, que o injusto tem uma vida melhor que a do justo.

Assim, podemos ver a justiça como um conjunto de normas estabelecidas pelo próprio homem que devem ser respeitadas e obedecidas, ou ainda, a capacidade de possibilitar relações entre os homens.

## Conceito de moral

A palavra moral é derivada do latim, *morale*, relativo aos costumes. A **moral** é o conjunto de regras de conduta aplicável a todas as pessoas da sociedade e está ligada à ética; porém, enquanto esta apresenta um caráter especulativo, a moral, apesar de referir-se a valores, como na ética, tem um caráter de ordem prática, que leva à adesão ou não a uma determinada regra, mas sem a reflexão, característica daquela.

A moral depende de cada povo, de cada cultura e de cada época. A poligamia, por exemplo, não é aceita pelos cristãos; porém, para os muçulmanos, não é nada imoral ter mais de uma esposa.

Todos os povos que deixaram de ser primitivos, e passaram da natureza à cultura, têm regras morais que servem para garantir a harmonia entre as pessoas que compõem a sociedade.

A *Bíblia* é uma excelente fonte para se entender a questão moral. Os dez mandamentos, que são leis divinas recebidas de Deus por Moisés, constituíram o alicerce moral do povo hebreu durante milhares de anos. Os dez mandamentos da *Bíblia* são os seguintes:

1º — Não terás nem adorarás outros deuses, somente a mim.

2º — Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos.

3º — Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

4º — Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhuma

obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia de sábado e o santificou.

5º – Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus, te dá.

6º – Não matarás.

7º – Não adulterarás.

8º – Não furtarás.

9º – Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

10º – Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.

Além dos dez mandamentos, há também, na *Bíblia*, leis morais sobre diversos outros assuntos, entre as quais a resposta dos servos e dos homicidas, acerca dos que amaldiçoam os pais; dos que ferem uma pessoa, leis sobre a propriedade; leis acerca da imoralidade, da idolatria etc., encontradas no livro de *Êxodo*, por exemplo.

No hinduísmo, as leis morais e religiosas são encontradas no *Bhagavad Gita* (Cântico celestial). No budismo, há leis morais nas oito regras de vida descobertas por Buda nos 31 livros organizados em coleções chamadas *Tripitake* ou *Tripitaka*.

No judaísmo, as leis morais são encontradas na *Torah* ou *Torá*, livro sagrado dos judeus, constituído pelos cinco livros de Moisés, publicados na *Bíblia*, nos quais estão inscritas as leis fundamentais de conduta moral e física.

No islamismo, os adeptos submetem-se a Alah ou Alá. As regras morais e de vida são encontradas no *Alcorão* (livro sagrado do islamismo).

Saiba



**Hinduísmo:** a religião da maior parte dos povos da Índia.

**Budismo:** religião dos povos da Ásia Oriental e Central, cujo fundador foi Sidarta Gautama, Buda.

**Judaísmo:** a mais antiga das religiões monoteístas.

**Islamismo:** religião monoteísta (crê e reconhece um único Deus) fundada por Maomé.



Enfim, em todas as religiões encontramos regras de conduta que devem ser seguidas.

A moral não se aplica somente aos preceitos dos seguidores de determinadas religiões, mas a todos que convivem em sociedade. Divide-se em *ato normativo* e *fatual*.

Entendem-se por **ato normativo** as regras que fazem agir, assim como o imperativo que determina o dever ser. **Ato moral fatual** são aqueles praticados pelo ser humano que acabam realmente se realizando, em função do normativo.

O ato moral deve ser livre para que se possa escolher sem coação, mas com consciência do ato em si, com responsabilidade sobre a escolha, pois cada pessoa responde por seus atos e escolhas, respondendo por suas possíveis consequências.

A questão da moral sempre foi estudada pelos pesquisadores das mais diversas áreas, da psicologia à Filosofia, com inúmeras definições e visões diferentes.

No capítulo XVII da obra *O príncipe*, de Maquiavel, intitulado “Da crueldade e da piedade; se é melhor ser amado que temido ou antes temido que amado”, Maquiavel escreveu:

[...] Cesare Borgia era considerado cruel. Não obstante, essa sua crueldade tinha recuperado a Romanha, conseguindo uni-la e deixá-la em paz e fiel.

O que, se for bem considerado, mostrará que ele foi muito mais piedoso que o povo florentino que, para fugir da fama de cruel, deixou que Pistoia fosse destruída.

Um príncipe não deve, portanto, importar-se com a má fama de cruel, para poder manter seus súditos unidos e fiéis, porque, com pouquíssimos julgamentos exemplares, ele será mais piedoso do que aqueles que, por excessiva piedade, deixam acontecer desordens, das quais podem decorrer assassinatos ou rapinas, porquanto estas costumam prejudicar uma comunidade inteira, e aquelas execuções que emanam do príncipe atingem apenas um indivíduo.

E, dentre todos os príncipes, é ao príncipe novo que se torna impossível fugir da fama de cruel, visto que os Estados novos estão cheios de perigos. [...]

O príncipe, no entanto, deve ser cauto no crer e no agir, não se atemorizar por si mesmo e proceder de modo equilibrado, com prudência e humanidade, para que a excessiva confiança não o torne incauto e a demasiada desconfiança o torne intolerável.

Disso surge uma questão: se é melhor ser amado que temido ou o contrário.

A resposta é de que seria necessário ser uma coisa e outra, mas, como é difícil reuni-las, é muito mais seguro ser temido do que amado, quando se deve renunciar a uma das duas. [...]

As amizades que se conquistam com dinheiro, e não com grandeza e nobreza de alma, são compradas, mas com elas não se pode contar e, no momento de que mais se precisa, não é possível utilizá-las. E os homens têm menos escrúpulos em ofender alguém que se faça amar do que alguém que se faça temer, porque a amizade é mantida por um vínculo de reconhecimento que, por serem os homens maus, é quebrado em cada oportunidade que venha em benefício próprio, mas o temor é mantido pelo medo do castigo que nunca te abandona.

Entretanto, o príncipe deve fazer-se temer, de modo que, se não conquistar o amor, fuja do ódio, porque podem muito bem coexistir o ser temido e não odiado.

Isso poderá conseguir sempre, desde que se abstenha de tomar os bens e as mulheres de seus cidadãos e de seus súditos. E quando tivesse necessidade de derramar o sangue de alguém, que o faça sempre que existir conveniente justificativa e causa manifesta. [...]

Mas deve, sobretudo, abster-se dos bens dos outros, porque os homens esquecem mais rapidamente a morte do pai do que a perda do patrimônio. Além disso, os motivos para tomar os bens dos outros nunca faltam e aquele que começa a viver de rapina sempre encontra o motivo para confiscar os bens alheios, ao passo que as razões para o derramamento de sangue são mais raras e se esgotam mais depressa.

Mas quando o príncipe está à frente de seus exércitos e tem sob seu comando uma multidão de soldados, então é de todo necessário não se importar com a fama de cruel, porque, sem esta fama, jamais se poderá conservar exército unido nem disposto a alguma operação militar. [...]

Concluo, portanto, voltando à questão de ser temido e amado, que um príncipe sábio, amando os homens como lhes é de agrado e sendo por eles temido como deseja, deve apoiar-se naquilo que é seu e não naquilo que é dos outros. Deve apenas empenhar-se em fugir do ódio, como foi dito.

A moral também é retratada pelo filósofo Bergson (1859-1941) no texto “A moral bergsoniana”, que compõe sua obra *As duas fontes da moral e da religião*:

Mesmo que nos desinteressemos das pessoas, resta a fórmula geral da moralidade hoje aceita pela humanidade civilizada: esta fórmula engloba duas coisas, um sistema de ordens ditadas pelas exigências sociais impessoais, e um conjunto de apelos, lançados à consciência de cada um de nós por pessoas que representam o que houve de melhor na humanidade. A obrigação que se liga à ordem é, no que ela tem de original e de fundamental, infraintelectual. A eficácia do apelo mantém o poder da emoção que foi outrora provocado, que o é ainda ou que poderia sê-lo: esta emoção, pelo fato de ser indefinidamente redutível a ideias, é mais do que ideias, é mais do que ideia; ela é supraintelectual. As duas forças, exercendo-se em diferentes regiões da alma, projetam-se no plano intermediário,

que é o da inteligência. Elas serão, daí por diante, substituídas por suas projeções. Estas se misturam e se interpenetram. Daí resulta uma transposição das ordens e dos apelos em termos de razão pura. A justiça se encontra, assim, continuamente engrandecida pela caridade; a caridade toma, cada vez mais, a forma da justiça simples; os elementos da moralidade tornam-se homogêneos, comparáveis e quase mensuráveis entre si; os problemas morais se enunciam com precisão e se resolvem com método. A humanidade está convidada a se colocar num nível determinado — mais alto do que uma sociedade animal, em que a obrigação seria apenas a força do instinto, mas menos alto do que uma assembleia de deuses, em que tudo seria impulso criador. Considerando, então, as manifestações da vida moral, assim organizada, elas serão consideradas perfeitamente coerentes, capazes, por consequência, de se reduzir a princípios. A vida moral será uma vida racional.

Todos estarão de acordo sobre este ponto. Mas, do fato de se ter constatado o caráter racional da conduta moral, não se segue que a moral tenha sua origem ou mesmo seu fundamento na pura razão.

Na obra *A genealogia da moral*, escrita por Friedrich Nietzsche, há uma crítica radical à moral:

A revolta dos escravos na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e engendra valores: o ressentimento destes seres, para quem a verdadeira reação, a da ação, está interdita e que só encontram compensação numa vingança imaginária. Enquanto moral aristocrática nasce de uma afirmação triunfal de si mesma, a moral dos escravos opõe desde o começo um "não" ao que não faz parte dela mesma, ao que é "diferente" dela, ao que é seu "não Eu": e este não é seu ato criador. Esta inversão do olhar apreciador — este ponto de vista necessariamente inspirado pelo mundo exterior em vez de repousar sobre si mesma — pertence ao ressentimento: a moral dos escravos tem sempre e antes de tudo necessidade, para nascer, de um mundo oposto e exterior: ela precisa, para falar fisiologicamente, de estimulantes exteriores para agir; sua ação é fundamentalmente uma reação. O contrário acontece, quando a apreciação dos valores é a dos senhores: ela age e cresce espontaneamente, ela só procura seu antípoda para afirmar a si mesma ainda com mais alegria e reconhecimento — seu conceito negativo, "baixo", "comum", "mau" é apenas um pálido contraste nascido tardiamente em comparação com seu conceito fundamental, impregnado de vida e de paixão, este conceito que afirma "nós os aristocratas, nós os bons, os belos, os felizes!"

Assim, Nietzsche, ao analisar a questão da moral, demonstra que existe uma incompatibilidade entre ela e a vida comum. O homem sob o jugo da moral acaba se enfraquecendo; porém, a moral dos senhores é boa, porque é sadia, valente e criativa.

Para Nietzsche, a moral dos escravos é absolutamente decadente, a pessoa passa de fera a cordeiro, da valentia à fraqueza, é uma moral

que procura a paz, limitando o ser humano, que passa a se enfraquecer, surgindo o ressentimento. A moral dos escravos privilegia o ideal ascético (de devoção, contemplativo), negando a alegria da vida da moral dos senhores, deixando para outra existência, para o além, essa alegria. Assim, o ser humano passa ao estado de fraqueza e de domesticação.

## **A questão da liberdade**

A liberdade está intimamente ligada à questão da consciência moral, pois, quando não se pode escolher, não se pode tomar decisões conscientes e responsáveis, fica-se limitado.

A questão da liberdade sempre foi motivo de acaloradas discussões entre os mais diversos tipos de estudiosos, principalmente entre os filósofos, que elaboraram várias teorias acerca dela. Grande parte das teorias tratam da possibilidade de liberdade total do ser humano, ou seja, o livre-arbítrio seria o determinante das escolhas de cada um, por meio do qual se pode escolher entre fazer ou não fazer algo.

Desse modo, ter liberdade, ser livre representa poder tomar qualquer decisão do jeito que se quer, poder agir como quer, sem qualquer preocupação com a casualidade.

Franz Kafka,<sup>32</sup> em sua obra *O processo*, trata da questão da liberdade, ou melhor, da falta dela, quando Joseph K., personagem central da história, é preso sem nenhum motivo e é declarado culpado sem saber do que nem por quê. Para ser inocentado, tem de descobrir o motivo da acusação e começa, então, um processo extremamente burocrático e ilógico.

O filósofo Jean-Paul Sartre também trata da questão da liberdade em *A náusea*, em que apresenta a conclusão de que todos temos de fazer nossas escolhas com total liberdade, mas com responsabilidade, sabendo que essas escolhas livres podem magoar outras pessoas, associando, assim, a liberdade ao sentimento de culpa.

---

<sup>32</sup> Franz Kafka (1883-1924) é considerado um dos mais importantes escritores de ficção de língua alemã. Seu estilo literário é despojado, detalhista e, geralmente, retrata indivíduos em meio a pesadelos em um mundo frio e burocrático. É autor de obras importantíssimas no mundo ocidental, como *A metamorfose* (1915) e *O processo* (1925).

Em relação à responsabilidade, Sartre escreveu, em *O existencialismo é um humanismo*:

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

Esses dois filósofos da modernidade acreditam em uma eterna tensão entre liberdade e moralidade. Para eles, a moralidade nega a liberdade do ser humano e a responsabilidade que temos de ter sobre ela.

Outro filósofo da modernidade, Michel Foucault (1926-1984) insistia na pergunta: “Como é possível liberdade individual no mundo moderno?” Foucault acreditava que “a modernidade é um grande confinamento; em vez de libertar os indivíduos, a racionalidade, na verdade, prendia-os em uma nova estrutura de poder mais insidiosa”.

René Descartes (1596-1650) trata da liberdade em seu texto “Liberdade”:

O que existe unicamente é a vontade que sinto ser tão grande em mim, que não concebo de modo algum a ideia de nenhuma outra mais ampla e mais extensa: de maneira que é ela, principalmente, que me faz conhecer que trago a imagem e a semelhança de Deus. Pois, ainda que ela seja incomparavelmente maior em Deus do que em mim, seja em virtude do conhecimento e do poder — que, encontrando-se juntos aí, a tornam mais firme e mais eficaz —, seja em virtude do objeto, na medida em que ela se dirige e se estende infinitamente a mais coisas, ela não me parece todavia maior se eu a considero formal e precisamente em si mesma. Pois ela consiste somente em que podemos fazer uma coisa ou deixar de fazê-la (isto é, afirmar ou negar, perseguir ou fugir), ou, antes, somente em que, para afirmar ou negar, perseguir ou fugir as coisas que o entendimento nos propõe, agimos de tal modo que não sentimos de maneira alguma que alguma força exterior nos obrigue a isso.

Pois, para que eu seja livre, não é necessário que eu seja indiferente na escolha de um ou outro dos dois contrários; mas, antes, quanto mais eu tender para um, seja porque eu conheça evidentemente que o bem e o verdadeiro aí se encontram, seja porque Deus disponha assim o interior do meu pensamento, tanto mais livremente o escolherei e o abraçarei. É certo que a graça divina e o conhecimento natural, bem longe de diminuir minha vontade, antes a aumen-

tam e a fortalecem. De modo que essa indiferença que sinto, quando não sou de maneira alguma impelido mais para um lado do que para outro pelo peso de alguma razão, é o mais baixo grau de liberdade, e faz antes parecer uma carência no conhecimento do que uma perfeição na vontade; pois, se eu sempre conhecesse claramente o que é verdadeiro e o que é bom, nunca teria dificuldade em deliberar qual juízo e qual escolha deveria fazer; e, assim, eu seria inteiramente livre, sem nunca ser indiferente.

Para Platão, a liberdade existe quando as partes racionais que compõem a alma predominam sobre as outras. Espinosa, Rousseau, Kant e Hegel também defendem a ideia de que a liberdade existe quando temos controle de nossas vidas, quando usamos a razão e não deixamos as paixões nos dominarem.

Para o determinismo, não existe a escolha livre, o livre-arbítrio. De acordo com o determinismo, o homem está condicionado ao meio em que vive, à época e à necessidade. Ele é fruto do meio, ou seja, é a necessidade que predomina, e não a liberdade.

Genericamente, pode-se dizer que a liberdade é o direito da pessoa de poder escolher o que se quer fazer, ou de poder ir ou vir a determinados lugares, porém, desde que não existam regras proibindo aquele ato ou, ainda, que não exista restrição para o exercício daquela atividade.

## **A consciência**

O que nos diferencia dos outros animais é a consciência. Por meio dela, o ser humano vai acumulando informações, conhecimentos e experiências sobre tudo o que se passa com ele no mundo. Pode pensar sobre si, sobre sua existência, pode perguntar o motivo de estarmos nesse mundo, pode perguntar sobre a morte, sobre a vida; enfim, pode fazer qualquer tipo de questionamento, sobre qualquer tempo e lugar, não encontrando limites para tais questionamentos e reflexões.

Por meio da consciência, o ser humano descobriu que é o único animal que sabe de sua existência, ou seja, não está no plano apenas fisiológico; ele sabe de si, sabe que não pode fugir de sua consciência, de sua existência. Diferentemente dos demais animais, que vivem em função das necessidades do corpo, os humanos são seres que têm a

possibilidade de fazer suas escolhas e de pensar. Descartes já dizia: “penso, logo existo”; o pensamento faz com que o ser humano tenha consciência de sua existência.

A consciência moral surge quando julgamos as ações de acordo com a bondade ou a maldade é; quando podemos livremente escolher entre o que é bom e o que é mal, conforme o estabelecido perante a sociedade para o conceito de maldade e bondade.

Assim, ao se fazer uma escolha, deve-se estar consciente do próprio ato, pois o fato de escolher nos faz responsável pela ação, seja ela qual for. Então, se somos responsáveis por escolher, temos consciência do que escolhemos e colocamos a responsabilidade so o jugo da consciência moral.

Diversos filósofos trataram da questão da consciência. Dentre eles, Hegel, em seu texto “O senhor e o escravo”, escreveu sobre a moral:

Buscar a morte do outro implica em arriscar a própria vida. Por conseguinte, a luta entre duas consciências de si é determinada do seguinte modo: elas se experimentam a elas próprias e entre si por meio de uma luta de morte. Não podem evitar essa luta, pois são forçadas a elevar ao nível da verdade sua certeza de si, sua certeza de existir para si; cada uma deve experimentar essa certeza em si mesma e na outra. Só arriscando a própria vida é que se conquista a liberdade. Só assim é que alguém se assegura de que a natureza da consciência de si não é o ser puro, não é a forma imediata de sua manifestação, não é sua imersão no oceano da vida. Essa luta prova que nada existe na consciência que não seja perecível para ela, prova que ela, portanto, não é senão puro ser para-si. O indivíduo que não arriscou sua vida pode certamente ser reconhecido como pessoa, mas não atingiu a verdade desse reconhecimento como consciência de si independente. [...]

Em compensação, para o senhor, graças a essa mediação, a relação imediata torna-se a pura negação da coisa ou o seu gozo; aquilo que o apetite não conseguiu, ele o consegue; domina a coisa e se satisfaz na fruição. O apetite não chega a isso por causa da independência da coisa; mas o senhor, ao colocar o escravo contra ela e si próprio, só entra em contato com o aspecto dependente da coisa, fruindo-a puramente; deixa o aspecto independente da coisa para o escravo que a trabalha.

Esse texto de Hegel é, bastante difícil de ser compreendido, inspirou a análise das relações do “eu” com o “outro”. É uma briga de duas consciências, em que o autor examina a relação de dois “eu”, o senhor e o escravo, e a relação de cada eu com sua própria vida. Ele faz um estudo sobre o que entende por consciência.

A questão da consciência também é colocada por Jean-Jacques-Rousseau (1712-1778) em sua obra *Profissão de fé do vigário Saboiano*, leia abaixo um trecho dessa obra:

Não tiro dessas regras os princípios de uma alta Filosofia, mas as encontro no fundo do meu coração, escritas pela natureza em caracteres indeléveis. Basta-me consultar-me sobre o que quero fazer; tudo o que sinto ser bem é bem e tudo o que sinto ser mal é mal. O melhor de todos os casuístas é a consciência; e só quando se comercia com ela é que se recorre às sutilezas do raciocínio. O primeiro de todos os cuidados é o consigo mesmo, todavia, quantas vezes a voz interior nos diz que, ao fazer nosso bem a expensas de outrem, fazemos o mal! Acreditamos seguir o impulso da natureza e lhe resistimos, escutando o que ela diz dos nossos sentidos, desprezamos o que diz aos nossos corações; o ser ativo obedece e o ser passivo ordena. *A consciência é a voz da alma, as paixões são a voz do corpo.* É espantoso que, muitas vezes, essas duas linguagens se contradigam? A qual delas se deve ouvir? A razão frequentemente nos engana, não temos senão o direito de recusá-la; mas a consciência nunca engana; é o verdadeiro guia do homem: ela está para a alma assim como o instinto está para o corpo; quem a segue, obedece à natureza e não teme se perder. Este ponto é importante, prossegui meu benfeitor, vendo que eu ia interrompê-lo: esperai que eu me detenha um pouco mais a esclarecê-lo. A moralidade de nossas ações está no juízo que delas fazemos. Se é verdade que o bem seja bem, ele o deve ser tanto no fundo de nossos corações quanto em nossas obras, e o maior prêmio da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade moral concorda com nossa natureza, o homem não poderia ser são de espírito, nem bem constituído, se não fosse bom. Se não concorda, então o homem é naturalmente mau e não o pode deixar de ser sem se corromper; a bondade não seria senão um vício contra a natureza. Feito para prejudicar seus semelhantes, assim como o lobo para devorar sua presa, o homem seria um animal tão depravado quanto um lobo desprezível; e a virtude só nos deixaria remorsos. [...] Tudo nos é indiferente, dizem eles, exceto nosso interesse; quando, ao contrário, as doçuras da amizade humana nos consolam em nossas penas, e mesmo em nossos prazeres, estaríamos demasiado sós e seríamos demasiado miseráveis se não tivéssemos com quem os dividir. Se nada existe de moral no coração do homem, de onde, então, provêm esses transportes de admiração pelas ações heroicas, esses transportes de amor pelas grandes almas. Esse entusiasmo da virtude, qual a relação que ele tem com nosso interesse privado? Por que eu preferiria ser Catão, que rasga as entranhas, do que César triunfante? Tirei de nossos corações esse amor ao belo, que tirareis todo o encanto da vida. Aquele cujas paixões vis sufocaram esses sentimentos deliciosos em sua alma estreita; aquele que, à força de se concentrar dentro de si, acaba por amar apenas a si mesmo, não mais tem transportes e seu coração congelado não mais palpita de alegria, assim como uma doce ternura nunca umedece seus olhos; não goza mais nada; o infeliz não sente mais, não vive mais, já está morto.

Rousseau explica em nota de rodapé o instinto mencionado no texto anterior:



A Filosofia moderna, que só admite o que explica, não deixa de admitir essa obscura faculdade chamada instinto, que parece guiar os animais sem qualquer conhecimento adquirido, no sentido de algum fim. O instinto, segundo um de nossos mais sábios filósofos (Condillac)<sup>33</sup>, nada mais é do que um hábito privado de reflexão, mas adquirido por reflexão; a maneira pela qual ele explica esse progresso obriga-nos a concluir que as crianças refletem mais do que os adultos, paradoxo muito estranho para valer a pena ser examinado. Sem entrar aqui nessa discussão, pergunto que nome devo dar ao ardor com que meu cão faz guerra às toupeiras que não come, à paciência com que as guarda, jogando-as por terra no momento em que saltam, matando-as em seguida para deixá-las ali, sem que jamais alguém o tenha dirigido para essa caça ou lhe ensinado que existem toupeiras. Pergunto ainda, e isso é mais importante, por que, na primeira vez em que ameacei esse mesmo cão, ele se atirou de costas no chão, as patas dobradas, numa atitude suplicante e mais própria para me comover, postura em que não permaneceria se, sem me deixar dobrar, eu lhe batesse. Quê?! Meu cão, pequenino, mal acabado de nascer, já teria adquirido ideias morais? Sabia o que era clemência e generosidade? Em virtude de que luzes adquiridas esperava me acalmar, abandonando-se assim à minha discrição? Todos os cães do mundo fazem quase o mesmo nesse caso, e nada falo aqui que não possa ser verificado por todos. Que os filósofos, que tão desdenhosamente rejeitam o instinto, queiram explicar esse fato apenas pelo jogo das sensações e dos conhecimentos que elas nos fazem adquirir; que o expliquem de maneira satisfatória para todo homem sensato; então não teria mais nada a dizer e não mais falarei de instinto.

Friedrich Nietzsche, na obra *A genealogia da moral*, assim escreveu sobre a consciência:

Sua consciência? [...] Adivinhar-se-á desde o início que esta ideia de “consciência” que reencontramos aqui num desenvolvimento superior até a estranheza tem atrás dela uma longa história, a evolução de suas formas. Poder responder por si e responder com orgulho, portanto poder aprovar a si mesmo — aí está, ou já o disse, um fruto maduro, mas também um fruto tardio: — quanto tempo este fruto teve de ficar, áspero e ácido, suspenso na árvore!

## **A justiça na obra de Platão**

A obra *A república*, de Platão, é escrita em forma de diálogo, que ocorre principalmente entre Sócrates, Adimanto e Glauco. Trata-se de uma cidade idealizada habitada por dirigentes puramente racionais. Nessa cidade, não existe o egoísmo, e as paixões não afetam a sociedade, visto estarem sob controle. O príncipe é um filósofo, os interesses pessoais convivem harmoniosamente com os de toda a sociedade.

<sup>33</sup> O filósofo francês Étienne Bonnot de Condillac (1775–1780) defendia o princípio de que todas as ideias provêm dos sentidos.

Apesar do ideal de bem comum, os trabalhadores não eram valorizados, visto não ser o trabalho manual valorizado pela sociedade, que apenas interessava-se pela contemplação teórica da verdade. Porém, a fim de que os trabalhadores alcançassem isso, seria necessário ter tempo para também poder contemplar, e isso não era possível. Desse modo, eles continuavam no ostracismo, na exclusão.

Para esse pensador, a perfeição humana ocorria com o cidadão filósofo, demonstrando, assim, um pensamento bastante elitista.

O livro é iniciado com Trasímaco, um sofista, dizendo que a força é um direito e a justiça representa o interesse do mais forte. Platão, para responder à questão de como seria uma cidade justa, utiliza-se do diálogo entre Sócrates, Glauco e Adimanto.

Nessa obra, a justiça nada mais é que uma relação entre pessoas, que depende de uma organização social. Para ele, os homens deveriam viver sem nenhuma espécie de luxo material, sua alimentação deveria ser toda vegetariana e as crianças deveriam ser tiradas de suas mães, pois somente assim teriam bons hábitos.

Durante os primeiros dez anos, as crianças teriam uma educação preparada apenas para o físico e a música, que além de melhorar a saúde, aprimora o espírito. Assim, os educandos teriam base psicológica, fisiológica e moral, que ocorre pela crença no divino, crença essa que não deve ser demonstrada.

Haveria um teste prático quando o educando completasse 20 anos. Se fosse aprovado, continuaria seu treinamento e estudo; se fosse reprovado, trabalharia em outras funções. Aos 30 anos cada um se submetia a outro teste; sendo aprovado passava a se dedicar à Filosofia.

Após o estudo da Filosofia, os que fossem habilitados iriam para a vida comum, conheceriam a vida de quem não é filósofo e experimentariam a pura realidade. Aos 50 anos, aqueles que conseguissem sobreviver, se tornariam os governantes da cidade.

Esses governantes não teriam nenhum privilégio. Não teriam posses privadas, seriam vegetarianos e a vida sexual seria controlada, sendo voltada para fins eugênicos; melhoramento da raça humana. Enfim, toda a vida do governante-filósofo seria voltada em prol da comunidade.

Platão não concordava com o fato de que um homem mais votado pudesse assumir cargos públicos, pois nem sempre o mais votado é o mais preparado; acreditava que era necessário um sistema mais justo para acabar com a corrupção até então existente.

O conhecimento, para ele, provinha de três fontes: desejo, emoção e conhecimento, oriundos do baixo ventre (desejo), do coração (emoção) e da cabeça (conhecimento).

Essas três fontes deveriam estar em harmonia para, assim, produzirem um bom governante que precisaria de muito estudo e muita sabedoria; deveria ser um filósofo. Nas palavras de Platão: “enquanto os filósofos deste mundo não tiverem o espírito e o poder da Filosofia, a sabedoria e a liderança não se encontrarão no mesmo homem, e as cidades sofrerão os males”.

Para o pensador, a alma está dividida em três partes:

- **Racional** ou razão: representa a alma superior, destinando-se ao conhecimento das ideias. Localiza-se na cabeça, tendo como virtude principal a sabedoria.
- **Irascível**: está ligada à vontade e dá ao ser humano ânimo para enfrentar os problemas. Localiza-se no peito; sua virtude é a força.
- **Concupiscente**: constitui-se pelos desejos e necessidades básicas. Localiza-se no ventre e tem como virtude a moderação.

A alma racional controla as outras duas, obtendo-se, assim, o equilíbrio, a justiça e a felicidade.

Leia um trecho de *A república*, de Platão:

[...] Diríamos que, apesar de todas as inconveniências mencionadas, não seria de admirar que nossos guerreiros fossem de condição feliz. Afinal, ao constituirmos uma República, não tivemos em mira a felicidade de certa classe particular de cidadãos; porém, antes, e quanto possível, a felicidade de todo o Estado assim constituído se poderia encontrar a justiça, ao passo que no Estado mal administrado só acharíamos a injustiça, estaríamos em condição de nos pronunciarmos sobre aquilo que, de há muito, vimos buscando. Ora, ao presente cogitamos da formação de Estado feliz, pelo menos ao nosso modo de ver, e em que a felicidade e bem-estar não sejam apanágio de uns poucos, mas repartam-se equitativamente com todos os membros da sociedade. Examinaremos depois a forma de governo a essa oposta. [...] O mesmo se dá em nossos casos, Adimanto. Não queiras forçar-nos a

atribuir à condição de nossos guerreiros uma felicidade que os tornaria tudo o que quiséssemos, menos guardiões. Poderíamos, se quiséssemos, vestir nossos lavradores com preciosas roupas bordadas de ouro e ordenar-lhes que não cultivassem a terra senão por desfastio. Aos oleiros diríamos que, deitados ao pé do forno, comessem e bebessem à vontade, esquecidos da roda, com liberdade de só trabalharem quando lhes aprouvesse. Em uma palavra, poderíamos tornar vistosas todas as classes sociais, a fim de que todo o Estado fruisse perfeita felicidade. Não nos dê, porém, semelhante conselho; porque, se o pusermos em prática, o lavrador deixaria de ser lavrador, o oleiro de ser oleiro, e todos à uma saltariam fora de sua condição e o Estado deixaria de existir. Quanto às outras classes de servidores do Estado, não haveria grande mal em que saíssem fora de suas funções. Porque, se o sapateiro atamancar o seu ofício, ou se deixar corromper, ou se fizer por bom sapateiro sem o ser, nem por isso adirá grande prejuízo ao povo. Mas, se os que estão postos por guardas das leis e da República só são guardas de nome, já vêes que acarretam a ruína do Estado, sendo eles próprios os únicos que estarão bem instalados na vida para gozá-la regaladamente. Se, pois, a condição que assinamos aos verdadeiros guardiões do Estado os impede de se tornarem nocivos ao bem público, quem quer que pense o contrário e quer formar lavradores não já como membros de uma sociedade, senão como gente ociosa só ocupada em festins e prazeres, esse tal não tem ideia alguma do que seja uma República. Vejamos, portanto, se nosso designio ao instituir os guardiões do Estado é acumular sobre eles a felicidade pública ou antes reparti-la com toda a sociedade a fim de que todos sejam felizes; e persuadir ou, se preciso for, obrigar aos cidadãos a trabalhar cada qual em seu ofício e com todas as energias para o bem comum. De sorte que, quando o Estado houver progredido e estiver bem administrado, se permita então a cada indivíduo desfrutar a porção de felicidade pública que lhe corresponde à natureza da função.

Essa obra tem como objetivo propiciar uma reflexão a respeito da questão da justiça a partir de como seria a cidade nela idealizada. Para Platão, o que tornaria essa cidade digna de ser chamada de justa é o fato de que cada um dos componentes da comunidade exerceria a função para a qual fora treinado e está apto, justificando, assim, a divisão da sociedade em classes. Os governantes são treinados para governar; os soldados para guerrear e impor a ordem; os trabalhadores braçais devem executar seus serviços com satisfação, pois sabem que outros estão fazendo e executando leis. Cada um tem sua função, sem questionar a sua ou a dos outros.

Para Platão, a alma do ser humano também deveria ser justa, pois os três elementos que a compõem devem estar em harmonia, sendo a razão a que deve governar. Enfim, *A república* é uma tentativa de Platão em mostrar que a justiça compensa e que, por ela, vale a pena fazer qualquer tipo de renúncia.

- 1. (Insaf-PE)** O imperativo categórico é portanto só um único, que é este:  
Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.

*Kant. Fundamentação da metafísica dos costumes.*

De acordo com tal formulação, uma ação é considerada ética quando:

- a) privilegia os interesses particulares em detrimento de leis que valham universal e necessariamente.
  - b) ajusta os interesses egoístas de uns ao egoísmo dos outros, satisfazendo às exigências individuais de prazer e felicidade.
  - c) é determinada pela lei da natureza, que tem como fundamento o princípio de autoconservação.
  - d) está subordinada à vontade de Deus, que preestabelece o caminho seguro para a ação humana.
  - e) a máxima que rege a ação pode ser universalizada, ou seja, quando a ação pode ser praticada por todos, sem prejuízo da humanidade.
- 2. (Concurso Prefeitura Cubati-PB)** A confusão que acontece entre as palavras moral e ética existe há muitos séculos. A própria etimologia desses termos gera confusão, sendo que *ética* vem do grego *ethos*, que significa *modo de ser*, e *moral* tem sua origem no latim, que vem de *mores*, significando *costumes*. Sobre esses dois conceitos é correto afirmar:
- a) A moral sempre existiu, pois todo ser humano possui a consciência moral que o leva a distinguir o bem do mal no contexto em que vive.
  - b) A ética teria surgido com Platão, pois se exige maior grau de cultura.
  - c) A moral investiga e explica as normas morais, pois leva o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas, principalmente, por convicção e inteligência.
  - d) A ética não é somente um ato individual, pois as pessoas são, por natureza, seres sociais.
  - e) A ética se constitui em um processo de formação do caráter da pessoa humana.
- 3. (Cesgranrio-RJ)** Na república idealizada por Platão, a justiça pode ser alcançada quando:
- a) na hierarquia das classes, cada uma desempenhar apenas a função que lhe compete e de acordo com a virtude que lhe é própria.
  - b) a classe governante, seja ela qual for, garantir e respeitar os direitos de isonomia e de isegoria para todos os cidadãos de todas as classes.
  - c) a diferença entre as classes sociais for eliminada através da comunidade de bens, de mulheres e de ocupações.
  - d) as virtudes da sabedoria, da coragem e da temperança estiverem de igual modo desenvolvidas em todas as classes sociais.

- e) as leis passarem a ser elaboradas pelo conjunto dos cidadãos, sem distinção de classe social ou gênero sexual.

**4. (Vunesp-SP) Leia o texto para responder:**

Sendo os homens, por natureza, todos livres, iguais e independentes, ninguém pode ser expulso de sua propriedade e submetido ao poder político de outrem sem dar consentimento. A maneira única em virtude da qual uma pessoa qualquer renuncia à liberdade natural e se reveste dos laços da sociedade civil consiste em concordar com outras pessoas em juntar-se e unir-se em comunidade para viverem com segurança, conforto e paz umas com as outras, gozando garantidamente das propriedades que tiverem e desfrutando de maior proteção contra quem quer que não faça parte dela. Qualquer número de homens pode fazê-lo, porque não prejudica a liberdade dos demais; ficam como estavam na liberdade do estado de natureza.

John Locke. *Segundo tratado sobre o governo civil*.

**A alternativa que expressa as ideias expostas no texto é:**

- a) A sociedade civil consiste na união de homens livres por natureza, para que todos em conjunto possam melhor desfrutar de suas propriedades.
- b) Somente quando unidos numa sociedade civil os homens podem desfrutar da liberdade.
- c) É o poder vigente na sociedade civil que institui a propriedade, razão pela qual deve prover os meios de sua preservação e proteção.
- d) Liberdade e propriedade não existem no estado de natureza, e essa seria a principal razão que levaria os homens a unir-se na sociedade civil.
- e) Os laços que unem os indivíduos na sociedade civil provêm de mecanismos de coerção, e não da livre concordância de todos.

**5. (Vunesp-SP) Leia o texto:**

Se todo homem tivesse a sagacidade suficiente para perceber sempre o forte interesse que o liga à justiça e à equidade, bem como o vigor mental suficiente para aderir com firme perseverança a um interesse geral e distante, em oposição aos encantos e vantagens de prazeres momentâneos, nesse caso nunca teria existido tal coisa como o governo ou a sociedade política; mas cada homem, seguindo sua liberdade natural, viveria em completa paz e harmonia com todos os demais.

David Hume. *Investigação sobre os princípios da moral*.

**Assinale a alternativa que expressa as ideias desse texto.**

- a) Governo e sociedade civil são absolutamente necessários para que haja paz e harmonia entre os homens.
- b) Os homens podem, no estado atual de suas faculdades mentais, estabelecer naturalmente relações baseadas na paz e na harmonia.
- c) Os homens necessitam de governo e sociedade política porque não são suficientemente inteligentes para perceberem por si mesmos a utilidade da justiça, da equidade, da paz e da harmonia como o interesse de cada um e de todos.

- d) O homem, por natureza, jamais poderia exercer a sua liberdade e ao mesmo tempo viver em paz e harmonia com os demais.
- e) Os homens são suficientemente sagazes para fazerem conciliar sempre a liberdade individual e o interesse geral.
- 6. (Concurso Secretaria da Educação do Pará) Descartes, nas *Meditações*, afirma que a vontade pode conduzir-nos ao erro e ao mal. A explicação dada pelo autor para tais desvios da vontade reside no fato de:**
- a) o entendimento ser imperfeito devido a sua finitude.
- b) a liberdade da vontade ser limitada em seu exercício.
- c) a vontade e o entendimento não poderem atuar conjuntamente.
- d) a vontade ultrapassar o poder do entendimento de julgar o que não conhece com clareza e distinção.
- 7. (Vunesp-SP) Sobre a moral de nobres e a moral de escravos, na *Genealogia da moral*, de Nietzsche, pode-se dizer que, segundo o autor:**
- a) da confluência de ambas se dá uma moral prescritiva.
- b) a moral de escravos é fruto do ressentimento.
- c) a moral dos nobres é uma redenção cristã.
- d) a moral dos nobres se constrói por oposição à moral dos escravos.
- e) a moral de escravos é ativa no seu fundamento.
- 8. (Enade) Uma das mais famosas frases de Sartre é “estamos condenados à liberdade”. De acordo com o dito sartriano:**
- I. O ser humano é fruto do acaso.
- II. Não se pode fugir à necessidade de deliberar sobre as próprias ações.
- III. Não se pode agir livremente.
- IV. No universo do humano está a medida das ações e da responsabilidade do homem.
- V. O homem é o lobo do homem.

**Estão certos apenas os itens:**

- a) I e II.      b) I e III.      c) I e IV.      d) II e IV.      e) IV e V.
- 9. (Enade) Leia o texto:**
- Se todos os homens são, como se tem dito, livres, iguais e independentes por natureza, ninguém pode ser retirado desse estado e se sujeitar ao poder político de outro sem o seu próprio consentimento. A única maneira pela qual alguém se despoja de sua liberdade natural e se coloca dentro das limitações da sociedade civil é através de acordo com outros homens para se associarem e se unirem em uma comunidade para uma vida confortável, segura e pacífica uns com os outros, desfrutando com segurança de suas propriedades e melhor protegidos contra aqueles que não são daquela comunidade.

John Locke. *Segundo tratado sobre o governo civil*.

De acordo com o texto:

- I. Os homens são coagidos por sua natureza a se reunir em sociedade.
- II. Há um momento real em que os homens entram em entendimento e criam a sociedade civil.
- III. A sociedade civil tem como fim a promoção de uma vida confortável e segura.
- IV. A sociedade civil impõe a submissão do indivíduo ao poder do Estado.
- V. Em estado de natureza, os homens são considerados livres e iguais.

Estão certos apenas os itens:

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) III e V.
- e) IV e V.

## ***Descomplicando a Filosofia***

(Insaf-PE) Este trecho foi extraído da obra *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Leia-o:

Se, em nossas ações, há algum fim que desejamos por ele mesmo e os outros são desejados só por causa dele, e se não escolhemos indefinidamente alguma coisa em vista de uma outra (pois, nesse caso, iríamos ao infinito e nosso desejo seria fútil e vão), é evidente que tal fim só pode ser o bem, o sumo bem... Se assim é, devemos abarcar, pelo menos em linhas gerais, a natureza do sumo bem e dizer de qual saber ele provém. Consideramos que ele depende da ciência suprema e arquitetônica por excelência. Ora, tal ciência é manifestamente a política, pois é ela que determina, entre os saberes, quais são os necessários para as cidades e que tipos de saberes cada classe de cidadãos deve possuir... A política se serve das outras ciências práticas e legisla sobre o que é preciso fazer e do que é preciso abster-se; assim sendo, o fim buscado por ela deve englobar os fins de todas as outras, donde se conclui que o fim da política é o bem propriamente humano. Mesmo se houver identidade entre o bem do indivíduo e o da cidade, é manifestamente uma tarefa muito mais importante e mais perfeita conhecer e salvaguardar o bem da cidade, pois o bem não é seguramente amável mesmo para um indivíduo, mas é mais belo e mais divino aplicado a uma nação ou à cidade.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento ético-político de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Ao ressaltar o bem da cidade como mais belo e mais divino, a Filosofia aristotélica situa a felicidade como uma impossibilidade para os indivíduos.
- b) A ética aristotélica, em sintonia com o que posteriormente será conhecido como tradição cristã, situa a felicidade como algo que não deve ser almejado pelo indivíduo, uma vez que este deve se dedicar a uma vida de renúncias e sacrifícios.



- c) Se, para Aristóteles, a política tem como finalidade a vida justa e feliz, isto é, a vida propriamente humana digna de seres livres, então é inseparável da ética.
- d) Aristóteles subordina o bem supremo da *polis* ao bem do indivíduo, daí compreender que a qualidade das leis e do poder dependiam das qualidades morais dos cidadãos.
- e) Ao subordinar a política à ética, Aristóteles indica que somente homens bons e justos são capazes de instituir uma cidade boa e justa, não sendo verdade o contrário, isto é, a afirmação que diz que somente na cidade boa e justa os homens poderiam ser bons e justos.

### **Resolução e comentários**

Para Aristóteles, o homem, para ser feliz, deveria viver de acordo com a sua consciência, e a razão humana deve comandar todos os nossos atos, objetivando uma conduta ética. Para esse filósofo, a política, assim como a nossa consciência, deve ter a finalidade de uma vida ética e feliz; portanto, ética e política, por terem o mesmo objetivo, são inseparáveis. Dessa forma, a alternativa correta é a c.

# 10

## Teoria do conhecimento

Os homens fazem sua própria história, mas não o fazem como querem; não o fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx

### Definição de conhecimento

O conhecimento é inerente ao ser humano. Ele tem o desejo de conhecer para compreender a realidade que o cerca.

Ao longo de toda a história da humanidade, as pessoas nutriram e continuam a nutrir o desejo de conhecer. Desde as mais remotas culturas, sempre houve questionamentos, dúvidas e curiosidade.

Como você já sabe, os filósofos da Grécia Antiga faziam perguntas como: "O que é a verdade?"; "Existe a verdade?"; "O que é saber?"; "O que é o conhecimento?". Foi na tentativa de responder a essas perguntas sobre o conhecimento, que pode ser adquirido de várias formas, que surgiram o mito e, posteriormente, a Filosofia.

Tanto o mito quanto a Filosofia são formas de tentar responder aos questionamentos humanos; contudo, o mito é uma explicação imaginária, fantasiosa e metafórica e só tem valor na determinada cultura em que surgiu e é veiculado. Já a Filosofia implica em conhecimento racional, possuindo, portanto, sistematização, lógica e argumentos que levam a uma reflexão profunda sobre o real.

O mito foi a primeira tentativa de manifestação de conhecimento da humanidade, pois tenta explicar a origem desta, assim como de tudo que a cerca.

A religião é outra tentativa de conhecimento, pois possui sistematização e organização, dentro daquilo a que se propõe. A religião traz, por meio de seus livros sagrados, uma explicação para o surgimento do mundo e dos seres humanos, como é o caso da *Bíblia*.

O mito limita-se às barreiras culturais; a religião vai além dessas barreiras, mas, só tem valor para seus adeptos, que obedecem a normas de condutas e seguem determinados costumes. Por meio de uma crença única, os fiéis participam de rituais e obedecem a códigos determinados por ela.

O senso comum também é uma forma de explicação da realidade, outra forma de conhecimento, porém, superficial e imediato, não existindo, nesse caso, um fundamento teórico ou uma análise mais profunda. Quando passa para uma explicação baseada em conhecimentos mais precisos, buscando-se a relação de causa e efeito, deixa de ser senso comum.

A ciência, por meio de seus métodos investigativos, também responde às questões expostas. A ciência tem uma forma totalmente diferente do mito, da religião e do senso comum de ver e explicar a realidade. É racional e metodológica, possuindo determinado objeto de estudo. Por meio de pesquisa, método e hipótese, chega a determinada teoria, que dá validade ao resultado de sua pesquisa.

Por meio da arte, o homem também tenta explicar o mundo e a sua realidade, sendo, portanto, uma forma de conhecimento.

A Filosofia foi a primeira forma racional de tentar explicar a realidade. Ela tem a preocupação de provar o valor de seus fundamentos por meio da própria reflexão crítica. Qualquer ser humano pode se utilizar dela. Apesar das várias correntes filosóficas, a Filosofia possui originalidade, tendo argumentos válidos que dão credibilidade a sua forma de conhecimento.

É possível obter o conhecimento? É possível conhecer a verdade? Para responder a essas questões, surgiram duas correntes filosóficas: o *ceticismo* e o *dogmatismo gnosiológico*.<sup>34</sup>

## Ceticismo

Dentro da Filosofia, o ceticismo é uma corrente cuja tese é a impossibilidade de conhecermos a verdade. Nela, não se admite que

<sup>34</sup> A palavra *gnosiológico* refere-se à *gnosilogia*, que é a teoria geral do conhecimento humano, voltada para a reflexão acerca da origem, da natureza e dos limites dos atos cognitivos.

existe o conhecimento ou ainda, que se pode provar algo. O ceticismo pode ser *total* ou *parcial*.

O ceticismo **total** ou **absoluto** nega, de forma ampla, a possibilidade do conhecimento humano. O ceticismo **parcial** restringe-se a particularidades de crenças ou proposições e não nega a possibilidade total de conhecimento, mas parte dela, sendo assim, um ceticismo relativo.

O ceticismo pode ainda ser *prático* ou *teórico*. É prático se nega deliberadamente a crença e a descrença. É teórico se não existe nenhuma crença justificada de determinada espécie.

## Dogmatismo gnosiológico

Essa corrente filosófica é totalmente diferente do ceticismo, pois acredita no conhecimento da verdade, acredita ser possível conhecer e adquirir a verdade e o conhecimento. Está dividido em dogmatismo *ingênuo* e dogmatismo *crítico*.

Pelo **dogmatismo gnosiológico ingênuo**, a crença no conhecimento é ampla e geral; o mundo é percebido na sua realidade, sem ilusões.

No **dogmatismo gnosiológico crítico**, o conhecimento somente ocorre por meio de nossos sentidos e do esforço de nossa inteligência. Pelo dogmatismo crítico, o conhecimento não ocorre por acaso ou naturalmente, depende de nosso ânimo em querer atingir a verdade, mas é plenamente possível atingi-la.

## Racionalismo e empirismo

Para os racionalistas, a experiência sensorial é passível de diversos erros, além de provocar imensa desordem acerca da realidade. O mais notório representante do racionalismo foi René Descartes, que, por não concordar com as ilusões dos sentidos, acreditava que o conhecimento ocorre pela via da razão.

Descartes, por meio do seu método da dúvida, questionava tudo, porém, descobriu que o pensamento não é passível de dúvidas. Em sua famosa frase “penso, logo existo”, enfatiza o ato de pensar como inquestionável.

A partir desse ponto, Descartes distingue dois tipos de ideias, as *claras*, que já se encontram no espírito, e as *confusas* e *duvidosas*.

Para esse filósofo, as **ideias claras** são as ideias inatas, que fundamentam a ciência, pois não contêm erros e nos foram dadas por Deus.

A infinitude e a perfeição de Deus é encontrada dentro das ideias inatas de Descartes. Deus, para ele, existe, é perfeito, e é o criador do mundo exterior e sensível.

Por meio do método do pensamento, esse pensador acreditava ser possível que as coisas fossem representadas sem erro, que houvesse controle absoluto das operações intelectuais e que houvesse deduções para maior crescimento do conhecimento.

Assim, a partir de Descartes, os racionalistas passaram a acreditar que através da razão humana, e somente através dela, o ser humano pode atingir a verdade, o conhecimento, sendo a razão a base desse conhecimento.

Empirismo deriva da palavra grega *empeiria*, que significa *experiência*. É uma doutrina filosófica que defende que as nossas ideias originam-se de nossas percepções sensoriais.

John Locke e Thomas Hobbes foram dois importantes filósofos empiristas. Leia abaixo um trecho de *O leviatã*, de Hobbes:

#### O estado natural e o pacto social

O estado de natureza, essa guerra de todos contra todos tem por consequência o fato de nada ser injusto. As noções de certo e errado, de justiça e de injustiça não têm lugar nessa situação. Onde não há Poder comum, não há lei; onde não há injustiça, força e astúcia são virtudes cardeais na guerra. Justiça e injustiça não pertencem à lista das faculdades naturais do espírito ou do corpo; pois, nesse caso, elas poderiam ser encontradas num homem que estivesse sozinho no mundo (como acontece com seus sentidos ou suas paixões). Na realidade, justiça e injustiça são qualidades relativas aos homens em sociedade, não ao homem solitário. A mesma situação de guerra não implica na existência da propriedade... nem na distinção entre o meu e o teu, mas apenas no fato de que a cada um pertence aquilo de que pode se apropriar e justamente por tanto tempo quanto ele for capaz de o guardar. Eis então, e por muito tempo, a triste condição em que o homem é colocado pela natureza com a possibilidade, é bem verdade, de sair dela, possibilidade que, por um lado, se apoia nas paixões e, por outro lado, em sua razão. As paixões que inclinam o homem para a paz são: o temor à morte violenta e o desejo de tudo o que é necessário a uma vida confortável.

John Locke, no que diz respeito ao conhecimento, baseia-se em Descartes para construir suas ideias; porém, diferentemente deste, que trilha o caminho do raciocínio, prefere o caminho da psicologia, evidenciando, assim, duas formas para as ideias: sensação e reflexão. Sendo a sensação proveniente da modificação ocorrida em nossa mente por meio dos sentidos, Locke entende a reflexão como a percepção da alma do que acontece com ela.

Assim, para uma simples ideia, é necessária a qualidade do objeto, que pode ser primária ou secundária. As qualidades primárias existem e podem servir de exemplo: o repouso, o movimento etc. As secundárias podem ser relativas e subjetivas, sendo responsáveis pelas percepções sensíveis. Pela análise, o ser humano produz as ideias complexas, que, nesse caso, não têm valor objetivo.

Para Locke, na produção do conhecimento, o mais importante é o objeto, enquanto para Descartes é o sujeito.

Se para Descartes as ideias são inatas, para Locke isso é impossível, pois, para ele, nascemos sem nenhum conhecimento, e somente o adquirimos por meio da experiência sensível.

Sobre as ideias inatas, Descartes escreveu:

Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são originais, a partir de cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos. E não há senão muito poucas dessas noções; pois, após as mais gerais, do ser, do número, da duração etc., que convêm a tudo quanto possamos conceber, possuímos, em relação ao corpo em particular, apenas a noção da extensão, da qual decorrem as da figura e do movimento; e, quanto à alma somente, temos apenas a do pensamento, em que se acham compreendidas as percepções do entendimento e as inclinações da vontade; enfim, quanto à alma e ao corpo em conjunto, temos apenas a de sua união, da qual depende a noção da força de que dispõe a alma para mover o corpo, e o corpo para atuar sobre a alma, causando seus sentimentos e sua paixões.

Em breves palavras, os empiristas acreditavam que o conhecimento é adquirido por meio da experiência sensorial, enquanto os racionalistas se baseiam na razão para obtê-lo.

## **Positivismo**

Após a Revolução Industrial, as modificações ocorridas na vida do ser humano foram imensas. A ciência e a técnica passaram a ser imen-

samente valorizadas. Surgiu, assim, o cientificismo, que acreditava ser a ciência a única forma de se adquirir o conhecimento, devendo ser levada a todas as atividades humanas.

E foi justamente nessa época que surgiu o positivismo, criado por Augusto Comte, o maior representante dessa doutrina. De acordo com a Filosofia de Comte, existem três estados no mundo: o *teológico*, em que tudo é explicado por meio de vontades alheias à nossa; o *metafísico*, em que se procura uma explicação por meio da ideia abstrata; e o *positivo*, em que o ser humano chega à ciência.

Para esse pensador, a família representa o ponto de partida do grupo social, e o Estado é uma estrutura familiar que deve se tornar universal; para isso, é necessária a consciência do conhecimento de humanidade.

De acordo com esse filósofo, após essa conscientização, surgiria, então, uma nova sociedade, na qual poder *material* e *espiritual* estariam separados. O poder material seria comandado pelo governo e o espiritual, pela Igreja.

Comte justificava a exploração industrial e concordava com a divisão da sociedade em capitalistas e proletariado. Em sua obra *Discurso sobre o espírito positivo*, ele escreveu sobre o sentido do termo *positivo*:

Considerado primeiramente na sua acepção mais antiga e mais comum, o termo *positivo* designa o *real*, em oposição ao *quimérico*; sob esta relação, ele convém plenamente ao novo espírito filosófico, assim caracterizado segundo sua constante dedicação às pesquisas verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência, com exclusão permanente dos impenetráveis mistérios de que ela se ocupava sobretudo na infância. Num segundo sentido, muito próximo do precedente e, no entanto, distinto, esse termo fundamental indica o contraste do útil com o inútil; lembra então, em Filosofia, a destinação necessária de todas as nossas especulações sadias para o aprimoramento contínuo de nossa verdadeira condição, individual e coletiva, em lugar da satisfação vã de uma curiosidade estéril. Segundo uma terceira significação usual, esta feliz expressão é frequentemente empregada para qualificar a oposição entre a certeza e a indecisão; ela indica também a atitude característica de tal Filosofia no sentido de constituir espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo e a comunhão espiritual em toda a espécie, ao invés dessas dúvidas indefinidas e desses debates intermináveis que o antigo regime mental devia suscitar. Uma quarta acepção comum, muitas vezes confundida com a precedente, consiste em opor o que é preciso ao que é vago.

Comte foi o fundador da religião positivista, abrindo várias igrejas. Ele acreditava que havia outra espécie de trindade, diferente do que prega o cristianismo: o *grande ser* (a humanidade), o *grande fetiche* (a Terra) e o *grande meio* (o espaço), que constituíam a religião da humanidade. Ele pregava que, no final, todas as nações seriam reunidas em uma só, e o grande líder, o papa, residiria em Paris.

O positivismo teve vários seguidores, dentre os quais, os ingleses Spencer e Stuart Mill e, no Brasil, Benjamin Constant e Luís Pereira Barreto.



**1. (Insaf-PE) Leia os fragmentos a seguir e identifique a que concepção de conhecimento (racionalista ou empirista) eles se filiam:**

- I. “Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos.”
- II. “De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência.”
- III. “Penso não haver mais dúvida de que não há princípios práticos com os quais todos os homens concordam e, portanto, nenhum é inato.”
- IV. “Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil de se aplicar. Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis.”
- V. “Embora a posse de ideias gerais, o uso de palavras gerais e a razão geralmente cresçam juntos, não vejo como isso possa de algum modo prová-las inatas. Concordo que o conhecimento de algumas verdades aparece bem cedo na mente, mas de modo tal que mostra que não são inatas. Pois, se observarmos, descobriremos que isso continua também com as ideias não inatas, mas adquiridas, sendo aquelas primeiras impressas por coisas externas, com as quais as crianças se deparam bem cedo, ocasionando as mais frequentes impressões em seus sentidos.”

**Considerando os textos anteriores, assinale a alternativa verdadeira:**

- a) I e IV retratam concepções racionalistas.
  - b) I e V são textos de empiristas.
  - c) Apenas os fragmentos II e IV são empiristas.
  - d) Somente o fragmento I representa uma concepção racionalista.
  - e) I e V são de perspectiva racionalista.
- 2. (Unifin-RS) Leia o texto e responda à questão seguinte:**  
O racionalismo pode ser definido como a doutrina que, por oposição ao ceticismo, atribui à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade; por oposição ao empirismo, considera a razão como independente da experiência sensível, posto ser ela inata, imutável e igual em todos os homens; contrariamente ao misticismo, rejeita toda e qualquer intervenção dos sentimentos e das emoções, pois, no domínio do conhecimento, a única autoridade é a razão.

Hilton Japiasu

No texto, a definição de racionalismo é feita pelo processo de:

- a) enumeração de suas características principais.
- b) generalização das características comuns a várias doutrinas filosóficas.
- c) contraste com doutrinas filosóficas.
- d) levantamento das causas de suas diferenças.
- e) exposição das consequências de suas diferenças.

**3. (PUC-RS) A ciência moderna nasce no século XVII associada aos nomes de John Locke, com o *Ensaio sobre o entendimento do homem*, que relaciona o conhecimento à observação e experimentação do mundo através dos sentidos, e René Descartes, com o *Discurso do método*, que entende o conhecimento como fruto de um processo de busca da verdade por meio da razão e pela dúvida metódica, até encontrar-se uma certeza (axioma) que sirva de base para a explicação de fenômenos. Esses dois cientistas estão ligados, respectivamente, à elaboração dos métodos:**

- a) empirista e racionalista.
- b) racionalista e idealista.
- c) fenomenológico e racionalista.
- d) cognitivista e construtivista.
- e) empirista e estruturalista.

**4. O ceticismo pode ser definido como:**

- a) corrente filosófica que defende a possibilidade do conhecimento.
- b) corrente filosófica que acredita ser possível o conhecimento por meio de uma postura ética.
- c) doutrina filosófica cuja tese é a impossibilidade de obtermos o conhecimento.
- d) doutrina filosófica que acredita que conhecemos apenas a aparência das coisas, nunca a sua essência.

**5. Considere as afirmativas:**

- I. O maior representante do empirismo é René Descartes.
- II. John Locke é o maior representante do racionalismo.
- III. Karl Marx foi defensor do empirismo.
- IV. Sócrates foi o primeiro defensor do ceticismo.

**Assinale a alternativa verdadeira:**

- a) I e III estão corretas.
- b) III e IV estão corretas.
- c) Apenas I está correta.
- d) Todas as alternativas estão corretas.
- e) Nenhuma das alternativas está correta.

**6. A base do conhecimento para os racionalistas era:**

- a) a emoção.
- b) a razão.
- c) a intuição.
- d) o estudo e a intuição.

7. O empirismo pode ser definido como:
- a) doutrina filosófica que acredita ser a base do conhecimento unicamente a razão.
  - b) doutrina filosófica que acredita ser a água o ingrediente básico do Universo.
  - c) corrente filosófica que defende a ideia de que o conhecimento origina-se de nossas percepções sensoriais.
  - d) corrente filosófica que acreditava que a origem do conhecimento era a fé.
8. “O estado da natureza, essa guerra de todos contra todos, tem por consequência o fato de nada ser justo.” Essa frase foi extraída da obra *O leviatã*, cujo autor é:
- a) Hobbes.
  - b) Smith.
  - c) Rousseau.
  - d) Locke.
9. De acordo com Augusto Comte, há três estados no mundo, que são:
- a) físico, metafísico e positivo.
  - b) metafísico, positivo e hinduísta.
  - c) teológico, metafísico e positivo.
  - d) empirista, teológico e positivo.

### ***Descomplicando a Filosofia***

(UFRJ) Leia este texto:

A disputa entre racionalismo e empirismo se dá no ramo da Filosofia destinado ao estudo da natureza, das fontes e dos limites do conhecimento. Essa disputa diz respeito à questão sobre se, e em que medida, somos dependentes da experiência sensível para alcançar o conhecimento. Os racionalistas afirmam que nossos conhecimentos têm sua origem independentemente da experiência sensível, isto é, independentemente de qualquer acesso imediato a coisas externas a nós. Os empiristas, por sua vez, consideram que a experiência sensível é a fonte de todos os nossos conhecimentos.

Em relação ao tema, considere a seguinte afirmativa:

Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos.

René Descartes, *Carta a Elizabeth*, 21 de maio de 1743.

Com base no que foi exposto acerca da oposição entre racionalismo e empirismo, responda: a frase de Descartes é mais representativa da posição racionalista ou da posição empirista? Justifique sua resposta, indicando o(s) elemento(s) da frase que a sustenta(m).

#### **Resolução e comentários**

A afirmação de René Descartes é mais representativa da posição racionalista do que da posição empirista, pois, ao identificar a origem do nosso conhecimento em noções primitivas presentes em nós, acaba por contemplar a tese racionalista, apresentada no enunciado da questão.

Foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, ficando primeiramente maravilhados diante dos problemas mais simples, e progredindo, em seguida, pouco a pouco, até proporem-se problemas maiores.

Aristóteles, *Metafísica*.

### O que é metafísica?

A metafísica surgiu do realismo (estado do que é real), da pergunta inicial que tinha como pressuposto a existência da realidade exterior ao pensamento, e possui diversas definições, entre elas: *a ciência que estuda os fundamentos da realidade e do conhecimento; o estudo do ente<sup>35</sup> como ente; ciência que investiga as causas primeiras.*

A palavra *meta* vem do grego *metha* e significa *depois de, após, acima de*. Desse modo, metafísica seria o estudo profundo a respeito do ente, do que está além da física. Sua preocupação é investigar as razões supremas da realidade, o princípio de todas as coisas para responder a questões que dizem respeito à origem, a transformações e ao desaparecimento dos seres, ou seja, a metafísica preocupa-se com o *devir*.

**Devir** é o fluxo permanente, ininterrupto e atuante que dissolve, transforma e cria todas as realidades existentes.

Os filósofos pré-socráticos Heráclito e Parmênides apresentavam opiniões diferentes a respeito do devir.

Heráclito afirmava que somente a mudança é real, nada permanece idêntico a si mesmo, mas tudo se transforma no seu contrário. Ele dizia: "a guerra é o pai de todas as coisas". Cria que a luta é a harmonia dos contrários, responsável pela ordem racional do Universo. Para ele, a experiência sensorial humana percebe o mundo como se tudo fosse

<sup>35</sup> Ente, aqui, tem sentido de *um ser determinado*.

estável e permanente, mas o pensamento sabe que nada permanece, tudo se torna o contrário de si mesmo. O *logos* é a mudança de todas as coisas, os conflitos entre elas e a contradição. O dia se opõe à noite, o quente ao frio.

Por outro lado, Parmênides afirmava que somente a identidade e a permanência eram reais e a mudança ilusória. O ser é o *logos* porque é sempre idêntico a si mesmo, sem contradição, imutável e imperecível. O devir, o fluxo dos contrários, é a aparência sensível, mera opinião que formamos porque confundimos a realidade com as nossas sensações, percepções e lembranças. A mudança é o não ser, o nada, impensável e indizível.

O pensamento e a linguagem verdadeira só são possíveis se as possíveis coisas que pensamos e dizemos guardarem a identidade, forem permanentes, pois podemos dizer e pensar aquilo que é sempre idêntico a si mesmo. Se uma coisa torna-se contrária a si mesma, deixará de ser e, em seu lugar, haverá nada, coisa nenhuma, pois o que se contradiz se autodestrói. A mudança é impossível, do ponto de vista do pensamento, e só existe como aparência ou ilusão dos sentidos. O devir é não ser. Por isso, somente o ser pode ser pensado e dito.

Para Heráclito, a verdade e o *logos* são as mudanças das coisas nos seus contrários; já Parmênides acreditava ser a identidade do ser imutável (não sujeito à mudança), que se opõe à aparência sensível da luta dos contrários.

Também os filósofos Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C.) com admiração e espanto faziam indagações sobre a existência do mundo e questionavam: Por que o mundo é como é?

Platão e Aristóteles foram os primeiros filósofos a buscar explicação racional para a origem do mundo.

Aristóteles fez uma reflexão sobre uma nova ciência denominada por ele de *Filosofia primeira*; o estudo dos primeiros princípios e das causas primeiras de todas as coisas, investiga o ser enquanto ser e busca a essência de um ente ou de uma coisa. Para Aristóteles, o ente enquanto ente é a substância, ou seja, a forma abstrata.

Platão, ao se dedicar ao estudo do ente, afirmava que Heráclito tinha razão a respeito do mundo material e sensível, do mundo das

imagens e das opiniões. Para Platão, a matéria é, por essência e por natureza, algo imperfeito, que não consegue manter a identidade das coisas, mudando sem cessar, passando de um estado a outro, contrário ou oposto. Em relação ao mundo material ou de nossa experiência das coisas, só nos chegam as aparências das coisas, e sobre ele só podemos ter opiniões contraditórias.

Para Platão existem dois mundos diferentes e separados: o mundo sensível, que é o mundo das coisas, da mudança, da aparência, do devir dos contrários, e o mundo inteligível ou das ideias, das essências verdadeiras, o do ser. O verdadeiro ser é constituído da “realidade inteligível”, fundamento do “mundo das ideias”.

A metafísica, portanto, tem a preocupação de descobrir as razões supremas da realidade, o princípio de todas as coisas e, por meio de investigação, tenta explicar a origem das coisas, a essência daquilo que existe. A pergunta “O que é?” constitui-se como o questionamento central da metafísica.

## **O princípio**

O princípio pode ser definido como a fonte de origem de todas as coisas. Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos que se dirigiram para a busca da verdade, voltados para a totalidade do ente, o elemento de que todas as coisas são constituídas, ou seja, a identidade do diferente, que para eles era o “princípio” (*arché*) a partir do qual se desenvolve. Para os pré-socráticos, o “elemento” do ente é o “princípio”, a unidade da qual todas as coisas provêm e à qual todas as coisas regressam. Heráclito dizia: “o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”.

Tales de Mileto iniciou o estudo sobre o “princípio”. Para ele, o princípio não é eterno, “é aquilo de que derivam originariamente e no que se resolvem por último todos os seres”, uma realidade “que continua a existir de maneira imutada, mesmo através do processo gerador de todas as coisas”. Tales afirmava que “todas as coisas estão cheias de deuses”; que Deus é inteligência; que “a água é o princípio de todas as coisas”; que tudo se faz através da água” e que a “terra flutua sobre a água”.

Tales considerou a alma como princípio motor, e acreditava que o ímã tem uma alma porque move o ferro. A alma aqui tem conotação de princípio.

Aristóteles define o princípio como “o caráter comum a todos os significados de princípio é de ser o primeiro termo a partir do qual uma coisa é gerada ou conhecida”. O termo “a partir de”, como define Aristóteles, significa que o princípio é aquilo de que alguma coisa procede ou deriva, ou seja, o princípio é o primeiro.

Para os atomistas, as coisas são formadas por meio dos átomos; estes não são quantidades, são formas, são estrutura da coisa onde a origem e a mudança decorrem apenas dos movimentos dos átomos no vácuo. Os atomistas são considerados os primeiros filósofos materialistas, acreditavam que o Universo é originário de átomo.

Os filósofos da Grécia Clássica tinham a preocupação de como seria o princípio (*arché*) do Universo, e o que teria originado tudo.

## **O princípio de Parmênides**

O filósofo grego Parmênides de Eleia é considerado um inovador racional e um dos mais influentes filósofos pré-socráticos; sua importância para a lógica é inegável. Foi também um dos primeiros pensadores metafísicos, iniciando, assim, as questões relativas ao ser, vindo mais tarde a influenciar o sistema de Aristóteles, que reformulou a sua noção de ser.

Pouco restou dos seus escritos; há apenas alguns pensamentos, que foram reunidos em fragmentos, como o apresentado a seguir:

Resta-nos assim um único caminho: o ser é. Neste caminho há grande número de indícios: não sendo gerado, é também imperecível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável e sem meta; jamais foi nem será, pois é, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? Não te permitirei dizer nem pensar que o não ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde? Assim, pois, é necessário ser absolutamente ou não ser. E jamais a força da convicção concederá que do não ser possa surgir outra coisa. Por isto, a deusa da Justiça não admite, por um afrouxamento de suas cadeias, que nasça ou que pereça, mas mantém-no firme. A decisão sobre este ponto recai sobre a seguinte afirmativa: ou é ou não é. Decidida está, portanto, a necessidade de abandonar o primeiro caminho, impensável

e inominável (não é o caminho da verdade); o outro, ao contrário, é presença e verdade. Como poderia perecer o que é? Como poderia ser gerado? Pois se gerado, não é, e também não é, se devera existir um dia. Assim, o gerar se apaga e o perecimento se esquece.

O raciocínio apresentado por Parmênides leva à concepção de um ente único, chamado de ser, o todo ou o uno. Para ele, o ser era obrigatoriamente único, pois se assim não o fosse, o ser mais de um, ser múltiplo, implicaria em existir o não ser, o que seria totalmente ilógico, um disparate.

O ser é, e o não ser, não é, de Parmênides, encaminhou todas as discussões posteriores sobre o ser, surgindo, assim, inúmeros questionamentos que concordavam ou não com esse princípio. Para ele, existem dois caminhos: o da *verdade* e o da *opinião*.

Ele afirmava que devíamos ficar longe do caminho da opinião, pois ele nos leva ao não ser, ao nada, é o caminho do não existir, do impensado; esse caminho é captado pelos sentidos; por isso é o ilusório, o nada.

Parmênides acreditava ser a Filosofia a via da verdade, sendo a via de opinião a que se dedica às aparências, à ilusão, a que se ocupa com o não ser. O ser é imutável, e não poderia ser de outra forma, pois não tem no que mudar; se assim o fizesse, deixaria de ser o ser, e isso é impossível porque, se assim o fosse, seria o contrário de si mesmo, seria o não ser; então, o ser só pode ser uno, imutável e único.

Parmênides foi o primeiro a distinguir entre o ser e o não ser. Para ele, "toda mutação é ilusória" centralizava sua investigação na pergunta "O que é?" e tentava esclarecer o que estava por detrás das aparências das transformações.

Os únicos caminhos da investigação em que se pode pensar: um caminho é, e não pode não ser, é a via de persuasão, porque acompanha a verdade; o outro é o caminho totalmente impensável; portanto, não poderá conhecer o que não é.

Para Parmênides, o não ser era uma negação do ser; o ser e o não ser para ele são imutáveis e imóveis. O não ser é nada fora do ser, admitia que só uma coisa é: o ser.

Ao estabelecer a unidade formal e a pluralidade sensível, Parmê-



nides determinou duas causas e dois princípios; *quente e frio; fogo e terra*; ele associa o quente ao ser e o frio ao não ser. “O que está fora do ser não é ser; o não ser é nada; o ser, portanto, é uno.”

Parmênides foi precursor da ontologia e da lógica. Os outros filósofos pré-socráticos ou até os seus contemporâneos, que investigaram o ser, não chegaram a conclusões definitivas indubitáveis sobre o ser.

## **Aristóteles: o ser e o devir**

Aristóteles, como já visto nesta obra, foi extremamente importante para a Filosofia, sendo um de seus grandes méritos explicar, tão simplesmente quanto possível, cada trecho de conhecimento do mundo de seu tempo. Porém, não pôde terminar sua obra, e muito do que disse foi perdido. É reconhecido na atualidade como um dos maiores pensadores de todos os tempos.

Ele formulou suas ideias de uma ciência que tem como finalidade o estudo do ser, denominada por ele de Filosofia primeira. Para Aristóteles, o mundo é real e verdadeiro, cuja essência é a multiplicidade dos seres e a mudança incessante. O ser de natureza existe, é real, seu modo próprio de existir é a mudança e esta não é uma contradição impensável. Aristóteles considera que a essência verdadeira das coisas naturais e dos seres humanos e de suas ações não está no mundo inteligível, separado do mundo sensível, no qual as coisas físicas ou naturais existem e onde vivemos.

As quatro definições aristotélicas da metafísica como ciência são:

1. as causas e os princípios;
2. o ser enquanto ser;
3. a substância;
4. a substância suprassensível.

Para Aristóteles, a metafísica possui, em especial, conceitos como ato e potência, matéria e forma, substância e acidente. Essas quatro formas que fazem ter a existência de algo são as causas materiais. Podemos citar, como exemplo, a argila, que dá efeito a alguma coisa; a *causa formal* são as coisas em si, como o vaso de argila; a *causa motora*, as mãos que trabalham moldando o vaso; a *causa final*, o vaso, aquilo para o que a coisa é feita. A teoria aristotélica sobre as causas

está voltada para a natureza, que, para ele, é como um artista agindo no interior das coisas.

Entre essas quatro divisões realizadas por Aristóteles, duas são intrínsecas (que lhe são próprias): formal e material, e as outras duas são extrínsecas (que são exteriores), eficiente e final, dividindo a metafísica em duas partes: a natureza do ser vista em si mesma e também extrinsecamente.

Aristóteles afirma que a Filosofia primeira estuda os primeiros princípios e as causas primeiras de todas as coisas e investiga o ser enquanto ser, querendo dizer que essa Filosofia estuda as essências, não diferenciando essências físicas, matemáticas, humanas etc. Nenhuma dessas outras ciências considera o ser enquanto ser, preocupando-se somente com o estudo dessa parte, tal como é o caso da ciência matemática, ou seja, cada ciência estuda suas diferenças entre si.

A essência é o que dá identidade a um ser, sem a qual não pode ser reconhecido como ele mesmo; pode ser citado como exemplo um lápis sem o grafite, que não pode ser reconhecido como um lápis se não houver o grafite que dá identidade a ele. A essência é entendida por Aristóteles como a substância que a metafísica estuda.

Para a metafísica, cabe o estudo do ser divino, que é o motor imóvel do mundo que todos procuram imitar. As coisas se transformam porque sua essência perfeita é o desejo de encontrar a perfeição, imutável com a essência divina (Deus).

Devir ou mudanças são maneiras pelas quais a natureza se aperfeiçoa buscando imitar o ser divino e imutável, é o primeiro motor imóvel, que não muda nunca, é o princípio e causa primeira de todos os seres existentes, é a realidade primeira e última de um ser, aquilo sem o qual este não poderia existir ou deixar de ser o que é.

A potência é o ato em movimento, como a semente de uma árvore é uma coisa que tende a ser outra. Uma árvore em potência pode ser entendida que o ato é a árvore que já está realizada, a semente em ato é que vai dar origem a uma outra árvore. Portanto, a potência pode se tornar um ser em ato por meio de algum movimento, e esse movimento vai sempre da potência ao ato.

A substância, no conceito aristotélico, tem dois sentidos: primeiro, como um ser individual existente, segundo; como o gênero ou espécie a que um ser individual pertence, ou seja, o conjunto de características que um indivíduo possui.

A metafísica aristotélica estuda a estrutura dos seres ou as condições universais que fazem um ser existir e que possa ser conhecido pelo seu pensamento. A realidade é inteligível e é um conhecimento teórico da realidade em todos os aspectos, seja ele universal, seja geral.

## Ontologia

A ontologia e a metafísica se confundem, porém, são diferentes. A palavra *ontologia* foi usada pela primeira vez no século XVII, pelo filósofo alemão Jacobus Thomasius (1622-1684), que acreditou ser mais correto usar a palavra *ontologia* para designar o que Aristóteles chamou de *Filosofia primeira*.

Ontologia é uma palavra de origem grega que significa a *doutrina do ente*, mas em sua diferença do ser.

O domínio da ontologia é basicamente o mesmo da metafísica; porém, enquanto esta considera o ente somente enquanto ente e as coisas que em razão dele se seguem, a ontologia trata do ser e da sua natureza, que pertence a todos e a cada um dos seres. Desse modo, a ontologia estuda o ser enquanto ser, tratando do conhecimento desse ser.

Assim, podemos dizer que, enquanto estamos estudando o ente, estamos na metafísica; porém, quando passamos para o ser, entramos no campo da ontologia.

A ontologia, portanto, é o estudo, o conhecimento do ser tal como é em si mesmo, real e verdadeiro, como é em sua essência.

Na concepção de alguns pensadores, a metafísica contemporânea ou a ontologia deveria ser denominada descritiva, pois, em vez de oferecer uma explicação da realidade, ela é uma descrição das estruturas do mundo e do nosso pensamento; sua preocupação é com o mundo material e sensível, o mundo das imagens e das opiniões.

Platão dizia que “a matéria é por essência e por natureza algo imperfeito, que não consegue manter a identidade das coisas, mudando sem cessar, passando de um estado a outro, contrário ou oposto”. O material de nossa experiência sensível é mutável e contraditório.

A ontologia se preocupa com o verdadeiro, o material e as mudanças que ocorrem no mundo e com o mundo sensível ao sentido e visível ao puro pensamento. Para a ontologia, o verdadeiro é o ser, uno, imutável, pois nele não ocorrem as mudanças de contrário: o quente fica frio, a noite vira dia, o ser é idêntico a ele mesmo, eterno; é o mundo inteligível, a identidade, da permanência, da verdade, o intelecto puro sem nenhuma interferência dos sentidos e das opiniões.

A diferença entre a ontologia de Platão e a de Parmênides é que, para o segundo, o mundo sensível das aparências é o não ser, não possui sentido forte, não existe, não tem realidade nenhuma, é o nada. Para Platão, o não ser é puro nada, é alguma coisa, é outro ser, o que é diferente do ser, é inferior ao ser, o que nos engana e nos ilude e causa erros; o não ser é um falso ser, é uma sombra do ser verdadeiro.

Outra diferença entre a ontologia de Parmênides e a de Platão é que Parmênides afirmava que o ser, além de imutável, é eterno e idêntico a si mesmo, é o uno ou único.

Já a cosmologia difere da ontologia porque se preocupa com a busca do princípio do que causa e ordena tudo que existe na natureza e tudo que nela acontece.

Quanto à metafísica e à ontologia, a diferença é pouca; isso porque a ontologia diz qual é o assunto da Filosofia. Ela estuda ou procura o conhecimento do ser, e dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas. A metafísica é o estudo do ser enquanto ser real e verdadeiro das coisas, daquilo que elas são em si mesmas, apesar das aparências que possam ter e das mudanças que possam sofrer.

## **O fim da metafísica**

Na Antiguidade, na Idade Média e na Idade Moderna, a metafísica girava em torno do ser enquanto ser; era a tentativa de responder a questões que se referiam à existência da realidade ou referentes à essência daquilo que existe.

No século XVIII, com as obras de Hume e Kant, a Filosofia deixa de ser realista e torna-se idealista. Kant propõe que a metafísica seja o conhecimento de nossa própria capacidade de conhecer, tornando a realidade aquilo que existe para nós enquanto somos sujeito do conhecimento.

No fim do século XIX e início do século XX, a Filosofia foi separada da ciência; para muitos pensadores, seria a psicologia que tomaria o lugar da teoria do conhecimento e da lógica. Na opinião desses pensadores, a ciência positiva do psiquismo seria suficiente para explicar as causas e as formas de conhecimento, não necessitando da investigação filosófica.

Foi nesse período que as ciências particulares — exatas, naturais e humanas — se constituíram e se consolidaram; cada uma passou a ter seu objetivo e método próprio.

A ciência passou a ser denominada de cientificismo, substituindo definitivamente a Filosofia. É a ciência que passa a ter o conhecimento, eliminando a ilusão filosófica que possui a metafísica. A metafísica, por não ter um objetivo, por não ter o que conhecer, acabou permitindo a sua substituição pela ciência.

Husserl, filósofo alemão do início do século XX, trouxe uma nova abordagem do conhecimento, denominada fenomenologia, que contribuiu para o desaparecimento da metafísica. A fenomenologia, de acordo com ele, distingue e separa a psicologia da Filosofia.

Esse filósofo mostrou um equívoco: a psicologia, como toda e qualquer ciência, estuda e explica fatos observáveis, mas não pode oferecer o fundamento de tais estudos e explicações. O estudo dos fundamentos cabe à Filosofia, por não serem fatos observáveis.

A psicologia tem a preocupação de explicar, por meio de observação e de relações causais, fatos mentais ou comportamentais. O procedimento da Filosofia é diferente: o filósofo, ao estudar determinado fato, começa com a pergunta "O que é...?", e a psicologia inicia a explicação perguntando "Como acontece...?". Portanto, a psicologia tem a função de nos dizer o que há em determinado fato e nos oferecer uma explicação causal para ele. Fica a cargo da Filosofia responder "O que é?".

**1. (Vunesp-SP) Leia o texto:**

A metafísica não é uma construção de conceitos graças aos quais poderíamos tornar nossos paradoxos menos sensíveis — é a experiência que temos deles em todas as situações da história pessoal e coletiva e das ações que, ao assumi-los, os transformaram em razão. É uma interrogação que não comporta respostas que a anulem, mas somente ações resolutas que a transladam sempre para mais longe. Não é o conhecimento que viria a terminar o edifício dos conhecimentos; é o saber lúcido daquilo que os ameaça e a consciência aguda de seu preço.

Maurice Merleau-Ponty. *O metafísico no homem*.

**Assinale a alternativa que expressa a concepção de metafísica formulada por Merleau-Ponty no texto.**

- a) A metafísica é uma ciência exata.
  - b) A metafísica é impossível como conhecimento objetivo.
  - c) A metafísica é o coroamento de todo o sistema do saber.
  - d) A metafísica é um método para solucionar questões que estão além das fronteiras da ciência.
  - e) A metafísica é uma constante interrogação pela qual o homem enfrenta os paradoxos que estão envolvidos no conhecimento e na ação.
- 2. (Vunesp-SP) Leia o texto:**
- Dizer que aquilo que é não é, ou que aquilo que não é é, é falso, ao passo que dizer que aquilo que é é, ou que aquilo que não é não é, é verdadeiro.

Aristóteles. *Metafísica*.

**Observe as seguintes afirmações:**

- I. Verdade e falsidade são características de proposições.
- II. Verdade e falsidade são características das coisas.
- III. “Ser” e “não ser” são elementos componentes de proposições.
- IV. “Ser” e “não ser” expressam a existência ou inexistência das coisas.
- V. A verdade consiste na correspondência entre proposições e coisas.

**Dentre essas afirmações, as que expressam corretamente a concepção aristotélica de verdade e falsidade na passagem citada são apenas:**

- a) I, III e V.
  - b) I, II e V.
  - c) II, III e IV.
  - d) III, IV e V.
  - e) II, IV e V.
- 3. (Concurso Colégio Pedro II-RJ)**

Heráclito e Parmênides são, costumeiramente, apresentados como filósofos cujos pensamentos se opõem: o primeiro seria o pensador da mudança, da contradição, enquanto o outro seria o precursor da metafísica, na sua defesa da constância, da unicidade e da imobilidade do ser. Contudo, há vários de seus fragmentos que parecem nos trazer o mesmo conteúdo. Assinale quais dos fragmentos a seguir apresentam, respectivamente, as concepções ontológicas de Heráclito e de Parmênides.

Tradução dos fragmentos: Gerd Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*. Cultrix.

- a) “O mesmo é pensar e o pensamento de que o ser é”. / “O pensamento é comum a todos.”
- b) “Desta via de investigação eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, seu espírito errante.” / “Homens que não sabem escutar nem falar.”
- c) “...afasta, portanto, o teu pensamento dessa via de investigação, e nem te deixes arrastar a ela pela múltipla experiência do hábito, nem governar pelo olho sem visão, pelo ouvido ensurdecedor ou pela língua;...” / “Maus testemunhos para os homens são os olhos e os ouvidos, se suas almas são bárbaras.”
- d) “É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras, reconheçam que todas as coisas são um.” / “... a diversidade das aparências deve revelar uma presença que merece ser recebida, penetrando tudo totalmente.”
- 4. No decorrer dos séculos, o vocabulário da Filosofia mudou o modo de formular as questões e de respondê-las, isso porque a Filosofia está na história e possui uma história, mas, com essas mudanças, permaneceu a questão fundamental da metafísica. Essa questão é:**
- a) Qual é esta coisa?
- b) Qual pensamento?
- c) Como se entende a Filosofia?
- d) O que é?
- 5. Assinale a alternativa correta.**
- a) A metafísica é a investigação filosófica que gira em torno da pergunta “O que é?”.
- b) A metafísica não tem nenhuma preocupação com questões que giram em torno do “Por quê?”.
- c) A metafísica existe para tranquilizar o coração dos que estão aflitos.
- d) A metafísica é uma invenção intelectual para as pessoas ficarem em busca do que perderam em suas mentes.
- 6. Quanto aos períodos da história da metafísica:**
- I. A metafísica ou ontologia contemporânea ocorreu a partir do século XX.
- II. Período que vai de Kant (século XVII) até a fenomenologia de Husserl (século XX).
- III. Período que vai de Anaximandro (século V a.C.) até Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C.).
- IV. Período que vai de Platão e Aristóteles (séculos IV e III a.C.) até David Hume (século XVIII d.C.).
- V. Período que vai de David Hume (século XVIII d.C.) até a fenomenologia de Husserl (séc. XX).

**Estão corretas as afirmações:**

- a) I, III e V.
- b) I, II e IV.
- c) II, IV e V.
- d) III, IV e V.

**7. O significado de *ontologia* é:**

- a) o estudo da *physis* por meio da cosmologia.
- b) a busca racional para a origem do mundo ordenado.
- c) o estudo ou conhecimento do ser, dos entes ou das coisas tais como são nelas mesma, real e verdadeira.
- d) o estudo da causalidade das ideias verdadeiras produzido pelo pensamento.

**8. Parmênides foi o primeiro filósofo a afirmar que o mundo é percebido por nossos sentidos, e não como a cosmologia que se ocupava:**

- a) em que o mundo é ilusório e feito de aparências sobre as quais formulamos nossas opiniões.
- b) em afirmar que o pensamento verdadeiro não admite a multiplicidade ou pluralidade das coisas.
- c) com a natureza como um cosmo ou ordem regular e constante de surgimento, transformação e desaparecimento.
- d) o ser enquanto ser, o ser uno e único.

**9. Aristóteles, ao definir ontologia ou metafísica em sua Filosofia primeira, afirma que:**

- a) a ontologia e a metafísica são completamente diferentes; enquanto a metafísica estuda o ser, a ontologia preocupa-se com a matéria cosmológica.
- b) a Filosofia primeira estuda a essência sem diferenciá-la em espécie física, matemática, astronômica, cabendo às diferentes ciências estudá-las.
- c) o devir não são mudanças que a natureza busca imitar, mas sim a perfeição.
- d) todas as alternativas estão corretas.

**10. A metafísica aristotélica:**

- I. estuda os primeiros princípios e as causas primeiras de todas as coisas e investiga o “ser enquanto ser”.
- II. é uma ciência que investiga o ser como ser e os atributos que lhe são próprios em virtude de sua natureza; esta ciência é diversa de todas as outras ciências particulares.
- III. as ciências particulares estudam o ser enquanto ser, tratando o ser universalmente.

**Assinale:**

- a) apenas III está correta.
- b) apenas I está correta.
- c) as alternativas I e II estão corretas.
- d) as alternativas II e III estão corretas.



**11. Leia o trecho a seguir:**

Deus é descoberto a partir do raciocínio, deduzido sistematicamente do princípio do movimento. O primeiro motor é a causa direta ou indireta de todo movimento, entendido, é claro, como causa final... Enquanto imutável, o primeiro motor é "ato puro..."

Márcio Bolda Silva. *Metafísica e assombro*.

**A afirmação se refere:**

- a) à ontologia, que estuda o ente e as coisas tais como são nelas mesmas.
  - b) ao estudo metafísico de Aristóteles, que busca a causa primeira de todas as coisas.
  - c) ao não ser platônico, que é um falso ser, é uma sombra do ser verdadeiro.
  - d) Todas afirmações estão corretas.
- 12. O alemão Husserl apresentou uma nova abordagem do conhecimento, a fenomenologia, que está encarregada de três tarefas:**
- a) distinguir e separar psicologia e Filosofia, afirmando a prioridade do sujeito do conhecimento ou consciência reflexiva diante dos objetos e ampliar e renovar o conceito de fenômeno.
  - b) provar a existência de Deus e os atributos ou predicados de sua essência, provar que a alma existe e que é imortal, e provar que não existe contradição, e sim razão e fé.
  - c) investigar aquilo que é ou existe, estudar o conhecimento racional e sistemático.
  - d) todas as afirmações estão corretas.
- 13. O fim da metafísica teve início com:**
- a) o pensamento de Platão e Parmênides.
  - b) o idealismo cristão de salvar as almas pagãs.
  - c) as obras de Hume e Kant.
  - d) Aristóteles, com sua Filosofia primeira.

## ***Descomplicando a Filosofia***

**Quanto à metafísica, para Parmênides:**

- a) o ser é uno e único.
- b) o ser é mutável e admite a pluralidade.
- c) o não ser é cheio de coisas.
- d) o ser é uno, é o nada.

### **Resolução e comentários**

Para Parmênides, o ser é um ente único, sendo este ente chamado de ser, o todo ou o uno. Para ele, o ser era obrigatoriamente único, pois se assim não o fosse, o ser mais de um, ser múltiplo, implicaria em existir o não ser, o que seria inconcebível. Desse modo, a alternativa **a** apresenta a resposta esperada.

A verdade para o homem é o que faz dele um homem.

Saint-Exupéry

## O que é a verdade?

Todos nós, em algum momento de nossa vida, já nos perguntamos o que é a verdade. Os filósofos sempre refletiram sobre essa questão, buscando-a incessantemente, sendo essa a primeira busca da Filosofia.

Normalmente, surge uma dúvida em nossos pensamentos e, ao encontrarmos uma resposta para essa dúvida, seja por meio de deduções lógicas ou de alguma experiência sensível, acreditamos que encontramos a verdade. Nesse caso, podemos dizer que encontramos a verdade ao obter o resultado de algo que, por meio de nossos pensamentos, acreditamos como real; porém, para ser verdade, é necessário que todos, ao duvidarem, cheguem ao mesmo denominador comum, ou seja, a verdade tem que ser universal, se assim não o for, não é verdadeira, é uma “falsa verdade”.

Podemos dizer que a busca da verdade dá sentido para a nossa existência, enquanto a falta dela leva o ser humano a desiludir-se.

O filósofo busca o conhecimento, busca a verdade, e, uma vez alcançada essa verdade, ela torna a fugir dele indefinidamente. O filósofo procura respostas para os problemas universais de todos os seres humanos; dentre eles, o que mais nos impressiona é justamente saber o que é a verdade. Porém, a Filosofia, apesar de ser conhecida como a busca da sabedoria, do conhecimento, não tem uma resposta pronta para definir o que é a verdade final, a verdade última.

O *Dicionário de Filosofia de Cambridge*<sup>36</sup> apresenta a seguinte definição para verdade: “qualidade daquelas proposições que estão

<sup>36</sup> *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus.

de acordo com a realidade, especificando aquilo de que realmente se trata”.

## **A verdade filosófica**

A verdade filosófica busca explicações, interpretações e significados para aquilo que conhecemos como realidade.

Para o filósofo Descartes, a verdade é: “Penso, logo existo”, ou seja, a consciência do pensamento é uma verdade inquestionável. Ele questionava tudo o que conhecia, tudo o que sabia, utilizava-se do método da dúvida para chegar a essa verdade.

Descartes, com sua dúvida metódica, afirmava que somente poderia aceitar algo como verdadeiro se fosse indubitável, se não pudesse questionar por meio do pensamento genuíno; portanto, para ele, “penso, logo existo” é a única verdade, pois, mesmo que alguém duvide do que pensa, de qualquer forma estaria pensando. Então, essa consciência do pensamento é verdadeira.

Para o filósofo Sócrates, famoso pela frase “só sei que nada sei”, a verdade era alcançada pelo próprio indivíduo, que por meio de seu método de questionamento, a ironia e a maiêutica, ao final, concebia suas próprias ideias, sendo estas últimas as verdadeiras, genuínas e autênticas, alcançando assim o conhecimento, a verdade.

Platão, em seu texto “O mito da caverna”, assim escreve:

A caverna subterrânea é o mundo visível. O fogo que ilumina é a luz do Sol. O acorrentado que se eleva à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. [...] Nas últimas fronteiras do mundo inteligível, está a ideia do bem criador da luz e do Sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos levantados para agir com sabedoria nos negócios individuais e públicos.

Para ele, o homem necessita sair das sombras, “sair da caverna” para se libertar da ilusão, pois as sombras da caverna apresentam apenas a superfície sombria da realidade, da aparência; para se alcançar a verdade é necessário caminhar em busca do conhecimento.

Assim, para Platão, o ser humano não conhece a verdade tão facilmente; precisa buscá-la a cada dia, pois, se não a buscar, ficará

sempre nas sombras, acreditando que ali se encontra a realidade e a verdade.

Para Platão, os filósofos, por serem “buscadores da verdade”, são os mais aptos e únicos seres que podem atingir o mundo das ideias, do conhecimento verdadeiro, da realidade. Para esse pensador, a dialética era o instrumento utilizado para se atingir o conhecimento autêntico.

Em Aristóteles, para se chegar à verdade, era necessário percorrer quatro degraus: o da ignorância, o da dúvida, o da opinião e o da certeza.

Para São Tomás de Aquino, “a verdade é a adequação do pensamento à coisa real”.

Portanto, cada filósofo define a verdade de uma maneira particular, dependendo de sua época, de sua visão de mundo e de qual escola filosófica influenciou seu pensamento; porém, todos buscam essa verdade incessantemente.

Em todas as áreas do conhecimento humano, busca-se a verdade. Na ciência, ela é atingida quando se tem um conhecimento total das leis naturais que equivalem a uma ordem emitida fisicamente ao mundo. Na metafísica, a verdade é o ser; na lógica são as ideias sem falhas de raciocínio; para a religião, é a manifestação ampla e total da divindade.

Desse modo, é difícil conceituar a verdade. Ao longo do tempo, cada pensador acredita em sua verdade, cada um tem uma maneira própria para buscá-la. Nesse sentido, cada um tem uma visão parcialmente única da verdade. Não existem, porém, várias verdades; cada um tem a sua. Isso significa, simplesmente, que se deve procurar a verdade incessantemente, e que nenhum sistema que se afirme como verdadeiro pode de fato ser, pois nenhum trata inteiramente da realidade, sem torná-la inquestionável.

**1. (Vunesp-SP) Leia o texto a seguir:**

"se o sábio alguma vez der assentimento a algo, às vezes opinará; mas o sábio nunca tem opiniões; portanto, o sábio não dará assentimento a nada".

Cícero. *Acadêmicos*.

Esse argumento do cético acadêmico Arcesilau, dirigido contra o estoico Zenão e sua definição de sábio, pressupõe algumas teses. Observe agora as afirmações a seguir:

- I. Há uma distinção entre conhecimento e opinião na definição de sábio.
- II. É possível ao sábio distinguir o verdadeiro do falso.
- III. O sábio vive imune às paixões.
- IV. Não é possível ao sábio distinguir o verdadeiro do falso.
- V. Onde há opinião, não há sabedoria.

Dentre as afirmações acima, estão pressupostas no argumento apenas:

- a) I, II e III.
- b) II, III e IV.
- c) III, IV e V.
- d) I, IV e V.
- e) I, II e V.

**2. O trecho a seguir, "O mito da caverna", faz parte da obra *A república*, de Platão.**

Que se separe um desses prisioneiros, que o forcem a levantar-se imediatamente, a volver o pescoço, a caminhar, a guerrear os olhos à luz: ao efetuar todos esses movimentos sofrerá, e o ofuscamento o impedirá de distinguir os objetos cuja sombra enxergava há pouco. O que achas, pois, que ele responderá se alguém lhe vier dizer que tudo quanto vira até então eram vãos fantasmas, mas que presentemente, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê de maneira mais justa? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas passantes, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é isso? Não crês que ficará embaraçado e que as sombras que via há pouco lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que ora lhe são mostrados?

Analisando esse trecho, podemos concluir que:

- I. não precisamos fazer nada para alcançar a verdade.
- II. se ficarmos passivos, olhando as aparências, as sombras, morreremos sem o conhecimento, mas, acreditando que conhecemos a verdade, quando conhecemos apenas a superfície sombria das aparências.
- III. o ditado popular "as aparências enganam" é correto.
- IV. as sombras são realidade para quem não sai da caverna.

As afirmações corretas são:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) somente a II.
- d) II e IV.
- e) II, III e IV.

3. O filósofo alemão Martin Heidegger afirma que: “a verdade não será um dom absoluto e imediato, mas se impõe sua busca responsável, na vida concreta e na historicidade”. Isso significa que a:
- I. sucessão temporal e em grande escala dos acontecimentos e das ações humanas é falha.
  - II. busca da verdade é algo que é imposto por si.
  - III. verdade por si mesma é alheia às variações históricas.
  - IV. verdade é constituída pela solução de algum problema.

Qual(is) afirmativa(s) está(ão) correta(s)?

- a) I e V.
  - b) I e III.
  - c) II.
  - d) III e IV.
4. Leia o texto que segue e responda:
- A verdade não é o que se demonstra. Se nesta terra, e não em outra, as laranjeiras lançam sólidas raízes e se carregam de frutas, esta terra é a verdade das laranjeiras. Se esta religião, esta cultura, esta escala de valores, esta forma de atividade, e não outras, favorecem no homem sua plenitude, libertam nele o grande senhor que se ignorava, esta escala de valores, esta cultura, esta forma de atividade são a verdade do homem. E a lógica? Ela que se arranje para tomar conhecimento da vida.

Saint-Exupéry. *Terra dos homens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

Nesse texto:

- a) nega-se o valor da lógica.
  - b) afirma-se que a lógica deve tomar conhecimento da vida; se assim não o fizer, poderá se tornar totalmente sem efeito para a realização humana.
  - c) afirma-se que, na vida, o que vale são as laranjeiras.
  - d) fica claro que a religião liberta o homem.
5. Segundo Paulo Freire:
- (...) se de um lado o pensador radical não pretende possuir a verdade, e por isso busca o diálogo, por outro lado não faz concessões para facilitar simplesmente o processo de busca. Se ele aceitasse compromisso, calando-se quando deveria falar, gritar, ele estaria depondo as armas antes mesmo de lutar.

De acordo com o texto:

- a) a Filosofia não tem método.
- b) o pensador não deve buscar a verdade.
- c) para buscarmos a verdade, devemos ser sistemáticos e utilizarmos métodos determinados.
- d) o pensador deve lutar com armas.

## *Descomplicando a Filosofia*

Sócrates, mestre de Platão, dizia nada ensinar aos seus discípulos, simplesmente limitava-se a partejar os espíritos, ajudando-os a trazer à luz o que já traziam em si mesmos. Esse método de Sócrates é conhecido como:

- a) hermenêutica, pois Sócrates ensinava a interpretar os textos filosóficos e assim extrair a verdade deles.
- b) ironia, pois Sócrates utilizava-se de palavras contrárias para dizer o que pensava.
- c) maiêutica, porque significa em grego a arte de trazer à luz.
- d) sofismo, pois Sócrates ensinava a verdade única.

### **Resolução e comentários**

Sócrates era filho de uma parteira, que, portanto, ajudava as mulheres grávidas “a dar à luz” aos corpos; ele dizia que era como sua mãe, porém, a única diferença era que ele partejava os espíritos, ou seja, trazia à luz aquilo que os discípulos tinham dentro de si, processo esse conhecido como **maiêutica**.

A alternativa correta é a **c**.

# 13

## Filosofia da linguagem

Ora, toda a terra tinha uma só linguagem e um só modo de falar. Viajando os homens para o Oriente, acharam uma planície na terra de Shinar; e ali habitaram. [...] Disseram uns aos outros: [...] Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu, e façamo-nos um nome; para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Porém, desceu Jeová para ver a cidade e a torre. [...] Disse Jeová: Eis que o povo é um só e todos eles têm uma só linguagem. Isto é o que começam a fazer: agora nada lhes será vedado de quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro. Assim, Jeová os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel.

*Bíblia Sagrada. Gênesis 11, 1-9.*

### A linguagem

O ser humano é o único animal que fala e consegue criar símbolos, e a linguagem é justamente isso, um sistema de símbolos. O ser humano cria símbolos, ou seja, signos arbitrários, com relação ao objeto que aquele signo representa, signos esses que dependem da aceitação social, de uma convenção da sociedade, sendo, portanto, construídos pela razão.

Assim, a linguagem só pode ser realmente criada pelo ser humano, pois apenas ele é um animal racional, condição imprescindível para a existência da linguagem, que é um produto da razão.

A Filosofia da linguagem é um ramo da Filosofia que se ocupa da essência e da natureza dos fenômenos linguísticos. Trata da natureza do significado linguístico, da referência, do uso da linguagem, de seu aprendizado e sua compreensão, da criatividade dos falantes, da interpretação, da tradução, de aspectos linguísticos do pensamento e da experiência. Estuda também a sintaxe, a semântica, a pragmática e a referência. Enfim, a Filosofia da linguagem tenta descobrir a estrutura lógica de todas as linguagens humanas.



Dentro dessa disciplina são levantadas questões do tipo: “Qual é a finalidade da linguagem?”; “Como a linguagem se relaciona com o mundo?”; “O que é um símbolo?”; “Qual a relação do símbolo com a linguagem?” etc.

Essa disciplina não se preocupa com palavras ou frases individuais. Preocupa-se em saber o que significa para uma palavra ou frase significar alguma coisa.

A linguagem como discussão filosófica é encontrada nos textos de vários filósofos: Platão, Aristóteles e autores estoicos.

Na obra *Crátilo*, Platão trata da relação entre os nomes e as coisas que eles designam. No final do texto, Platão admite que as convenções sociais são necessárias para a fixação dos nomes às coisas.

Aristóteles preocupou-se com a questão do significado, separando todas as coisas em gênero e espécie. Para ele, o significado de um predicado (qualidade, atributo) acontece por uma abstração das similaridades (mesma natureza) de diversas coisas peculiares (atributo de uma pessoa ou coisa), dando origem, assim, ao nominalismo<sup>37</sup> da Idade Média. Aristóteles também influenciou o realismo sobre os universais.

Para os nominalistas, a palavra tem um significado único de som, que é utilizado para designar as palavras. Já os realistas acreditam que cada palavra significa uma entidade abstrata.

Diversos filósofos modernos consideram a Filosofia da linguagem crucial para o entendimento da evolução humana. Entre eles, podemos citar Hegel, Kant, Leibniz, Locke e Nietzsche. Porém, apesar dessa importância, a Filosofia da linguagem somente começou a ser mais valorizada no final do século XIX.

Dentro da Filosofia da linguagem, encontramos a *teoria da referência*, que tem como objetivo investigar como a linguagem pode interagir com o mundo. A principal pergunta dentro da teoria da referência é: “Em virtude de que uma expressão linguística expressa realmente uma ou mais coisas que estão no mundo?”.

A *teoria do ato de fala* foi defendida por Russell e é um ramo da pragmática que supõe os significados proposicionais de elocuições;

<sup>37</sup> Nominalismo: doutrina segundo a qual as ideias gerais não existem, e os nomes que pretendem designá-las são mero sinais que se aplicam indistintamente a diversos indivíduos.

tem por objeto de estudo as forças alocucionárias dessas proposições. Por exemplo, a frase “Estarei lá amanhã pela manhã” pode ter vários significados, como dar um aviso, fazer uma promessa ou ainda uma ameaça. O significado dessa frase vai depender da situação em que se apresenta no momento de sua colocação.

Gottlob Frege (1848-1925) acreditava que a linguagem humana poderia ser reduzida a fórmulas lógicas. Influenciou Bertrand Russell e seu discípulo Ludwig Wittgenstein (1889-1951).

Wittgenstein, para responder à pergunta dos filósofos da linguagem sobre o que torna a linguagem significativa, criou sua própria explicação, ou seja, criou a teoria pictórica do significado, que publicou em seu livro *Tractatus logico-philosophicus*, em 1922.

Por essa teoria, cada proposição baseia-se em elementos simples, funcionando como figuração, e cada um desses elementos de linguagem corresponde a um elemento simples, ou átomo no mundo.

Mais tarde, Wittgenstein reviu sua teoria sobre a linguagem, e passou a acreditar que esta é feita de jogos, ou seja, a palavra tem um significado de acordo com a função que detém no jogo de linguagem em que está sendo utilizada, dependendo, portanto, o significado do uso que se dá a cada palavra.

A teoria de Wittgenstein foi revista em *Investigações Filosóficas*, obra publicada postumamente, em 1953.

Há, ainda, a Filosofia da linguística, que tem como objeto de estudo a linguística (ciência da linguagem). Ela analisa a metodologia e as suposições fundamentais, com o objetivo de reunir as descobertas linguísticas dentro da Filosofia da linguagem.

A linguística concentra-se na sintaxe (estudo da disposição das palavras na frase e das frases no discurso, e a relação lógica das frases entre si), descrevendo cada língua como um conjunto de regras recursivas que combina diversas palavras, que darão origem às sentenças gramaticais usadas nessa língua.

Enfim, podemos dizer que a Filosofia da linguagem estuda a linguagem natural, assim como o seu modo de atuar, concentrando-se principalmente no significado linguístico da linguagem.

## **Tipos de linguagem**

Não existe unicamente a linguagem falada, a verbal, a linguagem conhecida como natural; existem, ainda, diversos outros tipos de linguagem que o próprio ser humano criou, como a que se usa para os modernos computadores, para a internet, a linguagem do teatro, do cinema, a linguagem de sinais etc.

Todas são formas de comunicação e interação, porém possuem estruturas próprias, totalmente diferentes umas das outras, podendo ser flexíveis, inflexíveis, ou ainda ficar no meio termo.

Como exemplo de linguagem inflexível, podemos citar a usada para os computadores, que é extremamente rígida. No caso da linguagem flexível, a da moda, e, a que fica no meio termo, a linguagem artística.

O fato é que todas operam de uma forma diferente, mas com um único objetivo, o de representar algo, pois exprimem alguma coisa e têm a função da comunicação.

## **Verdade necessária**

Dentro da Filosofia da linguagem encontramos o estudo da relação entre o significado e a verdade necessária. Encontramos também diversos questionamentos acerca de a linguagem ser verdadeira ou falsa, como exemplo: “As frases em que não encontramos significado podem ser verdadeiras ou falsas?”; “Em relação às frases sobre as coisas que realmente não existem, podem ser consideradas verdadeiras ou falsas?”.

Existem várias teorias que falam sobre a verdade: as teorias do significado como uso acreditam que o significado da palavra está relacionado aos atos de fala e das frases particulares. Teorias pragmatistas tratam o significado como consequência, enquanto as teorias referenciais do significado tratam este como algo equivalente às coisas no mundo conectadas às palavras que as designam.

Na Grécia Antiga, Platão também se ocupou do estudo da linguagem, preocupando-se com a explicação acerca da falsidade e do não ser. Se o céu encontra-se azul, e dissermos que o céu está azul, dissermos a verdade, pois é o verdadeiro estado das coisas, especifica-

mente do céu. Porém, se o céu está azul, e dissermos que o céu não está azul, falamos algo falso, e o que falamos não está relacionado a coisa nenhuma, a nada.

Falamos diversas coisas que não são, ou então são falsas. Para Platão, isso somente se torna possível porque as frases são bastante abrangentes. Os nomes são muito simples, designando apenas aquilo que realmente existe. A frase não nomeia nada. Assim, o discurso sobre a falsidade e o não ser nasce da possibilidade de se dizer algo de uma coisa que não cabe a ela.

1. (UEM-PR) Aristóteles considera que só o homem é um animal político, porque somente ele é dotado de linguagem na forma de palavra (*lógos*) e com ela pode exprimir o bem e o mal, o justo e o injusto. O fato de os homens poderem estabelecer em comum esses valores é o que torna possível a vida social e política. Assinale a única alternativa *incorreta*.
- a) A retórica é a arte da eloquência, de bem falar e argumentar. Foi utilizada na Antiguidade Clássica como um dos principais recursos da política.
  - b) Os sofistas desenvolveram e ensinaram a retórica como instrumentalização da linguagem, cujo objetivo era torná-la uma estratégia para vencer adversários nos embates políticos.
  - c) Para os gregos antigos, a palavra *mito* (*mythos*) significa *narrativa*, é a palavra que narra a origem dos deuses, do mundo, dos homens, da comunidade humana e da vida do grupo social.
  - d) A linguagem para os gregos antigos tem duas formas de expressão: o *mythos* e o *lógos*. O *mythos* desenvolve a palavra mágica e encantatória; o *lógos*, a linguagem como poder de conhecimento racional.
  - e) A obra filosófica de Platão é isenta de qualquer mito, é o que permite caracterizá-la como sendo absolutamente racionalista.
2. (UFPI) Entende-se por linguagem verbal:
- a) código no qual a expressão se verifica exclusivamente por meio de verbos.
  - b) comunicação redundante, excessiva e supérflua, caracterizada pela verbosidade.
  - c) código caracterizado pelo uso de signos linguísticos ou palavras.
  - d) linguagem que prescinde totalmente da utilização de outros recursos expressivos, como a gesticulação e a expressão facial.
  - e) comunicação pautada na substantivação de verbos, com fins estilísticos.
3. A Filosofia da linguagem ocupa-se:
- a) da essência e da natureza do significado linguístico.
  - b) de estudar a língua portuguesa.
  - c) dos fenômenos da natureza.
  - d) do estudo da palavra.

**4. Assinale a alternativa incorreta.**

- a) Aristóteles preocupou-se com a questão do significado, separando todas as coisas em gênero e espécie.
- b) Os realistas, acreditam que cada palavra significa uma entidade abstrata.
- c) Para os nominalistas, a palavra tem um significado único de som, que é utilizado para designar as palavras.
- d) Na obra *Mênon*, o filósofo Platão trata da relação entre os nomes e as coisas que eles designam.

### ***Descomplicando a Filosofia***

Para responder à pergunta “O que torna a linguagem significativa?”, certo filósofo criou a teoria pictórica do significado, publicando-a em um livro. Aponte o nome do filósofo e do livro, respectivamente.

- a) Platão, *Crátilo*.
- b) Platão, *A república*.
- c) Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*.
- d) Aristóteles, *Metafísica*.

#### **Resolução e comentários**

O filósofo é Ludwig Wittgenstein e o livro é *Tractatus logico-philosophicus*, publicado em 1922.

A teoria explicitada nesse livro foi revista mais tarde por Wittgenstein na obra *Investigações filosóficas*.



O belo é aquilo que agrada universalmente, ainda que não se possa justificá-lo intelectualmente.

Kant

### Conceituação de estética

**Estética** é um ramo da Filosofia que investiga a criação e produção artística. A palavra originou-se do grego antigo *aisthanomai*, que significa *perceber*. Assim, a estética tem relação com a experiência sensória, com aquilo que pode ser percebido pelos sentidos humanos.

O belo sempre foi motivo de ocupação dos filósofos gregos, porém, foi somente no século XVIII que o filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) cunhou esse termo, no livro *Reflexões sobre a poesia*.

Nessa obra, Baumgarten definia a estética como o estudo da experiência sensória junto com o sentimento. Ele introduziu uma nova forma de ver a arte, fez um estudo dela, acreditando que os artistas acrescentam sentimentos à natureza, fazendo, assim, com que a natureza seja modificada. Dessa forma, a criatividade consiste na atividade artística em si mesma.

Outro filósofo alemão, Immanuel Kant, definiu a palavra *estética* como *ciência que trata das condições da percepção pelos sentidos*.

Para Aristóteles, os elementos que compunham a beleza eram a ordem, a simetria e a definição.

Dentro da estética, encontramos alguns conceitos centrais: *gosto; arte; forma; belo; expressão*; entre outros.

A Filosofia da arte está incluída na estética, e sua maior preocupação é definir o que é a arte. Outra questão discutida em



Filosofia da arte é saber como interpretar e compreender as obras de arte. Há também questões como a natureza da criatividade, da expressividade e do estilo, relações da arte com a sociedade, entre outras.

Em síntese, a Filosofia da arte pretende descobrir o que é o belo e qual é a forma em que ele se mostra, como ele aparece nas obras de arte em geral.

Para Aristóteles e Platão, a estética misturava-se com o estudo da lógica e da ética, não constituía uma ciência separada. A obra de arte, para eles, era formada por meio do belo, do bom e do verdadeiro, ou seja, os valores morais eram fundamentais para identificar a essência do belo, para a sua harmonia.

Somente durante a Idade Média, esse conceito de belo unido ao bom e verdadeiro foi modificado, passando a estética a ser estudada independentemente de outros ramos da Filosofia.



Davi, estátua em mármore de Michelangelo Buonarroti.

## O belo artístico

Sempre existiram debates filosóficos sobre o critério de beleza. Para o filósofo Platão, o belo estava separado do mundo sensível, sendo a obra de arte considerada por ele uma imitação imperfeita do belo.

Na obra *Filebo*, Platão afirma que a essência da beleza é exata e mensurável; afirma também que é possível encontrar uma “beleza intrínseca” nas formas geométricas e nas notas musicais.

Para o filósofo Pitágoras, podemos encontrar o belo nos números e, assim como Platão, também nas formas geométricas. Para Aristóteles, a arte constituía-se numa transformação da natureza.

Alois Hirt (1922-1999), teórico da arte e historiador, definiu o belo artístico como “o que é completo, que é ou pode ser um objeto para o olhar, para o ouvido ou para a imaginação”.

O filósofo Immanuel Kant acreditava que o belo pode ser definido como “um incentivo ao sentimento do sublime e à consequente elevação do pensamento”.

Não se pode falar do conceito de beleza sem que se mencione o Renascimento. Esse período foi a síntese do novo espírito criado na Itália após o medievalismo, passando-se, assim, à época moderna (século XV até século XVIII). O Renascimento foi caracterizado por uma nova concepção de vida adotada por uma parcela da sociedade, e que será exaltada e difundida nas obras de arte de vários artistas.

O Renascimento recuperou os valores da cultura clássica, mas não os copiou, visto que se utilizou dos mesmos conceitos, porém, aplicados de maneira diferente a uma nova realidade. As ações humanas tornaram-se importantes, o ser humano passou a ser valorizado, e o entendimento do mundo passava a ser feito a partir da importância do ser humano.

A arte produzida durante esse período, ao valorizar o ser humano, contrapunha-se à arte medieval, que valorizava o divino e era predominantemente teocêntrica.

Jacob Burckardt (metade do século XIX), em sua obra *A cultura da Renascença na Itália*, tratou o Renascimento como um período contrário ao medieval, mas que partia deste para chegar à modernidade.

Uma das características da arte renascentista que predominou até o início do século XX foi a elaboração da perspectiva em função da planta e elevação, que juntos produzem o efeito de profundidade que o artista deseja, chamada de perspectiva central ou linear. Assim, a obra de arte fica condicionada a uma única possibilidade de interpretação, pois, ao utilizar a técnica do “olhar fixo”, o artista subordina o olhar do observador ao seu olhar, que somente assim compreenderá a obra.

Dessa forma, as artes plásticas saem das mãos dos artesãos e passam a fazer parte da cultura superior, pois o desenvolvimento artístico, de certa maneira, acompanhava o científico. Os artistas e suas obras passam então a ser imensamente valorizados.

Musée du Louvre, Paris



*Monalisa*, obra de Leonardo da Vinci.

Mas, apesar de toda essa precisão matemática, o belo também existia no Renascimento. No quadro *Monalisa*, de Leonardo da Vinci (1452-1519), por exemplo, a beleza é encontrada no rosto e no quase imperceptível movimento do sorriso estático, materializando, assim, certo tipo de beleza.

Não podemos afirmar que a beleza já existia quando o artista imaginou o quadro ou qualquer outro tipo de obra de arte. Não podemos dizer que a beleza só é vista por alguns, enquanto outros observadores não conseguem perceber certos detalhes que levam ao belo.

Sabemos que a feiura sempre foi evitada, sendo considerada uma imperfeição, causando imensa repulsa. Tendemos a nos afastar, a evitar tudo que é feio aos nossos olhos, chegando mesmo a negá-la.

Leia a seguir um trecho do texto do filósofo do neoplatonismo Plotino, intitulado “A feiura”, retratando o que ela representa para a alma:

Imaginemos, então, uma alma feia, intemperante e injusta; é cheia de numerosos desejos e da maior perturbação, temerosa por covardia e invejosa por mesquinha; ela pensa bem, mas só em objetos baixos e mortais; sempre oblíqua, inclinada para os prazeres impuros, vivendo a vida das paixões corporais, ela encontra seu prazer na feiura. Não diremos que a própria feiura lhe sobreveio como um mal adquirido que a enlameia, tornando-a impura e penetrando-a com grandes males? De tal modo que sua vida e suas sensações perderam sua pureza; ela vive uma vida obscurecida pela mistura com o mal, uma vida em parte misturada com a morte; ela não mais vê o que uma alma deve ser; não lhe é mais permitido permanecer em si mesma, porque está incessantemente sendo atraída para a região exterior, inferior e obscura. Impura, envolvida por todos os lados pela atração dos objetos sensíveis, contendo em si muitos elementos corporais, tendo matéria misturada consigo e acolhendo uma forma diferente de si, ela se transforma em virtude dessa mistura com o inferior; é como se um homem que houvesse mergulhado na lama de um atoleiro não mostrasse mais a beleza que possuía e que só víssemos dele a lama que o revestia; a feiura lhe sobreveio por adição de um elemento estranho e, caso deva voltar a ser belo, passará pelo trabalho de lavar-se e limpar-se para ser de novo o que era. Por conseguinte, teremos razão em dizer que a feiura da alma provém dessa mistura, dessa fusão, e dessa inclinação para o corpo e a matéria. A feiura para a alma é não ser própria nem pura, do mesmo modo que para o ouro é ser cheio de terra; se retirarmos a terra, ficará o ouro; e ele é belo quando o isolamos das outras matérias, quando está só consigo mesmo. Do mesmo modo, a alma, isolada dos desejos que lhe vêm do corpo, com o qual mantém uma união muito estreita, liberta das outras paixões, purificada do que contém quando materializada, e ficando inteiramente só, afastará a feiura proveniente de uma natureza que lhe é diferente.



Frankenstein

A arte é bela, é perfeita. Sempre encontramos nas obras de arte um objetivo, uma proposta. O artista, ao criar sua obra, interage com o público. Assim, se a obra é feita ou não foi bem feita, não terá proposta e não poderá ser considerada uma obra de arte, pois nela não há beleza.

O ser humano tem necessidade de admirar e contemplar suas obras de arte, procura sempre pela beleza, que pode ser um simples conceito do que é belo, ou ainda um processo que ocorre dentro de cada ser humano, ou seja, o belo pode existir sem que exista um exemplo concreto particular visível.

### **Finalidade da arte**

A arte sempre fez parte da história da humanidade. Desde os tempos das cavernas, o ser humano já se interessava pela pintura. O homem de Neanderthal (que viveu no Paleolítico Médio, no período glacial) já efetuava pinturas sobre o próprio corpo, além de desenhar, nas paredes das cavernas onde morava, símbolos ou sinais sobre diversos objetos e cenas do seu cotidiano e de caçadas.



Pintura rupestre representando animais e caçadores.

A arte é uma manifestação do artista, que sofre a influência do seu tempo, da sua época e do seu meio. Assim, em cada época, tem uma finalidade diferente. Durante a Pré-história, os homens desenhavam cenas do dia a dia nas cavernas. Na Grécia Antiga, a escultura era extremamente valorizada, sendo reproduzida com extrema realidade e, posteriormente, dando mais ênfase às feições humanas.

Os arcos do triunfo que foram construídos em Roma representavam a vitória do Exército. Na época medieval, a arte representou o poder da Igreja católica.

Durante o Renascimento, a arte representava uma nova concepção de vida adotada por uma parcela da sociedade, que foi exaltada e difundida nas obras de arte de vários artistas, sendo o ser humano bastante valorizado. Posteriormente, foi um meio de conscientização social e econômica. Somente no final do século XX, a arte passou a ser desvinculada de interesses não próprios a ela.



Arco do Triunfo, Paris.

A arte tem uma função utilitária quando serve aos interesses da sociedade, ou seja, é um meio para se chegar ao objetivo proposto. Ela tem ainda a função de nos levar para o mundo da realidade, para o que pretende retratar. Ao nos depararmos, por exemplo, com uma escultura grega, ficamos admirados com tamanha perfeição, corpo perfeito e feições belas; logo remontamos à Grécia Antiga e ao seu modo de vida, à realidade, ao dia a dia do povo grego, e deixamos de lado a qualidade da escultura e a criatividade do artista, voltando-nos apenas para o que aquela obra de arte representa.

A arte é manifestada por meio de recursos visuais (fotografia, por exemplo) ou táteis (escultura).

Ela prioriza a criação estética que, como já vimos, tem relação com a experiência sensória, com aquilo que pode ser percebido pelos sentidos humanos.

## **A estética dos filósofos**

Os gregos antigos preocupavam-se com a questão do belo e da arte. Encontramos diversos filósofos que falavam sobre o belo, dentre eles Aristóteles.

Em um trecho de *Poética*, Aristóteles escreveu:

[...] o belo, seja um ser animado, seja qualquer outro objeto, desde que igualmente constituído de partes, não só deve apresentar nessas partes certa ordem própria, mas também deve ter, e dentro de certos limites, uma grandeza própria; de fato, o belo consta de grandeza e de ordem; portanto, não pode ser belo um organismo excessivamente pequeno, porque nesse caso a vista confunde-se, atuando-se num momento de tempo quase imperceptível; nem tampouco um organismo excessivamente grande, como se se tratasse, por exemplo, de um ser de dez mil estádios, porque então o olho não pode alcançar todo objeto no seu conjunto, e fogem, a quem olha, a unidade e a sua orgânica totalidade [...].

As supremas formas do belo são: a ordem, a simetria e o definido e as matemáticas no-las dão a conhecer mais que todas as outras ciências.

Para esse filósofo, a arte era uma recriação (não uma cópia da aparência, como em Platão), autônoma e com princípios estabelecidos previamente.

O filósofo Kant escreveu na obra *Crítica da faculdade de julgar*:

[...] há duas espécies de beleza: a beleza livre e a beleza simplesmente aderente. A primeira não pressupõe nenhum conceito do que o objeto deva ser; a segunda pressupõe um tal conceito e a perfeição do objeto segundo o mesmo. [...] Flores são belezas naturais livres. [...] No entanto, a beleza de um ser humano [...] pressupõe um conceito do fim que determina o que a coisa deve ser, por conseguinte um conceito da sua perfeição, e é portanto beleza simplesmente aderente.

Kant separou o belo do bom e do agradável. O belo é o resultado final de uma reflexão acerca de determinado objeto, sem necessariamente sabermos o que é esse objeto; em outras palavras, o que é realmente belo não necessita de conceitos nem tem essa finalidade.

Para Platão, “a arte imitativa está longe do verdadeiro e, ao que parece, realiza todas as coisas na medida em que não atinge senão uma pequena parte de cada uma e esta somente como uma imagem”.

Para ele, a arte deve servir à verdade, deve ser colocada à disposição da verdade, e não ser apenas mera cópia, imitação, totalmente distante da verdade, uma ilusão.

O filósofo Hegel retomou Kant em sua obra *Estética*, ao distinguir o belo artístico e o natural. Para ele, o belo artístico não se limita somente



ao sentimento, sendo o único com interesse estético, pois a estética tem como preocupação a ideia do belo como ideal.

Para o filósofo e matemático Pitágoras, o belo tinha relação com os números e continha a harmonia em suas formas geométricas.

Enfim, grande parte dos filósofos se preocupou com a questão do belo, tanto o natural como o artístico, vindo a conceituá-lo, cada um da sua forma e conforme seus pensamentos filosóficos.

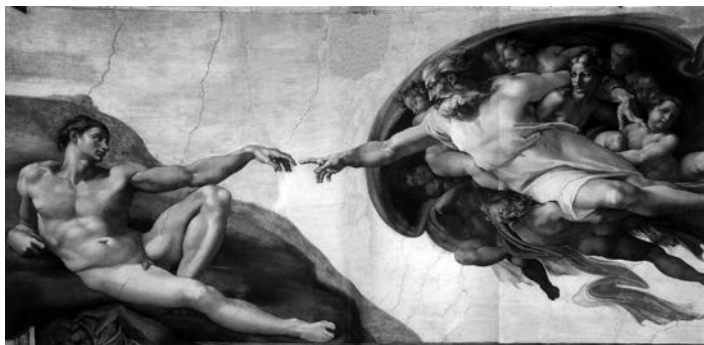
Durante toda a história da humanidade, a arte foi motivo de reflexões não só para os filósofos, mas para todos em geral, pois a arte continuou e continua existindo, sendo uma manifestação de expressão do ser humano em sua sociedade, seja no século I, seja na atualidade.

## Arte e sociedade

Existem várias definições acerca da obra de arte. Alguns acreditam ser uma manifestação dos sentimentos do artista, outros creem que é uma ocupação sem nenhuma intenção lúdica, que não se preocupa em ser útil ou não.

Seja o que for, o fato é que a arte está intimamente ligada à sociedade. Ela reflete o momento histórico vivido pelo artista, assim como sua concepção de mundo e seus valores.

Capela Sistina, Vaticano



*Criação de Adão*, afresco de Michelangelo Buonarroti no teto da Capela Sistina (1510).

O artista, ao executar sua obra, interage com o público em geral, pois de alguma forma sua arte será vista por alguém, que tentará tirar dela suas próprias conclusões; a relação que o artista tem com a sociedade pode se dar de diversas formas.

Não se afirma com isso que o artista tem experiências de vida diferentes das outras pessoas; simplesmente sua experiência é mais vigorosa, consciente e concentrada, fazendo assim com que tenha uma visão mais clara do que pretende demonstrar em sua obra de arte.

O artista trabalha em prol da sociedade, visto que transforma o eu (sua visão) em nós. A arte transforma o fragmento em totalidade, permite ao homem transformar sua sociedade, ao compreendê-la. A arte tem a função de transformar, de mudar a sociedade, ou pelo menos de mostrar que pode ser transformada.

Musée du Louvre, Paris



Esta obra de Jean-François Millet, chamada *As respigadeiras*, é um exemplo de que o artista trabalha em prol da sociedade, denunciando suas injustiças e desigualdades. Nela, aparecem, em primeiro plano, mulheres simples e não idealizadas, colhendo as sobras de trigo que escaparam no momento da colheita oficial.

## O fim da estética

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), começa a ser necessária a produção em massa, a funcionalidade passou a ser

essencial para esse novo modo de vida, tornando a forma de produção bastante prática; isso também passa a valer para o mundo da arte, ou seja, a arte demonstra um processo de simplificação do mundo.

Sabemos que a História influencia a arte; com isso, em suas obras, o artista demonstra sua visão de mundo em determinado; período histórico que vive. Assim, na Idade Média era a visão teocêntrica, no Renascimento, uma visão antropocêntrica; posteriormente, moderna e pós-moderna. A partir do século XX, a arte passa a ser contemporânea, refletindo as mudanças que ocorrem no mundo.

A partir do século XX, a arte contemporânea não tem mais a obrigatoriedade de agradar, não precisa mais fazer a correspondência entre a imagem mostrada e o modelo, como era na Antiguidade. Desonerada do dever de trazer qualquer tipo de satisfação, é vista agora como uma experiência entre percepção sensível e percepção de sentido.

Museo de Arte Latino-americano de Buenos Aires



*Abaporu*, óleo de Tarsila do Amaral.

A estética da forma tradicional com que é conhecida, ou seja, ciência da sensibilidade, que estuda a teorização do belo, acabou no século XX, sendo substituída pela racionalidade e afetividade de uma forma inovadora.

O feio já não assusta tanto na arte contemporânea. É possível mostrá-lo sem medo, pois não é mais necessário mostrar somente o belo como era, por exemplo, na Grécia Antiga, com suas esculturas cheias de seres perfeitos fisicamente, ou durante o período entreguerras, em que a realidade humana foi drasticamente retratada.

Atualmente, a arte contemporânea continua valorizando o belo, porém sem considerando uma nova referência para esse conceito.

- 1. (Concurso Prefeitura de Cubati-PB)** Qual das alternativas abaixo está de acordo com a concepção kantiana a respeito da estética e do belo?
- a) O sentimento do belo é determinado pela realidade empírica do objeto e, portanto, inteiramente dependente dos condicionamentos individuais; desse modo, o sentimento do belo é *a posteriori* e, como tal, incapaz de fundamentar a validade universal e necessária dos juízos estéticos.
  - b) O juízo estético é uma intuição do inteligível no sensível, não uma intuição objetiva, mas subjetiva. Esse juízo não tem valor cognitivo, não consiste num juízo sobre a perfeição do objeto e é válido independentemente dos conceitos e das sensações produzidas pelo objeto.
  - c) Existe uma antinomia fundamental entre a ideia de um gosto subjetivo, imbuído do que a sensibilidade comporta de contingência particular e arbitrária, e a ideia de um gosto universal e necessário.
  - d) O juízo estético gera um conhecimento que brota da relação do sujeito com o objeto da arte, este conhecimento se funda no sentimento do prazer e do belo.
  - e) Acima de tudo existe o belo em si, a ideia geral ou universal da beleza, que pode ser alcançada pela ascese dialética, permitindo ao filósofo participar da beleza em si.
- 2. (Cesgranrio-RJ)** A área da Filosofia conhecida como *estética* teve sua primeira sistematização:
- a) na Antiguidade Clássica, com o *Hípias maior*, de Platão.
  - b) na Antiguidade Clássica, com a *Poética*, de Aristóteles.
  - c) no século XVIII, com a *Crítica do juízo*, de Kant.
  - d) no século XVIII, com a *Estética*, de Baumgarten.
  - e) no século XIX, com as *Lições de estética*, de Hegel.
- 3. (Concurso Colégio Pedro II-RJ)** Alexander Baumgarten, no século XVIII, empregou pela primeira vez o termo *estética* referindo-se à disciplina filosófica que tem como foco de estudo:
- a) a essência do belo.
  - b) a questão do corpo.
  - c) a análise das obras de arte.
  - d) a contemplação da natureza.
  - e) a linguagem escrita.

**4. Das afirmações abaixo, qual é a única incorreta?**

- a) Para o filósofo Platão, os elementos que compunham a beleza eram a ordem, a simetria e a definição.
- b) O filósofo Hegel retoma Kant, em sua obra *Estética*, ao distinguir o belo artístico e o natural. Para ele, o belo artístico não se limita somente ao sentimento, sendo o único com interesse estético, pois a estética tem como preocupação a ideia do belo como ideal.
- c) Jacob Burckardt, em sua obra *A cultura da Renascença na Itália*, tratou o Renascimento como um período contrário ao medieval, mas que partia dele para chegar à modernidade.
- d) São formas das belas-artes: a arquitetura, a escultura, a pintura e a música, além de outras.

**5. Questões pertinentes à *estética* são:**

- a) a natureza da criatividade, da expressividade e do estilo, relação da arte com a sociedade e outras.
- b) a questão do estilo e da racionalidade.
- c) a razão e a criatividade.
- d) a criatividade, o estilo e a razão.

**6. Ernest Fischer, na obra *A necessidade da arte*, afirma:**

[...] o homem sempre quererá ser mais do que é, sempre se revoltará contra as limitações da natureza, sempre lutará pela imortalidade. Se alguma vez se desvanecesse o anseio de tudo conhecer e tudo poder, o homem já não seria mais homem. Assim, ele sempre necessitará da ciência, para desvendar todos os possíveis segredos da natureza e dominá-la. E sempre necessitará da arte para se familiarizar com a sua própria vida e com aquela parte do real que a sua imaginação lhe diz ainda não ter devassada.

A ideia veiculada no texto é:

- a) O ser humano necessita da arte e da ciência.
- b) O ser humano sempre anseia por tudo conhecer.
- c) O ser humano que deixar de ansiar pelo conhecimento perderá sua essência.
- d) Todas as alternativas estão corretas.

## Descomplicando a Filosofia

Pitágoras dizia que o belo:

- a) relaciona-se com a imagem e a forma.
- b) tinha relação com os números e continha a harmonia em suas formas geométricas.
- c) tinha relação com os números e continha a imagem em suas formas geométricas.
- d) era um incentivo ao sentimento do sublime e à consequente elevação do pensamento.

### Resolução e comentários

Pitágoras, um grande filósofo e matemático, dava grande importância aos números. Dizia que eram belos e possuíam harmonia por suas formas geométricas. Acreditava, ainda, que o cosmo era musical e que poderíamos compreender o Universo como uma peça de música, ou seja, que o Universo poderia ser representado por razões matemáticas harmônicas.

Desse modo, a alternativa **b** é a correta.

## RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

### Capítulo 1 – Introdução à Filosofia

1. C    2. A    3. D    4. A    5. C    6. A    7. A    8. C

### Capítulo 2 – A mitologia grega

1. A    2. D    3. A    4. C    5. D    6. B    7. A    8. D

### Capítulo 3 – Filosofia antiga

1. D    2. C    3. D    4. A    5. C    6. D    7. A    8. B  
9. C    10. D    11. A    12. C    13. A    14. D

### Capítulo 4 – Filosofia medieval

1. A    2. C    3. B    4. D    5. A    6. C    7. B

### Capítulo 5 – Filosofia moderna

1. D    2. C    3. D    4. A    5. A    6. E    7. E    8. D    9. A    10. D    11. B

### Capítulo 6 – Filosofia contemporânea

1. B    2. B    3. A    4. B    5. B    6. E    7. E    8. D    9. D

### Capítulo 7 – Lógica

1. D    2. B    3. A    4. E    5. D    6. A    7. A    8. B    9. C

### Capítulo 8 – Filosofia da ciência

1. E    2. D    3. C    4. E    5. D    6. B    7. D

### Capítulo 9 – Ética, justiça, moral e liberdade

1. E    2. A    3. A    4. A    5. C    6. D    7. B    8. D    9. D

### Capítulo 10 – Teoria do conhecimento

1. D    2. C    3. A    4. C    5. E    6. B    7. C    8. A    9. C

### Capítulo 11 – Metafísica

1. E    2. A    3. D    4. D    5. A    6. B    7. C    8. C    9. D  
10. C    11. B    12. A    13. C

### Capítulo 12 – A Filosofia e a busca da verdade

1. A    2. E    3. B    4. C    5. C

### Capítulo 13 – Filosofia da linguagem

1. A    2. D    3. A    4. D

### Capítulo 14 – Estética

1. A    2. D    3. A    4. C    5. A    6. E

## SIGLAS DAS INSTITUIÇÕES

**Cesgranrio-RJ** — Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

**Enade** — Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

**Faetec-RJ** — Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro

**Fundesj-SC** — Fundação Educacional de São José

**Fuvest-SP** — Fundação Universitária para o Vestibular

**Insaf-PE** — Instituto Salesiano de Filosofia

**PUC-RJ** — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**PUC-RS** — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**UEL-PR** — Universidade Estadual de Londrina

**UEM-PR** — Universidade Estadual de Maringá

**UFES** — Universidade Federal do Espírito Santo

**UFMG** — Universidade Federal de Minas Gerais

**UFU-MG** — Universidade Federal de Uberlândia

**UFPA** — Universidade Federal do Pará

**UFPE** — Fundação Federal do Pernambuco

**UFPI** — Universidade Federal do Piauí

**UFRJ** — Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Unifin-RS** — União das Faculdades Integradas de Negócios

**Unifor-CE** — Universidade de Fortaleza

**Unioeste-PR** — Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Vunesp-SP** — Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista



## BIBLIOGRAFIA

- ABRIL CULTURAL. Os pré-socráticos. Coleção Os pensadores. 1. ed. São Paulo, 1973.
- ARISTÓTELES. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- \_\_\_\_\_. Metafísica. Coleção Os pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1974.
- \_\_\_\_\_. Arte retórica e arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- ARONDEL, Madeleine. Exercícios filosóficos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AUDI, Robert (org.). Dicionário de filosofia de Cambridge. São Paulo: Paulus, 2006.
- BAUMGARTEN, Alexander. Estética: a lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BOMHEIM, G. Introdução ao filosofar. Petrópolis: Vozes, 1984.
- COMFORD, F.M. Antes e depois de Sócrates. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MANN, Heinrich. O pensamento vivo de Nietzsche. São Paulo: Ediouro, 1985.
- MARCONDES, Danilo. Textos básicos de Filosofia (dos pré-socráticos a Wittgenstein). 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos. In: Os pensadores. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. Textos. São Paulo: Edições Sociais, 1976.
- MOLINARO, Aniceto. Léxico de metafísica. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MORGENBESSER, Sidney (org.). Filosofia da ciência. 2 ed. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo.
- NIETZSCHE. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- NOVA CULTURAL. História da Filosofia. Coleção Os pensadores. São Paulo, 1999.
- PAIVA, Vanildo de. Filosofia encantamento e caminho. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- PLATÃO. A República. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario História da Filosofia – de Freud à atualidade. São Paulo: Paulus, 2006, v. 7.
- \_\_\_\_\_. História da Filosofia – de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006, v. 6.
- \_\_\_\_\_. História da Filosofia – de Spinoza a Kant. São Paulo: Paulus, 2006, v. 6.
- \_\_\_\_\_. História da Filosofia – do Humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus, 2006, v. 3.
- \_\_\_\_\_. História da Filosofia – do Romantismo ao Empiriocriticismo. São Paulo: Paulus, 2006, v. 5.
- \_\_\_\_\_. História da Filosofia – Filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus, 2006, v. 1.
- SPINELLI, Miguel. Filósofos pré-socráticos (Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega). Porto Alegre: EDIPUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), 1998.
- TRUC, Gonzague. História da Filosofia – O drama do pensamento através dos séculos. Trad. Ruy Flores Lopes e Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1958.
- VERGEZ, André, HUISMAN, Denis. História dos filósofos ilustrada pelos textos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. 6 ed., 1984.